

AVENTURAS NA CONSCIÊNCIA

Topologia da Consciência e a Dinâmica dos Aspetos



Autor: Jane Roberts

Tradução, revisão e depuração: *Gullan Grey!*

Edição original: ADVENTURES IN CONSCIOUSNESS,
Jane Roberts, New Awareness Network, 1975

Edição portuguesa concluída em 08-04-2026



Livroteca Gullan Grey!

Sinopse

E se a consciência não estivesse confinada ao corpo físico, mas apenas temporariamente focada nele?

Em *Aventuras na Consciência*, Jane Roberts conduz uma investigação direta e rigorosa sobre os limites — ou a ausência deles — da experiência consciente. A partir de uma série de experiências pessoais sistematicamente observadas e registadas, a autora explora estados como o sonho lúcido, a projecção fora do corpo e as transições entre vigília e sono, procurando compreender a estrutura subjacente a essas vivências.

Longe de apresentar uma doutrina fechada, este livro funciona como um verdadeiro laboratório interior, onde cada experiência é analisada em busca de padrões, consistência e significado. À medida que a investigação avança, emerge um modelo de consciência dinâmica, contínua e estratificada, em que o “eu” se revela como mais amplo do que a identidade física habitual.

Combinando descrição fenomenológica e reflexão crítica, Jane Roberts propõe uma cartografia da consciência que desafia as fronteiras convencionais entre mente, corpo e realidade. O resultado é uma obra pioneira que convida o leitor a reconsiderar não apenas a natureza da consciência, mas também a própria definição de realidade.

Esta tradução foi depurada segundo o princípio:
“Afinar o Instrumento sem Alterar a Melodia”
com apoio de Inteligência Artificial enquanto sistema de amplificação, organização e
clarificação cognitiva.
O objetivo não foi apenas traduzir, mas tornar o texto mais claro, coerente, imersivo
e diretamente experienciável, sem alterar a sua essência.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor*

Índice

Prefácio.....	3
PARTE I.....	7
Aventuras	7
CAPÍTULO 1.....	8
A Aula Que Foi Longe Demais,.....	8
Seth e as Alterações de Consciência	8
CAPÍTULO 2.....	26
Um Drama Reencarnacional,.....	26
e Outros Acontecimentos “Não Oficiais”	26
CAPÍTULO 3.....	42
Um Guia Espiritual É	42
Um Guia Espiritual É Um...?.....	42
CAPÍTULO 4.....	54
Eus Prováveis e Mais Questões	54
CAPÍTULO 5.....	71
A Reencarnação Torna-se.....	71
Demasiado Próxima. Nebene e Shirin	71
CAPÍTULO 6.....	93
“Outro Universo”,.....	93
Uma Flor Vinda De Parte Nenhuma, ...	93
E Uma Turma De Escrita Torna-se “Psíquica”	93
CAPÍTULO 7.....	113
O Desenvolvimento Sumari	113
CAPÍTULO 8.....	127
Canções Dos Irmãos de Prata	127
CAPÍTULO 9.....	151
PARTE II.....	171
Introdução à Psicologia dos Aspetos.....	171
CAPÍTULO 10.....	173
O Self de Origem,.....	173
A Personalidade de Foco (Ou Partícula), ...	173
Aspetos e Personagramas	173
CAPÍTULO 11.....	202
Aspetos de Fonte Básicos	202
CAPÍTULO 12.....	222
Inspiração, Consciência Livre.....	222

e Percepção Condicionada	222
CAPÍTULO 13.....	236
O Self de Origem, A Personalidade de Foco, ...	236
As Probabilidades e a Reencarnação.....	236
CAPÍTULO 14.....	257
Eventos e a Personalidade de Foco	257
Pressentimentos, Estados Internos e	257
Consciência Livre	257
CAPÍTULO 15	274
A Ordem Interna dos Eventos	274
e as Percepções Não Convencionais.....	274
CAPÍTULO 16.....	293
Quando os Aspetos se Expressam: Mensagens “Não Oficiais” e Deuses Aprendizes.....	293
CAPÍTULO 17	310
Dos Deuses a “Deus”, ...	310
Os Oradores e Deus como Acontecimento	310
CAPÍTULO 18.....	335
Esfera de Identidade.....	335
Eventos como Estruturas Invisíveis	335
CAPÍTULO 19.....	359
A Experiência Terrestre como Buraco Branco.....	359
CAPÍTULO 20.....	376
A Personalidade de Foco e os Sentidos, ...	376
Algumas Questões e a Entrega ao Self	376

Prefácio Editorial

Este texto foi traduzido e depurado segundo o princípio:

Afinar o Instrumento sem Alterar a Melodia.

O processo foi realizado em parceria com Inteligência Artificial, utilizada como extensão cognitiva para amplificar a análise, clarificação e organização do conteúdo, mantendo sempre a fidelidade ao sentido original.

O objetivo não foi apenas traduzir, mas tornar o texto mais claro, coerente, imersivo e diretamente experienciável, sem alterar a sua essência.

A abordagem seguida privilegia a clareza sem simplificação, a estrutura sem rigidez e a fidelidade sem literalismo, permitindo que o leitor aceda ao conteúdo de forma direta, sem ruído desnecessário.

Sempre que necessário, foram introduzidas afinações na linguagem para tornar explícitas estruturas implícitas, mantendo o equilíbrio entre experiência e compreensão.

Este trabalho não procura reinterpretar o conteúdo, mas antes revelar a sua coerência interna, de forma a que possa ser apreendido com maior nitidez e continuidade.

O leitor é assim convidado não apenas a ler, mas a entrar no texto — acompanhando-o como um processo vivo de compreensão e experiência.

Nesta obra, de carácter particularmente experiencial, foi mantido um equilíbrio entre fluidez narrativa e clarificação conceptual.

Em última instância, este processo não acrescenta necessariamente mais informação, mas procura sobretudo tornar mais nítido aquilo que já está presente — não se trata tanto de saber mais, mas de ver melhor.

Gullan Greyl

Nota de Orientação

Ao longo do texto, surgem explicitações apresentadas em nota de rodapé.

Estas não devem ser entendidas como simples notas acessórias, mas como elementos complementares de leitura, destinados a clarificar e estruturar a compreensão de passagens que, pela sua natureza, podem surgir de forma mais implícita ou ambígua.

O texto principal mantém a sua fluidez e carácter experiencial.

As explicitações funcionam como pontos de ancoragem, permitindo ao leitor acompanhar com maior nitidez o processo descrito.

Podem ser lidas, preferencialmente, de forma contínua e em paralelo com o texto, ou consultadas posteriormente sempre que necessário para aprofundar a compreensão.

Gullan Greyl

Prefácio

Não sei quantas horas passei em vários estados de transe ao longo dos últimos dez anos. Pelo menos duas vezes por semana, desloquei o foco da minha consciência da sua orientação habitual e falei por uma personalidade chamada Seth — que é clarividente, escreve livros, relaciona-se com as pessoas com grande compreensão e manifesta características diferentes das minhas.

Em 1972 surgiu um desenvolvimento totalmente novo na minha vida. Descobri muitos outros níveis de consciência, cada um distinto e trazendo o seu próprio tipo de percepção e experiência. Alguns proporcionaram-me também excelentes produções criativas. No entanto, em nenhuma teoria passada ou atual consegui encontrar explicações aceitáveis para as minhas próprias experiências. Eram suficientemente únicas, intensas e extraordinárias para me impelirem a procurar as minhas próprias respostas.

Este livro é o relato de alguns desses acontecimentos e uma introdução ao que chamo Psicologia dos Aspetos. Apresento-o como um enquadramento através do qual elementos psíquicos da vida, anteriormente negados, podem ser vistos como condições próprias, benéficas e naturais da nossa consciência.

Uma tal teoria é profundamente necessária. A minha correspondência mostra-me que muitas pessoas se encontram perplexas ao tentar compreender as suas próprias experiências psíquicas. Aquelas que são suficientemente curiosas para permitir à sua consciência uma liberdade não convencional são frequentemente rotuladas como “emocionalmente perturbadas” por psicólogos, ou consideradas “possuídas” à luz de crenças religiosas.

Durante vários anos estive também envolvida com um grupo de pessoas, meus alunos, que partem comigo em aventuras na consciência. Damo-nos a liberdade de perceber a realidade do momento tal como ela se apresenta através da lente de outros estados alternativos de consciência. Comecei a desenvolver as ideias da Psicologia dos Aspetos precisamente porque as minhas experiências, bem como as dos meus alunos e leitores, levantaram tantas questões.

Os chamados fenómenos psíquicos acontecem no interior do quadro da vida normal. Não são algo separado dela. Apenas porque fomos ensinados a isolá-los das preocupações comuns é que frequentemente parecem tão antinaturais, distintos e estranhos. A Psicologia dos Aspetos é uma tentativa de correlacionar as nossas capacidades psíquicas com os

nossos outros comportamentos emocionais e, em particular, de alargar os nossos conceitos acerca da natureza da personalidade.

Qualquer psicologia digna desse nome deve ser suficientemente ampla para conter todas as nossas experiências psicologicamente vitais e válidas, quer se ajustem ou não às ideias convencionais sobre as características da consciência. A Psicologia dos Aspetos aceita, portanto, como normais a existência de sonhos precognitivos, experiências fora do corpo, informação reveladora, alterações de consciência, experiências de pico, mediunidade em transe e outros eventos psicológicos e psíquicos possíveis no comportamento humano.

Não acredito em espíritos bons e maus, demónios, possessão ou no poder do mal tal como são geralmente descritos no pensamento cristão, no Espiritualismo, no Gnosticismo ou em qualquer outro “ismo”. Também me perturba profundamente que alguns investigadores “psíquicos”, sem qualquer hesitação, falem de espíritos maliciosos que se fazem passar pelos “mortos virtuosos”, movem o ponteiro do tabuleiro Ouija, manejam a caneta na escrita automática ou simplesmente aguardam para surpreender os vivos desprevenidos de qualquer forma que lhes seja possível.

Até ao momento, a psicologia convencional não encontrou explicações aceitáveis para personalidades como Seth, para personalidades de transe em geral, para a fala ou escrita automática e para outros fenómenos relacionados. A Psicologia dos Aspetos apresenta, pelo menos, um enquadramento no qual estes podem ser vistos como experiências psicológicas válidas, em si mesmas nem boas nem más, mas expressões da personalidade no seu esforço para conciliar a sua natureza espiritual e a sua natureza de criatura.

A Psicologia dos Aspetos começa com a ideia de que a consciência humana é móvel, estando focada no corpo, mas não dependente dele, exceto para a vida tridimensional. Não considero isto uma suposição, mas um facto da minha experiência e, portanto, uma característica humana. A teoria assenta firmemente tanto na importância da nossa condição de criatura como da nossa espiritualidade. Examina os componentes básicos da personalidade e vê-os como Aspetos de um eu maior, em grande parte desconhecido, que é a fonte do nosso ser físico. Tal como Freud considerava que os lapsos de linguagem evidenciavam áreas subconscientes da personalidade, vejo os vários Aspetos da nossa personalidade como apontando para capacidades ainda por descobrir; e as nossas experiências psíquicas e criativas como indícios de um eu oculto, multidimensional.

“Aspetos”, a segunda parte deste livro, é uma construção intuitiva. Grande parte dela chegou-me em estados alterados de consciência. Foi-se escrevendo a si mesma à medida

que avançava. Considero-a também científica no sentido mais verdadeiro da palavra, na medida em que utilizei o melhor instrumento de investigação para examinar a consciência — a própria consciência. Utilizo diferentes níveis de consciência para examinar a natureza da psique e a sua realidade. O objetivo é deliberadamente estabelecido num estado consciente e, a partir daí, programo-me para viajar para outras porções da personalidade e observar a “realidade” a partir do seu ponto de vista e com os seus próprios tipos de percepção.

Para esse fim, examinei também o meu próprio material de transe e, a partir do meu lado da consciência, escrutei a realidade de Seth tal como ela aparece na minha experiência, bem como no seu comportamento e nos seus escritos. Até à data, Seth produziu dois livros, *Seth Fala: A Validade Eterna da Alma* e *A Natureza da Realidade Pessoal: Um Livro de Seth*. Recentemente, iniciou o seu terceiro livro, *A Realidade “Desconhecida”*.

Este “nível Seth” expandiu-se em dois outros estados a que chamo Seth Dois e Três, embora tenha atingido o estado Seth Três apenas por duas vezes. O desenvolvimento Sumari ocorreu em 1972,¹ ampliando ainda mais o âmbito da percepção disponível. Isto envolve várias alterações distintas de consciência, que serão descritas neste livro. Todas estas experiências deram-me o impulso para desenvolver uma teoria suficientemente ampla para as conter e também (felizmente!) forneceram o material necessário para o fazer.

As experiências do nosso grupo de aula trouxeram-me também “eventos não oficiais” adicionais. Aconteceram coisas que, segundo as ideias oficiais ou convencionais sobre a realidade, não poderiam acontecer. Tais encontros “reencarnacionais”, a observação de “aparições” e outros acontecimentos levaram-me a examinar a natureza da percepção e dos eventos de uma forma que eu não teria acreditado ser possível há alguns anos.

Uma visão intuitiva a partir do interior da personalidade pode estar muito menos distorcida e mais próxima da realidade do que teorias objetivas que lidam com históricos de casos ou que analisam a condição psicológica de outros a partir de um ponto de vista distanciado. Estas últimas têm origem nos aspetos da mente ajustados ao físico e à cultura, e não na fonte profunda da psique que lhes está subjacente.

O que sentem os níveis interiores do eu acerca da sua própria realidade? Como veem a nossa vida exteriorizada? Uma vez que a nossa experiência privada provém destes Aspetos interiores do eu, pelo menos merecem ser ouvidos. As nossas teorias baseadas no intelecto

¹ (na verdade, novembro de 1971)

ênfatizam as partes da personalidade com as quais estamos mais familiarizados e ignoram experiências mais profundas, que não conseguem alcançar por si só.

Se estiver a trabalhar para obter dados científicos em termos objetivos, então utiliza a parte da consciência que analisa fenómenos exteriores. Se procura respostas sobre a natureza interior da personalidade, então deve utilizar as partes desta que estão mais familiarizadas com a psique.

Embora as minhas próprias experiências sejam relativamente invulgares, diferem apenas em qualidade e grau. Cada homem e cada mulher, por vezes, sente um eu maior no seu interior, é tocado pela inspiração ou surpreendido por um sonho ou premonição que “se concretiza”. Muitos outros têm experiências psíquicas surpreendentes que parecem inexplicáveis. Frequentemente, tais acontecimentos constituem as memórias mais significativas e ricas de uma vida, e ainda assim permanecem como orações incompletas — evidência de mau gosto, no melhor dos casos — eventos não oficiais que não podem ser negados nem explicados.

Espero que este livro não apenas apresente uma introdução à Psicologia dos Aspetos, mas também a mostre em funcionamento, pois o próprio método de escrita incluiu alterações de consciência, e a teoria surgiu numa noite, no proverbial relâmpago de inspiração.

A teoria é funcional. Ajuda-nos a compreender melhor a nós mesmos, ou pelo menos fornece um enquadramento no qual podemos aceitar e observar todas as nossas experiências, não apenas aquelas consideradas respeitáveis pelas escolas ortodoxas do conhecimento. Não apresento os “Aspetos” como Verdade, mas como um excelente método que nos permitirá descobrir as nossas próprias verdades; como um diagrama da psique que cada pessoa pode utilizar; como um mapa alternativo da realidade que qualquer um pode seguir. Pois todos estamos numa peregrinação. Espero que “Aspetos” nos dê uma ideia mais clara das regras do jogo e da natureza da busca.

JANE ROBERTS
Elmira, N. Y.

PARTE I

Aventuras

CAPÍTULO 1

A Aula Que Foi Longe Demais, Seth e as Alterações de Consciência

A história por detrás da Psicologia dos Aspetos começou com uma série de acontecimentos que eu não conseguia negar nem explicar de forma satisfatória. Intuitivamente, sentia-me intrigada. Intellectualmente, estava escandalizada. Admito-o abertamente, porque foi o meu questionamento incessante que acabou por me levar a tomar notas de tudo o que acontecia na minha aula de Expansão da Consciência — registos que estou agora a utilizar na escrita deste livro.

A aula de 21 de Junho de 1971 permanece na minha memória como o ponto de viragem. Não estávamos envolvidos em experiências de orientação científica que pudessem ser verificadas de uma forma ou de outra. Em vez disso, lidávamos com acontecimentos psicológicos de natureza altamente invulgar. Estes eram ou percepções extraordinárias, ou alucinações em resposta à sugestão do grupo — ou então situavam-se numa estranha zona intermédia entre ambas.

Sou uma pessoa reservada. Durante o primeiro ano da minha aula, nem sequer entrava em transe de Seth. Agora, desfruto verdadeiramente dessas sessões espontâneas. Num momento estou ali, sendo eu própria, sentada, e no instante seguinte sinto uma abertura, como uma porta psicológica, e atravesso-a. E torno-

me Seth. É algo semelhante, de certo modo, à janela de lançamento de um astronauta: a minha realidade alinha-se com outra coisa, e ocorre uma troca. Eu afasto-me para uma posição de sustentação invisível, e Seth ocupa o lugar onde eu estava.

Esta aula em particular era pequena, com cerca de quinze pessoas. Seth “manifestou-se” cedo durante a noite e conduziu-os num exercício de alteração da consciência. Ao falar por ele, a minha voz torna-se frequentemente bastante grave e, por vezes, de considerável volume, o que pode ser um verdadeiro choque para pessoas habituadas a “guias espirituais” de voz suave.

Em aulas anteriores, Seth tinha atribuído nomes arbitrários a vários níveis de consciência, apenas para nos ajudar a localizar os diferentes estados subjetivos envolvidos. Cada um parece possuir características próprias e alterações de percepção associadas. Nessa noite, a jornada psicológica seria para o Alfa Dois, que corresponde ao segundo estágio adjacente à consciência normal.

Enquanto Seth dava as instruções simples, os gravadores dos alunos zumbiam e os sons do trânsito subiam da esquina da interseção lá em baixo. As luzes da sala estavam acesas, mas as pessoas pousaram os copos de vinho e os cigarros e fecharam os olhos. Ao escutarem a voz de Seth, foram concentrando-se cada vez menos na sala enfumada e no ambiente exterior. Em vez disso, sondavam paisagens interiores e viravam esquinas da consciência que só se interseitam no mundo da mente.

Seth manifesta-se como uma personalidade muito enérgica, pelo que, enquanto dava as suas instruções, “os seus” olhos estavam abertos e “a sua” voz era forte e enfática. Primeiro, disse aos alunos que pensassem no Alfa Dois como uma porta.

Quero que compreendam que as vossas percepções neste ponto são limitadas apenas porque escolheram limitá-las,

afirmou.

Estão no meio de outras realidades, mas têm o hábito de as excluir. Estão agora a começar a libertar as vossas percepções, a abrir portas que estiveram fechadas. Portanto, imaginem o Alfa Dois como uma porta adjacente à vossa consciência normal e vejam-na abrir-se.

Seth prosseguiu, dizendo que cada pessoa interpretaria a experiência à sua maneira:

Para além da porta existem outras realidades e pessoas com quem sempre estiveram familiarizados. Quero que abram livremente os vossos olhos interiores. Caminhem com alegria dentro dessas outras realidades que existem com a mesma certeza que esta sala.

Abram os vossos sentidos interiores e dirijam-nos nessa direção. O corpo físico não vos irá dificultar; pelo contrário, irá ajudar-vos, pois mesmo na carne existem mecanismos ocultos que auxiliam o funcionamento dos sentidos interiores. Quero que compreendam que estão a vislumbrar uma realidade instantânea, tão parte de vós como o vosso próprio batimento cardíaco. Podem aprender a agir nesse ambiente.

Depois, Seth pediu aos alunos que permanecessem por algum tempo nesse limiar da consciência e que imaginassem ainda outra porta —

ou, se preferirem, um caminho, uma avenida, uma paisagem ou um beco — mas ainda outra realidade que se abre adjacente ao vosso nível presente. A partir deste novo ponto de vista, podem sentir outras probabilidades que vocês próprios trouxeram à existência. Quero que sintam a sua força e vitalidade e que compreendam que elas também reforçam a vossa própria vida.

Seth continuou a explicar este nível de consciência durante alguns momentos e pediu aos alunos que permanecessem ali. Depois disse:

Agora, quero que aqueles de vós que conseguirem sigam ainda mais longe, pois iremos viajar para além destes campos de probabilidades em que todos os tempos nascem, para outro em que os tempos não são produzidos e não existem horas nem anos de qualquer espécie.

Ou seja, trata-se de um modo de experiência em que a realidade não se organiza em sequência temporal, mas num domínio onde as probabilidades não são estruturadas como antes e depois.¹

Aqui, nos vossos termos, todas as probabilidades ainda não nasceram, enquanto, em termos mais amplos, já estão realizadas e, ainda assim, a emergir numa existência renovada. Também aqui têm uma realidade, e esta dimensão sustenta o vosso próprio mundo, penetrando o vosso sistema. Estas realidades são ainda apenas aquelas na orla daquela em que têm a vossa existência presente. Pois para além delas existem outras, tão estranhas [para vós] que eu não poderia explicá-las.

Isto é, existem configurações de realidade progressivamente menos compatíveis com a forma humana de experienciar, até um ponto em que deixam de poder ser traduzidas nos vossos termos.² Ainda assim, estão ligadas à vossa própria vida e encontram expressão até nas mais pequenas células da vossa carne.

Dei aqui apenas os aspetos gerais das instruções de Seth. Ele passou bastante tempo, por exemplo, a orientar os alunos de volta ao seu estado normal de consciência e a ensiná-los a refazer o

¹ **Explicitação:** O tempo é aqui entendido como uma forma de organização da experiência baseada na sequenciação de probabilidades. Nesta passagem, Seth descreve um domínio em que essa organização não ocorre, não implicando ausência de realidade, mas ausência de estrutura temporal linear.

² **Explicitação:** A “inexplicabilidade” referida não resulta de desconhecimento, mas da ausência de correspondência entre sistemas de organização da experiência. Certas configurações de realidade não podem ser traduzidas em termos percetivos humanos, tornando-se intraduzíveis dentro desse enquadramento.

percurso mental. Ainda assim, todo o episódio durou menos de meia hora. Saí do transe com facilidade — como habitualmente — e os alunos contaram-me o que tinha acontecido. Raramente me lembro exatamente do que Seth diz. Embora pense que estou consciente de cada palavra à medida que ele a pronuncia, a palavra existe num Agora especial, carregado, de tal forma que, quando o instante desaparece, desaparece também a palavra ou qualquer sensação de continuidade.

Todos relataram sensações de renovação e relaxamento no nível Alfa Dois, mas várias pessoas tiveram experiências vívidas, até surpreendentes. Duas, em particular, impressionaram-me e desencadearam um turbilhão de questões.

A minha amiga Sue Watkins descreveu, com alguma hesitação, ter visto um homem com grande nitidez. Parecia estar de pé com ele numa planície plana. Viu um lago e alguns edifícios ao longe e, enquanto escutava, ouvia a voz de Seth como se viesse de uma grande distância. O homem disse-lhe que se chamava Jason e que a tinha conhecido em vidas passadas.

Durante todo esse tempo, Sue mantinha-se consciente das instruções que Seth estava a dar. Quando ele disse para imaginar o Alfa Dois como uma porta, Sue viu uma porta que se abria, e uma pirâmide de luz tridimensional. Sue encontrava-se firmemente dentro dessa cena, não a observá-la de fora, e tudo parecia físico e real. Subitamente, a voz de Seth pareceu ainda mais distante, e ela percebeu que ele estava a terminar o exercício. O que aconteceria, perguntou-se, se tentasse trazer Jason de volta consigo? Os dois refizeram o caminho até à porta. Mas quando ela a atravessou, Jason tinha desaparecido.

Quando terminou de relatar o episódio, Sue disse, quase com desafio:

Ele também usava uma túnica comprida ou uma espécie de vestimenta.

Sorrimos uma para a outra. Sue é muito parecida comigo num aspeto: damos a nós próprias muita liberdade intuitiva ou psíquica, e depois acabamos por tentar fazer sentido intelectual do que aconteceu. Ainda assim, ambas ficámos inquietas. Guias espirituais de longas túnicas? Era, de algum modo, demasiado conveniente, e o nome “Jason” soava suspeitamente romântico. No entanto, tinha sido a experiência de Sue. Aconteceu, quer aprovássemos quer não, e nesse nível de consciência a experiência era válida. Ainda não compreendíamos os termos dessa validade.

O outro acontecimento dramático ocorreu com um jovem a quem chamarei Joel. No estado Alfa Dois, ele encontrou-se envolvido com um grupo de cristãos que se dirigia para sul, atravessando a Europa a caminho das Cruzadas. Deparam-se com um grupo de muçulmanos errantes, e Joel viu-se no meio de uma batalha feroz. Estava bastante pálido quando nos contou o que tinha acontecido.

Era terrivelmente claro, claro demais”,
disse.

No início, os campos estavam frescos e verdes, e quando tudo terminou, o terreno estava revolvido, com sangue por toda a parte. Vi cavalos completamente dilacerados.

Visivelmente abalado, acrescentou que os cristãos tinham lutado com selvajaria, e que, no final da experiência, tinha visto um monge sair de um mosteiro próximo e permanecer ali, em luto.

Todos sabíamos que Joel tinha recentemente abandonado o ministério religioso. Seria isto uma expressão simbólica dos seus próprios sentimentos, dramatizada noutra nível de consciência? Seria um vislumbre legítimo do seu próprio passado reencarnacional? Ou uma breve retrovisão histórica, uma espécie de instantâneo psicológico de um tempo desaparecido? Discutimos as várias possibilidades e depois fizemos um intervalo de meia hora.

Tencionava retomar a discussão quando a aula recomeçasse, mas mudei de planos quando senti que Seth queria falar. Desta vez ocorreu uma daquelas transições invulgares em que se ativa outro nível de atividade, e eu falo por Seth Dois. Nos nossos termos, este é um Seth “futuro”, ou Seth num outro estágio de desenvolvimento. Seth Dois manifesta-se raramente, talvez quatro ou cinco vezes por ano.

Imediatamente antes desta transição, Seth disse:

Quero dar-vos um breve momento em que possam sentir, até certo ponto, as vastas distâncias nas quais a vossa própria realidade tem significado, e as outras dimensões de existência nas quais também desempenham o vosso papel.

Ou seja, que possam perceber a realidade para além do vosso enquadramento habitual, reconhecendo que aquilo que vivem se insere em diferentes modos de experiência e organização da consciência.

Depois, o meu rosto esvaziou-se de todas as expressões características de Seth. Os seus gestos habituais cessaram. Há uma espécie de vazio no meu corpo nesses momentos. Sinto sempre que o abandono, movendo-me rapidamente em direção a uma forma piramidal que se estende acima de mim até uma enorme distância. O contato parece ocorrer “lá fora”. Depois há um breve intervalo antes de a voz começar — esta leve, muito ténue e sem emoção.

Os alunos dizem que lhes faz lembrar como soariam as figuras matemáticas se pudessem falar.

Depois de Seth Dois falar, demoro alguns minutos a regressar, enquanto com Seth a transição é quase instantânea. Mas desta vez regressei com facilidade, como se deslizesse por um canal de consciência. A turma estava visivelmente excitada e impressionada, mas quando os alunos me contaram o que Seth Dois tinha dito, tive sentimentos contraditórios. Esta foi a parte da mensagem que me perturbou:

Certas traduções estão a ser feitas para vós, para que estas comunicações façam sentido. As nossas formas de energia formam mundos. Ajudamos-vos a manter as vossas vidas, tal como ajudam a manter outras existências das quais não têm conhecimento consciente. Observamos-vos como observam outros, mas a distância é tão vasta que a comunicação é difícil.

Não observamos sob formas humanas. Percebem-nos dessa maneira numa visão distorcida. Nos vossos termos, as nossas formas seriam geométricas.

Isto é, não possuem uma forma humana, sendo percebidos antes como padrões de organização que, na vossa linguagem, só podem ser aproximados por analogias geométricas.³

Não compreendemos a natureza da realidade que estão a criar, embora as sementes vos tenham sido dadas por nós. Respeitamo-la e reverenciamo-la. Não deixem que os sons fracos desta voz vos confundam. A força por detrás dela formaria o mundo tal como o conhecem e sustentá-lo-ia durante séculos.

A voz de Seth Dois prosseguiu, dizendo que estávamos a ser observados, mas que nada nos impedia de “observar os nossos

³ **Explicitação:** “Formas geométricas” não se refere a objetos visuais, mas a modos de organização da consciência não baseados em identidade física ou antropomórfica. Trata-se de estruturas de relação e padrão, percecionadas simbolicamente pela mente humana.

observadores” da forma que conseguíssemos. De facto, estávamos a ser convidados a fazê-lo. Os alunos reproduziram a gravação da mensagem para mim. Como sempre, fiquei impressionada com a diferença entre Seth e Seth Dois. O próprio som das palavras — sem emoção e ténues — sugeria a distância entre mim e aquilo que quer que fosse que eu contatara.

Contudo, não havia tempo para uma análise tranquila naquele momento, porque todos falavam ao mesmo tempo. Dois alunos tinham visto uma pirâmide sobre a minha cabeça, afirmando que ela só desaparecera quando saí do transe. Várias pessoas insistiram que, durante toda a experiência, tinham visto rostos tridimensionais difusos junto ao teto da sala. Outras relataram sentir a presença desses rostos, embora não os vissem efetivamente. Todos foram enfáticos numa coisa: vistos ou não, a sala estivera repleta de outras consciências para além das nossas.

A sala estava em leve alvoroço. Algumas pessoas estavam a escrever as suas impressões naquele mesmo instante. Outras conferiam com os vizinhos. Ouvi alguém dizer:

— Não me interessa. Eu vi o que vi.

Fiquei desconcertada, interrogando-me sobre o que realmente tinha acontecido. Rapidamente chamei a turma à ordem e disse que talvez devêssemos perguntar até que ponto a sugestão poderia ter sido responsável pelos rostos no teto e pelos fenómenos relacionados.

Recebi uma resposta algo indignada. Por um lado, como várias pessoas apontaram, as luzes estavam todas acesas e todos tinham os olhos abertos. Ninguém tinha dito nada até depois. As pessoas que viram os rostos não sabiam que outros alunos tinham sentido rostos no mesmo local — ou em qualquer outro, aliás. Certamente

muitos estavam num estado alterado de consciência, e é precisamente nesses momentos que as nossas percepções podem revelar dados que normalmente não são perceptíveis.

Ainda estava a questionar os alunos quando algo mais captou a minha atenção. Primeiro de forma ténue, depois mais nítida, comecei a sentir a presença de uma personalidade invisível ao meu lado. Ou seja, não a via, mas sentia a sua realidade emocional com a mesma intensidade com que a visão física poderia alguma vez mostrá-la.

Já tinha “encontrado” essa mesma pessoa em várias aulas anteriores, quando ele me dissera mentalmente que representava uma vida passada minha. Nessa altura, supostamente, eu teria sido uma espécie de líder ciumento, exigindo lealdade absoluta. A minha amiga Sue tinha sido uma das minhas seguidoras. Agora ele queria confrontá-la, sentindo que, desta vez, ela estava a seguir o seu próprio caminho e não os seus passos, como ele achava que deveria fazer.

Que fazer? Procuro ser espontânea na aula, dentro do razoável, por isso disse: “Sue, esse outro-eu está aqui.” Ri-me — mas, para mim, não era o meu riso, era o dele, ricamente sardónico, indulgente e divertido ao mesmo tempo. Senti uma expressão facial estranha a partir de dentro e percebi que os meus traços a estavam a adotar.

Sue limitou-se a olhar para mim fixamente.

Sim, eu sei que ele está aqui, e gostava que se fosse embora, disse.

Ao mesmo tempo, comecei a sentir-me muito maior e mais forte do que sou fisicamente, à medida que essa outra personalidade realmente despertava. Uma raiva dirigida a Sue — que certamente

não era minha — atravessou-me. Ele queria confrontá-la diretamente, falando através de mim. Isso não era justo, pensei. Se tinha contas a ajustar, deveria contatar a pessoa que Sue tinha sido. Sue e eu, tal como somos agora, nada teríamos a ver com isso. Por isso, com firmeza, tentei manter-me afastada e, para pôr fim à situação, disse em voz alta:

Está na hora de fazermos uma pausa, pessoal.

Mas não consegui totalmente. Enquanto as pessoas começavam a circular pela sala, ouvi aquele riso que não era meu, dirigido novamente a Sue.

Já olhei para ti com esta expressão muitas vezes,
disse “eu”.

Deves conhecê-la bem.

Sue exclamou, de todas as coisas:

Desta vez tenho um defensor de dois anos,
referindo-se ao seu filho, e “eu” respondi com desprezo:

Essa é uma das observações mais tolas que poderias ter feito
perante mim.

Mas então decidi que a situação tinha ido longe demais. Não aprovava o ar grandioso desse outro-eu nem a forma ardilosa como tentara manifestar-se, quando a minha atitude em relação a ele era clara. Desta vez, fechei completamente — é apenas uma questão de dizer realmente “não” e significá-lo — e percebi que, antes, só tinha querido terminar o confronto pela metade. Quisera afastar a personalidade o suficiente para impedir que falasse, mas não o suficiente para me impedir de sondar a sua realidade. Agora, ele simplesmente desapareceu por completo.

Vamos ter de resolver isto um dia,
disse Sue.

Sim, mas vamos esperar,
respondi, e sorrimos uma para a outra, ambas satisfeitas por deixar o episódio em suspenso.

O diálogo após a pausa durou apenas alguns minutos e, durante o intervalo, os alunos discutiam o que tinha acontecido anteriormente. Alguns ainda terminavam as notas que tinham começado antes.

Já se fazia tarde. Quando a aula recomeçou, Seth manifestou-se, aparentemente apenas para se despedir, mas até ele se deixou desviar.

Desejo-vos, de facto, uma boa noite,
disse.

A experiência continua, e continuará enquanto realizam as vossas tarefas diárias esta semana. Ora, nada vos impede de observar os observadores. Na verdade, deverão achar isso extremamente intrigante.

Segundo a turma, Seth estava prestes a encerrar a sessão quando um aluno a quem chamarei Ron interrompeu para fazer uma pergunta. Alguém soltou um gemido fingido: Ron era conhecido por se embaraçar nas próprias perguntas. Também se considerava bastante intelectual, levava-se muito a sério e adorava “colocar” questões a Seth. No entanto, era um jovem muito simpático, com muito a aprender, e Seth tratava-o geralmente com gentileza, num tom divertido e tolerante.

Nesta noite em particular, contudo, toda a turma ainda estava profundamente curiosa acerca da mensagem de Seth Dois e das

suas próprias impressões. Estavam especialmente intrigados com as implicações da “experiência” e, a esta altura, encontravam-se todos num estado bastante sério. Quando Ron fez a sua pergunta, Seth “pegou nele” com um humor que limpou imediatamente o ambiente. Não há nada como uma boa gargalhada para nos devolver solidamente ao mundo que conhecemos e nos recolocar na estrutura firme das nossas próprias emoções.

A pergunta de Ron foi formulada assim: Ou seja, quando a Jane está a falar... consegue ver a sala? Ou vê apenas a sala...?” Ron fez uma pausa, humedeceu os lábios e acrescentou:

Percebe o que quero dizer?

Seth disse:

Quando falo, faço com que me concentre nesta minúscula porção de tempo e espaço que consideram ser esta sala. Caso contrário, posso olhar para vocês, vendo, por exemplo, as vossas existências reencarnacionais, e não estou limitado a perceber apenas o único eu que imaginam ser.

Estaria consciente, por exemplo, do vaso sobre a mesa?,

perguntou Ron.

Só se estivesse interessado no vaso sobre a mesa.

Como Seth, eu sorria amplamente.

Mas como é que ele lhe apareceria?”,

insistiu Ron.

Como um vaso sobre a mesa,

disse Seth, de forma sardónica.

Ron franziu o sobrolho.

Da mesma forma que apareceria...?

Seth disse:

Quando utilizo percepções na vossa realidade, traduzo automaticamente os dados interiores em termos físicos. Caso contrário, não estou limitado a esse tipo de percepção.

Sorrindo, e falando muito lentamente para efeito, acrescentou:

Não preciso de perceber esse objeto como um vaso, mas posso percebê-lo como um vaso. Vocês têm de o perceber como um vaso. E agora desejo-vos boa noite.

Mas não respondeu à minha pergunta,
disse Ron, teimosamente.

Respondi, de facto. Você não escutou a resposta. As suas perguntas obcecaram-no, e não escuta.

Ron apresentou outra versão confusa do que tentava dizer. Estava a ficar ruborizado, mas ainda mais determinado.

Seth disse, com um tom de conclusão:

A realidade do vaso sobre a mesa — tal como a conhece — é uma parte da minha percepção total dele.

Muito sério, Ron disse:

Respondeu à pergunta. Compreendo.

Obrigado,

disse Seth, de forma tão seca que todos os alunos desataram a rir. Até Ron começou a sorrir. Não se sentiu diminuído, mas antes satisfeito, por sentir que, ainda assim, se tinha mantido firme. Seth fez alguns comentários gerais e depois disse:

E mais uma vez vos desejo uma boa noite afetuosa. E lembrem-se de que a experiência continua.

As pessoas ainda estavam entusiasmadas, mas o diálogo entre Seth e Ron devolvera a noite a uma perspectiva mais normal. Ainda assim, no final da aula, eu não sabia o que pensar. Pelo menos uma parte de mim desejava que Seth Dois não se tivesse manifestado de todo. Acima de tudo, desejava que as pessoas não tivessem relatado ver rostos no teto. Simplesmente não acreditava que “seres” de outra realidade estivessem a espreitar para a minha sala de estar. Também não gostei do confronto emocional com Sue, sobretudo porque não tinha a certeza de encarar a reencarnação como um facto ou como um símbolo de outra coisa.

Ainda assim, algo aconteceu. As pessoas perceberam certos dados. Mesmo em termos apenas de percepção alterada, os acontecimentos daquela noite foram significativos. Na altura, porém, esses acontecimentos pareciam-me tão intelectualmente pouco respeitáveis que pus as notas da aula de lado, incapaz de lidar com as suas implicações.

O que me perturbava era a falta de um enquadramento adequado para avaliar o que tinha acontecido. O que tínhamos era um conjunto de acontecimentos e percepções psicológicas que seriam tratados com desdém por muitas pessoas. No entanto, tratava-se de experiência humana. Joel recordaria a aterradora batalha nas planícies relvadas muito depois de esquecer factos do dia, como o que tinha comido ao pequeno-almoço ou o fato que tinha vestido. Sue recordaria a sua memória de Jason e a tentativa de o trazer de volta para a sala muito depois de outros acontecimentos mais “válidos” terem sido esquecidos.

Por que deveríamos ter medo da nossa própria experiência apenas por ela parecer estranha aos olhos do mundo — ou porque receamos que assim seja? Por que nos preocupamos tanto com uma

respeitabilidade intelectual quando isso implica uma limitação da percepção, ou quando temos de reduzir a nossa própria experiência para a fazer caber em noções preconcebidas? Creio que muitos de nós reagimos assim porque fomos repetidamente avisados, desde a infância, para não confiar na nossa imaginação ou nas nossas intuições, e para julgar constantemente as nossas percepções à luz de um mundo definido de factos. E esse mundo de factos foi-nos apresentado como o único critério da realidade. Afinal, uma mentira é uma inverdade — algo dito que não aconteceu no mundo dos factos. Assim, quase por implicação, surge uma conotação moral quando vemos algo que outros não veem: alguém tem de estar a mentir.

Se pudermos dizer que houve sugestão, então estamos pelo menos meio seguros, pois queremos dizer que mentimos, mas não de propósito: pensámos ter visto o que vimos, mas enganámo-nos. Claro que a sugestão opera! Mas ninguém sabe realmente o que é a sugestão. Além disso, percepções diretamente causadas por sugestão, nos termos habituais, podem ainda assim ser tão válidas como quaisquer outras. A própria percepção que temos do mundo físico é causada pela sugestão que nos é dada pelos nossos sentidos. Mesmo uma ligeira alteração da consciência faz com que experienciemos os acontecimentos de forma diferente.

Por um lado, eu sabia isto; por outro, continuava a tentar relacionar as minhas experiências com um enquadramento demasiado estreito para as conter. Revivia continuamente os acontecimentos na minha mente. A intensidade emocional e a troca entre Sue e a “minha” outra personalidade eram inequívocas. Estaríamos, Sue e eu, a representar inconscientemente sentimentos internos uma em relação à outra que precisavam de

ser libertados? Seria apenas isso — um encontro dramatizado, com ambas inconscientes, a nível consciente, dos mecanismos internos envolvidos? Se assim fosse, o episódio era certamente terapêutico e criativo. Por que não seria isso suficiente? Porque pretendia ser outra coisa, naturalmente.

Era tudo isto verdadeiro ou falso? Joel reviveu uma parte de uma experiência de vida passada, ou não? Existiam realmente rostos no teto, ou não? Assim, os acontecimentos da noite lançaram-me num turbilhão de questionamento intelectual, no qual, por vezes, parecia que o meu intelecto e as minhas intuições estavam em conflito. Demorou algum tempo até começarem a fundir-se numa nova síntese que me conduziria à Psicologia dos Aspetos, e a um enquadramento no qual tais acontecimentos pudessem ser considerados com naturalidade — um enquadramento suficientemente amplo para conter o significado de todas as nossas experiências.

À medida que o meu intelecto e as minhas intuições passaram a trabalhar em conjunto, conduziram-me à descoberta de uma ordem interna dos acontecimentos e introduziram-me a realidades alternativas, cada uma com as suas próprias leis, de tal forma que os factos num sistema podem parecer completamente absurdos noutro. Mas eu não sabia disso então. Sabia apenas que insistiria em permitir a mim própria liberdade psíquica e intuitiva, utilizando simultaneamente o meu intelecto para analisar criticamente os resultados. Porque, até há pouco tempo, ainda partilhava com muitos outros a crença de que a principal função do intelecto era crítica, operando separadamente dos níveis intuitivos do eu.

Os volumes do material de Seth, todos ditados em transe, deveriam ter-me ensinado o contrário, pois ali o intelecto e o

psíquico encontram-se tão belamente integrados. Mas mesmo em 1971 eu ainda analisava Seth do ponto de vista do Verdadeiro ou Falso e, em grande medida, estava cega à sua realidade mais ampla, por tentar compreendê-la num contexto demasiado restrito.

CAPÍTULO 2

Um Drama Reencarnacional, e Outros Acontecimentos “Não Oficiais”

A energia daquela única aula pareceu expandir-se para as vidas privadas dos meus alunos. Durante a semana, Sue Watkins telefonou-me para me dizer que tinha tido uma experiência que, segundo ela, estava claramente ligada à experiência de Seth Doi.

Estava a preparar-me para ir para a cama,
disse ela.

As luzes estavam todas acesas. De repente, os meus braços e pernas pareceram enormes, e muito mais pesados. Olhei para baixo e, juro, estavam mesmo assim. Ao mesmo tempo, surgiu na minha mente uma espécie de admiração curiosa, como: que coisa fantástica são os corpos! Que máquinas extraordinárias — e eu estava cheia desta apreciação pelo modo como os corpos funcionam. Mas não era eu. Era a sensação mais estranha possível. Era... alguém que não está habituado a viver num corpo de todo.

Dorothy, outra aluna, telefonou-me para me dizer que tinha visto triângulos tridimensionais junto ao teto da sua sala de jantar, de manhã, três vezes seguidas. E, se o meu intelecto queria algo com que trabalhar, o meu lado intuitivo tratava de lhe dar isso mesmo, porque a aula seguinte voltou a apresentar-me exemplos perfeitos

do tipo de experiências que tanto me intrigavam, mas que também me lançavam num dilema crítico.

Cinco alunos relataram ter tido “sonhos de aula”, nos quais assistiam a uma aula noutra nível de realidade, com Seth como professor. Tais sonhos, com muitas variações, fazem agora parte regular das atividades extracurriculares da turma. Neles, estou convencida de que os alunos desenvolvem temas e experiências iniciados na aula. Muitas vezes, Seth é utilizado como símbolo da própria consciência mais ampla do indivíduo.

Numa aula apenas na semana passada, por exemplo, um jovem chamado Larry contou um sonho em que via o rosto de Seth muito próximo do seu. Seth parecia físico e real, e surgia exatamente como num retrato que o meu marido, Rob, pintou dele há vários anos. A pintura encontra-se pendurada na sala de estar onde a aula decorre, e também foi reproduzida em O Material de Seth. Nos seus sonhos, muitos alunos veem Seth sob essa forma.

Quando Larry terminou de contar o seu sonho, Seth manifestou-se com uma das melhores sessões até então. Começou com a pergunta: Quem é Seth? A primeira parte foi dirigida a Larry, o sonhador. Cito aqui alguns parágrafos da sessão, porque contêm informação que eu não possuía quando a turma começou, pela primeira vez, a relatar sonhos de aula.

O que Seth disse naquela noite a Larry foi o seguinte:

Quem é Seth? Coloco-lhe essa questão. E que magia é operada aqui [na aula], que o senhor opera e que todos nós operamos em conjunto? Ora, direi isto: por um lado, sou alguém que não conhece, perdido antes dos anais do tempo tal como o entende, perdido nos anais do passado e do futuro, tal como os entende. Por um lado, isso é o que sou. E essa é uma frase carregada. Por outro lado, sou o senhor próprio... e, através de mim, encontra e reconhece os vários eus que é; e assim elevo-me, nos seus

termos, a partir do poder, da antiguidade e da glória do seu próprio ser, projetado para o exterior no mundo do tempo, a partir de um universo em que o tempo não tem significado.

Em 1971, contudo, eu sentia-me perturbada pelas implicações que via em Seth como um “guia espiritual” que surgia e desaparecia nos sonhos das pessoas — sobretudo porque elas tomavam isso como prova da existência independente de Seth, de uma forma que me incomodava. Nessa noite em particular, portanto, fiquei fascinada com os acontecimentos oníricos relatados, mas recusei aceitar explicações fáceis. E, no entanto, não conseguia encontrar outras que me satisfizessem.

Mas os sonhos eram apenas o início. Enquanto escutava, voltei subitamente a sentir a pirâmide de Seth Dois acima da minha cabeça, não física, mas igualmente real. Podia sentir a minha consciência a ascender, a escoar-se primeiro gradualmente, depois cada vez mais rapidamente. Mesmo enquanto pensava, com uma mistura de espanto e ceticismo — “observadores incorpóreos de outro mundo; triângulos a surgir do nada nos tetos das salas de jantar” — e “lá vou eu outra vez”, já tinha partido.

A partir de certo ponto, sempre que Seth Dois está envolvido, há um vazio através do qual sinto que tenho de passar, seguido de um ponto vivo de contato. Depois, essa voz atonal começa a falar. Como sempre, os alunos disseram-me depois o que foi dito, e a sessão foi gravada.

“A experiência continua”, começou a voz.

Estamos a tentar compreender a natureza da vossa existência presente, para que aqueles de vós que têm curiosidade acerca da natureza da realidade não física possam então seguir-nos, usando esta voz como orientação para uma existência que... não conhece sangue nem tecido. Transitem para um modo de consciência que

já não depende da percepção física, e entrem em configurações de realidade das quais a experiência corporal emerge. Permitam que o centro da vossa consciência se reorganize para além das estruturas habituais do tempo.

Para vós, pode parecer existir uma solidão insuportável, porque estão tão habituados a relacionar-se com o calor vitorioso da carne, e [aqui] não existe qualquer ser físico com quem se relacionar. No entanto, para além e no interior dessa solidão existe um ponto de luz que é consciência. Ele pulsa com o poder que está por detrás de todas as emoções que conhecem; alimenta-as e envia-as cintilantes e em turbilhão para a realidade que reconhecem.

Por outras palavras, quando a consciência deixa de operar segundo os referenciais físicos, perde os referenciais habituais de relação e pode surgir a sensação de isolamento. Contudo, mantém um núcleo ativo que gera e organiza as estruturas emocionais, as quais são depois expressas na realidade que reconhecem.

Este é o calor que forma o pulso da existência física, e ainda assim nasce da própria devoção do nosso isolamento; nasce da criatividade; está para além da carne e do osso; forma dedos sem sentir dedos; forma as estações sem conhecer verão ou inverno; cria a realidade que conhecem, sem a experimentar.

Dessa devoção e criatividade surge tudo o que conhecem; e tudo isso também nos foi dado. Pois a energia que possuímos não é apenas nossa, nem somos a sua fonte. Ela flui através de nós, tal como flui através de vós.

A experiência, portanto, continua como sempre continuou. Apenas no vosso passado não estavam conscientes dela.

A voz cessou. Comecei a minha descida, perdendo-me e ficando desorientada por um momento, e depois, subitamente, descendo com segurança através de múltiplos níveis de consciência.

Quase todos os alunos tinham experimentado alguma expansão da consciência enquanto Seth Dois falava. Rog, um engenheiro, sentiu-se como se estivesse sozinho no espaço, sem nada contra o

qual “agir”, e dominado por uma sensação de solidão. Em maior ou menor grau, muitos dos alunos sentiram o mesmo tipo de suspensão e isolamento. Joel (o jovem que se viu envolvido na batalha das Cruzadas na aula anterior) também se sentiu rodeado pelo espaço. Parecia não ter corpo, sendo atraído para uma flor gigantesca. Ao precipitar-se de cabeça nas pétalas abertas, o interior da flor expandiu-se de tal forma que parecia não ter fundo. Sentiu como se pudesse cair através dela para sempre.

A sua experiência fez-me refletir. Quando Seth Dois se manifestava, estaria eu a mudar para outro nível de consciência e a observar a realidade física a partir desse ponto de vista? Seriam os “seres” de Seth Dois uma dramatização inconsciente desse próprio nível de consciência? Ou existiriam esses seres de outra forma, como a flor de Joel? Seria a flor uma interpretação de Joel de um outro tipo de consciência?

Por outras palavras, até que ponto poderíamos tomar literalmente a mensagem de Seth Dois? Se Seth Dois fosse uma representação de outra parte da nossa própria psique, dramatizada, então não poderia a mensagem significar que outras partes não físicas do nosso eu presente observam a nossa realidade, expressas através da nossa própria psique? E estaríamos a ser encorajados a experienciar, em certa medida, as vastas porções da nossa própria alma a partir das quais a nossa realidade física emerge?

A diferença entre Seth e Seth Dois também foi dramatizada nessa noite, porque, quando os alunos terminaram de discutir o que tinha acontecido, Seth manifestou-se. Com Seth Dois, os alunos tinham de se esforçar para ouvir os tons suaves, sem emoção, quase incolores; o meu rosto ficava inexpressivo e o meu corpo relaxado. Mas a voz de Seth ressoava com força; o meu corpo

assumia um ar mais musculado e ativo, e Seth estava ali, a falar e a observar. Ele olha frequentemente para pessoas específicas e dirige-se diretamente a elas, de modo que não há dúvida sobre a quem se dirige.

Dirigiu-se imediatamente a Joel:

A sua flor foi uma imagem excelente e, nos seus termos, representa as características do espaço tal como poderia experienciá-lo. Mais especificamente, é o seu símbolo para aquilo a que os físicos chamam buracos negros. Estes [buracos negros] correspondem a outras dimensões de atualidade, nas quais a realidade que conhece é automaticamente traduzida em termos diferentes — não aniquilada.

Depois disse à turma que estavam a aprender a atuar noutros níveis de consciência. Eu sabia que assim era, naturalmente, mas não estava preparada para o que se seguiu. Estávamos a discutir os acontecimentos da aula e a interpretação de Seth da aventura mental de Joel, quando me tornei consciente de vozes altas num canto da sala. Ouvi a palavra “índio”. Depois, as pessoas voltaram-se para Joel e Bette.

A atitude deles disse-me de imediato que estavam envolvidos no que eu chamo um *Drama Reencarnacional*. Ou seja, estavam convencidos de que estavam a representar um episódio definido de uma vida passada.

Mais uma vez, estes dramas intrigam-me, mas estou sempre consciente de quão pouco sabemos acerca da natureza da consciência ou da memória. Agora vejo a reencarnação num contexto muito mais amplo do que via então, como verá mais adiante neste livro. Certamente, o episódio seguinte, entre outros, teve muito a ver com o questionamento intenso que me conduziu aos “Aspetos”.

Bette usava uma das saias compridas até aos tornozelos que então começavam a estar na moda. As pernas estavam afastadas sob a saia, os braços apoiados nas ancas. Era fácil imaginar uma espingarda pousada sobre os seus joelhos. Os seus olhos, relativamente pequenos, estavam furiosos. Parecia, em todos os aspetos, a mulher pioneira do século XIX que acreditava ser naquele momento.

Você matou a minha família inteira, até as crianças.

Sibilou para Joel, sem nunca desviar os olhos do rosto dele.

Você matou o seu próprio marido,

disse ele. Para todos nós, as características indianas, normalmente subtis, do seu rosto pareciam agora acentuadas. A sua voz estava tensa, mas não tinha a força emocional da de Bette. Depois acrescentou, lentamente:

Você matou-o. Nós não. Por que o fez?

Porque ele era um covarde. Porque eu tinha um grupo de crianças a chorar, e não precisava ainda de um marido a chorar por cima disso. Sim, fui eu que o fiz, e faria outra vez. É isso que quer saber?

A sua voz era ferozmente calma.

A turma ficou em silêncio. Estávamos atentos, preparados caso Joel e Bette realmente entrassem em confronto.

Eu própria estava a enfrentar dificuldades. Na minha mente via a cena que eles descreviam; Bette agachada naquela casa rudimentar, quase de mãos e joelhos no chão, distribuindo armas às crianças enquanto o grupo de índios avançava a correr por uma colina em direção à clareira. Por um instante, através da perspectiva de Bette, ouvi os gritos lancinantes — verdadeiros uivos — e senti

a sua fúria. Os seus gritos subiram-me à garganta. Recompus-me. Tinha a aula em mente, e queria observar a experiência de Bette e Joel, não mergulhar nela com eles.

Mas Joel estava a recuar um pouco, percebi. Disse:

Vocês estavam a tomar a nossa terra. Nós estávamos apenas a defendê-la. Não se importava com o que nos estava a fazer?

Claro que não!

gritou ela, encarando-o.

Por que haveria de me importar? Não me interessava nada o que acontecia aos índios. Só me importava com os meus, com os meus filhos. E eu protegi-os, pode ter a certeza disso. Eu sabia quando vocês estavam em pé de guerra. Isso eu sabia.

Agora os seus olhos estavam verdadeiramente duros e penetrantes. Inclinou-se para a frente de forma ameaçadora. A sua beligerância emocional enchia a sala.

Houve um momento de silêncio. Depois, enquanto observávamos, a intensidade começou a abandonar os traços largos de Joel. Uma espécie de suavidade preencheu os contornos do seu rosto, e ele começou a falar como uma personalidade chamada Dave. Eu já tinha ouvido Dave falar uma vez antes, mas a turma não, embora soubesse da sua existência.

Mantive-me onde estava, observando Bette, Joel e as reações da turma. Toda a atenção estava fixada no rosto de Joel, enquanto os alunos procuravam diferenças entre este Joel que falava por Dave e o Joel que conheciam.

As minhas reações eram mistas. Sentia a forte inclinação da turma para a nova personalidade; o assombro, a esperança de que

talvez ali estivesse a resposta. Talvez Dave tivesse as respostas para os problemas da vida e pudesse explicá-los de forma simples. Não teriam de trabalhar pelas suas próprias respostas — alguém o faria por eles.

Ótimo, aprenderam muito, pensei com ironia. Ali estavam eles, professores, empresários, estudantes universitários, a ouvir outra voz, outro “guru”, alguém que poderia ter as respostas e que talvez pudesse ser lisonjeado ou persuadido a revelá-las. Mas estava a ser injusta, disse a mim mesma, e até certo ponto estava. O fenómeno de falar por outra personalidade é suficientemente invulgar e impressionante para captar a atenção de qualquer um, e evoca todas as nossas antigas lendas de deuses que falam através de mortais; espíritos que olham através de olhos humanos; deuses, demónios e entidades a movimentarem-se pelos campos da psique humana.

A voz de Dave era muito semelhante à de Joel. Falava com intensidade, mas sem emoção, enquanto Bette o encarava com uma mistura de admiração e desafio. Continuava furiosa — mas com Joel, não com Dave.

| Sabia que homens e mulheres índios estavam a morrer,
disse Dave.

| Isso não a afetava de todo?

| Tudo o que sabíamos era quem estava em pé de guerra e quando,
respondeu Bette, com dureza.

| Sabia quando a sua própria raça estava em pé de guerra?,
perguntou Dave calmamente, como se estivesse a traduzir ou a falar com uma criança.

Não!

gritou Bette, furiosa.

Eu estava na minha própria existência. Só me importavam os meus filhos, e você tratou disso...

Interrompeu-se, lançando um olhar carregado, porque Joel tinha sido substituído por Dave e, a partir daí, quando lhe respondia, chamava-lhe "Senhor", num tom que misturava de forma precisa deferência e sarcasmo. Após uma discussão bastante longa, contudo, Bette disse que agora se sentia melhor em relação a Joel; que percebia que o povo dele tinha sido arrastado pela sua própria paixão e estava apenas a tentar defender a sua terra. Sorriu e disse:

Também não discuta mais comigo. Seja apenas simpático.

A sua atitude estava tão diferente do que tinha sido que algumas pessoas se riram.

Estou a falar a sério,

disse ela.

Aprendi muito nessa vida, e nesta sou uma verdadeira defensora dos índios... Tenho um grande sentimento por eles. Sempre que alguém menciona os negros como a minoria oprimida, lembro-lhes dos índios — portanto devo tê-los perdoado pelo que me fizeram.

No entanto, quando Dave respondia, Bette não conseguia evitar dizer:

Oh, obrigada, senhor,

e aquele olhar duro regressava aos seus olhos.

Todo o episódio durou quase uma hora. Durante parte do tempo, Dave falou sozinho ou respondeu às perguntas de Bette. De vez em quando, eu fazia uma pergunta, mas mantive sempre a minha atenção focada na sala objetiva, porque sempre que deixava a minha consciência divagar, estava novamente naquela cabana com Bette. Continuava a sentir os seus gritos na minha garganta e estava determinada a não lhes dar voz.

Por um lado, não queria introduzir as minhas próprias percepções naquele momento: aquela era, sobretudo, a experiência de Bette e de Joel, e eu tinha curiosidade em ver o que fariam com ela por si próprios. Por outro, tinha toda a turma em consideração, e não estava disposta a libertar toda aquela emoção na sala, sobretudo quando sentia que eu própria seria arrastada para o acontecimento e incapaz de o observar adequadamente.

Não foram dadas datas para o ataque indígena. Dave mencionou um nome, Kewate ou Kewata, mas sem especificação. Quando lhe pediram o nome da tribo, disse:

Era um ramo de uma nação maior ou de um conjunto de tribos, e a língua não me é familiar, mas era algo como Shu... Shu shon ack.

Quando tudo terminou, Bette disse que tinha sentido animosidade em relação a Joel desde que ele começara a frequentar a aula, e que agora compreendia a razão disso, bem como da sua defesa apaixonada habitual dos índios. As emoções que tinham girado à nossa volta dissiparam-se simplesmente. Quando isso aconteceu, Joel abanou a cabeça, tossiu, pareceu atordoadado por um momento e disse:

Então, o que é que se passou aqui?

De facto, o que se passou?

Uma coisa tornou-se imediatamente evidente para mim. Dave surgira em auxílio de Joel precisamente quando a beligerância de Bette era mais intensa. Além disso, retirou habilmente a força ao ímpeto emocional de Bette — algo que tenho a certeza de que ela reconheceu e ressentiu. Dave não era Joel — no enquadramento em que estavam a operar — e a atitude “mais elevada” de Dave alterou a imediaticidade do confronto anterior para uma situação em que Bette “perdeu o estatuto de igualdade”.

Do lado de Joel, isto foi, no mínimo, um excelente trabalho psicológico. Estavam envolvidos três níveis de atividade — o Joel habitual, Joel enquanto índio num encontro de vida passada, e Joel enquanto Dave, uma personalidade que supostamente continha o conhecimento dos outros dois.

Ainda assim, o fenómeno em si perturbava-me. Havia nele uma certa tensão, como se uma parte da personalidade de Joel não soubesse o que fazer com a outra parte. A manifestação estava... fissurada de uma forma estranha, como se alguém estivesse a esforçar-se demasiado, ainda que com as melhores intenções. Alguns sentiram que o contato não tinha sido plenamente estabelecido.

Eu não aceitava Dave como um “espírito” nos termos habituais, mas também não via Seth dessa maneira. Todo o episódio, naturalmente, levou-me novamente a questionar a natureza de Seth. Mas Seth é uma personalidade plenamente estruturada, de um modo difícil de explicar, e surgiu na minha experiência dessa forma. Nunca houve qualquer tensão envolvida. Embora reconhecesse os níveis de consciência que Joel estava a utilizar, também fui impressionada por uma certa sensação de grotesco —

de uma capacidade que lutava por se expressar e que, ao mesmo tempo, estava presa num dilema de duplicidade psicológica.

Mas tudo isto estava, de certo modo, à margem das questões sobre o próprio material reencarnacional. Teriam Bette e Joel realmente vivido o episódio que pareciam recordar com tanta vividez? Estaria eu a ouvir mentalmente os gritos lancinantes de uma mulher prestes a ver os seus filhos serem mortos? Senti como se pudesse ter-me perdido, ainda que por algum tempo, naquele outro tempo e lugar.

No entanto, eu sabia que Bette estava, naquele período da sua vida, carregada de beligerância. Teria todo o episódio sido um drama emocional criativo que a libertou dessa pressão, dentro de um enquadramento seguro? Joel teria então as suas próprias razões para participar. Certamente, toda a turma parecia aliviada, como que purificada. Teriam os dois “principais atores” dramatizado a energia agressiva reprimida de todo o grupo?

As minhas perguntas pareciam não ter fim. A maioria dos alunos assumiu que um acontecimento reencarnacional definido tinha sido revivido. Eu admitia que todo o episódio era válido, mas suspeitava também que essa validade poderia situar-se para além dos nossos conceitos habituais. Mais uma vez, senti que a reencarnação era algo muito mais significativo do que geralmente se supõe, e que, ao aceitá-la em si mesma, poderíamos impedir-nos de descobrir o seu significado “real”.

Pouco tempo depois, como verá, fui confrontada com um exemplo singular de uma “personalidade de vida passada”, num encontro surpreendente envolvendo Sue e o meu marido, Rob — uma experiência que também viria a lançar luz sobre a atuação de Joel na aula como Dave. Tal como estava, eu já sabia o suficiente

para não interpretar as nossas experiências de acordo com antigos esquemas dogmáticos (o dogma do espiritualismo — ou da reencarnação — pode ser tão limitador quanto qualquer dogma religioso mais convencional), mas era incapaz de ver outro enquadramento. Assim, continuava a embater contra paredes mentais.

De Seth Dois aos gritos de guerra indígenas era mais do que suficiente para uma só noite — desde observadores incorpóreos de outro sistema de realidade até ao poder emocional da beligerância de Bette contra um homem que acreditava ter destruído toda a sua família mais de um século antes — mas, fosse o que fosse que estava a acontecer, todos tínhamos de nos levantar cedo na manhã seguinte. Por isso, terminei a aula.

Ainda assim, enquanto as pessoas saíam da sala, pensei: como é extraordinário sentirmo-nos todos suficientemente livres para explorar juntos a natureza das nossas próprias consciências. Quem sabe o que poderemos descobrir? E ainda hoje sinto o mesmo.

No dia seguinte, porém, passei duas horas a escrever as minhas impressões daquela aula e a tentar organizar as minhas próprias atitudes. Limitei-me a colocar uma folha de papel na máquina de escrever e a escrever tudo o que me vinha à mente, sem questionar. Considero este um método excelente para libertar ideias pertinentes. Na verdade, só ao ler o que tinha escrito percebi que tinha escolhido uma direção principal entre várias outras que também me atraíam.

A designação de “guia espiritual” tornava-se cada vez mais limitadora para mim. Ao mesmo tempo, era exatamente assim que as pessoas se relacionavam com Seth. Sempre que eu objetava, ficavam confusas. Por um lado, muitas pessoas desejam

desesperadamente acreditar na vida após a morte, e os “guias espirituais” oferecem-lhes automaticamente essa prova. Para além disso, o conceito apresenta um enquadramento no qual um espírito pode ser encontrado na sala de estar de qualquer médium, sem intermediários adicionais, para trazer conforto, resolver problemas e proporcionar uma intimidade com realidades espirituais que as igrejas há muito abandonaram.

Mesmo no início das minhas próprias experiências, não achei que fosse assim tão simples; nem, aliás, Seth se descrevia nesses termos. Mas, até àquela aula de Junho, eu suspeitara das minhas próprias dúvidas. Talvez o meu intelecto estivesse a interferir, pensei. Talvez Seth fosse um guia espiritual — exatamente como as pessoas diziam, e nesses mesmos termos. E talvez a reencarnação existisse também da forma como outros acreditavam.

No entanto, ao reler as minhas próprias notas no dia seguinte, percebi que não iria permitir que Seth fosse reduzido a um estereótipo, e que tinha de deixar a minha própria experiência expandir-se à sua maneira. A minha atitude em relação a Seth estava bem expressa no seguinte parágrafo:

Ontem à noite, Seth Dois conduziu-nos em aventuras na consciência que são libertadoras, criativas e válidas. Penso que certamente ampliam a percepção individual e podem estar a formar um nível de consciência de grupo que se sobrepõe ao estado de sonho. Mas não quero sentir-me “forçada” a visualizar um espírito incorpóreo a espreitar para nós. Creio que estamos realmente a tocar em algo, mas ainda não sei o que é. Se assumirmos que tudo o que não conseguimos explicar é resultado de “espíritos”, então ficamos apenas com mais um dogma.

Sobre o Drama Reencarnacional, escrevi:

Mais uma vez — uma extraordinária aventura na consciência para os envolvidos, na qual os participantes experienciaram a realidade de uma forma diferente e estabeleceram novas gestalt de relação. Olharam para a

existência a partir de um foco inteiramente distinto do habitual e, até certo ponto, isso permitiu que cada membro da turma fizesse o mesmo. Como tal, penso que isto foi construtivo, dinâmico e estimulante. Não sei se Joel e Bette estavam ou não a reviver acontecimentos definidos do passado, ou se a ideia de reencarnação forneceu um enquadramento através do qual estas experiências puderam fluir, libertando-os dos seus papéis habituais na vida.

Talvez isso nem sequer importe. Mas penso que existe uma forte pressão por parte de pessoas envolvidas no campo psíquico, tanto amadores como profissionais, para aceitar tais acontecimentos pelo seu valor literal. Por vezes, a partir dos seus comentários e cartas, tenho a sensação de que as pessoas querem acreditar em algo com tanta intensidade que se sentem ameaçadas quando questiono a minha própria experiência, ou que querem que eu escreva uma espécie de Bíblia da qual toda a incerteza seja removida — para elas. Mas então ficaria presa a um dogma que teria de defender, e nunca mais teria coragem para examinar novamente as minhas próprias ideias. Simplesmente não posso andar à procura de pequenos símbolos estereotipados onde encaixar a minha experiência.

Porque, no fundo de tudo isto, existe algo de inestimável que, como humanidade, sempre negligenciámos. E talvez eu consiga encontrar algumas pistas sobre o que isso é.

Escrevi esses parágrafos com veemência, certamente exagerando em certa medida, mas pelo menos senti-me mais clara quanto às minhas próprias atitudes do que há já algum tempo. Considerando o que sentia, pode imaginar a minha reação a Martin Crocker, que assistiu à aula seguinte. O encontro tinha sido marcado alguns meses antes. Descobri que Martin personificava todas as ideias das quais eu acabara de decidir que podia prescindir.

CAPÍTULO 3

Um Guia Espiritual É Um Guia Espiritual É Um...?

O Sr. Martin Crocker era massagista e curador. A sua esposa sentava-se ao seu lado no sofá, em silêncio, como se tentasse ser invisível. O próprio Martin era um homem impecável, elegante e preciso, na casa dos cinquenta anos, de fato escuro e camisa branca, tão arranjado quanto possível, com um rosto algo pálido e pequeno, óculos antiquados e cabelo ruivo — um pequeno “galo” de homem, como viria a revelar-se, bem capaz de se defender.

Mas, à medida que falava na aula, fui ficando cada vez mais perturbada — e, para dizer a verdade, indignada. Mais uma vez, porque ele era tão sincero, tão “bom”, falava de amor e invocava constantemente o nome de Deus, senti-me, até certo ponto, limitada. Segundo a sua forma de pensar, o amor era equilibrado por “dente por dente” e “olho por olho”; pelo arrependimento, pela punição e por um Deus justo que ninguém no seu perfeito juízo desejaria como Pai, muito menos como amigo.

Contou-nos histórias de chávenas a voar na escuridão de salas de sessão mediúnica, “a atravessar o ar de tal forma que apetece baixar a cabeça. Mas não nos atingem, claro, porque estão a ser controladas do outro lado.” Controladas, sim — mas a partir de um lugar bem mais mundano do que o Céu, a meu ver. Ainda assim, Martin Crocker acreditava no que acreditava. As suas crenças

faziam parte dele, entrelaçadas com todos os seus tecidos e pensamentos, de tal modo que retirar-lhe uma única crença seria desfazer todo o resto. E eu nunca faria isso, mesmo que pudesse.

Mas também não podia ficar ali, numa aceitação aparente, sem dizer nada, enquanto uma aluna que deveria saber melhor, Audrey, olhava com esperança e credulidade — se chávenas realmente voavam algures, lançadas por uma mão fantasmagórica, então por que não ali? E, durante todo esse tempo, Martin permanecia compenetrado, mas determinado a manter a sua posição — o bom cristão entre infiéis evidentes — talvez infiéis simpáticos, embora não creio que ele tivesse a certeza disso. Ainda assim, como Daniel na cova dos leões, ousava dizer a sua verdade, independentemente do que pensássemos. E isso era digno de reconhecimento.

Eu não me encaixo propriamente na imagem do leão, embora metade do tempo me apetecesse rugir, mas também não ia aceitar tudo aquilo como um gatinho submisso. Assim foi, num vai-e-vem constante. A turma lidou bastante bem com a situação, até que Martin afirmou que não compreendia como as mulheres podiam ser médiuns ou curadoras. Todos sabiam que as mulheres eram negativas, enquanto os homens eram positivos; que as mulheres atraíam doenças e influências negativas, enquanto os homens estavam mais próximos de Deus e eram naturalmente bons. Ou, pelo menos, melhores.

Ao ouvir isto, a esposa de Martin assentiu docilmente com a cabeça, enquanto algo semelhante a um rugido se elevava de todos os outros na sala. Os protestos soaram-me muito bem, mas reprimi-os — como uma idiota — por consideração por Martin; dobrando-me para trás por ele ser tão “bom”, ainda que equivocado.

O que era absurdo. Quem tinha as leis do universo do seu lado não precisava que eu o ajudasse. E, na perspectiva de Martin, elas estavam do lado dele. Tentando ser muito aberto, mas firme, explicou por que não “tocava numa gota” de álcool, como qualquer bebida entorpecia os sentidos e arruinava as vibrações espirituais. “E até gostava de um copo de cerveja de vez em quando na minha juventude”, disse com nostalgia, e dei por mim a sorrir-lhe quase com afeto — o homem íntegro a oferecer o seu copo de cerveja ao Senhor.

Bebi um gole do meu vinho e fumei um cigarro, enquanto o ouvia falar sobre os males da carne. Pois bem. O pobre corpo — um mecanismo tão esplêndido, dado por Deus — para ser considerado pecaminoso por aqueles que insistem na bondade de Deus. Se o corpo é assim tão pecaminoso, por que razão o seu Deus nos deu um? Por que tentam tantos sistemas de pensamento levar o ser humano a sentir vergonha da sua própria imagem? Ainda assim, deixei Martin falar durante algum tempo, brilhando na sua retidão, explicando as suas teorias — para garantir que tivesse o mesmo tempo de intervenção.

Os alunos estavam divididos nas suas reações. Sue e eu éramos as menos simpáticas. Mas havia esperança, havia magia, havia perguntas. No mundo dele, as chávenas giravam na escuridão. Os santos e os profetas mortos visitavam, bondosa e indiscriminadamente, dezenas de participantes nas salas pouco iluminadas de inúmeros médiuns. Não seria maravilhoso? Mas seria mesmo?

 | O intelecto não tem nada a temer da verdade,
disse eu.

Se uma chávina atravessasse esta sala agora mesmo, com todas as luzes acesas, eu seria a primeira a aceitá-lo. Nunca negaria a evidência da minha experiência. Mas, se as luzes estivessem apagadas, seria a primeira a acendê-las. E se uma chávina estivesse a voar pelo ar, lançada por alguém ou por alguma coisa, continuaria o seu percurso. A luz não a faria parar.

Martin semicerrou os olhos e contraiu os lábios.

disse. **Então ouça isto,**

Uma vez ouvi uma voz numa sala de sessão mediúnica, uma voz direta que falava simplesmente do nada. Era muito alta e rouca, e pertencia a um espírito chamado Charles. Ora, Charles disse que iria atravessar o chão e que a voz o provaria. Então a voz começou no teto, depois foi descendo, depois mais ainda. E então vinha debaixo do soalho. Agora, o que diz a isso?

A sua pergunta foi feita da forma mais astuta e triunfante possível. Tinha-me apanhado.

perguntei, com suavidade, **As luzes estavam acesas?,**

disse. Achava que eu era teimosa, mais cética do que uma médium tinha o direito de ser. Eu achava que ele era, no mínimo, crédulo.

disse. **Não nego que tais coisas possam ser possíveis,**

E não nego. Mas quando tais relatos me são apresentados por pessoas cujo bom senso já ponho em causa, então recebo-os com alguma reserva.

Não disse isso. Em vez disso, perguntei-lhe sobre o seu trabalho de cura.

disse.

Eu não curo,

Não posso. Uma pessoa não pode fazer nada por si própria. O Espírito Santo cura através de mim. Eu sou apenas o canal.

Suponho que seja apenas uma questão de cada um de nós usar termos diferentes”, disse, esperançosa.

Mas se Deus nos criou, então devemos ser capazes de fazer alguma coisa. Devemos ser sagrados, grandes e significativos por nós próprios.

disse ele.

Somos,

Mas, mesmo assim, não podemos fazer nada por nós próprios. Só o Espírito Santo cura.

disse eu.

E nós fazemos parte do que o Espírito Santo é,

Mas ele limitou-se a olhar para mim com teimosia, certo de que eu estava a tentar enganá-lo com palavras. Olhei para o relógio; era hora de uma pausa. Depois de a anunciar, Martin aproximou-se de mim.

Espero que me perdoe se eu sair mais cedo,

disse.

Consigo perceber que estou a atrasar o grupo. Sei como é quando se tenta trabalhar com um grupo... ter alguém que não se enquadra.

Instantaneamente senti que tinha sido pouco simpática e pouco cortês. Martin tinha vindo de propósito de Ohio para aquela única aula.

Claro que não está a atrasar o grupo. Eles gostam de si,

disse. E, de facto, gostavam. Eu também, a um certo nível. Tentei esconder a minha impaciência e irritação. Afinal, pensei, eu deveria ser suficientemente aberta, suficientemente compreensiva.

Martin sorriu (com complacência?) e voltou a sentar-se. Imediatamente desejei tê-lo deixado ir embora. Portanto, não fui realmente honesta. A honestidade dele e a minha poderiam ter esclarecido o ambiente, mas eu tinha demasiado receio de ferir os seus sentimentos. E, no exato momento em que Martin se sentou, Seth manifestou-se. Dirigiu-se primeiro a Martin. Como Seth, inclinei-me para a frente, sorrindo amplamente:

Não quero que o nosso amigo aqui sinta que está a constranger o nosso estilo.

Depois, acenando para Martin:

Há um episódio na sua vida que teve a ver com percepção interior. Não foi um acontecimento comum, nos seus termos. Houve outra pessoa envolvida na situação que soube telepaticamente o que estava a acontecer, ajudou a desencadear os acontecimentos e comunicou-lhos.

Depois, dirigindo-se à turma:

Agora, Martin é um bom homem, como Ruburt [nome que Seth usa para mim] disse anteriormente, e além disso, eu gosto dele. Ele pode não aprovar os hábitos de Ruburt, mas Ruburt também não aprova os dele. Isso é entre os dois. Há distorções no pensamento de Martin, tal como há nos vossos. Ele pensa a vitalidade de forma diferente da vossa, mas usa-a muito bem.

Abram as portas da energia. Não as fechem. Todos os mitos acabarão por dissipar-se. Os mitos de um homem são como a sua roupa. São assunto dele. Por baixo da roupa está a pessoa e a sua realidade.

Seth desenvolveu brevemente estas ideias e depois saí do transe. Os membros da turma sorriam. Martin parecia vindicado.

Ótimo, pensei, e perguntei o que tinha dito como Seth. Antes que alguém pudesse responder, Martin sorriu com uma mistura estranha de timidez e satisfação.

Seth disse-me algo que mais ninguém nesta sala sabia”, afirmou.

No início da sessão, mencionou algo sobre um episódio da minha vida e o uso da percepção interior. Penso que sei ao que se refere.

Martin fez uma pausa, humedeceu os lábios e olhou para os presentes de forma teatral. Depois continuou:

Numa sessão na semana passada, disse que vinha aqui e perguntei se Seth poderia dizer-me algo antecipadamente, a partir do mundo espiritual. Ele manifestou-se através do médium, soando muito semelhante ao que ouvimos aqui esta noite.” Martin fez nova pausa, desta vez com reverência. “Ninguém aqui sabia disso, do que Seth me disse. Nem sequer contei à minha esposa. Por isso, estou satisfeito,

disse, sorrindo com aquele sorriso reservado, secreto e triunfante.

Fiquei sem palavras por um momento, e suponho que a minha indignação tivesse algo de cómico — o meu Seth a envolver-se em encontros tão duvidosos. Pouco provável. Para além disso, como já referi, simplesmente não acredito que Seth exista nesses termos. Naquela noite, Martin representava todas as ideias sobre guias espirituais que me perturbavam. Em relação a ele, sentia uma espécie de emaranhado invisível de superstição religiosa. Pedi a um membro da turma que lesse novamente as primeiras afirmações de Seth. Pareciam-me bastante vagas.

Mas Martin Crocker tomava-as como prova daquela noite — prova da natureza independente de Seth... a revelação de um segredo que mais ninguém conhecia. Seth teria falado através de dois médiuns diferentes, demonstrando claramente a sua existência separada. Parecia quase inútil, pensei, tentar desfazer os equívocos. Por isso, por agora, limitei-me a dizer a Martin que duvidava que Seth tivesse estado na sua sessão. Martin apenas sorriu perante mais esta indicação de que a própria médium não tinha conhecimento do ocorrido.

Já tive experiências deste género antes, em que as pessoas pegam na mais frágil das “provas” para sustentar este ou aquele ponto e depois seguem alegremente de médium em médium, de espírito em espírito, agarrando-se a qualquer coisa. Esse é um jogo que me recuso a jogar. A realidade de Seth é uma realidade psicológica demonstrável. Essa realidade deveria levar-nos a questionar a natureza da consciência humana tal como a conhecemos e a interrogar-nos sobre as nossas próprias capacidades. Pensar que a realidade de Seth pudesse depender de

“provas” como as de Martin enchia-me de profunda tristeza. E, no entanto, eu ainda tinha um pé no enquadramento de Martin, porque continuava a tentar encaixar Seth nos limites de um mundo restrito de verdadeiro-ou-falso.

Mas, na altura, não me apercebia disso. Devia ter percebido, porque Seth voltou a manifestar-se, desta vez conduzindo os alunos num exercício destinado a orientar a sua consciência para realidades prováveis.

Seth não só sustenta que mundos prováveis existem, como também que podemos perceber os nossos próprios “eus prováveis” sob certas condições. Estas ideias, tal como o próprio Seth, são impossíveis de encaixar numa categoria simples. Certamente, porém, não se enquadram no quadro do pensamento cristão convencional. Como sugeriria um teólogo, por exemplo, a salvação de uma alma provável? E muitos cientistas atômicos que aceitariam probabilidades não admitiriam sequer a existência da alma.

As instruções de Seth e o exercício duraram cerca de vinte minutos. Mais uma vez, pediu aos alunos que utilizassem a imagem de uma pirâmide como auxílio:

Concentre-se na sensação na parte posterior do seu crânio. A própria sensação é o importante, pois a partir dela formar-se-á a forma de pirâmide. A pirâmide pode surgir de modo diferente para cada um, porque é o seu caminho pessoal para as realidades prováveis. Pode surgir como um caminho, como um raio de luz ou sob outra forma, mas siga-a com plena confiança e liberdade. Utilize a minha voz apenas como um fio condutor que o acompanha, mas concentre-se nas suas próprias sensações e percepções.

Seth prosseguiu explicando as várias formas como a pirâmide se poderia abrir — em caminhos, salas ou portas.

Aprenda a usar a mobilidade da sua consciência com alegria,

continuou,

e siga ainda mais profundamente na pirâmide, que é um canal entre o seu mundo e outros que também existem. Quero que retire energia e poder desta voz e que a utilize à sua maneira. Permita que ela se torne aquilo de que necessita, no sistema de probabilidade particular em que se encontra.

Se encontrar mundos que não compreende, observe-os com admiração, mas envie a sua consciência tão longe quanto ela puder ir, com grande vigor, com liberdade e alegria...

Portanto, a “pirâmide” não é uma estrutura espacial, mas um modo de organizar a experiência que permite à consciência transitar entre diferentes configurações de realidade — os chamados sistemas de probabilidade — sem deslocação no espaço, mas através de reconfiguração do enquadramento experiencial.

Limitei-me a citar algumas passagens para dar uma ideia de como o exercício foi conduzido. Como habitualmente, Seth dedicou algum tempo a “trazer” os alunos de volta à sua orientação habitual.

Quando saí do transe, os alunos relataram as suas experiências. Mais uma vez, algumas foram particularmente interessantes. Sue Watkins disse:

Parecia estar num sistema provável, não igual ao nosso, mas suficientemente semelhante para que eu pudesse relacionar-me com ele. Encontrei um humanoide numa floresta estranha e atrofiada. Ele falou comigo, mas agora já não me lembro do que disse.

John, outro aluno, viu pequenas figuras que simbolizavam energia. Formaram um círculo, dançando à sua volta. À medida que a voz de Seth se tornava mais intensa, essas pequenas figuras conduziram John até uma pirâmide. No interior estava um homem,

e John saudou-o como um amigo de longa data, embora, quando relatou a experiência, já tivesse esquecido quem ele era.

Outro aluno disse:

Isto pode não fazer sentido, mas vi um homem. Ele entrou no Nada... rasgou o lado do Nada... e viu o universo físico.

Isto é, trata-se de uma experiência em que a consciência atravessa um limite de organização — um ponto onde a realidade deixa de ser estruturada nos termos habituais — e, a partir daí, “reconfigura” a percepção, fazendo emergir o universo físico como uma forma particular de organização da experiência.¹

Quando perguntei a Martin Crocker se tinha acompanhado o exercício, abanou a cabeça com veemência e disse:

Não aconteceu absolutamente nada. Nada mesmo. Não vi nem senti coisa nenhuma. Nada.

Tive de me rir de mim própria, porque Martin, evidentemente, achava as nossas ideias de eus prováveis e realidades prováveis tão improváveis quanto nós achávamos o seu mundo de espíritos bons e maus, o Deus justo que lançava pessoas no fogo do inferno e as chávenas a zumbir pela noite.

Mas existe uma diferença enorme — e importante, penso — entre as duas abordagens. Todos os meus alunos aceitam estes exercícios como aventuras da consciência. Deliciam-se em orientar o foco da sua atenção em diferentes direções e em explorar a natureza da realidade a partir de vários pontos de vista subjetivos. Mas não

¹ **Explicitação:** O “Nada” não corresponde a um vazio espacial, mas a um estado em que os referenciais usuais de percepção deixam de operar. A “rutura” descrita indica uma transição entre configurações de realidade, na qual o universo físico surge como uma das possíveis formas de organização da experiência.

colam rótulos aos acontecimentos mentais. Sentimos que estamos a captar instantâneos mentais de uma paisagem interior e reconhecemos que, muito provavelmente, os distorcemos até certo ponto com as nossas próprias concepções prévias.

Martin Crocker — e todos os Martin Crockers — partem do pressuposto de que o mundo e qualquer vida após a morte existem de formas definidas, certas e conhecidas. Programam-se para interpretar a sua experiência de acordo com expectativas rígidas e ignoram tudo o que não se encaixa. Há Martin Crockers em todos os domínios da atividade humana. E, muitas vezes, aqueles que estão convencidos de possuir a verdade — “toda a verdade” — são precisamente os que menos a têm.

Mas as pessoas são pessoas; e Martin era um homem único, pequeno e audacioso, impossível de catalogar — como todos nós. Veio à aula seguro de que existiam “mestres espirituais” e viu a sua fé reforçada. Conseguiu interpretar tudo o que aconteceu de modo a encaixar nas suas ideias preconcebidas. Talvez todos nós façamos isso à nossa maneira, ao vivermos os acontecimentos das nossas vidas. Tenho pensado muitas vezes em Martin Crocker, com alguma inquietação. Ele estava a distorcer a sua experiência para a ajustar às suas ideias; é verdade. Mas até que ponto estaria eu a fazer o mesmo?

CAPÍTULO 4

Eus Prováveis e Mais Questões

Mesmo enquanto tentava compreender a posição de Seth no nosso mundo, ele conduzia-nos cada vez mais profundamente nas dimensões da nossa própria consciência e ampliava os nossos conceitos acerca do que éramos. Ainda assim, os resultados do exercício da aula seguinte apanharam-me de surpresa. Foi a aula após a visita de Martin Crocker. Mesmo antes de Seth começar a falar, senti uma estranha sensação na parte posterior do meu crânio, como se uma longa pirâmide se estendesse¹ desse ponto até um ponto de fuga imensuravelmente distante. (Não estava acima da minha cabeça, como na experiência com Seth Dois, mas paralela a ela.)

Ao mesmo tempo, “sabia” que, na outra extremidade, a pirâmide se abria novamente e estava, de alguma forma, ligada a um Eu provável². Também percebi essas mesmas extensões psíquicas atrás de cada pessoa na sala.

¹ **Explicitação:** a sensação da “pirâmide” não corresponde a uma estrutura física, mas a uma representação experiencial de um eixo de organização da consciência. Este eixo funciona como um canal de ligação entre diferentes configurações de experiência, permitindo a transição ou o acesso a outros enquadramentos de percepção que não estão organizados pelos referenciais habituais de espaço e tempo. Portanto, a “pirâmide” representa um canal de reorganização da consciência, através do qual a experiência pode deslocar-se para outros enquadramentos perceptivos.

² **Explicitação:** o “Eu provável” corresponde a uma variante da identidade dentro de outras configurações possíveis de experiência, não sendo uma entidade independente, mas uma expressão alternativa do self. A “pirâmide” representa o eixo estruturante que permite a ligação e eventual sobreposição entre essas configurações.

Nunca sei o que vou dizer em ocasiões como esta. Como habitualmente, falei espontaneamente, explicando o que estava a acontecer. Depois sugeri que cada aluno tentasse perceber a sua própria estrutura piramidal. Nesse momento, Seth começou a falar, de forma tão fluida que quase não houve transição entre as minhas últimas palavras e as primeiras dele. Começou a dar instruções semelhantes às da aula anterior. Por um breve instante, senti um choque: o quadro de Seth, pintado por Rob, estava pendurado atrás da minha cadeira, mas, de repente, senti-me dentro dele, a olhar através dos olhos do retrato para a sala. O meu peito e os meus braços pareciam mais firmes, maiores e mais compactos do que são. Ou seja, a identidade habitual reorganizou-se temporariamente, permitindo uma experiência a partir de outro ponto de referência consciente, como se a percepção se deslocasse para uma outra configuração de “eu”.³

À medida que Seth continuava a falar, a sensação na parte posterior do meu pescoço tornava-se mais intensa. Pulsava e continuava a expandir-se. A certa altura (como vim a saber depois), Seth disse que outra aula, provável, também estava a realizar experiências⁴, e que poderíamos conseguir vislumbrar os nossos eus prováveis. Alguns minutos mais tarde, sugeri que todos abrissem os olhos, olhassem para a sala e os voltassem a fechar de imediato. Por outras palavras, estavam a ocorrer experiências

³ **Explicitação:** não se trata de entrar literalmente no retrato, mas de uma mudança de enquadramento experiencial em que a consciência adota outra perspetiva organizadora da percepção.

⁴ **Explicitação:** a referência a uma “outra aula provável” não implica a existência de um evento separado no espaço, mas indica uma configuração paralela de experiência a ocorrer dentro do mesmo campo de consciência. Nessas condições, diferentes variantes da identidade — os “eus prováveis” — podem ser momentaneamente percecionadas, resultando de uma sobreposição entre configurações distintas de realidade.

simultâneas em diferentes configurações de realidade, com possibilidade de intersecção momentânea entre elas.

Quando saí do transe, estava mais desorientada do que o habitual. Mais do que isso, os alunos pareciam, de uma forma estranha, diferentes, como se não fossem eles próprios. Enquanto olhava em redor, algo confusa, fui abordada por pelo menos dez pessoas, todas a tentar falar comigo ao mesmo tempo. Uma aluna, Brenda, disse que sentia como se os seus traços estivessem a mudar, ao mesmo tempo que eu notava que ela parecia realmente estranha. O seu rosto estava inchado, pouco definido de algum modo, como se os músculos não soubessem que forma deviam assumir. Ao mesmo tempo, Sue, Bette e uma jovem estudante universitária, Anna, apontaram todas para Brenda. Sue exclamou:

Uau, essa não é a Brenda,

enquanto Brenda permanecia sentada, a respirar com dificuldade. Os seus olhos lacrimejavam e os seus traços continuavam... a deslizar, como borracha. Ou seja, a configuração estável da identidade percetiva estava a tornar-se instável, permitindo a emergência de outras possíveis formas de organização da aparência⁵.

As pessoas continuavam a falar; todos tinham algo a relatar. Lora, uma jovem dona de casa, disse que Margie, uma mulher mais velha, se tinha transformado num egípcio; que, quando Lora olhou em volta da sala como Seth sugerira, o egípcio estava no lugar de Margie. Bill, um vendedor na casa dos quarenta, parecia atordoado.

⁵ **Explicitação:** não se trata de uma transformação física literal, mas de uma alteração na forma como a consciência organiza e reconhece a identidade e a forma corporal.

Encontrara-se a caminhar por um corredor escuro no interior de uma pirâmide. Alguém gritou:

Não o deixem entrar. Ele sabe,

e uma porta que estava à sua frente encolheu subitamente e desapareceu⁶. Ou seja, diferentes configurações de identidade e de realidade estavam a sobrepor-se, com acesso condicionado pela compatibilidade de estado.

Helen, habitualmente muito séria, estava sentada a rir, com o rosto cheio de vitalidade.

Meu Deus, apetece-me dançar. Tenho tanta energia que podia dançar a noite toda,

disse, e pensei:

Podia jurar que esta não é a Helen.

Antes que pudesse dizer algo, outra jovem, normalmente muito calada, começou subitamente a falar com rapidez. As palavras saíam-lhe da boca com facilidade.

É tão fácil expressarmo-nos,

disse, sorrindo.

É tão simples e tão alegre. Como é que alguma vez pensei que fosse difícil?

Estava ali sentada, parecendo uma criança de doze anos, embora tivesse pouco mais de vinte. Naquele momento, o seu rosto era completamente liso, como o de uma criança.

⁶ **Explicitação:** a “porta que desaparece” representa novamente uma não-coincidência de configuração, impedindo a continuidade da experiência naquele enquadramento.

Entretanto, Helen continuava a balançar as pernas, mexendo os pés e perguntando aos outros alunos se alguém queria dançar. Ou seja, diferentes “eus” com características próprias estavam a emergir, substituindo temporariamente os padrões habituais de comportamento.

Roger, um contabilista, ainda parecia atordado enquanto relatava o que lhe acontecera. Primeiro vira cinco versões de si próprio. Depois, no interior de uma pirâmide, encontrou-se a observar um apartamento luxuoso, com um tapete verde-escuro, um sofá e, por cima, quadros emoldurados a ouro. Foi aí que Seth pediu aos alunos que abrissem os olhos por um momento e olhassem à sua volta. Quando o fez, Rog quase saltou da cadeira, porque continuava a ver a mesma sala! Ou seja, múltiplas configurações de realidade estavam ativas em simultâneo, sendo percecionadas como sobrepostas⁷.

Estes são apenas alguns dos relatos; outros eram igualmente surpreendentes. Continuei a perguntar a cada pessoa o que tinha acontecido, mas, ao mesmo tempo, tinha dificuldade em orientar-me no meio de tudo aquilo. Sempre que questionava alguém, a minha voz tornava-se mais fraca. Inquieta, percebi que não estava a concentrar-me no que era dito como deveria. Em vez disso, estava focada numa estranha sensação na minha mão e braço direitos.

Estava sentada na cadeira de baloiço, com os braços apoiados nos braços da cadeira. Mas a minha mão direita parecia muito ossuda, os dedos quase como garras finas. Para meu desagrado, as sensações espalharam-se até que todo o meu corpo parecia

⁷ **Explicitação:** não se trata de duas salas físicas, mas de duas organizações da experiência coexistindo no mesmo campo de consciência.

desprovido de carne. Sabia que, se olhasse para baixo, o meu corpo normal estaria vestido com a sua blusa e saia, mas isso não fazia diferença. Mentalmente, olhava através de olhos de esqueleto. Ou seja, a identificação com a forma física habitual foi suspensa, sendo substituída por outra configuração de percepção do corpo⁸.

Um distanciamento calmo e compreensivo dissipou rapidamente uma momentânea sensação de nostalgia: eu tinha deixado esta sala física e esta realidade há muito tempo — e os meus alunos também. Estava sentada dentro de um esqueleto, numa cadeira de baloiço, dirigindo-me a outros esqueletos sentados em cadeiras e sofás numa sala que, na verdade, já há muito tinha deixado de existir. O mesmo acontecera, sabia-o, com a cidade e com a civilização em que ela existira. Tudo isto — a aula e os alunos — acontecera há milhões de anos no passado. Mesmo as imagens de esqueletos, que agora pareciam as únicas adequadas, eram apenas miragens. E, no entanto, não estava triste, nem sequer curiosa. Apenas a sensação de vastas distâncias captou brevemente a minha atenção. Assim, com uma estranha nova... cortesia, continuei a dirigir as minhas perguntas àqueles que estavam na sala. Portanto, a consciência deslocou-se para uma configuração onde o tempo linear deixa de organizar a experiência, permitindo perceber a realidade habitual como algo já concluído ou apenas uma das muitas possíveis⁹.

Gradualmente, as sensações começaram a desaparecer. À medida que isso acontecia, Seth manifestou-se:

⁸ **Explicitação:** não houve transformação física, mas uma alteração profunda na forma como a consciência se identifica com o corpo — passando de uma organização “corpo vivo” para uma representação estrutural (esqueleto).

⁹ **Explicitação:** não se trata de uma viagem real ao passado, mas de uma alteração profunda do enquadramento experiencial, onde a percepção do tempo e da identidade física se reorganiza, fazendo com que a realidade presente seja vista como relativa ou não absoluta.

Examine os seus próprios sentimentos neste momento. Se alguma vez aprendeu a examinar a natureza da sua própria consciência, faça-o agora, pois, em maior ou menor grau, realizou uma troca com os seus eus prováveis. Alguns de vós estão na sala errada.

Quero que sigam esse canal para trás e invertam a vossa viagem. Agora, os eus que conhecem estão a regressar aos seus lugares apropriados. Portanto, recomponham-se e regressem a este tempo e a este lugar.

Ou seja, houve uma sobreposição ou interseção entre diferentes configurações de identidade (eus prováveis), sendo necessário restabelecer a correspondência com o enquadramento habitual.

Saí do transe e olhei em volta da sala. Estávamos todos novamente nós próprios. Nós próprios? Ou seríamos apenas os eus que fomos levados a pensar que éramos?

A minha própria experiência com a sala de esqueletos voltou-me à memória. O que significavam as nossas experiências? Como deveríamos interpretar os resultados das nossas alterações de consciência? Isto é, a experiência levanta a possibilidade de que a identidade habitual seja apenas uma entre várias formas possíveis de organização do “eu”.

Desde o início que sabia que o fenómeno Seth me oferecia uma oportunidade única de estudar a natureza da consciência. Estas experiências de aula estavam a colocar toda a questão da percepção em evidência. Verdadeiro ou falso, mais uma vez: quão válidas eram as nossas experiências, e em que termos? Teriam realmente existido rostos no teto, algumas aulas antes? Teríamos, literalmente, efetuado uma troca com eus prováveis? Por vezes perguntava-me: faria isso alguma diferença? As experiências estavam a enriquecer as nossas vidas. Como resultado dos nossos dramas reencarnacionais, por exemplo, os alunos relacionavam-se

com as suas famílias e amigos com muito mais flexibilidade e compreensão. Importava realmente se essas vidas recordadas tinham acontecido ou não? Ou seja, o valor da experiência não depende apenas da sua verificação factual, mas da transformação que produz na forma de viver e perceber.

Sei que muitas pessoas experimentam em aulas de controlo mental, aprendendo a mudar o foco da consciência. Mas poucas parecem movidas pela necessidade de integrar essas percepções alteradas no mundo normal, ou de questionar o que elas sugerem, fundamentalmente, acerca da natureza do ser. À medida que as nossas aulas prosseguiam, comecei a perceber que o nosso mundo de factos era extremamente limitado. O facto é que o enquadramento dos “factos” não conseguia explicar, de todo, as nossas experiências. Ou seja, o modelo convencional da realidade é insuficiente para integrar certos tipos de experiência consciente.

Isto tornou-se particularmente evidente com a publicação de *O Material de Seth* em 1970, quando tornei pública a minha experiência privada e, assim, lhe dei realidade no mundo normal, onde as pessoas podiam perguntar:

É verdade? Aconteceu mesmo?

Aqueles que aceitavam Seth e a minha experiência faziam-no frequentemente dentro de um quadro de referência que literalmente me levava à exasperação. Seth fazia perfeito sentido para eles num enquadramento como o de Martin Crocker — que incluía bons e maus espíritos, dogma religioso, punição e possessão. Nesse contexto, Seth adquiria estatuto imediato. Eu tinha um bom espírito para os proteger dos maus.

À medida que algumas dessas pessoas me escreviam ou vinham às aulas, rapidamente descobri que as minhas ideias não se

encaixavam nesse enquadramento, tal como não se encaixavam no dogma psicológico ou científico convencional. Com algumas reservas, ainda confio mais nos físicos do que em qualquer outro grupo. Vários físicos obtiveram dados excelentes a partir de Seth, que ampliaram o âmbito das suas próprias investigações. Com o tempo, porém, percebi que também não iria alcançar respeitabilidade aos olhos deles. Embora pudessem falar de Seth entre si e usar as suas ideias, certamente não iriam usar o nome dele — ou o meu — como referência num artigo científico oficial.

Nem sequer me apercebia de que queria ser “respeitável”, mas ainda assim era difícil admitir que não me enquadrava realmente em nenhum campo específico, porque estava a situar Seth e as minhas experiências num contexto em que tais coisas nunca tinham sido consideradas — pelo menos, tanto quanto eu sabia.

Depois de ter deixado a Igreja Católica anos antes, tornara-me profundamente desconfiada da religião organizada, mas, pelo menos, a Igreja tinha apenas um deus e um diabo com que se preocupar. Após a publicação de *O Material de Seth*, as pessoas começaram a enviar-me literatura ocultista ou “gnóstica”. Para meu espanto horrorizado, encontrei um dogma ainda mais rígido. Havia um número definido de níveis de existência. Esse número variava conforme a escola de pensamento, mas cada nível tinha o seu próprio senhor ou guardião, pronto a desencorajar o viajante mental incauto. Ou seja, substituir um sistema rígido por outro não resolve o problema — apenas muda a forma do condicionamento.

Alguns dias após a visita de Martin, por exemplo, um dos líderes desse tipo de grupo telefonou-me. Disse-me que, durante uma experiência fora do corpo, se encontrara num determinado plano de existência. O senhor desse nível ordenou-lhe que executasse certos

movimentos ritualísticos que incluíam ajoelhar-se e inclinar-se. Caso contrário, seria aniquilado. Assim, ajoelhou-se e inclinou-se, conforme lhe foi indicado¹⁰. Ou seja, a experiência foi interpretada dentro de um sistema já estruturado de crenças, onde a autoridade externa define o significado e a ação.

Achei que ele tinha agido com bom senso, dadas as suas crenças e as circunstâncias. Mas esse homem nunca questionou a sua experiência. Eu sabia perfeitamente que as viagens fora do corpo eram possíveis e experimentava-as frequentemente. Também sabia que “fora do corpo” não tem de significar “fora da mente”, e que, dentro ou fora dele, encontramos aquilo que esperamos encontrar¹¹. Ou seja, a experiência não é independente do observador — é configurada pelas expectativas e estruturas mentais do próprio.

Mas esse “mestre espiritual” chamava-me de deusa branca, insistindo que Seth e eu estávamos a dizer o mesmo que ele, apenas em termos diferentes. Não permitia que os seus alunos lessem os meus livros até atingirem determinado nível. Como é que eu alguma vez me vira, ainda que remotamente, associada a um tal enquadramento?

Outros “líderes” do campo psíquico pensavam que eu estava perigosamente a conduzir o público para o tabuleiro *Ouija* — quando qualquer médium responsável sabia que espíritos malignos

¹⁰ **Explicitação:** a descrição deste “plano de existência” reflete uma interpretação estruturada pela própria crença do indivíduo, em que a experiência é organizada segundo expectativas prévias de autoridade e hierarquia.

¹¹ **Explicitação:** a experiência “fora do corpo” não implica uma realidade independente da mente, mas uma alteração no modo de organização da consciência. O conteúdo da experiência continua a ser estruturado pelas expectativas, crenças e padrões internos do indivíduo, que determinam o tipo de realidade que é percebida. Portanto, “fora do corpo” não implica uma realidade objetiva separada, mas uma mudança na organização da experiência, ainda mediada pela própria consciência.

aguardavam esses incautos. Os mortos, ao que parecia, não tinham muito mais bom senso do que os vivos — e talvez um sentido de humor ainda mais duvidoso. Isto é, diferentes sistemas projetam os seus próprios medos e crenças sobre experiências que não compreendem.

Meu Deus!

Enquanto estas aulas de verão decorriam, o correio começou a chegar. Comecei a receber mensagens dos meus leitores — pessoas, pessoas com todo o tipo de problemas, pessoas educadas a acreditar que não podiam resolver os seus próprios problemas, mas que acreditavam que quase qualquer outra pessoa poderia resolvê-los por elas. Pessoas extraordinárias e cheias de vitalidade, mas a quem tinham sido retiradas as bases por todo o tipo de dogmas psicológicos e religiosos que diziam a mesma coisa: não pode confiar em si próprio, nas suas capacidades ou no seu conhecimento; teorias que constantemente diminuem o indivíduo. Ou seja, os sistemas de crença podem enfraquecer a autonomia individual ao deslocar a autoridade para fora do próprio sujeito.

A realidade dessas pessoas tornou-se parte da minha. Eu podia estar a preparar o jantar, com a mesa posta, a carne no forno, por exemplo, e o telefone tocava. De repente, estava a falar com um desconhecido assustado que iria suicidar-se se Seth não lhe desse ajuda imediata.

Este tipo de situação deixou-me completamente atordoadada. Onde começava e terminava a minha responsabilidade? Seth deveria ser um curador, um conselheiro matrimonial e um mentor, e eu deveria ser a sua assistente — uma Jane para o seu Tarzan metafísico. Muitos médiuns, descobri, especializavam-se precisamente neste tipo de atividade. Se é possível ajudar as

peessoas dessa forma, por que não fazê-lo? Não se tem essa responsabilidade? Por outras palavras, surge o conflito entre ajudar os outros e evitar que essa ajuda substitua a autonomia deles.

No entanto, descobri que muitos médiuns também incentivavam as pessoas a usá-los como muletas; que algumas pessoas a quem tentei ajudar continuavam a voltar em busca de mais ajuda — e em áreas em que eram perfeitamente capazes. E eu sabia que tinha mais para oferecer do que isso. Desde o início, senti que a minha experiência podia conduzir a um conceito de ser que pudesse libertar a experiência religiosa e psíquica da superstição e, literalmente, libertar a nossa consciência, pelo menos em parte, das suas limitações práticas atuais. Ou seja, o verdadeiro valor da experiência não está em substituir a capacidade dos outros, mas em desenvolver a autonomia da consciência¹².

O conceito seria verdadeiro ou falso? Se alguma vez eu saísse desse enquadramento, isso deixaria de importar, porque mesmo em 1971 eu já sentia esse conceito ainda não nascido a atuar em mim e nos meus alunos. As nossas ideias sobre a consciência estavam a transformar a nossa experiência privada do que a consciência é. Ou seja, a validade de um conceito pode residir na transformação que produz, mais do que na sua verificação dentro de categorias tradicionais de verdadeiro ou falso.

Mas somos ensinados a não confiar em nós próprios. Mesmo durante estas aulas de 1971, por exemplo, quanto mais dúvidas eu tinha, mais inteligente, crítica e equilibrada pensava ser. Os orientados cientificamente felicitavam-me pela minha objetividade.

¹² **Explicitação:** a proposta implícita é um modelo de consciência onde o indivíduo recupera agência direta, em vez de depender de autoridades externas — sejam religiosas ou psíquicas.

Os orientados espiritualmente advertiam-me de que o meu intelecto estava a dominar a minha experiência psíquica — mas *queriam dizer* que isso me cegava para a realidade dos bons e maus espíritos e de toda a restante bagagem normalmente associada à aventura mediúnica. Portanto, tanto o pensamento científico como o espiritual podem, cada um à sua maneira, impor limites à experiência, quando tomados como estruturas rígidas.

Encontrava-me, portanto, num impasse. O meu ceticismo não dizia respeito à validade do mundo espiritual, mas ao disparate supersticioso com que essa realidade é interpretada. Os conceitos de Seth e os meus levam-me muito além dessas limitações. Ainda assim, de certa forma estou em desvantagem, porque as teorias de Seth e as minhas continuam em aberto. Seth continua a ter sessões e, ainda recentemente, começou a transmitir material que amplia significativamente o alcance das suas ideias sobre a natureza do ser. Este livro, por si só, apresentará apenas uma introdução à teoria dos Aspetos; também ela ainda se encontra em processo de formação. Ou seja, o modelo não está fechado — é um sistema em desenvolvimento, aberto à expansão.

Nem, ponto importante, nego a realidade da vida após a morte ou a existência de personalidades tão vastas e complexas que parecem eclipsar-nos. É precisamente porque pressinto essa realidade mais ampla que consigo vislumbrar, pelo menos em parte, as maiores capacidades humanas que tornam possível tal percepção. Frequentemente atribuímos aos espíritos capacidades que, na verdade, nos pertencem, simplesmente porque fomos ensinados a acreditar que somos insignificantes. Ou seja, aquilo que é atribuído

a entidades externas pode corresponder a capacidades ainda não reconhecidas da própria consciência humana¹³.

Um dos meus alunos, em particular, diz-me que estou excessivamente preocupada: se fosse suficientemente aberta, perceberia que todos os símbolos significam a mesma coisa. Muitas vezes senti-me tentada a concordar com ele. E aprecio a beleza e a utilidade dos símbolos. O problema é que as pessoas frequentemente esquecem o que os símbolos significam — ou mesmo que representam algo para além de si próprios. A verdade pode desgastar os seus símbolos, tal como as pessoas desgastam as roupas. Portanto, os símbolos são úteis, mas tornam-se limitadores quando são tomados como realidade em si.

Mas por que não chamar simplesmente a Seth um guia espiritual e deixar o assunto por aí? Ou seja, por que não permitir que a interpretação dos outros sobre a minha experiência apague a minha própria? Porque essa é uma excelente forma de perder a visão pessoal. Quem precisa de mais banalidades convencionais vindas de espíritos, vivos ou mortos, a repetir os mesmos dogmas sob novas roupagens, apenas ligeiramente ajustadas às circunstâncias? No entanto, a maioria das comunicações espirituais faz exatamente isso. As pessoas foram ensinadas a estruturar as suas experiências revelatórias únicas através de ideias pré-formatadas. Assim, são cuidadosamente privadas da sua própria visão, e o mundo fica mais pobre por isso. Ou seja, enquadrar a experiência em categorias pré-existentes elimina a sua originalidade e potencial transformador.

Por “visão original”, refiro-me àquilo que é sentido por um indivíduo à sua maneira própria; não pode pertencer a mais

¹³ **Explicitação:** a distinção não é entre “humano” e “espiritual”, mas entre níveis de expressão da mesma consciência.

ninguém, porque não pode ser experienciado da mesma forma por outro. Pode ser registado e traduzido. Mas só sendo fiéis às nossas visões privadas podemos realmente aprender alguma coisa — e muito menos esperar ensinar outros. Ou seja, o conhecimento genuíno nasce da experiência direta e singular, não da repetição de modelos externos.

Isto não quer dizer que curar ou ajudar os outros não seja importante. Deus sabe que não significa que eu não sinta a necessidade deles. Significa que sei que os antigos enquadramentos terapêuticos são profundamente limitados. Sei que criamos a nossa própria realidade, individual e coletivamente, e essa verdade mais ampla tem de ser o meu enquadramento. Só dizendo aos outros que eles próprios formam a sua experiência posso ajudá-los de uma forma que mais ninguém pode. Ou seja, a intervenção mais profunda não é resolver problemas por outros, mas ajudá-los a reconhecer o seu papel na criação da própria experiência¹⁴.

Para fazer isso, tenho de deixar Seth escrever os seus livros. Tenho de estar suficientemente tranquila e energética para seguir a minha própria natureza mística e tentar mostrar aos outros como reconhecer as suas próprias capacidades. Isto significa que não posso dedicar grandes quantidades de tempo a responder a cartas ou a realizar sessões sobre problemas individuais. Muitos outros médiuns, bem como médicos, psicólogos e ministros, prestam esse tipo de assistência — e todos dentro do mesmo enquadramento básico.

¹⁴ **Explicitação:** a realidade não é algo fixo e externo, mas um processo contínuo de construção experiencial, no qual o indivíduo participa ativamente.

Sabia que tinha de me manter afastada de muitas ideias e práticas aceitas no trabalho psíquico, mas era constantemente confrontada com elas. Mesmo com a ajuda de Rob, era um caminho solitário. Como seria muito mais fácil, por exemplo, simplesmente acompanhar a corrente; fingir que dizia o mesmo que os espiritualistas, os gnósticos ou as religiões orientais? Há semelhanças, mas a importância do meu trabalho reside precisamente nas diferenças. Essas diferenças tornar-se-ão evidentes ao longo deste livro. Ou seja, o valor do trabalho está na divergência criativa, não na conformidade.

Com os Aspetos, ainda estou a tatear no escuro. Dei apenas os primeiros passos, mas pelo menos sinto que estou finalmente a seguir na direção certa e que evitei muitos obstáculos que poderiam ter-me atrasado.

Mais uma vez, somos ensinados a duvidar de nós próprios acima de tudo, e a dúvida torna-se a medida da nossa estabilidade. Fomos ensinados a comprimir a nossa experiência vital e visão individual em conceitos antigos, até deixarmos de as reconhecer como nossas. Demasiadas pessoas têm medo de discordar das ideias dominantes, receando que a sua visão privada as faça parecer vulneráveis, estranhas ou até fraudulentas aos olhos dos outros. Isto é, a dúvida excessiva funciona como mecanismo de conformidade, limitando a expressão da experiência individual.

Não que não existam milhares de cultos, estabelecidos em oposição ao sistema dominante; mas também aí, muitas vezes, as pessoas seguem cegamente dogmas que diferem dos principais apenas por parecerem mais exóticos ou coloridos. Seth diz simplesmente:

Vocês criam a vossa própria realidade.

As pessoas não são encorajadas a segui-lo; mas a si próprias. Ele espera dar-lhes confiança na sua própria existência e significado. Ou seja, o foco não é seguir uma autoridade externa, mas reconhecer a própria capacidade criadora da consciência¹⁵.

¹⁵ **Explicitação:** a proposta central desloca a autoridade da experiência do exterior para o próprio sujeito, tornando cada indivíduo responsável pela construção e compreensão da sua realidade.

CAPÍTULO 5

A Reencarnação Torna-se Demasiado Próxima. Nebene e Shirin

O verão de 1971 passou rapidamente. Às segundas e quartas-feiras à noite, depois do jantar, lavava a loiça, dava um pequeno passeio e, por volta das nove, tinha uma sessão de Seth. Seth estava a terminar o seu primeiro livro, *Seth Fala: A Validade Eterna da Alma*. Os últimos capítulos continham algum material relacionado com tempos bíblicos. Nenhum de nós sabia muito sobre a Bíblia, pelo que Rob passou bastante tempo a estudar livros de referência, para que os seus próprios comentários em *Seth Fala* estivessem corretos.

Para sua surpresa, descobriu que as autoridades bíblicas divergiam consideravelmente mesmo quanto às datas de acontecimentos importantes. Para minha surpresa, descobri que Rob ficava bastante irritado enquanto consultava os livros de referência. No início, não liguei muito ao facto: afinal, ele queria que as suas notas fossem rigorosas. Gradualmente, porém, fui-me apercebendo cada vez mais da sua crescente irritação.

Por várias vezes dei com ele a resmungar para si próprio enquanto procurava esta ou aquela data. Uma fúria intensa, embora contida, parecia impeli-lo. Numa noite, estava de pé, de semblante carregado, com um livro aberto sobre a sua mesa de

desenho. O rosto estava pálido, tenso e zangado à luz do candeeiro de braço articulado.

Querido, estás a ter tanto trabalho,
disse-lhe.

As tuas notas precisam mesmo de ser tão detalhadas? Acho que simplesmente não existem datas definitivas para muitos acontecimentos bíblicos.

Mas porquê que não existem?,
exigiu ele.

Depois acrescentou, bruscamente:

Sabes quando nasceu João Baptista?

Como é que eu havia de saber?,
respondi, meio a rir.

Bem, *alguém* devia saber. Estes chamados especialistas não sabem nada.

Voltou-se abruptamente para as suas notas, ignorando-me completamente, e eu, intrigada, regresssei ao meu gabinete.

Na noite seguinte, toda a situação atingiu o seu ponto culminante. Sue Watkins apareceu, trazendo alguns livros de referência — *The Dead Sea Scrolls* e *Caesar and Christ*, de Will Durant. Sue trouxe consigo um amigo, um jovem que já tínhamos conhecido algumas vezes antes. As nossas vozes chegavam até ao estúdio de Rob, eu sabia, por isso esperava que ele viesse juntar-se a nós, sobretudo porque Sue tinha feito um esforço especial para lhe trazer os livros.

Mas Rob continuou a trabalhar nas suas notas durante mais de uma hora antes de finalmente entrar na sala de estar. Então, em vez de cumprimentar Sue e o amigo, Tim, como era habitual, virou-se para os livros e começou a folheá-los com impaciência. Lia algumas passagens, depois olhava com arrogância para mim ou para Sue e dizia:

Estão a ver? Eles não sabem. Estes chamados especialistas contradizem-se constantemente.

Continuou assim durante quase uma hora, lendo passagens e fazendo esse tipo de comentários. Eu não parava de olhar para ele: o Rob, de todas as pessoas, praticamente a encurralar Sue e Tim no sofá enquanto lhes impunha leituras de história religiosa. Não conseguia acreditar.

Nunca tinha visto o Rob comportar-se daquela maneira. Normalmente é um anfitrião muito atencioso, mas sempre que alguém tentava mudar de assunto, ele limitava-se a levantar os olhos com frieza e continuava com a sua leitura e comentários. Cruzei o olhar com Sue. Ela encolheu os ombros de forma cómica.

Querido, por que não nos explicas esses registos e esclareces todas essas datas erradas?,

disse eu, a rir, pensando que a minha pergunta em tom de brincadeira o faria voltar a si.

Em vez disso, virou-se para mim e disse seriamente:

Não percebes? Estou preocupado com a estupidez envolvida. É uma coisa suficientemente simples manter registos.

Sue e eu desatámos a rir. Tentei explicar a Rob como estava a comportar-se de forma diferente do habitual, mas ele não conseguia ver isso. Mais ainda, não havia o menor traço de humor

na sua atitude. Por duas vezes tentei dizer algo, e ele interrompeu-me com tanta rudeza que me senti confusa e humilhada.

No entanto, sou muito sensível aos estados emocionais do Rob, e ele simplesmente não estava zangado comigo. De onde vinha então a raiva que eu sentia? Estaria eu perturbada com o Rob, a esconder isso, e depois a projetar esse sentimento para fora? Não, tinha a certeza de que não era isso. Ainda assim, Rob demonstrava uma forte desaprovação... e essa desaprovação fazia-me, de algum modo, querer provocá-lo. Por fim, Sue e eu começámos ambas a fazer-lhe perguntas sobre os registos, com uma seriedade fingida.

Foi nesse momento que, subitamente, “vi” uma imagem mental nítida e intensa de um homem alto, com uma longa túnica, de pé atrás da cadeira de Rob. Usava um chapéu pontiagudo e tinha um aspeto extremamente severo e desaprovador. A sua presença era inconfundível. Sue estava sentada do outro lado da mesa de centro, de frente para Rob. Algo me levou a olhar para ela no exato momento em que vi a figura. Sue encolheu-se literalmente no sofá, o rosto ruborizado e os olhos bem abertos, fixos. Eu não tinha dito nada sobre o que estava a ver¹.

Involuntariamente disse:

Sue!

— querendo dizer:

O que se passa?

Estou mesmo... com medo do Rob de repente.

¹ **Explicitação:** a imagem do homem não corresponde necessariamente a uma entidade externa, mas a uma configuração de consciência associada a conteúdos emergentes, que se torna perceptível sob forma simbólica. A intensidade da percepção indica uma forte ativação dessa configuração, partilhada, em certa medida, pelos presentes.

Intimidada é uma palavra melhor. Continuava a fitá-lo, visivelmente surpreendida com a sua própria reação.

| **A sério?**

— respondeu Rob com tal inocência que jurei que não fazia ideia do que estava a acontecer. Mas quando lhe disse:

| Querido, acho que sabes mais sobre esses registos bíblicos do que imaginas,

ele respondeu, com uma voz perfeitamente normal:

| **Sim, sei.**

Não sei por que fiz aquele comentário, e continuava a ver o homem de pé atrás da cadeira de Rob. Não queria mencionar a minha visão, esperando que outros pudessem aperceber-se da figura sem qualquer sugestão da minha parte. Sabia que o homem de túnica estava de algum modo ligado tanto a Rob como aos registos².

| Diz-me o que sabes

— disse eu a Rob, mantendo a voz o mais neutra possível.

| Ou faço perguntas, se preferires, e tentas responder automaticamente.

Enquanto falava, tive a sensação de que a figura atrás de Rob queria falar, e pensei que Rob poderia começar a expressar, sem esforço, as ideias dessa outra personalidade. De repente, percebi que Rob estivera a fazer isso durante toda a noite. Ou seja, Rob já

² **Explicitação:** a associação entre a figura e os “registos” sugere que a imagem emerge como forma simbólica de conteúdos relacionados com a temática em foco, organizados segundo o contexto mental do momento.

estava a expressar conteúdos que não reconhecia como próprios, funcionando como um canal para outra configuração de identidade.

Está bem.

— disse Rob. Sue não desviava os olhos do seu rosto. O amigo dela, Tim, não dissera uma única palavra.

O que sabes sobre os registos daquela época?

— perguntei.

Eu mantinha-os

— respondeu Rob, em tom calmo e uniforme.

É por isso que tens estado tão perturbado?

Sim. Eu estive lá.

Conheceste Cristo ou Paulo?

Não, mas ouvi falar deles... eu mantinha registos.

Qual era o teu nome?

Naz... Naz... qualquer coisa. Não consigo apanhar o resto.

Sue fixava Rob com uma intensidade extrema, por isso perguntei-lhe:

Tens alguma coisa a dizer à rapariga no sofá?

Mais uma vez, não sei por que fiz aquela pergunta em particular, exceto pela intensidade de Sue. Rob olhou diretamente para ela e disse:

Deste bastante trabalho.

— Falou calmamente, com a sua própria voz, mas havia nela também uma qualidade estranha. Mal tive tempo de reparar nisso, porque ele e Sue começaram a falar ao mesmo tempo, tão depressa que a conversa se tornava difícil de seguir.

Ambos começaram a descrever uma mesma cena, uma escola em Roma, concordando em tudo — desde a construção do edifício à disposição dos alunos. Sue falava com muito mais emoção do que Rob, mas interrompiam-se constantemente. Rob mencionava um pormenor; Sue dizia impacientemente:

Sim, sim, claro, e lembras-te

— e lá continuavam. Segundo a conversa, Rob tinha sido um professor chamado Nebene numa escola dirigida pelos pais de Sue naquela época³.

Fiquei surpreendida por várias razões. Até então, a “experiência psíquica” de Rob centrara-se nas suas pinturas e em vários tipos de imagens internas ou exteriorizadas que usava como modelos. Fora isso, e de algumas experiências fora do corpo, deixara mais ou menos a experimentação psíquica ao meu cargo. Sabia também que ele estava bem consciente dos meus sentimentos ambíguos em relação aos Dramas Reencarnacionais nas aulas.

Enquanto Sue e Rob falavam, eu continuava a sentir o homem atrás da cadeira de Rob. Finalmente, ele voltou a sua atenção para mim. Queria que eu funcionasse como intermediária psíquica, e agora já não havia dúvida quanto à sua identidade: tratava-se de Nebene. Rob acompanhava a experiência, mas era evidente para

³ **Explicitação:** a cena pode corresponder à reativação de conteúdos associados a uma experiência passada, mas manifesta-se no presente como uma configuração experiencial organizada, em que esses conteúdos são reencenados, reinterpretados e integrados no contexto atual.

mim que também estava cauteloso e a conter emoções fortes por consideração a Sue. Essa contenção irritava Nebene. Eu tinha dificuldade em acompanhar a conversa animada de Sue e Rob, enquanto, ao mesmo tempo, Nebene continuava a comunicar comigo mentalmente, querendo que eu tornasse a sua presença conhecida⁴.

Interrompi então a conversa e descrevi a imagem de Nebene. Depois levantei-me e coloquei-me atrás da cadeira de Rob para indicar onde a forma se encontrava.

Assim que o fiz, o “invisível” Nebene gritou-me mentalmente:

Faz com que ele lhe fale da tabuinha de argila! Diz-lhe o que isso significava. Diz-lhe o que significava para a escola!

Estava claramente furioso, e agora pronto para falar através de mim.

Contive-me e decidi transmitir a mensagem em vez disso. Por um lado, a atitude de Nebene para comigo não me conquistava propriamente. Considerava-me frívola, inferior, e não compreendia como alguém assim podia ser tão dotado psiquicamente. Percebi imediatamente o seu carácter fortemente disciplinado, mas as suas tendências perfeccionistas tinham dominado completamente a sua criatividade. Não gostei dele; e recusei-me a falar por ele, embora isso me exigisse bastante esforço. A minha própria voz parecia um sussurro comparada com a sua voz mental a gritar-me, mas disse a Rob:

⁴ **Explicitação:** a identificação de “Nebene” corresponde à organização de um conjunto de conteúdos como um centro de identidade coerente dentro da experiência. Essa identidade pode ser entendida como um aspeto do self — eventualmente associado a outras experiências do indivíduo — que se manifesta no presente sob forma simbólica, relacional e narrativa, sem que, neste momento, seja necessário determinar se corresponde a uma memória passada, a uma configuração emergente, ou a ambas.

| Conta-lhe sobre a vez em que ela partiu a tabuinha de argila.

Sue gritou:

| Oh!

— antes de eu terminar.

Toda a cordialidade desapareceu da voz de Rob:

| **Partiste a tabuinha ao meio. Deliberadamente.**

| E eu fugi para casa. E tu contaste ao meu pai.

— Sue estava quase a chorar.

Nesse momento, Nebene voltou a tentar que eu falasse por ele, e eu recusei novamente. Ao fazê-lo, Sue ergueu os olhos e susteve a respiração, e Rob voltou-se subitamente para mim.

| O rosto da Jane está a mudar

— exclamou Sue. E eu própria me sentia estranha; mais alta, tensa, quase fria. Acima de tudo, sentia como se os meus traços fossem mais envelhecidos, o queixo a tornar-se rígido, e os lábios comprimidos e contraídos⁵.

| **Querida, estás bem?**

— perguntou Rob.

Assenti, meio irritada e meio divertida, porque, através da preocupação de Rob, Nebene compreendeu subitamente que éramos marido e mulher. Recuou, carrancudo. Quando Rob me segurou a mão por um momento, os meus traços normalizaram-se. Mentalmente disse a Nebene o que pensava dele. Ainda assim,

⁵ **Explicitação:** a alteração da percepção do corpo e dos traços faciais indica uma mudança no padrão de identificação da consciência, em que diferentes configurações do self podem influenciar temporariamente a experiência corporal e a autopercepção.

impressionou-me a mobilidade das suas reações e o facto de o nosso presente não lhe ser conhecido de antemão. Pelo menos, não parecia ser, pois ficou bastante surpreendido ao descobrir que Rob era casado. Na verdade, a preocupação de Rob por mim tirou algum ímpeto a Nebene e, por fim, deixei de sentir a sua presença.

Rob, Sue e eu estávamos todos cansados. Decidimos que cada um escreveria as suas próprias notas sobre o que tinha acontecido e demos a noite por terminada. Já na cama, enquanto adormecia, Rob voltou-se para mim e disse, sonolento:

O meu pai também estava naquela aula. Acabei de o ver... como uma rapariga.

Logo após o pequeno-almoço na manhã seguinte, o telefone tocou. Era Sue. Falava excitada, mas aos poucos percebi o que tinha acontecido. Tinha começado a escrever o seu relato do episódio de Nebene quando, de repente, a escrita automática tomou conta dela e começou a escrever como a rapariga que fora aluna de Nebene. O nome dela era então Shirin. As folhas encheram-se rapidamente com a caligrafia irregular de Shirin⁶.

Quando a escrita cessou, Sue retomou as tarefas domésticas. No entanto, enquanto varria o chão, foi invadida por uma profunda sensação de tristeza. Alarmada, ficou ali parada, até perceber que se tratava do sofrimento de Shirin pela morte de um irmão, naquele passado⁷.

Tem sido uma manhã e tanto

⁶ **Explicitação:** a “escrita automática” pode ser entendida como a expressão de conteúdos que emergem fora do controlo consciente habitual, organizados segundo uma identidade experiencial específica.

⁷ **Explicitação:** a emoção vivida não é necessariamente uma memória literal, mas uma reativação experiencial associada à configuração de identidade que se tornou dominante naquele momento.

— disse Sue, prometendo trazer as notas nessa noite.

Era sexta-feira e também esperávamos a visita dos nossos amigos Peg e Bill Gallagher. No entanto, Sue chegou primeiro nessa noite. Corando, fez uma piada sobre uma “tarte para o professor” e pousou uma tarte caseira e um pack de seis cervejas. Um gesto para Nebene, pensei; mas Rob ainda estava no estúdio a pintar. Com ar embaraçado, Sue entregou-me as notas, e eu comecei a lê-las enquanto esperávamos por Rob e pelos Gallagher.

Havia várias páginas. Vou citar aqui alguns parágrafos, porque o episódio referido era extremamente relevante para a relação entre Nebene e Shirin. Enquanto lia, sentia o olhar atento de Sue. O texto dirige-se a Nebene.

Houve algo que disseste um dia na aula, algo por que me ralhaste mesmo a sério. Perdeste o controlo e atacaste-me de todos os lados, porque eu não ligava às lições nem às fórmulas e regras estúpidas, e gritaste que eu não era melhor do que as prostitutas analfabetas de Roma e que era nisso que me tornaria.

Disseste isso à frente de todos aqueles miúdos, e eu, furiosa, agarrei nas tabuinhas — aquelas que tinhas ido buscar à Grécia — e esmaguei-as contra a parede, com toda a força, smash, smash, smash, contra a parede, e os pedaços voaram por toda a sala, e o barulho ainda ecoava quando eu corria a gritar pelo corredor.

Corri até casa e fui ter com o meu pai. Ainda gritava de fúria, mas ele não simpatizou comigo. Castigou-me por ter feito algo terrível contigo, porque te respeitava e compreendia. O meu pai era um homem calmo e firme, e vocês falavam muito. Eu odiei-te durante muito tempo depois disso, mas o meu pai obrigou-me a voltar à escola. Não olhava para ti nem te ouvia, acontecesse o que acontecesse. Mas eu sabia que tinha destruído algo muito precioso para ti, e sentia-me mal por isso, embora tivesse orgulho — oh Deus, como eu tinha orgulho — e não consegui dizer-te nada depois disso.

Na verdade, todo este trecho foi escrito quase como uma única frase longa, separada aqui e ali por “e”. As palavras “smash, smash, smash” estavam em maiúsculas e sublinhadas. Uma emoção fresca parecia jorrar das palavras escritas, e quase do próprio papel.⁸ Senti-me quase embaraçada ao encontrar o olhar de Sue, mas mal terminei de ler as notas, os Gallagher bateram à porta. Um momento depois, Rob saiu do estúdio. Entreguei-lhe as notas.

O ambiente devia estar carregado, porque os Gallagher pararam a meio da sala antes de se sentarem.

O que se passa?

— perguntou Bill.

Nada

— disse Rob, sentando-se imediatamente para ler as notas. Sorri, um pouco desconfortável, e disse algo como:

O Rob e a Sue estão numa espécie de coisa de vidas passadas.

Sue encolheu os ombros, e eu e os Gallagher iniciámos uma conversa trivial.

Entretanto, num movimento tão suave que quase me escapou, Sue deslizou do sofá e sentou-se no chão à sua frente. Apoiou os cotovelos na mesa de centro e ficou a olhar fixamente para Rob enquanto ele lia. Percebi de imediato que a sua linguagem corporal era significativa: tinha adotado a mesma posição em relação a Rob que descrevera em relação a Nebene na sala de aula.

Rob continuou a ler.

⁸ **Explicitação:** a intensidade emocional expressa sugere que a experiência não é apenas recordada, mas revivida, como uma configuração ativa no presente.

Então?

— disse Sue, com um leve tom de desafio.

Acabei de ler isto agora mesmo

— respondeu Rob.

A parte de que mais me recordo é a descrição do teu pai. Vejo-o tão claramente na minha mente que poderia pintar o seu retrato neste momento. Não me lembro de te ter gritado, como dizes.

E Sue era Sue-Shirin, ou Shirin-Sue. Rob soava mais ou menos como ele próprio, embora fosse evidente que falava com Shirin, mas Sue parecia muito mais Shirin do que Rob parecia Nebene.

Não te lembras?

— gritou.

Chamaste-me prostituta à frente de toda a turma. Isso perseguiu-me quase toda a vida, e não te lembras?

Se foi isso que disse, então lamento. A sério

— respondeu Rob.

Mas o teu pai está muito mais vivo na minha memória — se é que queres chamar-lhe memória — do que tu.

Tive a sensação de que Sue-Shirin ia chorar. E Rob estava a bloquear Nebene — de forma tranquila, teimosa, mas bastante eficaz. Assim que Rob disse que se lembrava melhor do pai de Shirin do que dela, a Shirin-em-Sue começou a provocar o Nebene-em-Rob, tentando fazê-lo emergir. Desafiava-o a mostrar-se, enquanto

Rob, eu sabia, estava igualmente determinado a manter o controlo⁹.

Sue disse, com aparente inocência:

Seria interessante descobrir mais sobre esses registos antigos.

Estou disposto

— disse Rob, mas a sua voz era suave e pouco comprometida.

Sue franziu o sobrolho, e percebi que a Shirin-em-Sue exigia a atenção de Nebene, como fazia antigamente, enquanto Rob reagia exatamente como Nebene, recusando-lha — embora agora por razões totalmente diferentes.

Apontei isso a Rob. Quando o fiz, ele olhou diretamente para Sue e disse:

Lamento; e mudaste muito. Mas eu também.

E, sem transição, foi à cozinha buscar mais cerveja.

Mal tinha atravessado a porta, Sue gritou e apontou para a entrada:

É ele, o Nebene. Tridimensional.

Bill Gallagher agarrou numa caneta e começou a anotar a descrição que Sue lhe ia sussurrando, sem nunca desviar os olhos da porta.

Nebene era sólido, não fantasmagórico, com cerca de um metro e setenta e cinco. Vestia uma túnica azul-escura com mangas largas, aparentemente a mesma em que eu o tinha visto

⁹ **Explicitação:** a alternância entre “Sue” e “Shirin”, ou “Rob” e “Nebene”, indica uma sobreposição de configurações de identidade, em que diferentes eus podem manifestar-se com maior ou menor predominância, influenciando comportamento, memória e expressão emocional.

mentalmente na noite anterior. Era magro, com os tendões do pescoço salientes. O nariz era comprido e a parte inferior do rosto encovada. Os lábios contraídos num sorriso rígido e contido. Parecia ter cerca de quarenta e cinco anos.

Sue viu-o durante vários minutos, depois ele desapareceu. Quando Rob regressou, tudo tinha terminado.

A descrição de Sue coincidia com a imagem mental que eu tinha de Nebene, embora desta vez eu não tivesse visto nada. Nem Peg nem Bill tinham visto. Rob também não parecia minimamente surpreendido. A conversa voltou aos tempos bíblicos e aos Manuscritos do Mar Morto, assuntos sobre os quais sei pouco e que, naquela noite, não me interessavam de todo. Fiquei ali sentada, a ouvir, deixando as palavras passarem-me ao lado. O meu olhar desviou-se para Sue, que ainda estava sentada no chão. Também não participava na conversa.

Então fiz um duplo olhar. Aquela rapariga não era Sue. Tinha a mesma coloração e traços gerais, mas aí terminava a semelhança. Espreitando através dos olhos de Sue, Shirin mostrava-se de forma tão evidente que sustive a respiração. Impressionou-me de imediato como invulgarmente viva, imediata e vital — fosse quem fosse ou o que quer que estivesse a acontecer. A personalidade que emergia através de Sue era tão responsiva e ágil como um animal.

Enquanto observava, Shirin “tomou conta” completamente dos traços de Sue. A transformação era fascinante de ver. Shirin olhava com uma curiosidade combativa para a sala, examinando cada objeto sobre a mesa. Havia uma forte sensação de comportamento encoberto, um prazer astuto em conseguir fazer aquilo que estava a fazer, e uma determinação em tirar o máximo partido da

oportunidade. Click, click, click — via-se claramente como registava cada detalhe para uso futuro¹⁰.

Para mim, ela parecia uma miúda gananciosa, suja e desagradável, com cerca de doze ou treze anos; astuta, altamente inteligente, cheia de energia, mas não amada e furiosa com o mundo. Não ousei chamar a atenção para ela, com receio de que desaparecesse. Rob e os Gallagher continuavam a conversa animada, completamente absorvidos.

Fiquei ali, atônita, a observar. No entanto, senti uma profunda compaixão pela rapariga, porque esta era a verdadeira Shirin — não a pequena senhora sugerida em certas passagens das notas de Sue (não incluídas aqui), onde ela valorizava muito a riqueza e a posição social dos pais. Esta era uma criança vulgar e desamparada — e suficientemente inteligente para o saber.

No início, os seus olhos estreitos e atentos percorriam os objetos. O que eram aquelas coisas? Para que serviam? Era visível o questionamento. Depois, enquanto eu observava, a cabeça baixou, o maxilar avançou, e num movimento rápido de lado, Shirin olhou fixamente para Peg Gallagher. Um olhar completo. Depois voltou a baixar a cabeça. Repetiu o gesto com Bill e depois — triunfante — com Rob.

Quase soltei um suspiro. Aquela rapariga estava viva, ali, naquele momento. Lembrei-me de Joel a falar por Dave na aula. Como a atuação de Joel parecia artificial ou unidimensional em comparação com a vitalidade autêntica de Shirin! Enquanto pensava nisso, Shirin voltou a olhar para Rob. Desta vez,

¹⁰ **Explicitação:** a percepção de Shirin não implica uma substituição física da pessoa, mas uma alteração no padrão de expressão da consciência, em que uma configuração de identidade se torna dominante e reorganiza temporariamente a percepção e a expressão corporal.

involuntariamente, murmurei o seu nome. Rob interrompeu-se a meio da frase, virou-se para mim, e Shirin desapareceu num instante¹¹.

Expliquei o que tinha acontecido. Os Gallagher não tinham notado nada — estavam completamente absorvidos na conversa. Rob, porém, tinha sentido a presença de Shirin, e penso que evitou deliberadamente a situação por consideração por Sue. Sue, por sua vez, tinha estado consciente dos sentimentos e reações de Shirin o tempo todo.

Conseguia senti-la a espreitar para um mundo que lhe era estranho; a observar de perto Nebene, ou quem Nebene é agora.

— Sue sorriu e acrescentou:

Ela não conseguia perceber como é que o Rob e eu somos amigos, ou como é que eu já não estou numa posição subordinada.

Mas eu estava a olhar para Rob com desconforto, e de repente comecei a fazer uma ligação por mim mesma. Eu também conhecia Nebene, mas de outra forma. E quanto àquelas ocasiões no nosso casamento em que Rob parecia tomado por uma frieza invulgar? Quando uma insistência implacável na perfeição se apoderava subitamente dele? Essas características surgiam de vez em quando, aparentemente do nada, e depois desapareciam. E eu reagia então a Rob exatamente como reagira a Nebene¹². Que papel teria Nebene desempenhado no nosso casamento?

¹¹ **Explicitação:** a “desaparição” ocorre quando o foco da consciência se altera, interrompendo a configuração que sustentava a manifestação anterior.

¹² **Explicitação:** estas mudanças de comportamento podem ser entendidas como a ativação temporária de diferentes configurações de identidade dentro do mesmo indivíduo, que influenciam atitudes, emoções e padrões de relação.

Disse o que estava a pensar e perguntei em voz alta que tipo de observações minhas poderiam desencadear respostas semelhantes às de Nebene em Rob. Antes que Rob pudesse responder, Sue interveio tão rapidamente que as palavras se atropelavam:

— disse. | Espera. Já percebi

Cada um de nós relaciona-se com certos aspetos passados de si próprio, e também dos outros. É como resolver problemas em vários níveis ao mesmo tempo; um acontecimento no presente funciona como um íman que atrai uma personalidade que, digamos, viveu há três séculos.

Por um momento ficámos em silêncio. Estávamos à beira de compreender. Peg Gallagher disse lentamente:

Como Nebene e Shirin, a resolverem antigos problemas esta noite, no nosso presente.

Mas também no presente deles!

— quase gritei, porque tive outro vislumbre de Shirin, espreitando através dos olhos de Sue. Raramente vi emoção tão pura expressa de forma tão honesta e clara no rosto de alguém, refletindo com tanta precisão as formas interiores do ser. Estaria Shirin a “nascer” naquela noite, perguntei-me, trazida à existência em resposta a um Nebene que era a personificação de certos elementos ocultos do ser de Rob?¹³

¹³ **Explicitação:** a ideia de “nascimento” refere-se à formação ativa de uma configuração de identidade na experiência presente, e não necessariamente ao surgimento literal de uma nova entidade.

Precisaria um Nebene de uma Shirin, e vice-versa? Estariam estas duas personalidades a atualizar-se com uma rapidez extraordinária, captando memórias literalmente do ar? Estaríamos a assistir ao nascimento da personalidade, vendo em forma acelerada um processo que talvez ocorra constantemente em nós, manifestando-se apenas, normalmente, nas mudanças graduais que apresentamos ao longo do tempo?¹⁴

Ou estaríamos a ver duas pessoas que, nos nossos termos, morreram muito antes de qualquer um de nós ter nascido? Se assim fosse, então “Ó morte, onde está o teu agulhão?”, pensei, porque garanto que Nebene e Shirin estão tão vivos como eu. Olhei para Rob. Parecia completamente ele próprio. Então para onde tinha ido Nebene?

Outros eus a cintilar dentro e fora do nosso campo de perceção...? Outros estados (antes nossos?), a subir pelas escadas das moléculas? Mais uma vez, tive um vislumbre de um conhecimento que poderia iluminar profundamente os nossos conceitos atuais e lançar nova luz sobre o nosso comportamento. Mas só um ano depois compreenderia o significado daquela noite.¹⁵

As emoções intensas que tinham carregado a sala dissiparam-se, mas ainda descíamos colinas psicológicas invisíveis. A certa altura, Sue voltou a perguntar a Rob sobre os registos. Ele levantou os olhos e disse, de forma distraída:

¹⁴ **Explicitação:** estas questões apontam para a possibilidade de que a identidade não seja fixa, mas um processo dinâmico de organização contínua, no qual diferentes configurações podem emergir, interagir e atualizar-se.

¹⁵ **Explicitação:** estas imagens sugerem a coexistência de múltiplas configurações de identidade, que podem emergir e desaparecer conforme o estado da consciência.

Eu estava acima do cidadão comum. Sabia muito do que se passava, por causa do meu trabalho. Foi por volta do ano 30 d.C. Alguns dos registos deixei na zona noroeste movimentada de Nazaré... Zabodee.

Fez uma pausa, pestanejando.

Não sei por que disse isto, nem de onde veio, mas há mais registos. Escondi-os fora de Damasco, em cavernas. Ela sabe.

— E apontou para Peg Gallagher.

Peg ficou simplesmente a olhar para ele.

Tu sabes

— disse ele.

Os olhos de Peg arregalaram-se.

Estou a ver qualquer coisa

— disse.

Uma árvore grande numa colina; não, é um planalto de topo plano. Tem uma cor alaranjada. Estou quase a perceber um nome.

Her—rog—bah

— disse eu de repente, separando as sílabas.

É isso

— respondeu Peg.

E Sue era subitamente Shirin. Voltou-se para Bill Gallagher, os músculos da garganta a moverem-se compulsivamente.

Tu... tu...

As palavras, ditas com fúria, ficaram-se por ali, antes de Sue se conter e regressar a si mesma.¹⁶

O que se passa?

— perguntou Bill.

Eu também estava lá? Fiz-te alguma coisa?

— Estava a brincar, mas o rosto estava vermelho, ainda chocado com a intensidade de Shirin.

Sue corou.

Eras um soldado; pelo menos, é isso que estou a captar. Um tipo velho e sujo.¹⁷

Bill não disse mais nada durante o resto da noite. Pouco depois, afirmou que era altura de ir embora. Habitualmente tinha sempre uma palavra especial para Sue antes de sair, mas nessa noite passou por ela como se não estivesse ali.

Tínhamos comido a tarte de Sue. Disse-lhe para esperar enquanto lavava o prato. Em vez disso, Rob levou-o para a cozinha, lavou-o e devolveu-o a Sue com um gesto particularmente galante.

Nebene, pensei, a compensar.¹⁸

A noite terminou, mas as suas implicações permaneceram na minha mente, e as questões que levantava ficaram sem resposta. Ainda não tínhamos terminado com Nebene e Shirin, mas não me surpreenderia nada se alguns dos conceitos da Psicologia dos

¹⁶ **Explicitação:** a transição abrupta indica uma mudança momentânea na configuração de identidade dominante, rapidamente interrompida pelo restabelecimento do controlo consciente.

¹⁷ **Explicitação:** a percepção surge como uma associação experiencial, não necessariamente como uma identificação factual literal.

¹⁸ **Explicitação:** a interpretação de “Nebene” aqui reflete a leitura da situação através do enquadramento experiencial anterior, onde diferentes padrões de comportamento são associados a configurações de identidade distintas.

Aspetos tivessem nascido nessa noite. Se assim foi, então Nebene e Shirin prestaram-nos um serviço maior do que imaginávamos.

CAPÍTULO 6

“Outro Universo”, Uma Flor Vinda De Parte Nenhuma, E Uma Turma De Escrita Torna-se “Psíquica”

À medida que o verão avançava, o fluxo e refluxo normais da vida pareciam tocar-nos com uma intensidade crescente. O pai de Rob tinha morrido no inverno anterior. A mãe dele vivia agora sozinha na casa de família, em Sayre, Pensilvânia, a cerca de vinte milhas de distância. Não queria abdicar da casa — e, ao mesmo tempo, não via a hora de se livrar dela. A sua saúde começou a deteriorar-se, e passávamos todos os domingos com ela. Por vezes, visitávamo-la também durante a semana. Chegava a passar meses seguidos em casa de outros filhos, onde tinha um quarto só para si, mas podia participar na vida familiar.

Nós cuidávamos dela “deste lado”. Surgiam inúmeras pequenas crises, que logo desapareciam. Ainda assim, a Mãe Butts era extraordinariamente resiliente. Desenvolveu uma úlcera e livrou-se dela em cerca de três meses. Fomos com ela ao hospital para uma consulta de rotina. Houve uma espera de quase duas horas na sala de espera, pois ela iria ser atendida por um novo médico. Quando chamaram o nome dela, o Rob entrou com ela no consultório. Eu decidi ficar onde estava.

Por fim, comecei a ficar inquieta e aborrecida com as revistas já antigas que estavam disponíveis, e resolvi procurar o consultório do

médico. Havia um longo corredor, e segui por ele. Era prosaico, cinzento, institucional.

Ouvi a voz da minha sogra enquanto avançava pelo corredor e me aproximava de um dos gabinetes. A porta estava aberta. Entrei e parei logo à entrada. O Rob e a mãe estavam sentados de um lado da sala. O médico — um jovem magro, de cabelo escuro e óculos — estava de frente para mim e para a porta. Atrás dele, uma cortina ondulava com o vento, e pela janela via-se a rua, três andares abaixo.

Não tenho a certeza do que aconteceu a seguir. O médico olhou para cima e viu-me. Instantaneamente, estendeu o braço num gesto estranhíssimo, descrevendo um arco amplo, como se me chamasse para os seus braços.

Fiquei em branco. Nem por um instante questioneei o gesto, o seu significado, ou o próprio médico. Automaticamente, atravessei a sala na sua direção.

Ao longe, ouvi o Rob dizer:

Esta é a minha mulher,

mas eu já tinha passado por ele e pela cadeira que ele tinha deixado para mim. Naquele instante, a minha relação era com o médico. O Rob e a mãe dele eram os estranhos. Sem pensar, entrei no semicírculo aberto e acolhedor dos braços do médico.

Então, com a mesma rapidez, recuperei. Mas o que é que eu estava a fazer? Encontrava-me numa posição que não conseguia racionalizar nem justificar. No mesmo instante, o médico pestanejou. Baixou o braço, devagar e de forma constrangida, como se se perguntasse como é que ele ali tinha ido parar. Fiquei reduzida a recuar como melhor pude. Não havia maneira de disfarçar a retirada.

O Rob ergueu o olhar no último momento. Disse-me que tinha visto o médico fazer um gesto estranho de chamamento, ao qual eu respondera. Na altura, aceitei o gesto como natural. Mais tarde, percebi que havia nele algo de arcaico, nada habitual no nosso tempo ou país. O movimento do braço parecia criar espaço para a queda natural das pregas de uma túnica ou de uma manga longa e ampla.

Apesar disso, após o incidente, não houve embaraço de parte a parte durante o resto da visita. Por um lado, era como se nada tivesse acontecido; por outro, como se o que acontecera fosse tão inevitável que não havia razão para o discutir.

A própria facilidade dos meus movimentos e a aceitação sem questionamento contrastavam tanto com o meu comportamento habitual que fiquei quase alarmada. O Dr. W. e eu tínhamos uma constituição física semelhante, magra e de ossatura leve, e ambos tínhamos cabelo escuro e óculos. Teriam estas semelhanças provocado uma espécie de empatia e compreensão instantâneas? Tentei convencer-me disso, mas já tinha sentido empatia por outras pessoas — e nunca me encontrara nos braços de outro homem enquanto o meu marido e a minha sogra observavam.

Felizmente, a Mãe Butts estava à procura de outra receita médica na mala quando tudo isto aconteceu, e não reparou em nada. A estranha relação entre o médico e eu prosseguiu sob a conversa normal sobre o estado dela. Não havia nada de particularmente sexual nisso. Mais tarde, ao discutirmos o episódio, percebi que

sentia como se o médico e eu fôssemos colegas queridos, mas num outro nível de experiência — ou noutra vida¹.

Ainda assim, não perguntei a Seth o que estava envolvido, nem tentei descobrir por mim mesma. A rir, interroguei-me sobre o que o médico teria pensado depois, ou como teria racionalizado o seu comportamento. Alguns meses mais tarde, quando começou o desenvolvimento do *Sumari*, compreendi pelo menos uma razão para o reconhecimento instantâneo que sentimos. E agora pergunto-me se aquele encontro não terá sido um gatilho, entre outros, a iniciar acontecimentos futuros. A Mãe Butts teve outra consulta com o Dr. W., mas eu fiquei propositadamente em casa. Tinha muito que fazer.

Vivíamos há anos no mesmo apartamento espaçoso, com quatro divisões. A grande sala de estar servia de área de escrita, e fazíamos as refeições na mesa grande junto às janelas em sacada. Agora, a sala servia também de sala de aula às terças-feiras à noite. Além disso, eu tinha começado uma pequena turma de escrita criativa. Estávamos a ficar sem espaço.

Nessa altura, o apartamento do outro lado do corredor ficou vago, e nós alugámo-lo. Passámos a ter nove divisões grandes e, ao fechar as portas do corredor, ficámos com toda a parte de trás do segundo andar. Instalei-me na nova sala de estar e transformei-a no meu estúdio. Usámos a ala posterior como quarto. Assim, o Rob ficou com um estúdio de duas divisões no apartamento original; e, exceto pelo quarto que partilhávamos, eu tinha o equivalente a uma suite própria do outro lado do corredor.

¹ **Explicitação:** o que é descrito como “outra vida” pode ser entendido como uma configuração alternativa de identidade e relação — não uma deslocação temporal literal, mas uma sobreposição de enquadramentos experienciados que, por um momento, se alinham e tornam operativa uma familiaridade não mediada pelo contexto atual.

Ao lado do meu estúdio há uma pequena cozinha que antes era uma marquise. É quase toda envidraçada; janelas antigas, feitas de pequenos painéis que abrem para fora. Quando nos mudámos, era julho, e essas janelas estavam a poucos centímetros das folhas de um enorme carvalho. A minha própria casa na árvore! Sentava-me ali, a beber café, a olhar para fora, durante horas a fio.

E algo começou a acontecer. Sentia como se eu e as folhas estivéssemos a trocar de lugar. Sentia-me solar, quente, solta, suspensa lá fora; e, do ponto de vista de uma folha, via-me a mim própria do outro lado das janelas abertas, sentada à mesa. Eu sabia, a partir da folha, como era a minha aparência, mas a folha percecionava o meu... padrão, identificando-o pela forma e pela sombra. Isto aconteceu repetidamente.²

A qualidade da minha percepção estava a aprofundar-se de uma forma nova. As dimensões do momento presente abriam-se; de tal modo que, em qualquer instante, o cenário habitual do quintal — com as suas árvores, relvados e jardins — ganhava subitamente uma vida nova e espetacular; uma vida que sempre estivera ali, mas com a qual eu apenas começava a familiarizar-me. Alguns dos momentos mais felizes da minha vida adulta começaram então.³

Tirámos férias para decorar o novo apartamento e, de repente, comecei a escrever com novos surtos de energia, iniciando uma autobiografia e um livro sobre as experiências da nossa turma. Este último viria a chamar-se *Aventuras na Consciência*, e grande parte

² **Explicitação:** aqui, a identidade experiencial não se fixa num único centro (“eu humano”), mas redistribui-se por diferentes pontos de vista operacionais; o “ver como folha” corresponde a uma reconfiguração do sistema de referência perceptivo, onde o self se organiza segundo outro modo de discriminação (forma/sombra em vez de identidade pessoal).

³ **Explicitação:** o “aprofundamento” não implica acrescentar conteúdo ao real, mas alterar a resolução do enquadramento experiencial — o mesmo campo perceptivo reorganiza-se, revelando camadas que antes não estavam operativas para o self.

do seu material está incluído na primeira secção deste livro. Ao mesmo tempo, continuava a questionar tudo — desde os dramas reencarnacionais até à natureza de Seth. Mas aquelas folhas sussurrantes envolviam todo o lado leste da casa; e, mesmo quando escrevia, mal conseguia desviar os olhos dos enormes ramos.

Escrevia cerca de cinco horas por dia; a turma de *PES (Percepção Extrassensorial)*⁴ estava cheia; e Seth estava a concluir *Seth Fala* em sessões regulares. O meu projeto de eleição, no entanto, era a pequena turma de escrita criativa. Tinha apenas duas mulheres. As aulas decorriam na grande sala de estar, às quartas-feiras à tarde — um dia pouco favorável, na verdade, já que a turma de PES se prolongava pela noite de terça-feira, e quarta-feira era também noite de sessão de Seth. Parecia que estava sempre a correr, e, por vezes, às quartas-feiras, a minha própria escrita ficava por fazer.

Ainda assim, a turma tinha uma espécie de magia. Tinha-a iniciado deliberadamente como uma distração; enfatizava a escrita e as artes, e o objetivo era utilizar a flexibilidade da consciência como método de escrita. Contudo, para minha surpresa, dei por mim a deslocar cada vez mais o foco para a experimentação psíquica, e ensaiámos vários exercícios que seriam difíceis de realizar num grupo maior.

A aluna mais jovem, Mattie, começou a produzir textos de grande qualidade. O trabalho evoluiu para um pequeno romance intitulado *Bernard*, sobre um escritor na Inglaterra do século XVII. Mattie já tinha escrito na universidade, nos anos cinquenta. Agora, com os

⁴ **Explicitação:** a PES pode ser interpretada não como “um sexto sentido”, mas como a capacidade de o self reconfigurar o seu ponto de acesso à informação, deslocando-se para outros modos de organização experiencial onde essa informação já está disponível. Portanto, a turma de PES não se trata apenas de “fenómenos psíquicos” no sentido popular, mas é um espaço experimental onde a consciência é treinada para variar o seu enquadramento perceptivo e aceder a informação fora do circuito sensorial habitual.

filhos na escola, queria desenvolver as suas capacidades. Bernard era aquilo a que muitos chamariam uma escrita automática, mas nós não lhe atribuíamos rótulos. Quando terminava as tarefas diárias, sentava-se à máquina de escrever e a personagem de *Bernard* “vinha através” dela com tal rapidez que mal conseguia registar todas as palavras. A escrita era muito superior ao trabalho de Mattie no seu nível habitual de consciência.

Bernard contava a sua história na primeira pessoa, e Mattie via todas as cenas que ele descrevia. A Louise — a outra aluna — e eu aguardávamos sempre com expectativa as últimas peripécias de Bernard. Ainda assim, algo aconteceu numa das aulas que nos tornou ainda mais conscientes de Bernard; e apresentou-me mais um episódio demasiado estranho para caber no quadro habitual de conceitos e referências.

O cenário era suficientemente prosaico: nós as três, sob o sol das duas da tarde, com café e bolachas na mesa, papéis e manuscritos espalhados por todo o lado, e o ruído do trânsito a subir intensamente pelas janelas abertas, a partir do cruzamento lá em baixo.

Na verdade, a aula começou num tom humorístico, pelo menos para mim. Mattie e Louise entraram apressadas, excitadas e satisfeitas consigo próprias. Mattie tinha pouco mais de trinta anos, Louise estava perto dos sessenta, e tinham-se tornado boas amigas. Olhei para elas com leve surpresa, porque estavam mais arranjadas do que o habitual. Tinham passado a manhã juntas no Wednesday Morning Club da Louise. Ela disse que raramente ia, mas a reunião incluía um orador que queria ouvir.

Foram até lá sentindo-se algo deslocadas entre as senhoras mais convencionais. Creio que se viam como conspiradoras, mas tudo

era muito divertido porque, claro, não eram “assim tão fora do normal”. Simplesmente não usavam chapéus nem luvas — mas usavam meias, saltos altos e vestidos de tarde, e nenhum cabelo saía do lugar nos seus penteados cuidados.

Achei tudo isto deliciosamente hilariante à luz dos papéis de rebeldia que tinham atribuído a si próprias. Se tivessem ido à reunião de calças de ganga, isso seria outra coisa. Mas, de qualquer modo, a reunião fez-lhes o dia, e estavam como crianças saídas da escola, a rir-se da ideia de que as outras senhoras pudessem achá-las excêntricas — e sem se importarem com isso.

Depois, Mattie leu o mais recente excerto de Bernard. Tratava de uma experiência de masturbação angustiante, escrita com perspicácia, autenticidade e uma compreensão muito mais profunda das questões fundamentais do que Mattie normalmente demonstrava. Isto vindo de uma jovem cuja ideia de liberdade era não usar chapéu num Wednesday Morning Club!

Pela primeira vez, fui atingida pelas diferenças significativas entre a Mattie habitual e a autora de Bernard. Começámos a discutir todo o fenómeno. Teria Mattie vivido outrora como Bernard? Estaria um Bernard independente a ditar-lhe o texto?

Ou seria o seu próprio eu criativo mais amplo a assegurar que ela utilizava as suas capacidades de escrita, varrendo limitações culturais e libertando-a de inibições? Até então, tínhamo-nos contentado em deixar as questões em suspenso, mas naquela tarde começaram a agitar-se à nossa volta.

Quão “real” era Bernard? Estaríamos a encontrar uma personalidade em trânsito, ou uma personalidade latente em nós

próprios? Como se integrava Bernard num quadro mais vasto que incluía Seth, Nebene, Shirin e os eus quotidianos que conhecemos?⁵

A aula de escrita criativa começava às duas e terminava às quatro, porque todas tínhamos jantares para preparar. Às três dessa tarde, Mattie já tinha lido o trabalho da semana sobre Bernard, e Louise tinha lido partes de um manuscrito autobiográfico. Então sugeri que entrássemos no estado de consciência "Alpha Dois" para ver que material criativo poderíamos descobrir.

As instruções eram simples. Disse-lhes apenas para imaginarem o Alpha Um como um passo adjacente à consciência normal. "Desta vez", disse, "queremos ir um passo mais longe. Assim, imaginem dar dois passos para a direita, se quiserem, e passar de um para o outro. Vejam o que acontece. Ou saiam pela parte de trás da cabeça, imaginativamente. Mantenham apenas em mente o vosso propósito: exercitar a consciência."

Depois de dar as instruções, fechei os olhos e segui-as eu própria. Podia participar nesta turma de forma mais plena do que na turma "psíquica" de PES, pois não entrava em transe de Seth e éramos poucas. Relaxei, imaginei os dois passos na minha mente e vi-me mentalmente a dar o segundo.

Imediatamente, encontrei-me do lado de fora das grandes janelas em sacada. Um cabo de equilíbriismo estendia-se da nossa casa até à casa do Dr. Sam, ao lado. Eu estava vestida como um palhaço, com calças largas e folgadas, a caminhar sobre o cabo, no

⁵ **Explicitação:** "personalidade em trânsito" pode ser lido como a emergência temporária de uma configuração de identidade que atravessa diferentes enquadramentos experienciados; "latente" aponta para essa mesma configuração enquanto potencial estruturado no próprio campo do self.

alto. Depois deixei-me cair e comecei a rolar suavemente para baixo.

Isto é uma experiência de consciência, pensei: portanto, também posso cair para cima. No instante seguinte, fui projetada sem esforço pelo ar, como uma corrente ascendente.

A maior parte da minha consciência estava na imagem do palhaço, mas uma parte permanecia no meu corpo físico, a monitorizar a ação. Essa parte comentou que o palhaço ainda não estava suficientemente solto, e eu deixei-o ficar ainda mais. Como palhaço, tinha sido levado para o alto; agora desci até à pereira do Dr. Sam e descansei. O eu sentado na cadeira sabia perfeitamente que a árvore tinha sido cortada no ano anterior, enquanto o palhaço relaxava completamente na copa. Depois, sorridente e renovada, deixei simplesmente o palhaço desaparecer, reuni toda a minha consciência de volta ao corpo e abri os olhos.⁶

Mattie e Louise permaneciam sentadas, em silêncio, com os olhos fechados, por isso decidi voltar ao estado Alpha enquanto esperava. Olhei para o relógio; tinham passado menos de cinco minutos. Normalmente dou cerca de dez minutos, no máximo, para estes exercícios, por isso ainda tinha cinco pela frente. Fechei os olhos.

Mais uma vez, senti-me atraída para uma área logo para lá das janelas em sacada. Desta vez, porém, perdi imediatamente o contato com o meu corpo. Estava suspensa no ar, a olhar para a casa do Dr. Sam, dois andares acima do parque de estacionamento.

⁶ **Explicitação:** coexistem aqui dois centros operacionais do self — um imerso na configuração imagética (“palhaço”) e outro ancorado no corpo físico; não são duas entidades separadas, mas duas distribuições simultâneas da mesma identidade, coordenadas por níveis distintos de referência.

No início, tudo o resto parecia normal. Via o horizonte curvo para além da casa e o céu da tarde, agora a rodopiar com nuvens cinzentas que passavam rapidamente diante de um sol amarelo esbatido. Reparei nisso em particular porque o dia estava ensolarado quando a aula começou. Então, de repente, o mundo tridimensional por detrás da casa do Dr. Sam dobrou-se e achatou-se, tornando-se bidimensional — como um pedaço de cartão plano, com a casa simplesmente pintada na frente. Ao mesmo tempo, atravessei toda essa superfície plana, rasgando para o outro lado.⁷

Aqui, para meu grande espanto, encontrava-se outro universo — ou pelo menos algo que se assemelhava a um. Um espaço negro, aveludado, estendia-se até onde a vista alcançava, com estrelas pontuais a distâncias inimagináveis. Eu dirigia-me claramente numa direção específica, avançando vertiginosamente, sem me aproximar de nenhuma estrela em particular nem alterar o rumo.

Isto pareceu prolongar-se por muito tempo. Não tinha corpo, mas era como um ponto de luz a mover-se a uma velocidade incrível. Não era uma imagem mental; o espaço à minha volta tinha profundidades vertiginosas. De repente, abrandei e perdi altitude. Muito suavemente, senti-me a descer. A seguir, lembro-me de um vislumbre de ruas de outono bastante comuns, vistas de cima. Depois, aparentemente sem transição, estava sentada no chão em frente à casa da minha infância.

A primeira coisa de que tive verdadeira consciência foi da humidade da relva sob mim — e do facto de o meu corpo parecer muito estranho. Fetos elevavam-se acima do nível dos meus olhos,

⁷ **Explicitação:** o “achatamento” não indica uma alteração física do mundo, mas uma compressão do modo de representação perceptiva — a tridimensionalidade deixa de ser o enquadramento ativo, permitindo uma transição para outro regime de organização experiencial.

e eu estava a olhar para o gradeamento por baixo da varanda. Com um choque, soube que era uma criança muito pequena.

Havia uma familiaridade curiosa no toque da terra húmida onde estava sentada. Estava a apreciar intensamente essa sensação. Demorei um momento a orientar-me: estava claramente a ver através dos olhos da criança. Sem dúvida, a criança era eu. Levantei-me, com instabilidade, mas com grande prazer e uma deliciosa sensação de conquista. Então percebi que estava a aprender a andar.

Espantada, olhei para baixo e vi pernas curtas e roliças enfiadas em meias brancas e sapatos de criança também brancos. Tudo o que via estava ao nível dos olhos da criança. Cambaleei até à sarjeta e atravessei a rua vazia. Do outro lado, caí ao tentar subir o passeio. Fiquei ali sentada um instante, com total naturalidade, antes de me levantar. Estava completamente absorvida no que fazia. É muito difícil explicar isto, mas sentia as reações e emoções da criança, não as minhas. “Naturalidade” nem sequer descreve a segurança que sentia ao mover-me, por exemplo. Cair parecia ser algo que o corpo fazia por si só. Mas voltar a pô-lo de pé era algo que “eu” fazia — e estava totalmente concentrada em dominar esse gesto.

Depois disto, caminhei até um grande arbusto de lilases e sentei-me novamente — desta vez com grande satisfação — a olhar para uma vedação confusa de arame. Após um minuto, formou-se na minha mente um plano para correr até à casa ali perto. A intenção era totalmente deliberada, e eu sentia-a formar-se de uma maneira muito peculiar. Deslocar-se de onde “se está” para onde “se quer estar” era de importância suprema. No cérebro dela (meu), a criança formou uma imagem mental de si própria a caminhar e

depois a correr desde o ponto onde estava até à casa. Projetou essa imagem no espaço, de modo que eu a via no seu "olho mental", lançada no quintal à sua frente. Ela iria segui-la fisicamente. Depois — novamente sem transição — estava de volta à sala de estar.⁸

(Um pensamento muito estranho acaba de me ocorrer, enquanto escrevia a frase anterior. Haverá alguma ligação entre a criança projetar a sua imagem no espaço à sua frente e o meu regresso? Terá ela, de alguma forma, projetado a si própria para o futuro, ao mover-se à frente de si mesma no espaço?)

Estava certamente desorientada por um momento. A transição entre o corpo de criança e o corpo adulto foi realmente surpreendente. Tinha sentido uma compactação corporal e uma intensidade física extraordinárias. Agora sentia-me alta e desajeitada. Mas havia algo de que tinha a certeza: enquanto crianças, aprendemos a mover-nos da forma que eu acabara de experienciar. Emitimos imagens mentais e aprendemos a segui-las.

Mattie e Louise estavam sentadas a tomar notas quando regressei. Comecei a contar-lhes o que tinha acontecido, mas Mattie tinha a sua própria história para relatar. Olhou para mim de forma estranha, inclinando o rosto como uma lanterna redonda e luminosa na minha direção. Tomei notas, pois ela avisou-me de antemão que considerava a experiência importante.

disse ela. | No mínimo, foi fascinante,

⁸ **Explicitação:** a ação emerge como seguimento de uma projeção interna — a imagem não representa apenas o movimento, mas funciona como estrutura organizadora que orienta o corpo; o self distribui-se entre antecipação (imagem) e execução (corpo).

Saí pela parte de trás da cabeça e vi o Bernard. Ele estava vestido como um palhaço, com aquelas calças largas.

Nesse momento, tive vontade de a interromper, mas não o fiz.

Bem, abraçámo-nos — um abraço enorme, dir-se-ia exuberante. Senti-me a fluir para dentro dele, mesmo através dele, e fiquei assustada e afastei-me. Mas ele continuava ali. Então pensei que isto era um exercício de consciência e que mais valia continuar, não ter medo, e ver o que acontecia. Deixei-me ir... e consegui sentir-me a fluir até aos pés dele, até ficar completamente absorvida nele.

A coisa seguinte de que me apercebi foi que estava num cemitério, com todo o tipo de estátuas e monumentos à volta. Estava um pouco desorientada, mas havia um portão ali perto, por isso fui até lá, abri-o e saí para uma rua movimentada. Toda a gente, exceto eu, estava vestida com roupas antigas. Fiquei ali um instante, a tentar decidir o que fazer a seguir, quando, de repente, estava de volta aqui, no sofá.

As experiências da Louise não tinham sido tão intensas como as da Mattie ou as minhas, mas ela estava encantada porque lhe tinham fornecido precisamente a informação que queria para a sua autobiografia. Uma série de imagens ricas tinha atravessado a sua visão interior, todas até então esquecidas de forma consciente, e todas relacionadas com as suas experiências iniciais.

Ainda não tínhamos feito qualquer escrita durante a aula, por isso sugeri que Louise e Mattie voltassem a entrar num estado Alpha, mas desta vez tentando escrever ao mesmo tempo.

Enquanto elas o faziam, decidi ver se conseguia encontrar novamente aquele “outro universo”.

Fechei os olhos. Imediatamente, senti uma presença à minha direita, mas não definida nem substancial. Depois senti-me atraída para o mesmo ponto junto às janelas. De imediato, surgiu um buraco na parede da casa voltada para mim. Via claramente as margens do buraco curvadas para dentro, como se tivesse ocorrido uma implosão. Fui puxada através desse buraco.

Da última vez, o mundo por detrás da casa tinha-se tornado plano. Agora mantinha-se tridimensional, mas o buraco era como um canal que atravessava completamente o mundo que conhecemos — e saía do outro lado. A travessia por esse canal também pareceu demorar muito tempo. Não via nada no seu interior, pois era transportada a tal velocidade que não podia sequer estimá-la.⁹

No início, parte da minha consciência permanecia com o meu corpo, mas era gradualmente puxada para fora. Com uma consciência dupla, conseguia sentir uma parte de mim a ser extraída da minha imagem e, enquanto componente sem corpo dentro do canal, percebia essas outras partes a alcançar-me, a seguir-me. O processo de extração parecia estar a demorar demasiado, embora não saiba como o sabia. De repente, o restante da minha consciência, ainda ligada ao corpo, transformou-se numa série de “projéteis” que foram disparados através da abertura. Avançaram todos, sucessivamente, um após o outro.¹⁰

⁹ **Explicitação:** o “canal” funciona como transição entre enquadramentos experienciados — não um túnel físico, mas uma reorganização contínua do campo perceptivo que permite a passagem entre diferentes configurações de realidade.

¹⁰ **Explicitação:** a “divisão” não corresponde a fragmentação real, mas a uma distribuição sequencial de focos de atenção — o self mantém continuidade enquanto se reorganiza em múltiplos vetores operacionais.

A outra extremidade do canal abriu-se, novamente, para outro universo. Não sabia se era o mesmo em que tinha estado antes. Havia um espaço negro ilimitado, com estrelas à minha frente. Os projéteis de energia que continham a minha consciência irromperam, explodindo como foguetes, espalhando-se em padrões de cor e desenho — como fogo-de-artifício, mas em escala gigantesca.

Via este universo diante de mim à medida que emergia da abertura; as “últimas” partes de mim observavam as partes que tinham avançado primeiro e que explodiam à distância. O contraste era extraordinário — uma parte da minha consciência ainda no canal escuro, a olhar para o exterior onde se expandia aquele campo luminoso de energia cintilante e cor. Não havia qualquer sensação de perigo. Tinha a impressão de que a minha consciência se deslocava em saltos sucessivos, como num jogo de salto-de-rã, a partir dos projéteis de energia que me constituíam, de modo que podia observar os que iam à frente a explodir, sem sentir que “eu” estava a explodir.¹¹

À medida que as últimas porções de consciência emergiam para o novo universo, as luzes e os padrões começaram, de algum modo, a reunir-se e a formar uma flor de luz. Aqui, a experiência tomou outro rumo, ainda mais difícil de descrever. Não tenho a certeza, mas penso que a flor era gigantesca — uma imensa floração de energia. Toda a minha consciência estava ali, e eu não tinha qualquer consciência do meu corpo.

¹¹ Explicação: o self mantém continuidade através de saltos de referência — cada “ponto” de consciência serve de base temporária, permitindo observar a sequência sem perda de identidade.

Então, sem qualquer aviso ou sensação de deslocção, estava de volta à cadeira — presumo que ainda com os olhos fechados — mas aquela gigantesca flor continuava a avançar na minha direção a uma velocidade incrível, como se fosse projetada a partir daquele outro universo. Tinha a certeza de que estava agora diante de mim, na sala física. A experiência era tão real e surpreendente que soltei um grito involuntário.

Foi nesse momento que devo ter aberto os olhos. A flor desapareceu, e tive a sensação de que se dissolveu dentro de mim. Fiquei convencida de que a flor me seguiu de um universo para outro; e de que representava algum tipo de intrusão no nosso espaço. O meu grito sobressaltou Mattie e Louise, que, naturalmente, não tinham visto nada.¹²

A minha experiência seguinte com a abertura na casa do Dr. Sam ocorreria no final do outono e estaria diretamente ligada ao início de um novo desenvolvimento. Mesmo na altura, contudo, sabia que estas não eram apenas experiências mentais. Eu estava num tipo de canal que conduzia de um sistema para outro, e a minha consciência comportava-se como projéteis de energia. Por outro lado, considerava evidente que a abertura não era física, no sentido de poder ser vista por outras pessoas na casa do Dr. Sam. Não esperava, ao sair do transe, encontrar uma brecha nas paredes, nem vizinhos ali parados a olhar.

¹² **Explicitação:** a “intrusão” pode ser entendida como integração — uma configuração experiencial que, em vez de permanecer externa, é incorporada no campo do self, reconfigurando-o.

Ainda assim, insistia teimosamente que, de algum modo... uma abertura existia, ou tinha existido, e que eu poderia encontrá-la novamente.¹³

A flor fora tão imediata que, por um instante, tive a certeza de que Mattie e Louise também a veriam; mas, no momento seguinte, soube que existia da mesma forma que a abertura. Levar-me-ia dois anos até que as ideias em *Aspetos* me dessem algumas pistas sobre uma ordem interna de acontecimentos em que experiências como esta têm um grande significado.¹⁴

O verão desapareceu e o outono chegou antes que eu desse por isso. A minha lista de correspondência cresceu. Havia mais cartas e telefonemas, e preocupavam-me particularmente todas as pessoas que escreviam a pedir ajuda para problemas pessoais e de saúde. Um dia, um homem e uma mulher apareceram simplesmente à porta, sem avisar, e imploraram por uma entrevista. Tinham um filho muito doente, que também tinha deficiência intelectual.

Tinha acabado de lavar o cabelo. Estava molhado, a cair-me pelas costas. Era dia de aula de escrita criativa, e eu estava com pressa. Ainda assim, por alguma razão, não consegui recusar o casal. Disse-lhes, no entanto, que não me especializava em cura, e sugeri que escrevessem ao Dr. Harry Edwards, o curador espiritual inglês.*

Não sei bem por que viemos,

¹³ **Explicitação:** a “abertura” corresponde a um ponto de transição recorrente no campo experiencial — não um objeto localizado no espaço físico, mas uma condição de passagem reativável entre configurações de realidade.

¹⁴ **Explicitação:** “ordem interna” refere-se a uma organização dos eventos segundo relações de significado e não segundo sequência física — os fenómenos articulam-se num plano estrutural do self.

* A morada do Dr. Edwards é: Burrows Lea, Shere, Guildford, Surrey GU5 9QG, Inglaterra. Edwards viveu entre 1893 e 1976.

disse o homem, com obstinação,

a não ser que tenho a certeza de que pode ajudar de alguma forma. Também não confio muito em curadores. Não quero envolver-me com nada que tenha a ver com o diabo.

E o que tem o diabo a ver com isto?

— perguntei, secamente.

Conversámos então, e o homem disse, agora de forma apressada:

Pensei que talvez estivesse a ser amaldiçoado. Quando a Dottie estava grávida, tive uma visão do bebé. Ele não estava bem e queria morrer. E eu disse-lhe que tinha de viver. Por isso pensei que talvez Deus me estivesse a castigar.

O pobre homem já sofria o suficiente com a doença do filho, mas pior ainda, era atormentado pela ideia de que Deus estava a castigar a criança pelos seus pecados. Fiquei indignada. Voltei a perguntar — e desta vez em voz alta — que tipo de deus seria esse, afinal? Consegui dar algumas impressões sobre o bebé; pelo menos vi-o vivo e com aparência relativamente normal, com cerca de doze anos, mas no pátio de uma espécie de escola especial.

Acima de tudo, porém, consegui aliviar o pai do seu sentimento de culpa. Se ele se sentia amaldiçoado quando entrou, pelo menos saiu a sentir-se abençoado por fazer parte do universo. Ainda assim, permaneci perturbada, ao pensar em todas as pessoas cujas crenças religiosas apenas agravavam os seus próprios problemas.

Continuava a pensar no episódio mais tarde, nesse mesmo dia, quando a aula de escrita começou, e contei-o a Mattie e Louise. Poucos minutos depois, senti que havia uma forma de algum tipo

no ar, por cima da mesa de café. Depois vi-a claramente, embora também conseguisse ver através dela, pelo que não era inteiramente física.

A forma tinha a configuração de uma pessoa, mas eu sabia que, na realidade, representava uma energia maciça. Estava ligada à ajuda que eu vinha dando aos outros; como se, sem o saber, eu tivesse vindo a construir essa “forma” noutra dimensão, e agora pudesse utilizá-la conscientemente para me ajudar a mim e aos outros.

Não a encarei necessariamente como uma personalidade, mas mais como uma força. A palavra “Auxiliar” surgiu-me. Mais tarde, descobri que podia enviar o “Auxiliar” para pessoas em dificuldade. O aparecimento do Auxiliar pode também ter sido mais uma pista; certamente todos estes acontecimentos começavam a acelerar de forma contínua. Sentia novas mudanças e direções no ar.¹⁵

Por um lado, acolhia essas mudanças, naturalmente. Por outro, continuava a forçar o meu intelecto até ao limite. Tentava integrar estas experiências num quadro de referência aceitável, mas sem sucesso. Mais uma vez, não conseguia situá-las no conjunto convencional de conceitos espiritualistas — não quando este incluía demónios e superstições que não podia aceitar. Ainda assim, o enquadramento científico parecia-me, intuitivamente, estéril.

Continuei, portanto, a tentar. O início do Sumari, em novembro de 1971, levou-me a tentar ainda mais.

¹⁵ **Explicitação:** o “Auxiliar” pode ser compreendido como uma configuração funcional do self — uma organização de energia/intenção que se autonomiza operacionalmente sem se tornar um “eu” independente.

CAPÍTULO 7

O Desenvolvimento Sumari

A vida rica da psique fornece os ingredientes criativos a partir dos quais formamos as nossas vidas quotidianas. Existem sempre novas possibilidades de ação e de realização logo abaixo da superfície, prontas a emergir em resposta aos acontecimentos dos nossos dias. Esses impulsos ascendentes de energia e criatividade são oferecidos precisamente quando são necessários, desde que sejamos suficientemente flexíveis para os reconhecer e aceitar.

Olhando para trás, é evidente que tais movimentos já agitavam o fundo da minha consciência durante todo aquele verão e outono. A minha experiência de “outro universo” ocorreu a 4 de novembro. A 15 de novembro, Rob enviou o manuscrito final de *Seth Fala*, assinalando o fim de um empreendimento criativo; e a 16 de novembro, o meu pai morreu. O desenvolvimento Sumari começou a 23 de novembro — na altura, aparentemente surgido do nada.

Não conhecia bem o meu pai. Morreu aos sessenta e sete anos, rapidamente. Não o via há vários anos, pelo que, de certo modo, parecia tão vivo morto como sempre fora, exceto pelo facto de já não chegarem as ocasionais cartas. Ainda assim, penso que a sua morte teve algo a ver com o que aconteceu uma semana depois. Na verdade, todos os acontecimentos das nossas vidas estavam provavelmente ligados: a morte anterior do pai de Rob, a situação da sua mãe e o próprio processo simples de continuar a viver, no

qual a morte passa a ter um papel mais presente à medida que os pais morrem.

A verdade da psique, como agora estou a aprender, lida com uma ordem diferente de acontecimentos, ainda que ligada aos episódios comuns das nossas vidas. Essas verdades são tecidas de forma tão rica que muitas vezes surgem de modo dramático, revestidas de símbolos, transformadas em arte. As nossas crenças culturais, infelizmente, levam-nos a desconfiar do conhecimento profundo da psique, e frequentemente tentamos conter as suas manifestações dentro dos nossos próprios conceitos limitados.¹

O desenvolvimento Sumari é importante nem que seja apenas porque mostra com grande clareza a ascensão de uma energia adicional e potente para uma forma organizada — uma forma que depois enriquece a vida normal. O mesmo tipo de processo acontece, estou convencida, em cada um de nós, em vários momentos das nossas vidas, ainda que o resultado final possa ser muito diferente.

Não recordo o meu estado de espírito naquela noite de 23 de novembro. Estava triste com a morte do meu pai, mas não em luto. A aula de PES mal tinha começado. As pessoas riam e conversavam, quando senti a minha atenção ser novamente puxada para fora das janelas salientes, para o ponto onde a abertura tinha surgido na casa do Dr. Sam.

De repente, tive a impressão de que um grupo de pessoas estava a sair desse “outro universo” para dentro da sala, e que o seu professor se encontrava mesmo à entrada, de frente para mim.

¹ **Explicitação:** Aqui, a “ordem diferente de acontecimentos” não implica outro lugar, mas outra organização da experiência — uma reconfiguração do enquadramento através do qual os eventos são vividos e interpretados.

Parecíamos comunicar telepaticamente, embora, de forma consciente, eu não conseguisse captar o que estava a ser dito. O grupo moveu-se pela sala e ficou ali, em silêncio, a observar.

Estava plenamente consciente de que, fisicamente, nos nossos termos, não havia ali ninguém; ainda assim, reconheci a validade da minha própria experiência: era verdade que sentia a presença deles e que os “via” com um tipo diferente de visão.²

Depois “ouvi” um burburinho de vozes em línguas estranhas. Pareciam vir de muito acima de mim. Não se tratava de audição física. Em vez disso, tinha a impressão de múltiplos sons empilhados em camadas. Via os sons, por assim dizer, como formas: alguns formavam triângulos, outros longos retângulos. Percebia-os simultaneamente como formas e como sons. Eram todos alienígenas. Não sabia o que deveria fazer com eles, mas sabia que algo era esperado de mim.

Seria impossível, pensei, que alguém desse voz a tudo aquilo. Não achava que a minha língua conseguisse produzir os sons necessários. De facto, a minha língua parecia desconfortável. Os músculos agitavam-se. Parecia incapaz, desajeitada. Os sons formavam palavras, e todas as outras “línguas” se desvaneceram, de modo que uma delas se tornou mais proeminente e mais audível. As palavras surgiam tão rapidamente que era difícil perceber onde começavam ou distinguir umas das outras. Ainda assim, sentia que deveria dar-lhes voz de alguma forma; simplesmente abrir-me e deixá-las passar através de mim.

² **Explicitação:** A “visão” referida não corresponde a percepção sensorial comum, mas a uma forma de experiência organizada noutro nível de representação interna.

Nem pensar, pensei. Este tipo de experiência era completamente novo para mim, e mesmo enquanto acontecia eu tentava enquadrá-lo de alguma forma. Infelizmente, a primeira coisa que me veio à mente foi o “falar em línguas” associado a religiões fundamentalistas. Admito que alguns acontecimentos psíquicos válidos possam ocorrer nessas condições, mas não são as minhas; e, se envolvessem gritos, contorções ou tremores — sagrados ou não — então eu estabelecia o limite.

Enquanto tudo isso me passava pela mente, os sons pareceram desaparecer para um fundo de estática ténue, enquanto uma palavra em particular, Sumari, se tornava cada vez mais audível. Era cantada, não falada. Percebi que deveria dar-lhe voz. Fiquei intrigada; hesitei; depois decidi escrevê-la, em vez de a dizer ou cantar. Peguei na caneta e no papel e escrevi o que recebia o mais depressa possível.

Seguiram-se outras palavras; também estas pareciam vir para o primeiro plano ou emergir dos outros sons, que, por sua vez, se esbatiam.

Depois voltei a focar a minha atenção consciente na sala e contei aos meus alunos o que tinha acontecido. Comecei a ler em voz alta o que escrevera. Em vez disso, segundo os membros da aula, entoiei as palavras com uma voz forte e ressonante, atirando o papel para o chão.

Sumari

Ispania

Wena nefarie

Dena dena nefarie

Lona

Lona

Lona

Sumari

Depois, num sussurro, “alguém mais” disse com a minha voz:

Eu sou Sumari. Tu és Sumari. É o teu nome de família. Ao longo das Eras tens sido Sumari. Estou a familiarizar-te com a tua herança.³

Ao mesmo tempo, um calor delicioso encheu o meu corpo. Surgiu como um brilho, a partir do interior, irradiando para fora. Senti aquilo que só posso descrever como uma graça extraordinária, uma alegria deliciosa, antiga e ao mesmo tempo jovem, dirigida a todos os presentes na sala. Segundo os meus alunos, isso refletia-se na minha postura e no meu modo de estar, enquanto me inclinava para a frente na cadeira, voltada para eles e dirigindo-me a eles com uma suave e viva expectativa.⁴

Depois, o estilo de expressão mudou. Falei com uma voz diferente, dizendo novamente:

Eu sou Sumari. Tu és Sumari. Nós somos Sumari. Eu sou o mesmo Sumari sob diferentes formas.

A primeira personalidade parecera feminina. Quando a segunda falou, senti como se grandes cristas horizontais atravessassem a minha testa. Esta personalidade fazia-me lembrar um homem velho e um rapaz jovem ao mesmo tempo — um rapaz antigo.

³ **Explicitação:** A identificação aqui expressa pode ser entendida simultaneamente como interação com um centro de identidade distinto, experienciado como “outro”, e como reorganização da própria identidade experiencial em torno de um novo padrão simbólico — sendo o “outro” a forma através da qual essa reorganização se torna acessível.

⁴ **Explicitação:** A tonalidade afetiva descrita indica uma reorganização global do campo experiencial, em que emoção, corpo e significado emergem como uma configuração coerente.

Enquanto “eu” falava, Sue Watkins teve uma visão. Viu uma figura tridimensional atrás de mim. Estava vestida de amarelo-dourado e quase tocava no teto. Embora visse o volume da figura, não distinguia traços nem outros detalhes.

Muitas vezes eu dissera aos alunos para entrarem no estado de consciência Alfa Um ou Dois sempre que algo invulgar acontecesse na aula. A ideia subjacente é que os acontecimentos existem em diferentes níveis de realidade. Assim, para compreender realmente um acontecimento, teoricamente dirigir-se-ia o foco em múltiplas direções, tal como — fisicamente — se poderia contornar completamente um objeto para o observar de todos os ângulos.⁵

Quando comecei a entoar o cântico, muitos alunos passaram então para o estado Alfa. Uma mulher teve uma excelente experiência fora do corpo e regressou facilmente ao corpo. Outro aluno viu grupos de figuras e, embora pensasse que poderiam estar envolvidas distorções, teve a impressão de ver olhos divididos em três partes. A imagem foi tão clara que fez um esboço da sua visão. Ao ver o desenho, uma rapariga exclamou, afirmando ter visto a mesma imagem.

Todos estavam cheios de exuberância e energia. E de perguntas! Sumari “manifestou-se” várias vezes nessa noite. Em cada ocasião, uma espécie de suavidade e calor percorria o meu corpo. Os meus braços pareciam leves o suficiente para flutuar. Sobretudo, eu estava consciente daquela estranha e requintada graciosidade. A partir desse foco, continuei a observar a sala.

⁵ **Explicitação:** “Níveis de realidade” aqui podem ser entendidos como diferentes modos de organização da experiência, acessíveis através de mudanças no foco e na estrutura da atenção.

A certa altura, “eu” olhei para um jovem, Phil, e vi estendidas atrás dele as imagens dos seus “eus reencarnacionais”.⁶ O mais próximo era uma bela dançarina, uma rapariga de pele escura com vestuário oriental ou indiano. Sumari reconhecia Phil e estimava-o como ele próprio, e como todas as suas outras personalidades reencarnacionais também. Via-as nele e via-o nelas.

O mesmo se aplicava a todos na sala. Quando olhei para Bette, vi a mulher pioneira mesmo atrás dela. As emoções sentidas por Sumari eram tão ricas e multidimensionais que, por comparação, os meus sentimentos habituais pareciam superficiais. Emoção em estéreo! Mas essas emoções eram também estáveis, ricas, seguras e belamente coordenadas. Havia uma excelente integração entre experiência intelectual e emocional. Senti como se estivesse a tomar consciência de um novo tipo de identidade inclusiva, a que tinha direito por herança — e todos os outros também.⁷

No entanto, quando a aula terminou, voltei a questionar-me sobre a “língua”. Um dos alunos mencionou os antigos sumérios, cuja existência histórica está documentada. Mas eu tinha a certeza de que não estava a falar nenhuma língua de outra civilização, pelo menos nos termos habituais. E o que significava a expressão “Estamos a familiarizar-te com a tua herança” ou “Tu és Sumari”?

Fui falar com o Rob sobre tudo aquilo, apenas para descobrir que ele próprio tivera uma experiência. Estivera a datilografar a última sessão de Seth na pequena segunda cozinha junto ao meu estúdio. De repente, a sua visão pareceu diminuir. Tinha dificuldade em ver

⁶ **Explicitação:** A percepção dos “eus reencarnacionais” pode ser compreendida como uma leitura simultânea de múltiplas configurações de identidade organizadas num mesmo campo experiencial.

⁷ **Explicitação:** Esta “identidade inclusiva” sugere uma integração de múltiplas perspetivas num único campo coerente de experiência, em vez de uma substituição de identidade.

o papel ou a própria mão. Depois viu a forma de uma cabeça, envolta num contorno irregular de cores vivas. Era brilhante, quase como fogo, com projeções de luz nas laterais. Rob sentiu, na altura, que aquilo tinha algo a ver com o meu pai. Mais tarde, desenhou a visão, que é aqui reproduzida.

Estaria realmente relacionado com Sumari? Eu queria compreender o que se estava a passar, pelo que, na noite seguinte, realizámos uma longa sessão de Seth. A nossa amiga Sue Watkins veio mesmo gravá-la, para que Rob ficasse livre da habitual tarefa de tomar notas e pudesse fazer perguntas com mais liberdade.

A sessão durou duas horas. Sue, que desta vez a transcreveu, acabou com treze páginas de texto datilografado a dois espaços (com espaçamento duplo).

Primeiro, Seth falou da visão de Rob. Disse que Rob, à sua maneira, estava a captar a energia ligada ao desenvolvimento Sumari.

Compreende que estavas a perceber um núcleo de energia que irradiava para fora e interferia com esta realidade, daí a área fragmentada à tua volta, e o efeito aparentemente irregular [da visão]...

Estavas a concentrar as tuas capacidades percetivas e a energia quase da mesma forma... como um feixe laser, por exemplo, concentra energia. Assim, a visão que recebeste, embora microscópica, era ainda assim brilhante e irradiava forte energia. Ora, uma tal visão não é apenas algo que vês e que irrompe nesta realidade, mas também exerce efeitos sobre a tua realidade. Percebes o aspeto da visão, mas os seus outros efeitos escapam-te. Compreende que a própria concentração de energia é

altamente importante, e altera o comportamento até dos átomos e moléculas na vizinhança da sua manifestação.⁸

Agora, lembra-te do que te disse sobre os buracos negros e a concentração de energia. Tais ocorrências permitem trocas invulgares de energia de um sistema para outro. São, portanto, fontes de nova energia; e a sua própria intrusão no teu mundo ativa essa realidade de uma forma diferente — geralmente num sentido de aceleração, agitação e transformação — uma ativação, portanto, e não um abrandamento.

Existem, aliás, níveis de movimento tão rápidos que atingem aquilo que parece ser um estado de completa paz, onde o movimento não é percecionado. Para além desses níveis, o movimento volta a ser percecionado, e o período de paz parece terminar. No caso da tua experiência visual de ontem à noite, a própria imagem ativou o ar da atmosfera. Nessa ativação, contudo, atingiu finalmente um nível de aparente paz onde já não a percecionas, mas no qual continua a existir...⁹

Depois, Seth disse que os Sumari poderiam ser comparados a uma família psíquica, ou a uma guilda de consciências que trabalharam em conjunto ao longo dos séculos. Fez uma referência humorística à minha “aversão a fraternidades, vivas ou mortas”, mas acrescentou que os Sumari poderiam ser considerados uma fraternidade na qual estávamos agora prontos para assumir uma participação consciente. O próprio Seth estava em excelente forma, dirigindo-se jovialmente a Rob, que, desta vez, tinha liberdade para colocar todas as perguntas que quisesse.

Seth enfatizou que os Sumari eram apenas um grupo ou guilda de consciências. Após uma discussão bastante séria sobre os seus

⁸ **Explicitação:** A descrição aponta para uma intensificação localizada de organização experiencial que se propaga e reconfigura o contexto em que ocorre.

⁹ **Explicitação:** “Paz” aqui corresponde a um limite de percepção — um regime em que a variação deixa de ser distinguível, não à ausência de atividade.

propósitos e características, na qual destacou a iniciativa e criatividade Sumari, Seth sorriu amplamente e disse que “eles não ficam por aí a cortar a relva”. O ponto principal parecia ser que os Sumari eram sobretudo criadores, inconformistas com um uso excecional de energia, que “iniciavam sistemas de realidade”¹⁰, mas talvez não tivessem o temperamento para levar um projeto longo até ao fim. Deixariam isso para outros grupos, dotados de diferentes capacidades e tendências.

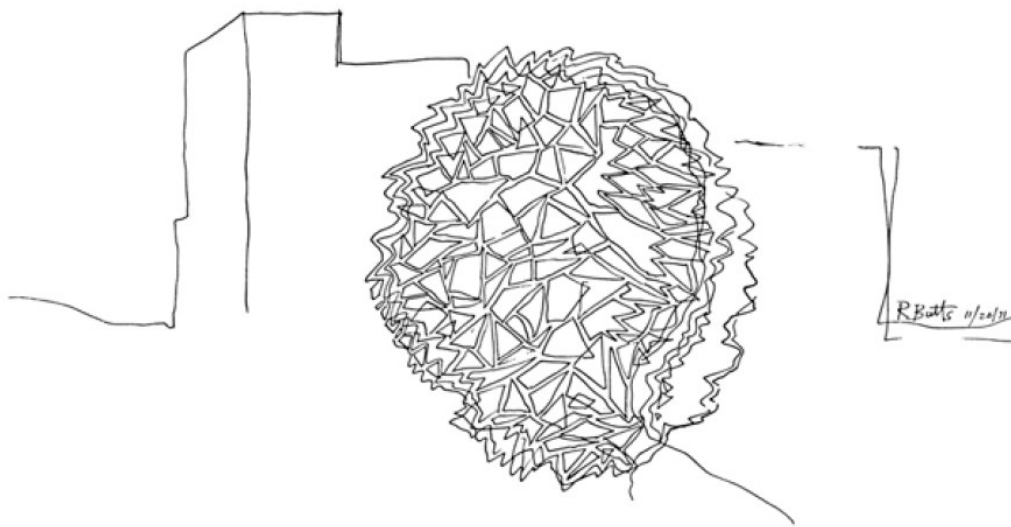
Num lampejo de intuição conjugal, Rob perguntou a Seth sobre a minha estranha experiência no hospital com o Dr. W. (Na verdade, Rob queria saber por que é que eu própria não tinha feito essa pergunta!) Seth disse que achava que eu deveria responder, mas confirmou a suspeita por trás da questão de Rob. O Dr. W. era um Sumari. Estivera envolvido comigo em vidas passadas, quando tínhamos uma relação de trabalho altamente pessoal. Tínhamos sido “colegas muito próximos”. Em resposta a outras perguntas, Seth disse que o desenvolvimento Sumari estava latente desde o início das nossas sessões, e que a minha capacidade de traduzir certos manuscritos antigos de “Oradores” dependia da minha aceitação deste novo aspeto.¹¹

Os Oradores são mencionados em *Seth Fala*, onde são descritos como professores, físicos e não físicos, que ajudam a nossa raça ao longo dos séculos. Rob quis saber se todos os Oradores eram Sumari, e Seth respondeu que cada guilda tinha os seus próprios Oradores.

¹⁰ **Explicitação:** “Iniciar sistemas de realidade” pode ser entendido como estabelecer novos enquadramentos organizadores da experiência, dos quais a realidade física constitui uma forma possível de expressão, sem esgotar o alcance do processo.

¹¹ **Explicitação:** O “aspeto” referido pode ser visto como uma configuração emergente da identidade que reorganiza capacidades já existentes sob um novo padrão coerente.

A sessão de Seth intrigou-me, mas as suas implicações fizeram-me hesitar: queria eu avançar com este novo desenvolvimento ou não? Ele mencionara que a experiência Sumari se expandiria de formas bastante inesperadas — e em meu benefício. Mas falar por Seth era uma coisa, já uma parte aceite da minha vida e do meu trabalho. Como habitualmente, decidi avançar — reservando-me, contudo, o pleno direito de criticar o que quer que acontecesse ou de parar quando assim o entendesse.



Esboço do fenómeno ocular de Robert Butts na terça-feira, 23/11/71, depois das 22h. Ver 598ª sessão.

Quanto ao Dr. W., senti que o nosso encontro poderia ter sido um dos desencadeadores do Sumari, e dificilmente podia negar o que sentira quando nos conhecemos. Mas isso era tudo. Não tinha curiosidade quanto à sua situação atual. De facto, sabia que a nossa relação passada, fosse ela qual fosse, merecia a sua própria privacidade. Não pertencia às nossas vidas presentes.

E o Sumari desenvolveu-se, quase da mesma forma que as primeiras sessões de Seth, de tal modo que, no espaço de um mês, uma variedade de fenómenos emergiu mais ou menos já plenamente formada. Na aula seguinte, por exemplo, comecei a

falar e a cantar em Sumari. Tivemos aquilo a que chamámos um Círculo Sumari, em que, um a um, os alunos se levantavam espontaneamente, caminhavam em círculo à minha volta e começavam a entoar comigo em Sumari. Isto supostamente representava cerimónias antigas de iniciação.

Como Sumari, desenhei diagramas que explicava cuidadosamente — na “língua” Sumari. Na altura, os alunos acenavam com a cabeça. Sim, compreendiam; era perfeitamente claro. Mas, quando saía do transe, ninguém se lembrava do que tinha compreendido, nem do significado dos diagramas.¹²

O aumento súbito da energia da aula era evidente. Os alunos relataram muito mais episódios fora do corpo e sonhos de aula. Mas, até então, Rob ainda não ouvira Sumari. Decidi que não avançaria com isso enquanto Rob não tivesse oportunidade de observar Sumari e me dar a sua opinião.

Assim, numa noite, preparámos o gravador. Tornei-me Sumari quase instantaneamente. Ela começou por apontar para objetos na sala e dar a Rob os seus nomes em Sumari. Depois, esperava-se que Rob repetisse a palavra. Em pouco tempo, Rob deu por si a falar Sumari espontaneamente. Depois, com hesitação, começou a cantar, sendo “eu” a corrigi-lo à medida que avançava. Quando a sessão terminou, estávamos ambos surpreendidos.

No dia seguinte, ouvi novamente a gravação e escrevi as palavras da canção foneticamente. Isto levou bastante tempo. No entanto, enquanto o fazia, comecei a obter a tradução em inglês. A disposição das linhas ou frases parecia surgir naturalmente, mas,

¹² **Explicitação:** A compreensão ocorre aqui ao nível da configuração experiencial no momento, sem necessariamente se traduzir em memória conceptual estável.

por vezes, recebia a tradução de uma frase inteira, ou apenas de uma palavra.¹³

A canção chamava-se *Música para Iniciados*, e, como verá mais adiante, apareceu num contexto diferente no meu romance *The Education of Oversoul Seven (A Educação de Oversoul Seven)*.

Pelo menos no que me diz respeito, um dos elementos mais surpreendentes do Sumari envolveu os efeitos vocais. Não tive qualquer formação musical, para além de ter cantado durante algum tempo num coro de igreja em criança. Esse coro também não implicava treino; limitávamo-nos a cantar as palavras o mais alto que conseguíamos, e era isso.

Como Sumari, contudo, comecei rapidamente a cantar com uma voz agradável, musicalmente afinada e com uma amplitude considerável. As canções ou partituras revelam uma sofisticação musical muito superior à que possuo no nível habitual. Dois dos meus alunos, que são músicos, transcreveram algumas dessas canções. Eu nem sequer sei ler música, pelo que não consigo compreender as partituras, mas uma delas é apresentada no capítulo quinze para quem souber.

Na aula, as canções não são apenas cantadas. Todo o meu corpo é usado como veículo de expressão, e frequentemente há elementos de pantomima* envolvidos. Quase de imediato, por exemplo, estabeleceram-se dramas Sumari, nos quais o canto e o movimento eram usados para representar um episódio reencarnacional. A caracterização e o significado emocional do

¹³ **Explicitação:** A tradução surge como correspondência entre padrões experienciados, e não como decifração sequencial de um código linguístico convencional.

* A **pantomima** é uma forma de teatro ou arte cénica baseada exclusivamente em gestos, expressões faciais e movimentos corporais, dispensando a fala para narrar histórias ou transmitir emoções

drama são absolutamente claros, apesar de não se usar inglês. Neste sentido, as canções expressam realidades emocionais que são frequentemente muito significativas para os alunos. Estas são também estruturadas; isto é, embora a atuação seja completamente espontânea, o resultado é organizado, equilibrado e fiel às exigências de um discurso ou comunicação com sentido.¹⁴

Tinha então uma “língua de transe”. Seria a linguagem do inconsciente? Estaria envolvida num processo que, de algum modo, paralelizava o nascimento da linguagem em qualquer cultura? Seria a minha experiência uma réplica privada, mas perfeita, do que acontece quando uma espécie inicia a comunicação verbal? Para que poderia realmente servir essa “língua”? Se eu seria capaz de a traduzir, então para que precisava dela em primeiro lugar?

Fiz essas perguntas, sim, e, à medida que o inverno se aproximava, algumas das respostas começaram a surgir, uma a uma.¹⁵

¹⁴ **Explicitação:** A organização emerge como coerência interna do padrão experiencial, independentemente de planeamento consciente prévio.

¹⁵ **Explicitação:** As respostas não surgem como informação externa adquirida, mas como reorganizações progressivas do próprio campo de compreensão.

CAPÍTULO 8

Canções Dos Irmãos de Prata

Uma vida bem-sucedida pode resultar de uma série de nascimentos psicológicos ao longo de uma existência, nos quais a psique infunde a personalidade com nova energia, compreensão e direção em resposta à situação física e às necessidades da personalidade. Em termos correntes, o resultado pode manifestar-se como um súbito surto de saúde, o desenvolvimento de capacidades latentes, ou a resolução de problemas que antes pareciam insolúveis.

Sonhos, inspirações e visões de vários tipos são, creio, uma parte importante deste processo. Através deles, o inconsciente torna o seu material disponível à consciência. Infelizmente, estas experiências foram tão estruturadas pelas nossas instituições que o impulso e o significado individuais acabam muitas vezes por se perder. Somos ensinados a interpretar revelações, sonhos e intuições segundo dogmas prescritos — religiosos, científicos ou psicológicos. Mas não somos encorajados a encontrar esse material diretamente.

É, pelo menos, possível que a esquizofrenia seja uma condição que resulta quando um indivíduo se encontra no meio de um desses nascimentos psicológicos, mas incapaz de interpretar as suas experiências dentro dos quadros atuais. O que poderíamos precisar seria de uma espécie de parteira psicológica — alguém que nos

ajudasse a decifrar visões ou revelações e depois a aplicá-las à vida cotidiana.

A minha própria experiência conduz-me a estas considerações, pois não há dúvida de que a minha vida envolveu uma série de revelações, cada uma como um novo nascimento a emergir para fora de uma ordem interna de acontecimentos, de tal modo que a minha vida exterior foi enriquecida e renovada. A experiência do “outro universo” mencionada anteriormente apresentou claramente o seu caso de forma simbólica. Até mesmo o longo canal por onde viajei poderia ser interpretado como uma travessia pelo útero; embora eu não tenha feito essa associação na altura, nem considere essa experiência como meramente simbólica.¹

Nesse “outro universo”, encontrei-me a aprender a andar, como uma criança pequena; e, várias semanas depois, estava a aprender a falar uma nova “linguagem”. Essa linguagem vinha de dentro, e não do mundo exterior. Na verdade, tive de aprender a traduzi-la. No meu caso, esta linguagem de transe — ou linguagem do inconsciente — resultou num novo surto de atividade criativa.

Tudo isto envolveu modos altamente específicos de comunicação e de objetivação*. O meu inconsciente recebeu uma voz clara. O nascimento de novo material ocorreu com relativa fluidez, e o meu ego foi reabastecido como resultado. A linguagem Sumari apresentou também um método de expressão emocional. Está livre de estereótipos verbais e atinge-nos frequentemente porque o seu poder emocional, como o da música, reside nos sons e no ritmo.

¹ **Explicitação:** “nascimento” pode ser entendido como a emergência de uma nova configuração do self a partir de uma reorganização interna — não uma origem biológica, mas uma reestruturação do enquadramento experiencial.

* **Objetivação:** corresponde ao processo pelo qual conteúdos internos se traduzem em formas perceptíveis, mantendo continuidade com a sua origem — não como objetos isolados, mas como expressões organizadas do self.

É quase como se eu tivesse nascido numa civilização diferente de mim mesma; como se tivesse descoberto uma nova terra do self. Mas quantas pessoas são atormentadas, em vez de encantadas, por experiências do mesmo tipo, incapazes de reconhecer o seu significado ou criatividade devido às interpretações religiosas ou psicológicas que lhes são atribuídas? Um homem pensa que está a falar por Cristo, por exemplo, ou recebe escrita automática de um ser de outro planeta — no mundo reconhecido do verdadeiro-ou-falso, tais experiências simplesmente não se enquadram. Ninguém ajuda essa pessoa a trabalhar com o material do seu inconsciente. O que significa Cristo para esse homem, e qual é a mensagem? Será a escrita automática um método de trazer percepções valiosas de outro “planeta” da psique? Que transformações criativas e únicas do self estão a tentar nascer, e que apenas necessitam de ser interpretadas em outros termos?

O ponto é que tais experiências são reais, mas, como espero tornar claro mais adiante, a sua realidade existe numa ordem diferente de acontecimentos que tem de ser correlacionada com a vida normal para que a sua verdadeira criatividade possa ser utilizada. Não estou a dizer que tais eventos sejam apenas válidos imaginativamente; estou a sugerir que a sua realidade pode ser a fonte primordial do mundo de experiência que reconhecemos.²

Quais são as metafísicas do inconsciente? Mais ainda, o que é o inconsciente? Certamente não aceito as definições ou interpretações dos psicólogos ou dos sacerdotes. Para as minhas próprias respostas, pelo menos, recorro à minha própria

² **Explicitação:** “ordem diferente de acontecimentos” indica um domínio onde os eventos se organizam por relações internas de significado, que depois se traduzem na experiência ordinária.

experiência. Embora o meu simbolismo possa diferir do de qualquer outra pessoa, estou convencida de que a jornada na psique, o novo nascimento a partir dela, e a sua emergência no nosso mundo seguirão, em geral, um percurso semelhante. À medida que isso acontece, a consciência normal expande-se.

Em questão de semanas, por exemplo, o Sumari proporcionou-me um tipo de poesia completamente diferente. Durante cerca de três anos, tinha-me dedicado à escrita não ficcional, e a minha poesia tinha sofrido. Parecia ter atingido um plateau. Sentada a observar o carvalho, conseguia sentir a minha consciência expandir-se em níveis cada vez mais amplos e profundos. Nesse estado, um dia, palavras em Sumari surgiram-me de forma diferente. “Sabia” que eram versos Sumari, uma poesia antiga que transportava verdades há muito esquecidas pela nossa espécie. Dois níveis de consciência estavam envolvidos: um, no qual eu captava o Sumari; e outro, no qual surgiam as traduções. Regra geral, não conseguia obter a tradução em inglês sem o Sumari, mesmo quando tentava.

Na poesia, as canções Sumari, cantadas ou escritas, delineiam a metafísica do self interior. E essa metafísica é, creio, mais fiel à realidade do que os dogmas exteriores e as ciências que aceitamos como “verdade”.

Algumas dessas canções foram publicadas no meu romance *A Educação de Oversoul Seven*. Aqui incluo algumas ainda inéditas, com o Sumari original. As palavras Sumari são, na verdade, traduções de sinais Sumari, mas estes raramente me preocupam. As palavras escritas parecem certamente uma combinação de francês e latim adulterados — línguas românicas, claro; ainda assim, como veículos de conhecimento inconsciente e expressão

criativa, dificilmente poderiam ser mais adequadas. Terei mais a dizer sobre a linguagem mais adiante, e ainda tenho de a estudar cuidadosamente. Mas eis como ela se traduz em poesia.

Canção do Pássaro-Pensamento

Enaji o J tumba
 Reset-il a baragey
 So tem responde
 Sol tu detum
 Som ambto site
 Curiabus ta
 Nimbo.

Os pássaros lá fora, junto à minha janela,
 São os seus pensamentos enviados para mim.
 Chegam a voar; ainda jovens.
 Alimento-os com migalhas de pão
 Para que não passem fome,
 Depois pousam no ramo da árvore
 De bicos abertos, a cantar:
 Vimos do ninho

Fra maronde taba
 Usa filnoberi
 Java sumbarabi
 Lito tu sumba.
 Gravi tumari
 Silvo un domartum
 Tina sevento marro
 Ino barijeti. Tu a
 Me atum.

Do ontem e do amanhã.
 Deus abençoe a nossa jornada.
 Voámos do interior
 Para o exterior,
 Para o mundo do seu conhecimento.
 A porta da gaiola está escancarada.
 Irrompemos a cantar.
 Enchemos o topo de todas as árvores.

Sal Fra tambo
 Til sa framago
 Ta to tum.
 Ilina illita. Reumbra
 Framago. Tiombreago
 Te mon de.
 Allita.
 Tomage.
 Ilno toimage.

Esplêndidos e luminosos,
 Pequenos como sinos de árvore,
 Dançamos nos ramos
 Dia e noite, sempre.
 Escute-nos. Alimente-nos.
 Somos os seus pensamentos a voar
 Para fora do ninho da gaiola do nascimento,
 Rumo ao verão e ao inverno:
 Pousamos nos ramos
 Dos minutos e dos segundos.

Ra bing toimage zee.

A nossa canção é o seu batimento.

Lin deova	Movemo-nos com os seus pulsos.
Lin framadeo	Envia-nos perfeitos e brilhantes,
Te olage. Framage	Cada um vivo e diferente,
Tu amba.	Para povoar o seu reino.
	Cantamos junto à sua janela
	E alinhamos nos telhados.
Jo solaris nefti	Separados e conscientes,
Enaande	Espreitamos por entre os ramos,
E O responde heri.	Observando a terra interior
Fromage. Tu um tomorro	De encantamento,
De a linagu frimba	O mundo sem céu e sem tempo
Tal toss severage ne	Do nosso nascimento.
Ne ray o marro	
Ti a bra,	
So jari ne remarro	Voamos dos nossos poleiros
Severandi newmarro	De volta ao nosso primeiro ninho,
Fra to tiara. Umbarge	Desaparecendo dentro
Desta. Nea desta.	Da gaiola da sua cabeça,
Nea tumbo.	Depois voltamos a sair
Tel to neambo	E cantamos à sua janela
Desta mora.	Enquanto nos alimenta com migalhas
	Da sua mão.

Poderá ter reparado como a terceira estrofe da Canção do Pássaro-Pensamento é muito mais longa do que o Sumari original. Não sei como uma estrofe tão extensa surgiu a partir de uma mais curta, mas sei que o Sumari continha esses significados “adicionais”. Cada estrofe funciona, na verdade, como uma Pedra de Roseta, pois cada segmento em Sumari possui significados em vários níveis. Várias camadas de sentido estão encaixadas umas dentro das outras, de tal modo que, na realidade, as mesmas palavras Sumari teriam de ser traduzidas duas ou três vezes para se obter uma canção ou poema “completo”. Penso que ainda

existem canções mais antigas enterradas na Canção do Pássaro-Pensamento e em muitas outras, à espera de serem traduzidas.³

Tal como está, tenho de me encontrar num estado de consciência muito particular para obter estes versos; altamente focada, com uma parte de mim muito passiva e recetiva, enquanto outra parte escuta intensamente mensagens que parecem surgir abaixo do som — a partir de ritmos e padrões sonoros inaudíveis. Como referi, por vezes estes chegam demasiado depressa ou demasiado devagar para que eu os acompanhe, mas geralmente emergem nos versos de forma equilibrada. Muitas vezes posso ter o rádio ligado, com o volume muito baixo, a tocar música rock. Penso que, inconscientemente, utilizo a música como um sinal do nível habitual de consciência, e depois avanço “para baixo”, atravessando várias camadas sob esse nível.⁴

Um dia espero fazer um livro inteiro de poesia Sumari e de outro material, e estudar os domínios das palavras e diagramas Sumari que já possuo. Algumas coisas já são claras. As palavras, ou nomes, mudam de acordo com as suas relações. A palavra para, por exemplo, pereira, é diferente conforme os aspetos da árvore que estão a ser considerados, as suas relações como palavra na frase e como objeto no espaço. Em Sumari, as palavras de objeto — os substantivos — frequentemente dissolvem-se em verbos. Eis um exemplo:

³ **Explicação:** as “camadas” não são apenas semânticas, mas correspondem a diferentes níveis de organização experiencial — a mesma estrutura simbólica articula significados distintos conforme o enquadramento de consciência que a interpreta.

⁴ **Explicação:** o “abaixo do som” indica uma descida em níveis de estruturação percetiva — não espacial, mas organizacional, onde o significado antecede a forma audível.

Canção da Pereira

Tul a frumage
 Splendor a traum
 Deliniage betum.
 Ignor te a deus
 Grim a frundi
 Glow in a tua
 Sev er indo.
 Tel r
 Tel e o
 E nater um.

A pereira cresce
 Dos doces caroços
 Do seu sentir,
 Afundados no solo secreto
 Do seu ser.
 Cresce no silêncio
 Do átomo e do entardecer.
 Cresce no conhecimento
 Do seu não-saber
 E floresce no claro

Ar da manhã terrestre.

Le lo terume
 La lay terem a
 Silva en a durum
 Mag dur in e a
 Long de j de
 Marro.
 Gr pa deja nor.
 La ne sev silnor
 De naje or day ney.

A pereira ergue-se
 Deslumbrante e luminosa,
 O fruto do seu amor
 Tornado vivo,
 Uma dádiva às estações
 Do pomar do sentir,
 O amor do átomo,
 Multiplicado.

Deja a bonde
 Sevra nev andu
 Ignor ra france
 Lea ray vetum.
 Taj ja na more
 Splen de a moribus
 Grundi. Mespania
 One a fra bundi
 Meo.

Cada folha canta os seus louvores.
 O ar é a sua respiração
 Através da qual cada folha dança.
 À medida que o seu amor sobe
 Os degraus da sua coluna
 E floresce em sílabas
 E imagens,
 Assim o seu amor flui, invisível,
 Para lá da janela,
 E precipita-se por caminhos ocultos de ar.

Say ja dor remi
 Vem erage soldi nesta
 Gromage teri tom to a
 Is panita tor teritum
 Sta veri ende
 O nana par ser en dra

O seu amor encanta as árvores
 A crescer,
 E esculpe plantas vivas
 A partir do não-saber.
 A pereira, e todas as árvores,
 Crescem

Ilina tor resteri
Teratum is ner o onta.

Do transe do seu amor.

A Canção da Pereira, à sua maneira, está a dizer a mesma coisa sobre a natureza da realidade que o material de Seth, mas fá-lo a partir de um ângulo completamente diferente, observando o nosso ambiente habitual a partir de mais um nível de consciência.

Mesmo enquanto estou a datilografar este manuscrito, alguns dos significados mais profundos do poema tornaram-se-me claros. “Tul a frumage” é traduzido, por exemplo, como “A pereira cresce”. Aqui, “tul” significa especificamente pereira, mas também enquanto membro da sua classe, referindo-se igualmente a outras árvores de fruto. A palavra deve ser considerada em conjunto com a sua relação com “frumage”, que significa literalmente “colheita do eu-terra”.⁵

Na primeira linha da segunda estrofe, “Le lo terume” traduz-se como “A pereira ergue-se”. Aqui, o significado literal é “a terra faz-se crescer a si mesma numa árvore e torna-se terra-em-pé-com-rostos-de-pêra”, sendo que a palavra “pêra” deriva de “ter”, em “terume”.

O mesmo tipo de processo ocorre sob todas as palavras da canção tal como traduzida. “Ignor te a deus”, na primeira estrofe, traduz-se como “Afundados no solo secreto do seu ser”, mas esse significado nasce de uma tradução mais profunda da expressão. Literalmente, significa “Deuses a fechar os olhos”, e o sentido subjacente é o seguinte: quando nós, enquanto deuses, fechamos os olhos no repouso, sonhamos as “nossas” vidas, que vivem, e

⁵ **Explicitação:** o significado não reside na palavra isolada, mas na relação dinâmica entre termos — o sentido emerge da configuração que estes formam no campo de consciência.

esquecemo-nos dos nossos eus divinos. O nosso ser torna-se então secreto para nós mesmos.⁶

Na canção seguinte, Canção dos Irmãos de Prata, creio ter-me aproximado mais de uma dessas canções antigas, embora esta tenha começado num estado de consciência normal. Iniciei-a como um poema para o Rob, mas, ao terminar a primeira estrofe, entrei em Sumari. A partir daí, obtinha uma estrofe em Sumari, depois a sua tradução, depois outra estrofe em Sumari, e assim sucessivamente. Contudo, a meio do poema surgiram duas estrofes traduzidas sem o correspondente Sumari. Até agora, foi a única vez que isso aconteceu.

Ao reler agora o poema, sei que é uma fonte rica de significados interiores. Cada palavra, tal como apresentada, abre-se. Levará algum tempo a desvendar as “mensagens” ocultas da canção, mas, pelo menos, aqui está a primeira tradução. Apresento este poema exatamente como o recebi. Pode ler o Sumari e a tradução, ou apenas o inglês. Ambos, em conjunto, formam o seu próprio tipo de canção-poema.

Shrum Avaganda Vandita

(Num nível, referindo-se ao Rob e a mim, significa A Nossa História em Conjunto. Num nível seguinte, significa Canção dos Irmãos de Prata.)

Levaste-me ao lar e ao leito

⁶ **Explicitação:** o “esquecimento” não é perda, mas uma mudança de enquadramento — a identidade reorganiza-se num modo experiencial onde a sua origem deixa de ser acessível diretamente.

E agarraste
Mais do que aquilo com que contavas,
Pelo menos nos termos que então
conhecíamos.
A magia cresceu à volta dos nossos anos

Como uma cerca de prata,
Para fechar ou abrir.
Mas ali, pressentido, um círculo
Brilhante de silêncio
Que em breve falaria
Línguas estranhas.

Shu umba da lor

La umbi namuta
Maja ra mar
Del turanda. Wanda.

Erguendo-se à nossa volta,
Línguas que falam como flores.
O luar atinge a terra noturna
Como um diapasão. Escute:

Avar unde
Norj alota nosbi
Grec torunda
Vre badedda
Lor de a nesta.

Nunca me perdi — aquietei
O meu farfalhar,
Escondendo-me em lugares de prata
estremecida,

Escutando; serena e, ainda assim,
Intensa nos silêncios.

Ster a lalita
Linga nor lorunda
Far inga tol laleta
Framunge telito.

Trouxeste-me até aqui,
Sabendo e não sabendo,
Crianças nos magos de nós mesmos,
A vaguear por florestas secretas.

Stella unda
Muta ar araba
Aje manage marbimba
El varroom daje

Conhecendo palavras mágicas
De tempos em que animais
E flores, aves e rochas,
Cada um falava em voz alta
Um alfabeto

Rebarka munde
Del ar stel norba
Sha lor.

E mantinham diálogos com a terra
Que respondia
Com nascimento.
Querido amor,

Deixámos, vivos,
Rabiscos na rocha,
Pequenas partes de minúsculos tecidos,
Deslizando por fendas iluminadas pelo sol,
Acabando por nos transformar

Em símbolos fósseis; alfabetos
Que morreram
Para que as linguagens pudessem viver.

Toda esta história antes
De os nossos crânios urbanos
Se tornarem ricos
Com os minérios da memória;
Séculos sobrepostos
Com nascimentos e mortes;

Existências em miniatura.
Anónimos, os nossos tecidos
Piscavam — acendendo e apagando.

Sha ma a leta
Lor manda torinda
Tel jar unde
Res nes patita
Tol inda.

O sol
Move-nos agora, como então.
Avançando lentamente ao longo de falésias
de osso
Iluminadas pelo sol, despertámos,
Maravilhados
Com a luz que agora
Abre as nossas entranhas.

For darambi
Tol arado fromabe
Marjor astare
Fromage
O borare
Gravunde.

Eu falo
E as sílabas reorganizam
Os meus mundos;
Fossilizações
Erguem-se, ondulantes como sementes,
Crescendo em palavras.

Gor shunda
Balika
Granunde
Gortalveri.

Criaturas invisíveis
Que fomos —
Irmãos de prata —
Falam.

From a j stilla
 Tor ande
 T ej ande
 De a no lel arg
 Griming delmateo.
 Sha veri
 Silva tel a matita
 Tur la vi de.

Subindo pelas falésias
 Entre as flores luminosas
 Do crânio,
 Sinto um eu
 No qual eu também me movo
 E estou inscrita,
 Deslizando através de uma história
 Ainda não dita,
 Mas contigo ainda ao meu lado,

E somos irmãos de prata.

Creio que as canções Sumari descrevem o nascimento da psique tal como é visto ou experienciado em vários níveis de consciência: alguns de natureza celular, mas cada vez mais afastados dos estados normais de consciência. Cada vez mais me convenço de que a alma ou psique, ao voltar-se para si própria, encontra a sua própria fonte, desvenda os seus significados e traduz esses conteúdos em formas artísticas, enquadramentos religiosos e científicos, a partir dos quais o self constrói a sua própria vida — ou, em casos excepcionais, a partir dos quais se formam civilizações inteiras.⁷

⁷ **Explicitação:** o “voltar-se para si” corresponde a uma reconfiguração reflexiva do sistema — a psique torna-se simultaneamente fonte, conteúdo e intérprete da experiência.

Penso que, na minha própria experiência ou em qualquer outra comparável, podemos retrair os passos a partir dos quais o self nasce, à medida que emerge do inconsciente para a expressão consciente, formando as suas alianças, civilizações, religiões, artes e ciências. Acredito que isto se aplica ao desenvolvimento de cada indivíduo e reflete também a experiência da espécie. Em termos históricos, escolhemos qual conjunto de metafísicas queremos seguir, e certamente poderiam ter sido seguidos outros caminhos igualmente válidos — talvez até superiores — em vez do atual modelo ocidental cristão.

Mas qualquer forma cultural de olhar para a realidade tem origem num nascimento psíquico e, conforme o seu impulso, poder e capacidade de persuasão, floresce no nosso mundo ou permanece latente. Acredito que, quando o enquadramento conceptual exterior deixa de refletir as realizações e o conhecimento psíquico interior, será abandonado. O ser humano regressa então às suas visões e revelações, sabendo intuitivamente que só a rica criatividade da psique pode gerar novas perceções que, com o tempo, se irão organizar em estruturas mais significativas.⁸

A psique viva está viva. Tem de abandonar vestes antigas e gastas e criar outras novas. Os deuses antigos não morrem; simplesmente desvanecem-se, e outros ocupam o seu lugar. Mas os deuses são também espelhos da psique. Só que — o que é a psique, e quão vasta é a sua experiência privada e coletiva, o seu conhecimento e a sua compreensão?

⁸ **Explicitação:** há um desfasamento entre níveis — quando a estrutura exterior deixa de corresponder à organização interna, ocorre uma reconfiguração que reabre o acesso ao campo experiencial mais profundo.

As respostas encontram-se na própria psique e nas nossas experiências com ela. Os sistemas de crenças são reflexos do conhecimento da psique, traduzidos em organização cultural. Qualquer desses sistemas parecerá evidente por si mesmo à civilização que o sustenta.

Em termos breves, suspeito que me afastei dos sistemas de conhecimento geralmente aceites quando estes não conseguiam explicar a minha experiência pessoal. Em outros termos, as sociedades fazem o mesmo. Penso que o material de Seth e o Sumari são também corretivos, por exemplo, no sentido em que procuram alterar tendências atualmente mantidas como crenças.

Ambos, em estéreo, representam elementos da minha psique e emergem dela — Seth, o professor de forte presença, intelectualmente mais livre do que eu, expondo de forma brilhante teorias de que eu necessitava enquanto indivíduo, e que são igualmente necessárias à sociedade de que faço parte — e o Sumari, com qualidades que consideramos femininas, trazendo para primeiro plano alegorias antigas de sacerdotisas. Seth é prático. Aplica constantemente material revelatório à vida quotidiana e utiliza-o para iluminar e reorganizar os padrões normais de existência.⁹

Como verá mais adiante, acredito que muito mais está envolvido, mas aqui estou apenas a referir-me à psique inconsciente e aos seus poderes de transformação e criatividade.

⁹ **Explicitação:** as diferentes “vozes” podem ser entendidas como configurações funcionais do self — modos especializados de organização e expressão — que podem manifestar-se experiencialmente como entidades relativamente autónomas, correspondendo a duas leituras do mesmo processo: uma como diferenciação interna da identidade, outra como alteridade operativa.

A metafísica Sumari surge, então, na poesia e nas canções, sob a forma de manuscritos antigos traduzidos em termos modernos. Para além disso, está em formação um sistema de matemática superior — ou melhor, estou no processo de o receber. Este material, aliás, surgiu ao Rob em Sumari, mas ele não conseguiu traduzi-lo.

Outros elementos continuam ainda em desenvolvimento. Como referi, por vezes ouço sons demasiado rápidos ou demasiado lentos para serem traduzidos. O meu sistema nervoso parece estar a fazer certos ajustamentos, e estas experiências são simultaneamente estimulantes e frustrantes. Ou sinto que estou a tentar captar um diálogo falado a uma velocidade incrível, ou a um ritmo tão lento que uma frase levaria um século a terminar. Tentei traduzir esse material, por vezes em sessões de Seth, com graus variados de sucesso.

Todos estes desenvolvimentos surgiram quase plenamente formados no espaço de um mês. Comecei a falar Sumari durante o sono. Alguns dos meus alunos também. Por vezes, sentia o nível de consciência Sumari logo no início do dia, sintonizava-me com ele e recebia e traduzia três ou quatro canções. Houve muitos “dramas” Sumari nas aulas, com duas vozes predominantes: uma feminina, melódica, e outra muito mais grave, de tonalidade masculina.

Estou a escrever sobre o início do Sumari com o benefício da retrospectiva. Na altura, interrogava-me sobre o propósito da linguagem e as implicações do próprio fenómeno. Tivemos várias sessões de Seth sobre o assunto (perguntando a um nível de consciência o que estava a acontecer noutro nível). Conscientemente, eu estava mais do que satisfeita com o aumento de criatividade e, como sempre, interpretei este enriquecimento da

vida normal como sinal de que os acontecimentos internos eram benéficos.¹⁰

E Seth começou a organizar e a explicar o Sumari. Eu confiava em Seth, por isso confiava também na sua interpretação. Numa sessão, a 599.^a, a 8 de dezembro de 1971, ele comparou a linguagem Sumari a uma ponte. Nessa sessão disse:

No seu trabalho comigo, serão fornecidos vários tipos de métodos de ensino. Serão utilizados passos e pontes.

É inútil perguntar se uma ponte é verdadeira ou não. Ela existe. Leva-o a algum lugar. Uma ponte é uma realidade válida, independentemente da sua arquitetura, do tipo de símbolos que possam estar inscritos nela, da sua cor ou do material de que é feita. A linguagem Sumari é uma ponte e é válida nesses termos. Conduzi-lo-á ao uso dos sentidos interiores, afastando-o da natureza limitadora de expressões feitas e da linguagem familiar que já está carregada das suas próprias conotações.

A linguagem Sumari é, então, uma ponte nesses termos; um método de comunicação. É o início de um veículo logicamente não estruturado que o conduzirá, espera-se, ao coração interior da percepção. Espero que, eventualmente, lhe permita experienciar de forma mais plena a cognição interior que está subjacente à percepção física e à tradução física.¹¹

Uma ponte serve tanto para ir como para voltar, e transporta conteúdos em ambas as direções. A linguagem Sumari, nesses termos, será utilizada como um método para o levar mais profundamente à natureza da cognição interior e, depois, permitir-lhe regressar, retraduzindo aquilo que aprendeu — mas não automaticamente, nem em padrões verbais estereotipados. A

¹⁰ **Explicitação:** o critério de validação não é ontológico, mas funcional — mede-se pelo efeito integrador e criativo na experiência vivida.

¹¹ **Explicitação:** a “cognição interior” refere-se a um nível de organização onde o significado precede a forma sensorial — a percepção física surge como tradução posterior.

linguagem bloqueará, portanto, a tradução automática da experiência interior em estereótipos.

Ou seja, Sumari funciona como uma interface de tradução entre níveis de organização da consciência.¹²

Seth prosseguiu, oferecendo material sugestivo sobre a natureza dos alfabetos em geral e o nascimento das linguagens. Irei estudar esse material quando começar a decifrar todo o Sumari que se está a acumular, tanto em gravações como em manuscritos. De forma bastante característica, Seth acrescentou:

O Sumari será utilizado como um método de expansão dos seus conceitos, e não para o ensinar a traduzir a experiência numa outra forma estereotipada, ainda que diferente e mais exclusiva.

Na sessão seguinte, a 600.^a, falou sobre os sons do Sumari como sendo importantes independentemente dos significados atribuídos a palavras específicas.

Os sons utilizados na linguagem têm a sua própria importância e serão, à sua maneira, representativos ou sugestivos de sentimentos que têm sido em grande parte inconscientes. Esses sentimentos, contudo, são a extremidade da cognição interior, e utilizaremos os sons para nos levar ainda mais profundamente a paisagens internas onde tanto os objetos como os seus representantes terão, por fim, de ser abandonados. Usaremos a linguagem para que possamos, finalmente, deixar de a usar — por outras palavras. Estes serão os

¹² **Explicitação:** o Sumari pode ser entendido como uma interface — uma estrutura de mediação que permite a comunicação entre a matriz pré-verbal de significado e a linguagem articulada, correspondendo à função de “ponte” descrita por Seth, ao possibilitar a tradução bidirecional entre níveis distintos de organização da experiência, constituindo duas leituras do mesmo processo.

inícios de métodos algo mais profundos de trabalhar através dos sentidos interiores.¹³

Nesta sessão, Seth discutiu também os alfabetos e apresentou algumas palavras Sumari com os seus equivalentes: “shambaline” conota as faces mutáveis que o self interior adota ao longo das suas diversas experiências. Trata-se de uma palavra que sugere relações para as quais não existe termo na sua linguagem; “shambalina garapharti” torna-se, então, “as faces mutáveis da alma sorriem e riem umas para as outras” — tudo isso contido numa única expressão.¹⁴

Retomando os valores sonoros, Seth afirmou novamente que existia uma estrutura na linguagem Sumari, mas não do tipo a que estávamos habituados.

Parte da sua eficácia relaciona-se com a sincronização dos seus ritmos com o ritmo corporal. Os próprios sons ativam áreas do cérebro que normalmente não são utilizadas de forma consciente. É uma linguagem disciplinada no sentido em que a espontaneidade possui uma ordem muito superior a qualquer [ordem] que reconheçam.¹⁵

Seth utilizava frequentemente a palavra Sumari “*cordella*”, como uma espécie de alfabeto-mestre. Aqui desenvolveu essa ideia:

Cordellas são símbolos invisíveis que emergem à superfície. Ao fazê-lo, mostram o universo sob uma nova luz, pela própria natureza das suas relações. De forma muito limitada, os alfabetos

¹³ **Explicitação:** a linguagem funciona como dispositivo transitório — um meio que permite aceder a níveis onde já não é necessária, pois o significado é apreendido diretamente.

¹⁴ **Explicitação:** uma única forma simbólica pode condensar múltiplas relações simultâneas — o significado não é linear, mas configuracional.

¹⁵ **Explicitação:** a “ordem na espontaneidade” indica uma organização emergente — não imposta externamente, mas gerada a partir da coerência interna do sistema.

fazem o mesmo, pois, uma vez aceites certos símbolos verbais básicos, estes impõem a sua disciplina até ao próprio pensamento... e projetam a sua luz particular sobre a realidade que percecionam.

Ainda assim, os alfabetos são ferramentas que moldam e dirigem a percepção. São conjuntos de relações que projeta sobre a “realidade”. Nesse sentido, moldam as suas conceções do mundo que conhece. A sua disciplina e rigidez são consideráveis. Uma vez que pensa numa “árvore” como árvore, é necessário um grande esforço para voltar a vê-la de forma fresca, como uma entidade viva e individual.

As *cordellas* não têm essa rigidez. Relações internas invisíveis podem emergir, sendo a realidade reconhecida observada através das “lentes” dessas relações emergentes.

Ou seja, as *cordellas* correspondem a padrões dinâmicos de relação que precedem a fixação conceptual — a percepção reorganiza-se a partir deles, em vez de ser moldada por categorias estáticas.

Seth foi ainda mais longe, afirmando que existiam *cordellas* dos sentidos:

É como se existissem alfabetos que funcionassem para os sentidos — para o tato e o olfato. Os significados podem surgir e desaparecer livremente, enquanto que, usando as ideias estabelecidas de linguagem, os significados ficam rigidamente ligados a experiências específicas, obrigando a percepção a permanecer dentro de limites bem definidos.

Na altura, não compreendíamos plenamente a referência de Seth às *cordellas* e aos sentidos (embora mais tarde, como verá, tenhamos feito algumas correlações importantes). Mas seria o Sumari uma linguagem? E, se sim, em que termos?

Nos seus termos,

disse Seth,

a linguagem Sumari não é uma linguagem, pois não foi falada verbalmente por nenhum grupo de pessoas na sua história. Em termos bastante diferentes, é uma linguagem que está na base de todas as linguagens e da qual todas as linguagens emergem.¹⁶

Nos seus termos, os alfabetos não mudam, ou seriam considerados relativamente inúteis. As cordellas mudam. Os alfabetos são o aspeto físico das cordellas. Um pequeno aspeto de uma cordella é captado e, por assim dizer, congelado, e o seu movimento habitual e o ritmo das suas transformações deixam de ser reconhecidos.

A vitalidade viva da cordella surge da necessidade do universo de se expressar e compreender a si próprio, de se formar em padrões sempre mutáveis e de se surpreender a si mesmo. A linguagem padronizada não permite tais surpresas. A linguagem Sumari é utilizada no estado de sonho. A própria linguagem procura significados. Está oculta em todas as linguagens, quer soem semelhantes ou não...¹⁷

Desenvolve-se a partir de sentimentos que, pela sua natureza, são impedidos de expressão clara pelos sistemas alfabéticos específicos, mas limitadores. Permite ao percecionador confrontar a experiência de forma mais direta e, tendo feito isso até certo ponto, torna-se livre também noutras áreas.¹⁸

O último parágrafo dessa sessão foi particularmente marcante para mim, e ajudou-me a compreender o que Seth queria dizer com a cordella e a sua aplicação à linguagem Sumari. Ele disse:

Se fosse um artista consumado em várias áreas, poderia traduzir um dado sentimento numa pintura, num poema, numa obra-prima

¹⁶ **Explicitação:** a linguagem pode ser entendida como emergindo de uma matriz pré-verbal de organização do significado, onde padrões relacionais dão origem tanto à experiência como às suas formas expressivas; esta matriz pode ser descrita, noutra perspetiva, como um “campo”, correspondendo a duas leituras do mesmo processo em níveis distintos.

¹⁷ **Explicitação:** o significado não é fixo nem previamente dado — emerge como processo dinâmico de auto-organização do sistema.

¹⁸ **Explicitação:** ao libertar a perceção das estruturas rígidas, abre-se um campo onde a experiência pode reorganizar-se de modo mais amplo e menos condicionado.

musical, numa escultura, num romance, numa ópera e numa grande obra de arquitetura. Seria capaz de perceber e sentir a experiência com maior dimensão, pois a sua expressão não estaria limitada a traduzi-la automaticamente, sem escolha, para uma única área específica. Assim, uma cordella, em oposição a um alfabeto, abre uma maior variedade de experiência e de expressão.¹⁹

As cordellas representam relações inacabadas e em constante mutação, que nunca podem ser totalmente expressas, mas que procuram continuamente expressão.

De facto, essa multiexpressão é frequentemente utilizada agora nas aulas, e penso que começou precisamente por volta da altura em que Seth apresentou esta sessão. Ele faz uma determinada afirmação. Depois eu “entro em Sumari” e, através de uma canção Sumari, expresso a mesma ideia de outra forma. Muitas vezes, Seth comenta, e cada expressão evidencia diferentes aspetos do mesmo ponto.

O desenvolvimento do Sumari e estas sessões acompanharam-nos ao longo desse inverno de 1971 e até 1972. Eu estava a trabalhar simultaneamente na minha autobiografia e no livro sobre as experiências das aulas, e passávamos os domingos com a mãe do Rob. No final de janeiro, decidimos que precisávamos mesmo de fazer uma pausa, e fomos para a Flórida durante o mês de fevereiro.

Pensei que já tinham ocorrido desenvolvimentos suficientes para toda uma vida. No entanto, ao regressarmos, consegui sentir aquele movimento interior estranho — uma sequência de

¹⁹ **Explicitação:** a cordella funciona como matriz relacional — permite que o mesmo núcleo experiencial se desdobre em múltiplas formas sem perder a sua coerência interna.

acontecimentos internos, desconexos, mas definidos, que aprendi a reconhecer. Mais estava a caminho. Mas mais de quê?²⁰

²⁰ **Explicitação:** a antecipação não se refere a eventos externos específicos, mas à emergência iminente de novas configurações de experiência no campo da consciência.

CAPÍTULO 9

Oversoul* Seven e o Nascimento dos “Aspetos”

Aquele inverno foi invulgarmente frio na Flórida. A nossa cabana era uma entre talvez vinte, numa área dividida quase igualmente entre trailers e cabanas; um lugar pouco sofisticado, mas bastante funcional, habitado sobretudo por pescadores locais e algumas equipas de construção que trabalhavam numa ponte próxima. Levei os meus manuscritos comigo. Embora estivéssemos nas Flórida Keys, precisávamos de aquecedor, e não estava calor suficiente para nadar.

Quando regressámos a casa, encontrámos os vestígios de uma queda de neve de dezoito polegadas. Dois dos meus alunos tinham ficado nos nossos apartamentos e tratado dos nossos gatos e plantas durante a nossa ausência. Assim, a primeira coisa que fiz foi reorganizar tudo, tornando novamente o espaço nosso. Apenas alguns dias depois, chegaram as provas tipográficas de *Seth Fala*, e o Rob e eu instalámo-nos para as rever.

A noite de 13 de março estava fria e ventosa. Estávamos a fazer a revisão. Olhei para o Rob, impressionada pela intimidade daquela cena doméstica; os dois a trabalhar; os gatos a dormir sobre o tapete azul; as sombras da noite a descer lentamente. Aproximei-

* Oversoul: configuração ampliada de identidade que integra múltiplos eus/aspetos

me e beijei a testa do Rob. Ao fazê-lo, a sensação mais estranha captou a minha atenção. Algo diferente estava a acontecer na minha consciência — mas o quê? Fiquei tentada a ignorar — tínhamos tanto trabalho para fazer —, mas treinei-me para estar atenta aos meus estados subjetivos. Esperei alguns minutos e depois mencionei ao Rob o que estava a sentir.

Entretanto, os gatos acordaram. Vieram na nossa direção, à procura de atenção. O Rob sugeriu que os levássemos para a outra divisão para não me distraírem, e fomos então para a sala grande, com os gatos atrás de nós. Ia tentar enganá-los: entrar apenas um pouco e depois fechar rapidamente a porta. Em vez disso, fui até à janela e, de forma despreocupada, lancei um olhar para o exterior. Instantaneamente, fiquei como que hipnotizada. Vi o cruzamento lá em baixo com uma nitidez literalmente espantosa para mim naquele momento; como se nunca tivesse visto aquele ou qualquer outro cruzamento em toda a minha vida. Toda a cena estava impregnada de uma vitalidade em fluxo impossível de descrever.

Não conseguia desviar os olhos, e mal conseguia falar. O Rob percebeu que algo estava a acontecer. Foi buscar o gravador e colocou-o ao meu lado. Eu quase não tinha consciência disso. Durante quatro horas, um tal êxtase preencheu-me que fiquei perdida na cena lá em baixo: os poucos centímetros de neve; as luzes dos carros a rasgar a escuridão; as sombras íntimas e requintadas, todas dotadas de uma supervida que escapa a qualquer palavra.

O meu estômago agitava-se cada vez que um carro passava pela pequena elevação da estrada mesmo por baixo do semáforo; nunca antes tinha sequer reparado que ali havia uma elevação. Exclamava repetidamente de alegria sem reservas, surpreendida por uma nova

sombra ou pelo movimento súbito de um fio telefónico. Nunca tinha visto cores tão brilhantes, exceto duas vezes em estados fora do corpo. Era como se o mundo tivesse sido plano antes. Agora, as cores tinham colinas e vales, profundidades e distâncias dentro de si mesmas. O campo do outro lado da rua vibrava; a neve era como uma esponja viva, responsiva a tudo. Quando os faróis atravessavam essa neve viva, mal conseguia suportar.

À medida que os carros passavam, eu tinha consciência de alguma relação positiva entre cada um deles — elástica, penso — e sentia as alterações do ar que ocorriam entre um carro e outro; as mudanças abruptas e, no entanto, perfeitas, em tudo isto quando um carro virava; e a unidade desse movimento com todos os outros movimentos a ocorrer simultaneamente.

Contudo, o ponto culminante da experiência envolveu um pedaço de jornal amarrotado que continuava a ser levado pelo vento. Eu fazia parte, de forma cinética, dos seus movimentos, e, embora na altura me fosse impossível descrever o que sentia, mais tarde o acontecimento tornou-se parte de um poema. Enquanto observava efetivamente o papel a mover-se, tudo o que conseguia dizer era: “Uau... oh, incrível.” Um ano depois, porém, enquanto escrevia, o episódio regressou-me, mas já com distância suficiente para o descrever. Estes três versos de *Diálogos da Alma e do Eu Mortal no Tempo* explicam o que quero dizer.¹

¹ **Explicitação:** O que aqui emerge não é apresentado como uma deslocação para “outro lugar”, mas como uma reconfiguração do enquadramento experiencial — o palco reorganiza-se e, com ele, o próprio espetáculo. A intensidade, a hipervitalidade e a inter-relação percebida entre fenómenos (carros, luz, neve, ar, objetos) sugerem uma alteração no modo de integração da informação: o que antes surgia como entidades separadas passa a manifestar-se como um campo contínuo de relações dinâmicas. Neste sentido, o “nascimento dos aspetos” pode ser lido como o início de uma diferenciação interna da identidade — não como criação de entidades externas, mas como abertura de múltiplas configurações do self que operam em diferentes modos de organização da experiência. São, portanto, duas leituras do mesmo processo:

O Papel

Mas espere—
vejo um pedaço de papel
lá fora na janela,
na rua.

Oh, veja-o mover-se,
a deslizar nas ondas do ar,
como que à espera do impulso mais alto
e a lançar-se nele,
ou a erguer-se pelas colinas luminosas do espaço
e a descer a voar
pela encosta do vale.

Aterra junto a uma sombra azul-escura
que não é de todo plana,
mas uma criatura suave, fresca e secreta,
trazida à vida
pelo vento e pela luz
do instante.

Oh, sombra, brilhante
e escura ao mesmo tempo,
quão querida és neste
instante luminoso
do universo.
Agora, oh agora o papel move-se,
juro que por vontade própria.
Ele quer
sentir a brisa por baixo a empurrá-lo
e vibra ao oferecer a sua própria resposta.

Oh, veja-o partir,
a roçar o ar como uma borboleta frouxa,
asas a bater,

— uma, em que novas “presenças” parecem emergir;

— outra, em que o próprio sistema de consciência se redistribui em padrões mais complexos de percepção e agência.

tocando, mas não chegando bem a tocar
o passeio
e elevando-se de novo,
tonto, delirante,
os seus próprios sons a estalarem
contra a sua face inferior
e o ar a roçar
nas suas margens
com um zumbido abafado.
Se aquele papel se mover outra vez,
acho que morro.
Juro que não consigo olhar
por mais tempo
ou perderei
todo o meu juízo.²

Estava, de facto, num estado elevado de consciência quando escrevi o poema, mas aí a inspiração e as palavras estavam unidas. Na experiência original, as palavras eram tão inadequadas que eu deveria ter ficado profundamente frustrada. Em vez disso, sentia-me num mundo onde as palavras não tinham aplicação.

O Rob continuava a tentar registar algo de concreto na gravação, fazendo perguntas de vez em quando. As suas perguntas não faziam sentido para mim; isto é, no meu estado de consciência eram basicamente desprovidas de significado. Eu compreendia-as — as palavras e o que queriam dizer —, mas simplesmente não se aplicavam ao lugar onde eu estava. Tudo o que ficou gravado foram quatro horas de “oh”, “ah”, “uau” e respiração excitada.

Durante cerca de uma semana depois, eu via subitamente o mundo dessa forma super-real e sentia-me parte de tudo o que via.

² **Explicitação:** O que aqui é descrito pode ser lido como uma intensificação extrema da sensibilidade percetiva, em que o “objeto” (o papel) deixa de ser apenas algo observado e passa a emergir como parte de um campo relacional vivo. Ou seja, não se trata necessariamente de o papel “ganhar vontade própria”, mas de a experiência reorganizar-se de modo a revelar padrões de interação — ar, movimento, luz, percepção — como um único processo contínuo.

Sentia-me regenerada e perguntava-me se a experiência transbordaria para outros aspetos da minha vida de alguma forma. Algumas noites depois, a 19 de março, acordei com a sensação de ter tido um sonho extraordinário, cheio de um novo tipo de criatividade, mas não conseguia recordar mais nada. Duas noites depois aconteceu o mesmo. Registei ambos os casos no meu caderno de sonhos e esqueci-os.

Entretanto, Tam Mossman, o meu editor, vinha de carro para discutir a publicação do livro sobre as nossas experiências nas aulas. A minha mente estava focada nesse manuscrito, que estava parcialmente concluído. Tentava dar-lhe forma, e ele encontrava-se empilhado na minha secretária. Ao mesmo tempo, planeava um jantar para convidados e arrumava a casa. A 23 de março, dia em que o Tam iria chegar, andava atarefada e fiz uma pausa para limpar o pó da secretária quando algumas linhas surgiram na minha mente. Encolhi os ombros e escrevi-as:

Oversoul Seven fez uma careta a Cyprus e começou o exame.

Vejamos,

disse ele.

Em termos terrestres, usando uma analogia, sou um homem à quarta-feira e à sexta-feira, uma mulher ao domingo e à quinta-feira, e tenho o resto do tempo livre para estudo independente.

Ora, o que significaria aquilo? — perguntei a mim mesma. Afastei a nota e continuei com as tarefas domésticas. Cerca de uma hora depois, senti um impulso para ir à secretária. Algo confusa, fiquei ali por um momento. O que é que eu queria fazer? O manuscrito estava pronto; o Tam chegaria em breve; era hora de preparar o

jantar. Ainda assim, permaneci ali, cada vez mais intrigada. Então, mais algumas frases surgiram na minha mente — claramente pertencentes ao que já tinha escrito antes. Apressei-me a anotá-las, e depois mais duas páginas.

As linhas “simplesmente surgiram”, aparentemente do nada. Pareciam o início de um romance, pensei, o que era estranho: um romance era a última coisa em que eu pensava naquele momento, e toda a minha atenção estava dedicada ao livro sobre as aulas. O Tam vinha precisamente para discutir isso. Ainda assim, os trechos eram notáveis à sua maneira, por isso mostrei-os ao Rob e depois esqueci-os.

O Tam chegou. À medida que a nossa conversa avançava, disse que não achava que fosse o momento certo para o livro das aulas. *Seth Fala* ainda não tinha sido publicado, e as vendas de *O Material de Seth* eram tudo o que tínhamos como referência. Mais do que isso, enquanto conversávamos, percebi que não me sentia nada satisfeita com o manuscrito. Ainda não conseguia explicar alguns dos acontecimentos das aulas de forma satisfatória. (Na verdade, só no início de *Aspetos* e deste livro consegui lidar com esse material.) A autobiografia que tinha começado também não estava pronta para ser mostrada. Parecia que tinha chegado a um impasse momentâneo.

Algo que o Tam disse fez-me lembrar as duas páginas que tinha rabiscado anteriormente. Foi o Rob quem sugeriu que eu lhas mostrasse. Assim, a rir, falei-lhe da ideia e, em vez de um manuscrito datilografado e organizado, entreguei-lhe duas folhas desordenadas, intituladas *A Educação de Oversoul Seven*.

O Tam ficou intrigado. À medida que conversávamos, com entusiasmo, percebi que queria regressar à ficção por um tempo.

Não queria escrever o livro das aulas — pelo menos não naquele momento. No entanto, queria um contrato. Aquelas páginas rabiscadas resolveram um dilema que, conscientemente, eu tentara ignorar.

Nos quatro dias seguintes, escrevi três capítulos. Bastava sentar-me, e as palavras surgiam na minha mente tão rapidamente quanto eu conseguia escrevê-las. O livro vinha claramente de um nível de consciência diferente do habitual, embora eu o registasse no meu estado normal. Qualquer tentativa de interferir com ele a partir de outro nível estragava-o. Por exemplo, sempre que tentava “melhorar” uma passagem, reescrevendo-a para lhe acrescentar “profundidade”, ela perdia a sua força original. Ou, por vezes, pensava que um capítulo terminaria de certa forma, mas acabava de outra. Aprendi a confiar no processo: escrever o que surgia e, de resto, deixá-lo intacto.

O vocabulário era muito simples, mas límpido. No início preocupei-me com o carácter quase infantil de algumas cenas, mas, à medida que o livro avançava, percebi que tinham uma qualidade própria, cintilante e sem ruturas.

O livro transbordou para os meus sonhos. Capítulos inteiros surgiam no estado de sonho. Bastava escrevê-los de manhã. *Oversoul Seven*, a personagem principal, adquiriu para mim uma espécie de realidade própria. Quando me sentava para escrever, pedia-lhe mentalmente o próximo capítulo — e ele surgia, as palavras tão polidas e brilhantes como seixos de rio, deslizando para a minha mente. Nunca “via” *Seven*, mas ele parecia maravilhosamente imediato e acessível. Acabei por lhe pedir conselhos sobre várias questões pessoais, e as suas respostas vinham como o livro vinha — através da escrita. Sentia-me à

vontade com ele e, durante algum tempo, não me preocupei com a natureza da sua realidade.

Seven era livre! Ninguém o iria tratar como tratavam Seth, pedindo ajuda para problemas pessoais. Porque... bem, porque *Seven* era apenas uma personagem fictícia. Não era? Claro que era — e eu ia mantê-lo assim. Mas *Cyprus*, a professora de *Seven* no livro, era outra coisa.

Reconheci-a na primeira vez que apareceu no livro: era a personalidade que eu sentia ser quando cantava Sumari. De facto, à medida que o livro se escrevia, ele descrevia uma civilização antiga que utilizava um sistema matemático que já me era familiar — o mesmo sistema que eu recebia em Sumari e tentava traduzir. Em alguns pontos, poemas Sumari seriam inseridos. Outros, usados no livro, surgiam no momento. Os “Oradores”³ de Seth também apareceram em *Oversoul Seven*.⁴

³ **Explicitação:** Os “Oradores” não são necessariamente indivíduos separados que comunicam conteúdos, mas modos através dos quais a experiência se torna articulável. Não se trata de “alguém que fala”, mas da ativação de uma função de expressão — um ponto onde o que é potencial na consciência ganha forma comunicável.

Neste sentido, os “Oradores” podem ser entendidos como interfaces operativas dentro do campo da consciência: configurações através das quais determinados padrões de significado se organizam e se tornam dizíveis. O que aparece como “voz” pode não corresponder a uma entidade externa, mas a uma diferenciação funcional do próprio sistema de experiência.

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que os “Oradores” são percebidos como fontes distintas de comunicação;

— outra, em que constituem modos internos de articulação da consciência, através dos quais diferentes configurações do self se expressam.

⁴ **Explicitação:** O que se delineaia aqui pode ser compreendido como a emergência de uma nova configuração organizadora da experiência — o que o texto apresenta como “*Oversoul Seven*” pode ser lido, simultaneamente, como personagem e como aspeto operativo do próprio sistema de consciência da autora. São duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que “*Seven*” aparece como entidade com agência própria, capaz de responder, aconselhar e estruturar narrativa;

— outra, em que a identidade se redistribui, permitindo o acesso a conteúdos, padrões e coerências que não estavam disponíveis no modo habitual.

Enquanto tudo isto decorria, eu desfrutava da mais plena liberdade criativa e psíquica. Seth já tinha começado a ditar o seu livro seguinte, *A Natureza da Realidade Pessoal*, nas nossas sessões regulares. Mas eu mal podia esperar para regressar a *Seven* todos os dias. O livro apontava claramente para o conceito de tempo simultâneo — e da forma mais curiosa. Num dia podia escrever o Capítulo Dez, e no seguinte o Capítulo Cinco. Nunca sabia o que iria acontecer às personagens. Se sabia onde estavam, por exemplo, no Capítulo Dezanove, não sabia como lá tinham chegado, porque ainda não tinha os capítulos Dezassete ou Dezoito.

Entretanto, no nosso tempo, outros acontecimentos irrompiam. A minha mãe estava muito doente. Vivia noutra parte do estado, e eu também não a via há anos. A minha tia informou-me da sua doença cerca de dois dias antes de eu fazer uma conferência numa universidade próxima. Era a primeira conferência que aceitava há muito tempo. Tinha também aceite uma segunda, marcada para a semana seguinte. Ambas tinham sido agendadas com meses de antecedência.

A primeira conferência proporcionou-me a maior audiência presencial até então. Fui convidada pelo diretor do departamento de filosofia. Quinhentos estudantes universitários encheram um auditório intensamente iluminado. Deixei claro, como sempre, que faria uma exposição ou responderia a perguntas, mas não realizaria uma sessão de Seth. Isso dá-me liberdade. Se Seth quiser “manifestar-se” e o momento parecer adequado, então será um extra. Na verdade, isso só aconteceu duas vezes, e quando Seth

falou (ambas na televisão), fê-lo com grande eficácia. Mas eu sou escritora, não intérprete, por isso deixei tudo isso bem claro.

Mas, como descobri mais tarde, esse acadêmico — o diretor do departamento — tinha preparado uma armadilha.

Fingindo concordar e compreender, o professor organizou a audiência com estudantes preparados com perguntas previamente combinadas e numeradas. Cada pergunta era “mais rígida e mais crítica” do que a anterior. Como lhes explicou antecipadamente, a ideia era pressionar-me até ao limite, para que eu precisasse de Seth — fosse ele quem fosse — para me “salvar”.

O professor assumiu que aquelas perguntas engenhosas seriam tão devastadoras que eu não teria outra alternativa. Tinha muito a aprender. Além disso, numa inversão curiosa, fez com que metade dos estudantes se concentrasse intensamente a pensar “Seth não existe”, enquanto a outra metade enviava mensagens mentais para que eu deixasse Seth manifestar-se e provasse o contrário.

Durante o jantar com este cavalheiro intrigante, e outro professor, comecei a sentir-me desconfortável. O Rob também. Os nossos anfitriões conversavam com toda a cordialidade académica, e era difícil prestar atenção simultaneamente ao plano superficial — onde tudo parecia correr bem — e ao plano subjacente, onde algo parecia errado. No entanto, assim que comecei a falar e fui confrontada com aqueles estudantes e com as mensagens mentais contraditórias, fiquei furiosa. A atmosfera teria sido evidente até para um médium completamente inexperiente.

Não tinha consciência explícita das mensagens específicas, apenas das emoções carregadas e da encenação geral. Também sentia Seth por perto, e sabia que ele acompanharia qualquer decisão que eu tomasse. Decidi que não. Em vez disso, acedi a outro

nível de consciência. Uma espécie de fluidez Sumari envolveu-me. Ao falar, nunca fui tão serena. As perguntas foram respondidas com uma facilidade imperturbável. Havia também pessoas que não participavam no jogo do professor, claro, e dirigi-me sobretudo a elas. Mais tarde, numa festa, alguns estudantes confessaram-me, com algum embaraço, o que se tinha passado.

Certamente, esta atitude não é predominante na maioria das universidades — longe disso. Ainda assim, era indicativa do que se entende vagamente como o enquadramento intelectual-crítico — na sua pior forma. O verdadeiro intelectual ou cientista é de mente aberta. Fiquei perturbada, pois esperava que um professor de filosofia fosse curioso em relação a ideias e filosofias, e intelectual e criativamente vigoroso.

Como jovem escritora na universidade, pelo menos as minhas capacidades tinham sido respeitadas.

Já percorreste um longo caminho,
pensei.

Vê o que as universidades pensam de ti agora.

E, quando a minha irritação passou, percebi pela primeira vez como a educação estabelecida pode ser limitadora — não que tenha de o ser, ou que o seja sempre.

A segunda conferência ocorreu cerca de uma semana depois. No dia anterior, a minha mãe morreu, de forma algo inesperada. Estávamos apenas a iniciar a aula de escrita criativa quando recebi o telefonema.

Não havia nada que pudesse fazer, por isso mantive a aula. A conferência também tinha sido marcada com meses de antecedência, e não queria desapontar aquelas pessoas. O encontro

era numa cidade a várias horas de distância, por isso o Rob e eu partimos cedo na manhã seguinte.

Não tive qualquer conhecimento prévio consciente da morte da minha mãe. Contudo, duas noites antes tive uma experiência onírica bastante perturbadora, na qual estava a cair e a pedir ajuda, e acordei sabendo que aquilo era o reflexo da experiência de outra pessoa. Nessa mesma manhã, todo o sonho apareceu no manuscrito de *Oversoul Seven*, no capítulo em que Lydia, uma das personagens principais, morre. No livro, o sonho é de *Seven*. Todo o capítulo que envolve a morte dessa personagem foi escrito no dia anterior à morte da minha mãe.

Era início de maio, e na verdade desfrutei da viagem pelo estado. Tudo parecia brilhante e vivo do nosso lado da condição de criatura, enquanto me interrogava sobre o que a minha mãe estaria a experienciar naquele outro lado que parece tão eficazmente fechado à nossa visão.

Depois: a conferência. Tratava-se de uma organização de orientação religiosa. Fui recebida por pessoas que genuinamente queriam ouvir-me. Impressionou-me o seu desejo de ajudar a si mesmas e aos outros. Eram homens e mulheres sérios e bem-intencionados. Acreditavam na sobrevivência da personalidade após a morte, e eu era a sua mais recente evidência. Seth era, para eles, um guia espiritual nos termos mais convencionais; um "bom" espírito que também me protegia dos "maus"; alguém espiritualmente evoluído, mas disponível para resolver problemas pessoais; uma combinação de anjo da guarda, figura paternal e cavaleiro espiritual sem corpo, tudo ao mesmo tempo.

Entretanto, as minhas próprias experiências com Sumari e *Oversoul Seven* intensificavam as minhas questões. Muitas destas

peessoas, porém, não queriam que eu questionasse; e, nesse sentido, eu deixava-as desconfortáveis. Fraude ou santa? Sabendo que exagerava um pouco, ainda assim parecia que as minhas experiências me colocavam numa categoria ou noutra, conforme as crenças das pessoas. Para mim, estas duas conferências representavam os dois sistemas de crenças opostos em que os fenómenos psíquicos são geralmente enquadrados. Não sabia o que iria fazer, mas sabia que não operaria dentro de nenhum desses dois quadros.

Por mais vezes que dissesse:

Veja, ainda não sabemos o suficiente sobre a natureza da consciência ou da realidade para compreendermos as nossas próprias personalidades, quanto mais um Seth,

algumas pessoas consideravam-no quase onipotente. Essa reação perturbava-me profundamente. Outras falavam de fraude inconsciente. Meu Deus, pensava, as pessoas abandonam todo o discernimento quando confrontadas com algo que não compreendem. Mas — eu própria ainda estava presa no mesmo enquadramento, ou aquelas conferências não me teriam afetado daquela forma.

Entretanto, eu estava a terminar *Oversoul Seven*. Agora preocupava-me não apenas com a natureza da realidade de Seth e Seth Dois: quão reais — nos nossos termos — eram Sumari, Cyprus e Seven? Onde se encaixavam todas estas experiências em qualquer conceito sobre a personalidade humana? Simplesmente não se encaixavam — pelo menos para mim. Eu não só falava por Seth e transmitia os seus livros em estado de transe, como também falava e cantava em Sumari, escrevia poesia em Sumari e a traduzia, e escrevia *Oversoul Seven*. Estava a utilizar pelo menos

sete níveis distintos de consciência e a articulá-los, na verdade, com relativa facilidade. O meu campo de operação expandia-se claramente. Mas algo também tinha de se expandir no meu sistema de conceitos.⁵

Não sei quantas horas passei a tentar encontrar respostas que fossem aceitáveis para mim. No final de junho tinha terminado *Oversoul Seven* e estava pronta para datilografar o manuscrito final. O livro tinha-me levado apenas três meses a escrever. A minha mente estava focada nisso, não em quaisquer questões, quando, numa noite, me foi subitamente apresentado exatamente aquilo de que precisava — um novo enquadramento, ou pelo menos o início de um.

Estava a olhar para o manuscrito de *Seven*. Escrevê-lo tinha sido tão divertido que quase lamentava que estivesse concluído. No instante seguinte reconheci uma certa aceleração da consciência, com a qual já estou familiarizada, e soube que haveria mais seis livros de *Oversoul*, se eu os quisesse. Um esboço geral de toda a série irrompeu na minha mente. “Num relâmpago”, vi os livros individuais, o que envolviam e como cada um se encaixaria no padrão global.

⁵ **Explicitação:** Este trecho torna explícita a tensão entre experiência e enquadramento conceptual. A autora já opera em múltiplos níveis de organização da consciência (produção literária, transe, linguagem Sumari, sonhos, construção ficcional), mas o sistema de conceitos disponível ainda não consegue integrar essa multiplicidade. Assim, o problema não é a experiência em si, mas o modelo que a tenta conter. O que está em curso é uma expansão simultânea em dois planos:

- no plano experiencial, multiplicam-se os “níveis” ou configurações ativas do self;
- no plano conceptual, torna-se necessário um novo mapa capaz de os integrar sem os reduzir.

Novamente, duas leituras do mesmo processo:

- fragmentação em múltiplas fontes (Seth, Seven, Sumari, etc.);
- ou diferenciação interna de um único sistema de consciência que se expressa através de vários modos operativos.

Ainda estava surpreendida e maravilhada com este novo material criativo quando senti a minha consciência acelerar ainda mais. Em poucos momentos, Aspetos “nasceu”.

Tudo encaixou e se organizou. Vi Seth, Seth Dois, o Sumari, Cyprus e Seven — e a mim mesma — como Aspetos de uma única entidade ou consciência multidimensional. Escrevi o que me chegava em grandes rabiscos entusiasmados, abreviando palavras sempre que podia, enquanto uma intuição seguia outra durante cerca de três horas. Aquilo que aprendi está, na verdade, apenas agora a emergir no nosso tempo, porque a experiência inicial continha os germes deste presente livro.

Eis alguns excertos dessas notas originais não editadas:

Todas estas personalidades têm de ser consideradas como Aspetos da entidade, e isso inclui a minha própria personalidade, que é a atual física... a partir da qual estou a observar estes outros Aspetos de mim mesma, através de uma espécie de janela psicológica.

Viajo através da minha psique, utilizando-a como uma janela, postulando, claro, um eu adicional que se desliga do eu habitual para realizar essa viagem.

Viajar pela psique desta forma significa automaticamente mover-se através do tempo, que é um tipo diferente de “estrutura”.

Seth, Seth Dois, Cyprus e até Seven são, então, todos Aspetos de uma única entidade multidimensional. Devido às minhas próprias capacidades, consigo sintonizar-me com estes Aspetos melhor do que a maioria das pessoas, mas eles representam os “componentes”

da personalidade e as porções do nosso ser que existem fora do nosso enquadramento tridimensional.

Sinais destes Aspetos surgem por vezes no comportamento “normal” como estados de humor ou emoções invulgares; produções criativas, devaneios, e assim por diante. (Podem por vezes ser captados através do uso de um tabuleiro Ouija, onde frequentemente são interpretados como guias, etc.)

Quando trago estes Aspetos de volta através da minha janela psicológica, são eles automaticamente personificados pela riqueza da psique? Que relação tem essa personificação com o Aspeto original que representa?

Os nossos conceitos atuais limitam tanto a nossa compreensão de nós mesmos que, por sua vez, limitamos a nossa própria experiência para que se ajuste a eles. Quaisquer comunicações ou indícios provenientes dos Aspetos parecem então antinaturais, sobrenaturais ou sinais de perturbação mental.

Será que um Seth, ao experienciar uma Jane, a veria como uma personalidade menos desenvolvida? Talvez. Mas talvez também a visse como alguém com grande potencial, a ser encorajada para que, em termos temporais, ele próprio pudesse emergir. Ele seria eu no meu tempo presente, a desenvolver capacidades que mais tarde lhe permitiriam ser ele. Estaria a comunicar comigo no meu tempo a partir do meu futuro — o presente dele.

A nossa consciência mais ampla, ou “self de origem”, entra e sai do tempo e possui existências noutras dimensões, irradiando Aspetos

de si em todas as direções. Esses Aspetos estão vivos, ativos, mas latentes em cada um de nós, onde as suas capacidades ajudam a formar a substância das nossas próprias personalidades. Não são dominantes aqui, mas são-no nas suas próprias realidades, ainda que talvez de formas difíceis de compreender para nós.

Acabei com mais de vinte páginas de notas nessa noite, mas aqui incluí apenas algumas ideias básicas. Fiquei atordoada com algumas das implicações que intuía, e já cheia de perguntas. Ainda assim, quando a noite terminou, senti-me triunfante. Pelo menos estava a caminho de alguma espécie de teoria que desse sentido à minha própria experiência.

Se eu estava envolvida numa torrente de atividade criativa, o Rob e eu estávamos prestes a enfrentar uma inundação de outro tipo. Na noite seguinte à origem de Aspetos, fomos atingidos pela cheia Agnes de 1972. Terminei de datilografar *Oversoul Seven* enquanto tudo à nossa volta estava em tumulto. Dez pés de água encheram o piso inferior enquanto o Rob e eu observávamos do segundo andar. Não havia água potável sem fervura, nem aquecimento, nem banhos quentes, e lama por todo o lado. O nosso carro inundado parecia um monstro pré-histórico, a sua carcaça enterrada em montes de lama.

Cedemos um dos nossos apartamentos a um casal cuja casa tinha sido inundada. Seth tinha acabado de iniciar o seu segundo livro, *A Natureza da Realidade Pessoal: Um Livro de Seth*, mas até isso teve de esperar até recuperarmos a nossa privacidade. À medida que as nossas vidas regressavam ao normal, retomámos as sessões de Seth e, ocasionalmente, eu sentia o meu “canal de

Aspetos” abrir-se e registava uma torrente de notas que pareciam surgir do nada.

Entretanto, comecei a ter uma série de experiências “psíquicas” que se sucediam umas às outras. Algumas ocorreram enquanto seguia as instruções que Seth dava em *Realidade Pessoal*. Tudo começou numa noite em que comecei subitamente a escrever o que pensei ser um pequeno conjunto de poemas chamado *Diálogos da Alma e do Eu Mortal no Tempo*. Em vez disso, os poemas evoluíram para um livro inteiro, e frequentemente as perguntas colocadas pelo self mortal (que eram minhas, claro) eram respondidas através de uma experiência “psicadélica”, que depois era explicada pela Alma.

Mal esse livro ficou concluído, o meu “canal de Aspetos” abriu-se novamente e, no verão de 1973, o corpo da teoria surgiu-me em vários estados alterados de consciência. O restante deste livro servirá, então, como uma introdução à Psicologia dos Aspetos. Apresento-a como um enquadramento conceptual no qual as nossas experiências, intuições, capacidades psíquicas e os nossos empreendimentos criativos mais profundos podem ser considerados e explorados.

Vejo a Psicologia dos Aspetos como uma forma de olhar para a vida e de compreender a personalidade nos seus aspetos físicos e não físicos. Obviamente, trata-se da minha versão da realidade, tal como experienciada através de várias camadas da psique. Não a apresento como *A Verdade*, mas como um meio de descobrir quais são as verdades de nós mesmos.

Não apresento os Aspetos como um dogma, mas como um meio de atravessar dogmas. Ao mesmo tempo, vou evitar tanto quanto possível usar expressões como “parece-me que” ou “talvez seja

assim”, ou outras formulações qualificativas. Obviamente, os Aspetos são a forma como a realidade me aparece.

Existem alguns termos novos, não muitos, e incluí-os num glossário no final do livro para referência prática.⁶

⁶ **Explicitação:** Aqui dá-se um ponto de viragem: a experiência dispersa reorganiza-se num princípio integrador. O conceito de “Aspetos” funciona como operador de unificação — não elimina a multiplicidade, mas fornece um modo de a compreender como expressão de uma única estrutura multidimensional. O que antes surgia como fenómenos distintos (Seth, Seven, Sumari, sonhos, escrita automática) passa a ser interpretado como variações de acesso dentro do mesmo sistema de consciência. Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— multiplicidade de entidades, fontes ou níveis independentes;

— ou diferenciação interna de um campo único que se auto-observa através de múltiplas janelas (a “janela psicológica”). A introdução da “Psicologia dos Aspetos” corresponde, portanto, à criação de um novo mapa — um enquadramento conceptual capaz de sustentar a complexidade experiencial sem a reduzir nem a fragmentar.

P A R T E I I

Introdução à Psicologia dos Aspetos

Nota de Enquadramento

Orientação de Leitura

Nesta segunda parte, alguns termos correntes são utilizados com um significado específico que importa clarificar desde o início, para que a leitura possa acompanhar o modelo apresentado sem distorções.

O termo “**eu**” refere-se à identidade tal como é experienciada no momento presente — aquilo que cada pessoa reconhece como sendo “si própria”. Neste contexto, corresponde ao que será designado como **personalidade de foco**: o ponto de organização da consciência através do qual a experiência se torna operativa no enquadramento físico.

A **personalidade de foco** não constitui a totalidade da identidade, mas uma das suas configurações. A partir dela, a consciência organiza a experiência no espaço e no tempo.

O **self de origem** designa a estrutura organizadora mais ampla da qual a personalidade de foco emerge. Não deve ser entendido como uma entidade externa ou separada, mas como o nível a partir do qual diferentes configurações da identidade se tornam possíveis.

Os **Aspetos** correspondem a essas diferentes configurações da consciência. Não são partes fragmentadas de um todo, mas expressões distintas de um mesmo campo de identidade, operando em diferentes modos de organização da experiência.

Neste enquadramento, a identidade não é fixa nem localizada, mas dinâmica e distribuída. O “**eu**” não é o centro do sistema, mas um dos seus pontos de focalização.

Ao longo do texto, estes termos devem ser compreendidos neste sentido técnico, mesmo quando surgem em contextos aparentemente familiares.

Gullan Greyl

CAPÍTULO 10

O Self de Origem, A Personalidade de Foco (Ou Partícula), Aspetos e Personagramas

Para além dos limites do self conhecido, intuições, criatividade, informação precognitiva e conhecimento revelador emergem na nossa experiência. Os nossos sonhos noturnos também fornecem dramas de natureza multidimensional, nos quais o self conhecido e o self de origem se encontram.

O self conhecido — ou personalidade de foco — percebe a sua realidade enquanto ser físico. Foca a sua atenção no mundo físico, que é o reflexo tridimensional do seu próprio tipo de consciência; uma consciência desviada e filtrada através de uma lente molecular.

A personalidade de foco é apenas um Aspetto da nossa realidade mais ampla; a parte que irrompe no conhecimento terrestre. É através dela que percebemos a nossa vida tridimensional. Contém, porém, traços do self de origem, a partir do qual emerge constantemente.

O self de origem é a fonte do nosso ser físico presente, mas existe fora desse enquadramento de referência. Somos versões terrestres de nós mesmos, finamente sintonizadas à experiência corporal. A nossa consciência — tal como se expressa na personalidade de foco — é filtrada por mecanismos percetivos que

fazem parte daquilo que percebem. Somos os instrumentos através dos quais conhecemos a Terra.

Noutros termos, somos partículas de energia, fluindo do self de origem para a materialização física. Cada self de origem forma muitas dessas partículas, ou Aspetos, que incidem sobre a realidade tridimensional, atingindo o nosso contínuo espaço-tempo. Outros não são físicos de todo, mas existem em sistemas de realidade completamente diferentes. Cada Aspeto está ligado aos outros, contudo, através da experiência comum do self de origem, podendo, até certo ponto, aceder ao conhecimento, capacidades e percepções dos outros Aspetos.

Psicologicamente, estes outros Aspetos manifestam-se na personalidade de foco como traços de personalidade, características e talentos que são exclusivamente nossos. O indivíduo é a partícula — ou personalidade de foco — formada pela interseção do self de origem com o espaço e o tempo. Podemos seguir qualquer dos nossos traços ou emoções até este self de origem, ou pelo menos até ao reconhecimento da sua existência. Acredito também que podemos mobilizar os Aspetos deste self de origem em nós para expandir o nosso conhecimento e experiência conscientes.

A personalidade humana — ou personalidade de foco — não é estática nem limitada. É, pelo contrário, energia individualizada, em constante mudança e psiquicamente carregada, expressa na experiência corporal. Intrinsecamente, possui também a liberdade percetiva do self de origem, o que significa que, em certa medida, não está confinada ao espaço e ao tempo.

O self de origem pode ser entendido como uma entidade, uma *gestalt energética* — uma totalidade organizada e dinâmica — personificada: energia que se conhece a si mesma, que se cria e se

reconhece através da experiência, à medida que envia continuamente “ondas” de si para a atividade dimensional. Estas ondas de energia, ao incidirem no nosso sistema, formam a “partícula” individual com a sua personalidade de foco (ou partícula). As ondas de energia oscilam de um lado para o outro, entre o self de origem e a personalidade de foco, de modo que existe uma interação constante.

As personalidades de foco individuais — você e eu — também alimentam a fonte de energia através da nossa experiência. As nossas atividades criam novas ondas de energia que continuam a estabelecer um fluxo entre essa fonte e a personalidade de foco; trocas regulares, e talvez matematicamente previsíveis, ativas durante as nossas vidas, mas latentes — não aparentes, embora presentes, tanto antes como depois.

Este fluxo de entrada e retorno acontece continuamente, mas podemos acelerá-lo conscientemente, dirigi-lo e tornar operativo, na experiência consciente, mais do self de origem e dos seus Aspetos, expandindo não só a nossa própria consciência, mas também as possibilidades da consciência na condição de criatura em geral.

Só ao reconhecer a nossa origem multidimensional podemos começar a compreender a nossa vida no tempo e no espaço. É dessa forma que começamos também a compreender as nossas próprias experiências psíquicas — aquelas para as quais a religião e a ciência ainda não têm respostas adequadas.

Esses acontecimentos, com a sua qualidade desconhecida, são precisamente os que nos dão as maiores pistas sobre a existência do self de origem; e, no entanto, são os mesmos que também podem iluminar a nossa condição de ser físico, conferindo-lhe

sentido enquanto foco de consciência que incide sobre campos de energia e lhes dá expressão. Esses campos permanecem latentes, não utilizados, desconhecidos e inativos até serem ativados pelo nosso tipo de consciência, que os traz para a realidade percebida.

Existe um ponto de focalização máxima onde a energia de origem incide sobre o campo tridimensional, expandindo-se num reservatório de agora que, em termos terrestres, corresponde à nossa “área de vivência” (ver Diagrama 1).¹

¹ **Explicitação:** O que aqui é apresentado não descreve entidades separadas, mas um modelo de organização da identidade em diferentes níveis de expressão. Não se trata de um “self superior” localizado fora, mas de um sistema em que a identidade se distribui entre uma estrutura organizadora (self de origem) e múltiplas configurações locais (personalidade de foco e Aspetos).

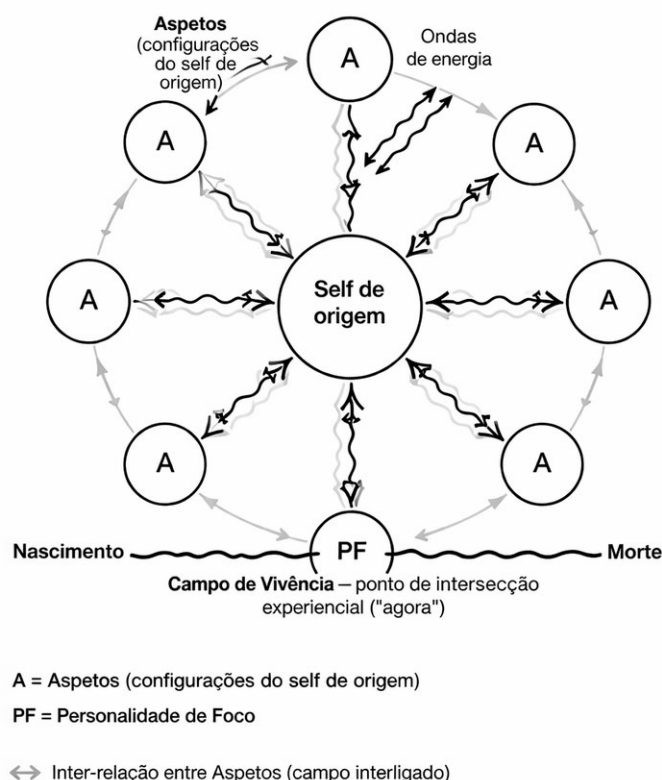
O efeito experiencial é o de uma aparente separação — indivíduo, outros Aspetos, origem —, mas estruturalmente trata-se de um fluxo contínuo de organização da experiência. A personalidade de foco não é uma parte isolada, mas o ponto onde a consciência se concentra e se torna operativa no enquadramento espaço-tempo.

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que existe uma origem e várias expressões derivadas;

— outra, em que um único campo de consciência se organiza simultaneamente em diferentes níveis de experiência, sem separação real entre eles.

**Diagrama 1. Configuração da Consciência:
Self de Origem, Personalidade de Foco e Aspetos**



O **diagrama 1** representa uma configuração da consciência, não uma estrutura hierárquica. O self de origem não atua como uma entidade separada, mas como estrutura organizadora a partir da qual emergem múltiplos Aspetos. Estes Aspetos não são independentes, mas encontram-se em inter-relação contínua, constituindo um campo dinâmico e interligado.

A personalidade de foco corresponde ao ponto de intersecção dessa organização no campo experiencial — o “agora” — onde a consciência se torna operativa no enquadramento espaço-tempo. As ligações indicam um fluxo contínuo e bidirecional, não um processo linear, mas uma organização simultânea da experiência.

Este “agora” ocorre como um ponto de intersecção a partir do qual a nossa experiência se expande, de facto, em todas as direcções.

Enquanto seres físicos, porém, estamos apenas conscientes da sua expansão horizontal — do “daqui para ali” — que se apresenta como tempo.

Mas, em cada extremidade — em direção ao nascimento ou à morte — o foco torna-se mais difuso devido ao ângulo de interseção. E, de um modo curioso, pode dizer-se que o nosso presente organiza tanto o que experienciamos como passado como aquilo que experienciamos como futuro; que a experiência se expande sempre a partir do ponto de interseção do agora, configurando a nossa percepção de passado e de futuro em cada uma das suas extremidades. Devido à nossa realidade corporal, experienciamos primeiro o nascimento e por último a morte, mas isso pode ter pouco a ver com o fenómeno fundamental em causa.

Ao reconhecermos isto e ao colocarmo-nos imaginativamente nesse ponto de interseção, podemos sentir a nossa energia imediata, libertar tensões internas e perceber a nossa realidade vivida como algo que está continuamente a emergir em nós agora. Em vez disso, tendemos a pensar que nos foi atribuída uma certa quantidade de energia no nascimento, que é consumida até à morte, sem renovação ao longo do percurso.²

² **Explicitação (tempo e consciência):** O que aqui é descrito não corresponde a uma causalidade no sentido linear — em que o presente “produz” passado e futuro —, mas a um modo de organização da experiência. O “agora” funciona como ponto de focalização a partir do qual a consciência estrutura a percepção temporal.

O efeito experiencial é o de uma sequência — passado → presente → futuro —, mas estruturalmente trata-se de uma distribuição simultânea da experiência em diferentes direções a partir do mesmo ponto de intersecção.

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que o presente parece gerar passado e futuro;

— outra, em que passado, presente e futuro são modos de organização simultânea da experiência a partir do “agora”.

De certo modo, os Aspetos podem ser compreendidos como organizando-se em torno do self de origem, enquanto permanecem inseparáveis dele. Imagine uma roda-gigante multidimensional, em que cada secção corresponde a um self de Aspeto. Quando o nosso “assento” se aproxima do nível do solo, tornamo-nos o Aspeto que interseta o contínuo espaço-tempo, e a experiência física torna-se predominante. Mas esta roda-gigante move-se em todas as direções possíveis, e os seus raios são ondas de energia em constante movimento, ligando os Aspetos ao centro organizador. Cada posição interseta um tipo diferente de realidade na qual está imersa. Os raios ramificam-se nas extremidades em selves de Aspeto, através de cuja experiência a identidade explora diversos modos de existência (configurados por essas interseções). Cada self de Aspeto está ligado à sua origem e a todos os outros selves de Aspeto.

A experiência dessas diferentes vidas enriquece a dinâmica do self de origem, que, por sua vez, gera nova energia. Cada self de Aspeto pode ser entendido como uma configuração em miniatura desse mesmo princípio organizador (ou um self de origem em escala local), e projeta os seus próprios “raios” — Aspetos de si — para outras dimensões de experiência, organizadas segundo diferentes graus de complexidade.

Os Aspetos, contudo, possuem liberdade dentro das dimensões em que existem. A sua experiência não é predeterminada. A sua natureza de partícula define simultaneamente a sua liberdade e as suas limitações, pois é esta concentração da energia de origem em configurações delimitadas (e, portanto, em limites) que forma a identidade individual, ao mesmo tempo que a restringe, até certo ponto, no acesso às capacidades mais amplas do self de origem,

que não podem ser plenamente atualizadas em qualquer sistema isolado.³

Do nosso ponto de vista, a “partícula” corresponde ao corpo físico com a sua personalidade de foco imersa na vida tridimensional. Esta partícula pode ser compreendida como resultando de padrões de onda — sendo a sua formação uma expressão da interseção de dinâmicas energéticas com este campo experiencial. Na morte, essa configuração desagrega-se, deixando de ser sustentada pelos padrões de organização que contêm as nossas memórias e o potencial para a experiência terrestre.

Mais uma vez: cada self de Aspeto individual contém vestígios dos outros que fazem parte do mesmo self de origem. As nossas personalidades são compostas, a nível psíquico, a partir de traços do self de origem, que surgem “do nosso lado” como características únicas. Podemos concentrar-nos apenas em alguns desses traços, tornando-os os nossos interesses e capacidades principais. Outros, porém, desconhecidos ou não reconhecidos por nós, são enfatizados por outros selves de Aspeto, nos quais as nossas tendências principais permanecem latentes ou em estado provável.

Uma vez que os outros Aspetos operam em modos de realidade diferentes, essas capacidades ou características surgem em nós

³ **Explicitação (metáfora da roda-gigante):** A metáfora da roda-gigante não descreve um mecanismo físico, mas uma forma de visualizar a alternância de focalização da consciência. Não se trata de “movimento” no espaço, mas de variações no modo como a experiência é organizada.

O efeito experiencial é o de deslocação — como se diferentes “eus” ocupassem posições distintas —, mas estruturalmente trata-se de uma redistribuição contínua da identidade através de diferentes enquadramentos de experiência.

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que diferentes Aspetos parecem ocupar posições distintas numa estrutura em movimento;

— outra, em que a consciência se reorganiza continuamente em múltiplos pontos de experiência, sem separação real entre eles.

traduzidas em termos da experiência terrestre, ou aparecem como versões adaptadas de tendências que, no seu contexto próprio, podem ser bastante distintas.⁴

Em todo o jogo da personalidade, todos estes Aspectos — ou vestígios do self de origem — atuam como componentes fundamentais. Na maioria das circunstâncias, integram-se de forma tão fluida na organização da personalidade que permanecem invisíveis e insuspeitos. Na nossa sociedade, pelo menos, é apenas quando ocorre alguma atividade psíquica invulgar que começamos a vislumbrar essas configurações fundamentais do self que conhecemos.

Uma configuração do self de origem, ainda que apenas como vestígio, pode tornar-se consciente para nós. Em muitas experiências psíquicas, a personalidade manifesta também um Aspecto — e não apenas vestígios —, se não de forma isolada, como no caso de Seth, então pelo menos destacada na experiência. Frequentemente, tais Aspectos funcionam como iniciadores de expansões da consciência, permitindo que capacidades psíquicas ou criativas anteriormente não expressas se tornem acessíveis.

⁴ **Explicitação (linguagem de “partícula” e “onda”):** Os termos “partícula” e “onda” não devem ser entendidos aqui em sentido físico estrito, mas como metáforas operacionais para descrever diferentes modos de organização da experiência. A “partícula” corresponde a uma configuração delimitada — como o corpo e a personalidade de foco — enquanto as “ondas” representam padrões mais amplos e dinâmicos de organização da consciência.

O efeito experiencial é o de uma estrutura material sustentada por processos subjacentes, mas estruturalmente trata-se de uma relação entre níveis de organização da experiência, e não de uma descrição física literal.

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que o corpo surge como uma partícula formada por ondas energéticas;

— outra, em que a identidade se organiza em configurações mais ou menos delimitadas, emergindo de padrões mais amplos de experiência.

Penso que estes selves de Aspeto se correlacionam, até certo ponto, com os arquétipos de Jung, bem como com as ideias gregas das *musas* e dos *daímons*. Em conjunto, contribuem para a formação da personalidade tal como a compreendemos. Mais uma vez, estes componentes fundamentais correspondem a outros selves de Aspeto, operando em modos de realidade diferentes do nosso, e cada um pode ser isolado, sintonizado e ampliado; podendo as suas capacidades específicas enriquecer a personalidade e lançar luz sobre a fonte da sua organização.⁵

A nossa interpretação do ego e do intelecto tem servido para limitar o funcionamento claro do intelecto e restringir o ego, que acredito ser, por natureza, muito mais flexível, atuando como princípio organizador destes Aspetos à medida que interagem no interior da personalidade.

Em vez disso, atribuímos ao ego apenas uma função: a de dirigir o foco físico. Acreditamos que deve ser deixado de lado se quisermos explorar estados alternativos de consciência, em vez de o reconhecermos como um ponto de apoio para essa exploração. Em práticas de alteração da consciência, com ou sem recurso a

⁵ **Explicitação (identidade e emergência de Aspetos):** O que aqui se descreve não corresponde à entrada de elementos externos na personalidade, mas à reorganização de conteúdos que já fazem parte da estrutura mais ampla do self de origem. Os “Aspetos” não surgem como entidades separadas, mas como configurações que se tornam acessíveis à consciência da personalidade de foco.

O efeito experiencial é o de algo que “emerge”, “se manifesta” ou “nos confronta”, mas estruturalmente trata-se de uma alteração no modo de focalização da consciência, em que determinados padrões passam a ser integrados na experiência.

A memória, a identidade e as capacidades não estão localizadas exclusivamente na personalidade de foco, mas distribuídas através dos vários Aspetos, sendo acessíveis em diferentes graus conforme o enquadramento da experiência.

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que conteúdos ou entidades parecem surgir de outras partes da psique;

— outra, em que a própria consciência reorganiza o seu campo, tornando acessíveis diferentes configurações de si mesma.

substâncias, imaginamos frequentemente que temos de “morrer para nós mesmos” para nos encontrarmos.

No entanto, o ego desempenha uma função dupla. Para além de dirigir o foco físico, também pode receber percepções internas — quando lhe é permitido; quando os nossos receios culturais e religiosos não interferem. Quando o ego exerce esta função, tendemos a considerá-lo comprometido. Por isso, raramente lhe permitimos assimilar ou organizar o material interno, ou integrá-lo na experiência comum. Não lhe damos essa possibilidade.⁶

Por outras palavras, o ego pode também usar as suas capacidades para olhar para dentro, integrando experiências psíquicas e estados alterados de consciência que, de outro modo, permaneceriam intraduzíveis. Em vez de encorajarmos essas tendências, porém, consideramos o ego rígido e inflexível. O material de Seth sublinha esta flexibilidade, particularmente em *A Natureza da Realidade Pessoal*, e a minha própria experiência confirma-o. O ego, enquanto “eu” conhecido, pode entrar em relação com outros Aspetos do self de origem.

Admito que esse encontro não é totalmente transparente. Ainda assim, partes inteiras da Psicologia dos Aspetos foram escritas em

⁶ **Explicitação (ego como função organizadora):** O que aqui é descrito não implica que o ego seja uma entidade separada ou um obstáculo à experiência mais ampla, mas que a sua função tem sido culturalmente restringida. O ego corresponde ao modo de organização da consciência na personalidade de foco — não é um limite em si, mas um ponto de coordenação.

O efeito experiencial é o de um “eu” que controla ou bloqueia o acesso a outros níveis, mas estruturalmente trata-se de uma função que pode tanto restringir como integrar diferentes conteúdos da experiência.

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que o ego é visto como barreira a ultrapassar;

— outra, em que o ego é entendido como mecanismo de organização que pode ser expandido e integrado no funcionamento mais amplo da consciência.

estados alterados de consciência, e o meu ego não foi experienciado como diminuído — estava simplesmente a funcionar de outra forma. De facto, quase toda a Parte Dois deste livro foi produzida dessa maneira. Enquanto escrevia, não tinha qualquer ideia consciente de qual palavra surgiria a seguir. Não estava a ponderar nem sequer a pensar nos termos habitualmente aceites; limitava-me a registar o que se tornava acessível a partir de outros níveis de consciência. Sentava-me, voltava-me para dentro e procurava aquilo a que chamo o “canal dos meus Aspetos”, escrevendo as palavras que surgiam na minha consciência habitual. Estava a beber café, a fumar e, muitas vezes, a ouvir música rock na rádio. Do ponto de vista do ego, permanecia plenamente consciente, mas uma parte da minha consciência estava sintonizada com uma determinada “frequência” e, até certo ponto, fundia-se com ela. É como estar no limiar de si mesmo.

Por outro lado, os Capítulos Um a Oito foram escritos de forma mais habitual, ao relatar acontecimentos já ocorridos. A maior parte do material sobre os Aspetos tornava-se acessível a partir de outros níveis de consciência. No entanto, enquanto esse material se tornava disponível, o meu intelecto funcionava de forma admirável, acompanhando as intuições em vez de as bloquear. Por vezes, o meu corpo estava profundamente relaxado, com a mente recetiva, mas atenta. De quando em quando, surgia sonolência, e então reajustava o foco para manter o equilíbrio delicado necessário. O ego não era afastado; pelo contrário, era um participante ativo, embora numa espécie de posição de sustentação.⁷

⁷ **Explicitação (processo de “canal” e estados alterados):** O que aqui é descrito não corresponde a uma comunicação com uma fonte externa, mas a uma alteração no modo de organização da consciência. O chamado “canal” não é um meio de

Até certo ponto, o ego altera o seu próprio modo de funcionamento, fazendo-o voluntariamente como forma de ampliar o seu próprio conhecimento.

Mas o ego não é algo que tenhamos de proteger a todo o custo. É simplesmente um foco de consciência — o mais familiar e aceite. Vejamos o que acontece quando este foco entra em interação com um self de Aspeto. O que se segue é apenas uma forma de considerar o que pode ocorrer num transe mediúnico de certo tipo, e não pretende ser uma explicação abrangente. Mais adiante exploraremos o mesmo assunto a partir de outra perspetiva.

Mais uma vez, referimo-nos à personalidade de foco como o Aspeto da entidade no nosso tempo — a porção dela que é percebida nas nossas dimensões; a sua expressão tridimensional. Um objeto multidimensional não poderia manifestar-se plenamente no nosso mundo: certas dimensões permaneceriam fora do nosso campo de percepção. O mesmo se aplica ao self de origem.⁸

recepção de algo exterior, mas uma metáfora para a capacidade de tornar acessíveis diferentes configurações do próprio campo de consciência.

O efeito experiencial é o de recepção — como se o conteúdo viesse de “outros níveis” —, mas estruturalmente trata-se de uma reorganização da atenção e da focalização, em que certos padrões se tornam disponíveis à personalidade de foco.

O ego não é suspenso, mas reposicionado: deixa de operar como controlador exclusivo e passa a funcionar como estrutura de sustentação e integração da experiência.

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que a informação parece vir de uma fonte externa ou separada;

— outra, em que a própria consciência reorganiza o seu campo, permitindo o acesso a diferentes configurações de si mesma.

⁸ **Explicitação (ego e interação com Aspetos):** O que aqui é descrito não corresponde a uma deslocação do ego para outro lugar, mas a uma alteração no modo de organização da consciência. O ego não abandona a personalidade de foco, mas modifica a sua posição funcional, permitindo a integração de outros conteúdos.

O efeito experiencial é o de um encontro — como se o “eu” entrasse em contato com outra entidade ou nível —, mas estruturalmente trata-se de uma interação entre diferentes configurações do mesmo campo de consciência.

Num transe como o de Seth, por exemplo, a minha personalidade de foco altera deliberadamente o seu modo de focalização, tornando-se mais difusa através de um processo de intensificação, e, em graus variados, integra características de outro Aspeto da entidade; tornando essas características acessíveis num intervalo em que se manifestam através do seu efeito no meio físico. Estas manifestam-se na personalidade em estado de desfocalização, inscritas no seu rico “tecido” psicológico, e não sobre uma superfície plana.

O Aspeto que se manifesta surge de forma parcialmente difusa, reorganizando-se a partir do seu próprio enquadramento experiencial, podendo ser descrito como “Aspeto doador”, enquanto o campo da personalidade habitual — agora desfocalizada — funciona como “Aspeto receptor”; este processo não corresponde à entrada de uma entidade externa na personalidade, mas a um acoplamento entre diferentes configurações do mesmo campo de consciência, no qual a desfocalização não implica perda de identidade, mas uma alteração no modo de organização da atenção que torna outros padrões acessíveis. O efeito experiencial pode apresentar-se como uma presença — como se um “outro” ocupasse o lugar do eu —, sendo, contudo, a expressão de uma integração temporária de características de outros Aspetos na *Personalidade de Foco*; assim, o processo pode ser compreendido

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que o ego parece deslocar-se e encontrar outro Aspeto;

— outra, em que o próprio sistema de consciência reorganiza as suas relações internas, permitindo a emergência de novas configurações da experiência.

simultaneamente como a manifestação de uma alteridade operativa e como uma reorganização interna do campo da consciência.

Uma condição semelhante — uma espécie de “ninho” psicológico — é estabelecida quando a personalidade entra em estado de desfocalização, permitindo a integração de outros padrões de organização que não estavam anteriormente ativos. Nesse processo, a personalidade altera o seu campo de atividade, tornando-o suficientemente aberto para integrar, ainda que momentaneamente, configurações que habitualmente não expressa; deste modo, estende o seu alcance experiencial para além do padrão habitual.

Tal como no caso das chamadas “armadilhas” eletrônicas, o campo da personalidade apenas integra determinados padrões e não outros. Os físicos tentam “alimentar” essas armadilhas com diferentes tipos de valores, sem saberem por que razão alguns são integrados e outros não.

Disse que a personalidade, ao alterar o seu modo de focalização, pode estabelecer relação com outros Aspetos da sua entidade (o self de origem e os seus Aspetos pertencem todos ao mesmo campo multidimensional), mas isso não implica que sejam os Aspetos “mais próximos” os que se tornam acessíveis. Padrões subjacentes — tanto de natureza energética como psicológica — podem influenciar quais os Aspetos que melhor se ajustam ao campo reconfigurado.

O Aspeto correspondente a outro enquadramento de experiência manifesta-se como sobreposto à personalidade recetora, que

necessita de estar suficientemente desfocalizada para permitir essa integração.⁹

Uma vez que qualquer realidade com mais de três dimensões excederia, nos nossos termos, o âmbito da experiência habitual, então qualquer vislumbre que dela tivéssemos, por mais intenso que nos parecesse, seria apenas um vestígio ou símbolo de uma organização mais ampla.

Quando tais vestígios são percebidos sob a forma de características de personalidade e se manifestam no campo reconfigurado da personalidade de foco, pode dizer-se que formam “impressões de Aspeto” (Aspect-prints); mensagens inscritas na psique, como o vento desenha sinais na areia.

Os traços que o vento desenha na areia são suficientemente válidos, ainda que as ondulações e sulcos possam parecer, à primeira vista, desprovidos de sentido. Alguém que saiba interpretá-los pode, contudo, determinar a direção, a origem e a velocidade do vento a partir da sua disposição. Se o vento depositar grãos de areia “estranhos” sobre um terreno nativo, então o estudo desses grãos pode também revelar algo sobre a natureza da terra de onde o vento soprou.

⁹ **Explicitação (compatibilidade entre Aspetos):** O que aqui é descrito não corresponde a um processo de “atração” ou “captura” de elementos externos, mas a um fenómeno de compatibilidade entre diferentes configurações do mesmo campo de consciência. A personalidade de foco, ao alterar o seu modo de organização, torna-se compatível com determinados padrões e não com outros.

O efeito experiencial é o de seleção — como se certos conteúdos fossem escolhidos ou atraídos —, mas estruturalmente trata-se de um alinhamento entre configurações que partilham características comuns.

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que certos Aspetos parecem ser captados ou atraídos para a personalidade;

— outra, em que a própria reorganização da consciência permite a emergência apenas dos padrões com os quais existe compatibilidade.

Em termos da psique, as características de personalidade “estranhas” que surgem em certos estados de transe podem ser comparadas a esses grãos de areia — não como elementos transportados de um lugar para outro, mas como traços que se tornam visíveis no campo da experiência. Podem também ser entendidas como *apports* psicológicos multidimensionais — isto é, manifestações que parecem surgir sem origem aparente —, aparecendo como vestígios incomuns na personalidade habitual. Estas impressões de *Aspeto*, consideradas em conjunto, formam a personalidade de transe, que, neste contexto, pode ser designada como um “personagrama”.¹⁰

Tal como um telegrama é composto por símbolos chamados palavras, também o personagrama é constituído por impressões de *Aspeto* (*Aspect-prints*) que, em conjunto, formam uma mensagem. A diferença é que esta mensagem é inscrita numa estrutura psicológica, através de símbolos dotados de dinamismo psíquico. Um telegrama é inerte: a informação aparece nele, mas não pode gerar nem interpretar significado. Um personagrama pode.

¹⁰ **Explicitação(*Aspect-prints* e *personagrama*):** O que aqui se descreve não é a substituição de uma identidade por outra, mas uma reorganização do foco da consciência. Não se trata de o ego “ceder lugar” a outra entidade, mas de o seu modo habitual de organização se flexibilizar, permitindo que diferentes padrões do mesmo campo se tornem expressáveis.

O efeito experiencial é o de contato com algo externo ou “outro”, como se novas características surgissem de fora, mas estruturalmente trata-se de uma redistribuição de configurações dentro do próprio sistema de consciência. O ego mantém uma posição de sustentação, enquanto essas configurações se organizam temporariamente numa forma coerente.

O “personagrama” pode assim ser entendido não como uma entidade autónoma, mas como uma configuração transitória de características — organizada a partir de múltiplas impressões de *Aspeto* — que se torna expressável através da personalidade de foco.

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que diferentes entidades ou vozes parecem manifestar-se através do indivíduo;

— outra, em que o próprio campo de consciência reorganiza o seu foco, permitindo que diferentes *Aspetos* se expressem dentro da mesma identidade experiencial.

Para tornar isto mais claro: a manifestação do personagrama (ou personalidade de transe) é a própria mensagem, e as características de personalidade exibidas correspondem às impressões de Aspeto (comparáveis às palavras num telegrama ou às ondulações na areia). A diferença é que estas impressões são sustentadas por uma psique e organizadas num perfil de personalidade vivo — em vez de um simples desenho plano — dotado do nosso tipo de expressão, ou de uma aproximação a ele. O personagrama pode assim ser entendido como uma configuração de certos Aspetos da entidade que excedem o nosso enquadramento habitual, manifestando-se no campo reconfigurado da personalidade recetora.

Estas impressões de Aspeto, sustentadas psiquicamente, organizam a personalidade de transe. Quanto mais eficaz for a personalidade de foco habitual em flexibilizar o seu modo de focalização, mais clara se torna a percepção do personagrama.

O personagrama pode então ser compreendido como uma estrutura psicológica — e, por analogia, energética — que existe potencialmente sob determinadas condições. Trata-se de uma personalidade-ponte: uma configuração psicológica capaz de operar entre diferentes sistemas de realidade, embora a sua origem se situe fora do enquadramento tridimensional habitual. Pode também ser entendido como um apport psicológico, mas a sua expressão depende da personalidade recetora, com a qual se articula até certo ponto.¹¹

¹¹ **Explicitação (personagrama como configuração):** O que aqui é descrito não corresponde à manifestação de uma entidade autónoma, mas à organização temporária de múltiplas impressões de Aspeto numa configuração coerente de expressão. O “personagrama” não é um “outro ser”, mas uma forma de organização da consciência que se torna experienciável através da personalidade de foco.

O efeito experiencial é o de uma presença distinta — com características próprias, voz e intenção —, mas estruturalmente trata-se de uma configuração emergente dentro do mesmo campo de consciência.

Quando a personalidade habitual flexibiliza o seu modo de organização e torna o seu campo menos rigidamente estruturado, reduz a predominância dos seus padrões habituais. Ao fazê-lo, retira a sua “marca” dominante dessa zona do campo de identidade, permitindo que essa porção seja organizada por padrões menos familiares, que constituem as impressões de Aspetto.

O personagrama “ganha vida” nos nossos termos — ou entra no nosso tipo de experiência — quando se articula com a nossa estrutura psicológica e se organiza no nosso campo experiencial. De outro modo, permanece latente. O personagrama deve ser “lido” ou experienciado como uma mensagem altamente individualizada e sofisticada, que se torna acessível através da personalidade recetora.

Seth seria Seth tal como configurado através de Jane, por exemplo; não necessariamente a versão de Seth segundo Jane, mas a expressão de Seth através de Jane. Um tal personagrama poderia aceder a um tipo de conhecimento mais amplo do que o nosso — ou, pelo menos, a formas de realidade diferentes daquelas com que estamos familiarizados —, mas esse conhecimento teria de ser estruturado segundo o padrão do recetor.

O personagrama pode então ser entendido como uma personificação multidimensional de um Aspetto do self de origem, tal como se expressa através do médium. (Não me refiro aqui a

A linguagem de “mensagem”, “transmissão” ou “origem externa” descreve o modo como a experiência é vivida, não a sua estrutura fundamental.

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que uma entidade externa comunica através do indivíduo;

— outra, em que a própria consciência organiza diferentes padrões de si mesma numa configuração expressiva temporária

— o **personagrama**.

comunicações entre vivos e mortos, nos termos habituais, mas a personalidades de transe como Seth.) Não estou a sugerir que a personalidade habitual represente simplesmente informação recebida psiquicamente, como um ator representaria um papel. Em vez disso, ao flexibilizar o seu modo de organização, a personalidade recetora permite que esses padrões atuem na sua própria psique, formando impressões de Aspeto — ou configurações de personalidade — que constituem o personagrama, e que se tornam experienciáveis no seu próprio campo psicológico.¹²

Os efeitos, ou padrões menos familiares, organizam-se à medida que se tornam acessíveis no campo do recetor. Não considero que estas impressões de Aspeto surjam dos seus próprios sistemas, a menos que exista compatibilidade estabelecida por crença ou intenção do lado do recetor. A intenção, a nível psicológico e emocional, estabelece essa sintonia com vias de organização da experiência que existem, quer as utilizemos ou não.

Fundamentalmente, estes sistemas são abertos e inter-relacionados, partilhando todos os Aspetos de uma entidade ou self de origem um campo global de identidade. A personalidade

¹² **Explicitação (formação e expressão do personagrama):** O que aqui se descreve não corresponde a uma substituição da personalidade, mas a uma reorganização do seu campo de funcionamento. A personalidade de foco não desaparece, mas flexibiliza a sua estrutura, permitindo que outros padrões do mesmo campo de consciência se organizem temporariamente numa configuração expressiva.

O efeito experiencial é o de uma presença distinta que “ganha vida” através do indivíduo, mas estruturalmente trata-se de uma nova organização de características dentro do mesmo sistema de identidade.

O “personagrama” não é uma entidade independente, mas uma configuração transitória que emerge da interação entre a personalidade de foco e outros Aspetos do self de origem.

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que uma identidade diferente parece manifestar-se através do indivíduo;

— outra, em que a própria consciência reorganiza o seu campo, dando origem a uma nova configuração expressiva — o **personagrama**.

presente torna acessível, a partir de outros enquadramentos de experiência, apenas o que está preparada para integrar, mantendo-se primariamente focada aqui. Este sistema diz respeito à organização da experiência em forma física, de acordo com intenções estruturadas por ideias e crenças.

Tal como o self de origem possui muitos Aspectos, também qualquer personagrama pode ser entendido como uma configuração que, por sua vez, participa numa organização mais ampla. (As impressões de Aspecto representam, novamente, traços de outros Aspectos do mesmo sistema.) Assim, um personagrama como Seth representaria apenas uma expressão dessa totalidade; um Aspecto multidimensional entre muitos; uma característica dentro de uma organização que excede a nossa compreensão habitual.

Muitos desses personagramas seriam, então, necessários para revelar diferentes facetas dessa organização ou fornecer uma representação aproximada das suas características e dinâmicas. Tal representação poderia funcionar como um mapa psicológico e psíquico multidimensional dos diversos modos de realidade em que o self de origem se expressa.

Seth, Seth Dois, Oversoul Seven, Sumari e Helper podem, no meu caso, representar primeiros passos na formação desse tipo de “mapa” psíquico vivo. Ainda assim, certas limitações estão presentes, pois qualquer um desses personagramas se expressa através da minha psique — que é também um Aspecto do mesmo self de origem, ativo no nosso mundo.¹³

¹³ **Explicitação (campo global e mapa de Aspectos):** O que aqui se descreve não corresponde a múltiplas entidades independentes, mas a diferentes configurações de um mesmo campo de consciência. Os “personagramas” não são origens distintas, mas expressões parciais de uma organização mais ampla.

Embora tenha usado o termo “deslocada”, a minha personalidade não é afastada num transe de Seth; altera voluntariamente a sua posição funcional — eu própria ajusto voluntariamente a minha posição psicológica porque quero aprender. O meu foco habitual de consciência torna-se periférico, enquanto outros ajustamentos psicológicos e psíquicos são efetuados.

Acredito que estão aqui envolvidas as dinâmicas mais íntimas do ser. Mais adiante discutirei a independência, a origem e a natureza destes Aspetos — consideradas independentemente da forma como os percebemos. Por agora, basta dizer que os vejo como móveis, em constante mudança, contribuindo para a nossa identidade e singularidade ao fornecerem um reservatório vivo de características e capacidades a partir do qual cada um de nós pode aceder.

No meu próprio caso, estou a aprender a isolar estes Aspetos até certo ponto, mas acredito também que estão firmemente enraizados na integridade do corpo, expressando-se de forma natural e contínua no mundo sensorial. Pelo menos uma parte deste livro abordará a interação habitual destes Aspetos nas nossas vidas, bem como alguns métodos para os mobilizar, de modo a ampliar o alcance da nossa experiência e da nossa consciência.

O efeito experiencial é o de contato com múltiplas fontes ou inteligências, mas estruturalmente trata-se de diferentes modos de organização de um único campo de identidade, acessíveis conforme a configuração da personalidade de foco.

As crenças e intenções não “atraem” elementos externos, mas estabelecem compatibilidade com determinados padrões, tornando-os acessíveis à experiência.

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que diferentes entidades comunicam a partir de realidades distintas;

— outra, em que a consciência se organiza em múltiplas expressões, sendo cada personagrama uma configuração parcial desse mesmo sistema.

As nossas personalidades atuais são, então, Aspetos de uma consciência muito mais vasta, da qual a nossa consciência individual é apenas uma parte — embora uma parte inviolável. As nossas personalidades são compostas por outros Aspetos, cada um predominante noutros enquadramentos de experiência. Estes estabelecem a ligação entre as dimensões físicas e não físicas do nosso ser; entre aquilo que experienciamos como alma e corpo; entre os elementos conhecidos e desconhecidos da nossa experiência.¹⁴

¹⁴ **Explicitação (fecho estrutural do capítulo):** O que aqui se descreve não corresponde à entrada de uma entidade externa na personalidade, mas à organização de padrões dentro do próprio campo de consciência. O “personagrama” não é um ser separado que se manifesta, mas uma configuração emergente da interação entre diferentes Aspetos do mesmo sistema.

O efeito experiencial é o de uma presença distinta, com características próprias, mas estruturalmente trata-se de uma reorganização da identidade em forma expressável. As “impressões de Aspeto” funcionam como unidades de organização que, ao combinarem-se, produzem uma configuração temporária — tal como palavras se organizam numa mensagem.

A personalidade de foco não é substituída, mas reposicionada: mantém uma função de sustentação enquanto outras configurações se tornam acessíveis à experiência.

Assim, novamente, duas leituras do mesmo processo:

— uma, em que uma personalidade distinta emerge e comunica;

— outra, em que o próprio campo de consciência reorganiza os seus padrões, tornando certos Aspetos perceptíveis como uma identidade diferenciada.

Mapa Operativo da Psicologia dos Aspetos

1. Estrutura Fundamental

A consciência organiza-se como um sistema dinâmico composto por:

- Self de origem — estrutura organizadora mais ampla
- Aspetos — configurações distribuídas dessa consciência
- Personalidade de foco (PF) — ponto de experiência no espaço-tempo
- Ego — função organizadora da personalidade de foco

2. Organização da Experiência

A experiência não é linear nem isolada.

- A personalidade de foco acede a uma configuração dominante
- Outros Aspetos permanecem disponíveis, mas não expressos
- A identidade é distribuída, não localizada

3. Mecanismo de Acesso

O acesso a outros Aspetos não ocorre por deslocação, mas por reorganização:

- flexibilização do modo de focalização
- redução da predominância dos padrões habituais
- estabelecimento de compatibilidade através de crença e intenção

4. Formação das Impressões de Aspeto (Aspect-prints)

Quando a personalidade de foco se torna mais flexível:

- certos padrões tornam-se acessíveis
- emergem traços não habituais
- esses traços organizam-se como unidades de expressão

Estas unidades constituem as impressões de Aspeto.

5. Formação do Personagrama

As impressões de Aspeto, quando organizadas de forma coerente:

- estruturam um perfil de personalidade temporário
- tornam-se expressáveis na experiência
- adquirem consistência funcional

Este conjunto constitui o **personagrama**.

6. Natureza do Processo

O processo não implica:

- entrada de entidades externas
- substituição da personalidade
- deslocação literal da consciência

Trata-se de:

→ reorganização interna do campo de consciência

7. Papel do Ego

O ego não é um obstáculo.

- mantém uma posição de sustentação
- organiza a experiência
- permite a integração dos conteúdos emergentes

8. Campo Global de Identidade

Todos os Aspetos pertencem ao mesmo sistema:

- partilham um campo comum de identidade
- inter-relacionam-se continuamente
- tornam-se acessíveis por compatibilidade estrutural

9. Função das Crenças e da Intenção

As crenças e a intenção não criam realidade externa:

- estabelecem compatibilidade com determinados padrões
- organizam a experiência
- definem o que se torna acessível

10. Regra Operativa Fundamental

Não se trata de aceder a algo exterior,
mas de reorganizar o modo como a experiência é estruturada.

11. Dupla Leitura do Processo

O mesmo fenómeno pode ser interpretado de duas formas:

- Leitura experiencial
→ parece existir contato com algo “outro”
- Leitura estrutural
→ a consciência reorganiza os seus próprios padrões

12. Síntese

A personalidade de foco não é uma entidade isolada,
mas um ponto de organização dentro de um sistema mais amplo.

Os Aspetos não são partes separadas,
mas configurações de uma mesma consciência.

O personagrama não é um “outro ser”,
mas uma forma temporária de organização da identidade.

Fecho Operativo

A Psicologia dos Aspetos descreve, assim, um modelo em que:

- a consciência é distribuída
- a identidade é dinâmica

- a experiência é organizada

E em que o acesso a novos níveis de experiência depende, não de deslocação, mas da capacidade de reorganização da própria consciência.



Legenda: O diagrama representa uma configuração da consciência, e não uma estrutura hierárquica ou espacial. Os elementos apresentados devem ser entendidos como funções e relações dentro de um mesmo campo de identidade.

Self de origem (centro)

O self de origem corresponde à estrutura organizadora mais ampla da consciência.

Não atua como uma entidade separada, mas como o princípio a partir do qual emergem e se articulam os diferentes Aspetos.

Aspetos (periferia)

Os Aspetos representam configurações dessa mesma consciência em diferentes enquadramentos de experiência.

Não são partes independentes, mas expressões inter-relacionadas, ligadas entre si e ao self de origem por um fluxo contínuo.

Personalidade de foco (PF) e Ego

A personalidade de foco corresponde ao ponto onde a consciência se torna operativa no contexto espaço-tempo.

O ego atua como função organizadora dessa focalização:

- não é um limite,
- mas uma estrutura de coordenação e integração da experiência.

Flexibilização

A flexibilização representa a alteração do modo de focalização da personalidade.

Não implica deslocação ou perda de identidade, mas uma abertura estrutural que permite a integração de outros padrões do mesmo campo de consciência.

Personagrama

O personagrama corresponde a uma configuração temporária organizada a partir de múltiplas impressões de Aspeto.

Não é uma entidade externa, mas uma forma emergente de expressão dentro do próprio sistema de consciência, tornada acessível através da personalidade de foco.

Conexões

As ligações indicam um fluxo bidirecional e contínuo:

- entre o self de origem e os Aspetos
- entre os próprios Aspetos
- entre estes e a personalidade de foco

Este fluxo não é linear, mas simultâneo e dinâmico.

Dupla Leitura do Processo

O diagrama integra duas formas complementares de interpretação:

- Leitura experiencial
→ vivida como encontro com algo “outro”

- Leitura estrutural
→ compreendida como reorganização interna do campo de consciência

Chave de Leitura

O diagrama não descreve movimentos no espaço, mas relações de organização da experiência.

O que aparece como “acesso”, “contato” ou “manifestação” corresponde, estruturalmente, a alterações no modo de focalização da consciência.

Síntese

A identidade não é fixa nem localizada, mas um processo dinâmico de organização.

A personalidade de foco não é isolada, mas um ponto de expressão.

E aquilo que parece “outro” é, na sua base, outra configuração do mesmo campo de consciência.

CAPÍTULO 11

Aspetos de Fonte Básicos

Os Aspetos de Fonte Básicos são centros de elevada potência — núcleos principais de organização da personalidade — contendo uma maior concentração de energia de fonte em forma diretamente acessível. São, em geral, psicologicamente invisíveis, mas constituem uma das maiores forças da Personalidade de Foco, possuindo fortes capacidades organizadoras e funcionando como fator de estabilização. Estes Aspetos de Fonte Básicos representam concentrações elevadas de energia de fonte, operam com capacidades multidimensionais e não necessitam de se focalizar na experiência corporal, podendo também acelerar o fluxo de energia.

Contudo, enquanto Aspetos de Fonte Básicos, funcionam, na Psique, como interfaces de eus de Aspeto — ou Aspetos Vitais — que operam noutros sistemas de realidade, permanecendo aqui em estado de suspensão ou latência funcional. Nos seus próprios sistemas, esses eus de Aspeto — ou Aspetos Vitais — constituem personalidades de foco dominantes, enquanto as características da personalidade de foco atual nesses sistemas permanecem em estado "latente".¹

¹ **Explicitação:** Não se trata de "outros eus" separados que existem fora e se ligam à psique, mas de diferentes configurações do mesmo self de origem a operar em sistemas distintos.

Considero que o Self de Origem gera uma multiplicidade de campos de atualidade — ou sistemas — que coexistem simultaneamente, expandindo-se em todas as direções prováveis. Nesse enquadramento, os Aspetos de Fonte Básicos presentes na *Psique* podem ser compreendidos como expressões, nesse campo, de eus de Aspeto com maior dimensionalidade do que a da nossa *Personalidade de Foco*.

Se ativados — como no caso de Seth —, estes Aspetos teriam de comunicar através do tecido psíquico da *Personalidade de Foco*, emergindo em conformidade com as nossas ideias de pessoalidade, embora a sua própria realidade exista em termos significativamente diferentes.

Sempre tive a sensação de que isto se aplicava a Seth. Não era uma questão de desconfiança em relação à personalidade Seth, mas a percepção de que se tratava de uma personificação de algo mais — e esse “algo mais” não correspondia a uma pessoa nos nossos termos. Era, antes, uma consciência distinta da minha — ou, pelo menos, experienciada como tal —; contudo, descrevê-lo como um “guia espiritual”, entendido como uma pessoa não física nos moldes habituais, não me parecia adequado.

Ainda assim, de um modo peculiar, sentia que ele era mais do que isso — ou que representava mais —, como se a sua realidade psicológica atravessasse diferentes sistemas ou “mundos” de uma

O efeito experiencial é o de múltiplas identidades em paralelo; estruturalmente, estamos perante diferentes focalizações da mesma consciência.

Assim, há duas leituras do mesmo processo:

- uma, experiencial, que sugere vários “eus”;
- outra, estrutural, que revela múltiplas configurações do mesmo sistema.

forma que eu não conseguia compreender plenamente. Havia a percepção de uma multidimensionalidade da personalidade que me escapava à definição.

Seth como Expressão de um Aspeto Vital Mediada por um Aspeto de Fonte Básico

Enquanto expressão de um Aspeto Vital mediada, na psique, por um Aspeto de Fonte Básico, Seth representa uma consciência multidimensional refletida através da minha experiência; uma parte profunda da estrutura da minha psique, mas também uma personificação de uma consciência multimundos — ou multirrealidade — que poderá ultrapassar as nossas concepções atuais de pessoalidade.

É através das experiências da *Personalidade de Foco* que os *Aspetos Vitais* — representados na psique por *Aspetos de Fonte Básicos* — percebem a realidade física. No caso de Seth, essa percepção é expressa a partir de uma posição relativamente mais livre — ou, pelo menos, experienciada como tal —, permitindo a utilização de um maior grau de conhecimento para a sua interpretação e explicação.

O *Aspeto de Fonte Básico* não pode ser plenamente atualizado neste sistema, porque a realidade que media excede a capacidade de enquadramento deste nível de experiência. Essa realidade é dominante noutro nível. Ainda assim, apresenta-se com uma qualidade vivencial, estruturada segundo as nossas ideias de sabedoria, superexistência e afins, sendo “terrestrizada” numa personificação que nos é compreensível. Por trás — ou no interior — dessa personificação está a consciência que assim se expressa — ou, mais precisamente, uma configuração mais ampla da

consciência experienciada dessa forma. Por um lado, essa configuração é autônoma no seu próprio sistema; por outro, está representada na psique presente através de um *Aspeto de Fonte Básico*, em estado de suspensão na *Personalidade de Foco*, como personificação da sua própria realidade ampliada.²

A *Psique* funciona como campo de organização da experiência, do qual emerge a *Personalidade de Foco* enquanto enquadramento vivo que delimita e organiza localmente essa experiência. Os seus 'limites' mais extremos definem, do ponto de vista energético, as fronteiras da unidade experiencial, estabelecendo a perspectiva através da qual a realidade tridimensional é vivida.

A *Personalidade de Foco* não é estática; altera continuamente as relações entre os processos que organiza, com diferentes *Aspetos* a emergirem ou a integrarem-se conforme as circunstâncias físicas. A multiplicidade de componentes do campo psíquico, tal como são organizados e interpretados psicologicamente, introduz um grau fundamental de imprevisibilidade, oposto a qualquer forma de predeterminação — seja por hereditariedade ou ambiente.³

² **Explicitação:** Não se trata de uma entidade que “entra” na personalidade, mas da ativação de uma configuração mais ampla do self de origem que excede o enquadramento da personalidade de foco — neste caso, correspondente à ativação de um *Aspeto Vital* (Seth), mediada por um *Aspeto de Fonte Básico*.

O efeito experiencial é o de contato com uma presença distinta e mais vasta; estruturalmente, trata-se de uma reorganização do campo de consciência em que certos *Aspetos* ganham predominância e expressão.

Assim, há duas leituras do mesmo processo:

- uma, experiencial, que sugere comunicação com uma alteridade;
- outra, estrutural, que revela a emergência de uma configuração mais ampla da própria consciência.

³ **Explicitação:** Aqui, “*psíquico*” refere-se ao campo estruturante da experiência — a psique —, enquanto “*psicológico*” diz respeito ao modo como essa experiência é organizada e interpretada pela personalidade de foco. Não se tratam de domínios separados, mas de níveis distintos do mesmo processo.

Os *Aspetos de Fonte Básicos* podem atuar como interfaces orientadoras, manifestando-se na psique como a 'voz' do self interior e infundindo na *Personalidade de Foco* força e vitalidade adicionais em momentos de tensão. Dependendo do grau de organização e reconhecimento dessa expressão pela *Personalidade de Foco*, esta pode ser experienciada, através dela, como uma presença distinta — ao mesmo tempo que essa expressão se organiza como identidade experienciável, podendo, em certos casos, assumir forma personificada — ou permanecer sem essa forma.

Mas o que acontece quando um desses *Aspetos* deixa de permanecer fora do reconhecimento consciente da *Personalidade de Foco* — ou, mais precisamente, quando a sua expressão se torna consciente para ela, podendo ser apreendida como sensação, organizada como significado, estruturada como identidade ou, em certos casos, experienciada como presença personificada? A resposta depende das crenças da *Personalidade de Foco*. Em alguns casos, apenas uma caricatura poderá emergir — como será explicado mais adiante.

Se deixada a desenvolver-se nessas circunstâncias, essa expressão poderá alterar as suas características? Cada situação será distinta, mas se a personificação for suficientemente completa e vivencial, apresentará flexibilidade e dinamismo, mostrando-se recetiva em vez de rígida. Ainda assim, é provável que, como no caso de Seth, as características estáveis que a sustentam sejam mantidas.

Um desses *Aspetos* pode, no entanto, apontar para a realidade de outros *Aspetos* com maior grau de abrangência ou complexidade, que não se enquadram no padrão inicial definido

pelas idealizações da *Personalidade de Foco*. Nesse sentido, um primeiro Aspeto pode funcionar como ponte para outro menos acessível à experiência direta, atuando como uma espécie de estação recetora e desempenhando o papel de base psíquica situada para além do enquadramento tridimensional da *Personalidade de Foco*.

Seth Dois pode ser compreendido neste enquadramento. Pode dizer-se que a *Personalidade de Foco* ativa os seus próprios processos de organização — como a atenção, a associação e a interpretação — percecione os Aspectos presentes na sua psique e os diferencia, trazendo-os à experiência através de graus progressivos de organização — desde sensação e significado até identidade e, em certos casos, personificação. Isto estabelece uma base de compreensão e de informação que a *Personalidade de Foco* utiliza para ultrapassar as suas próprias condições de enquadramento — isto é, a orientação espaço-tempo inerente à experiência corporal.⁴

Aspectos de Fonte Básicos como Interfaces Recetoras

Quando uma dessas “bases” é estabelecida e dotada de características vivenciais — como no caso de Seth —, outras podem emergir a partir desse ponto de organização. Em cada caso, a

⁴ **Explicitação:** Não se trata de entidades externas que intervêm na personalidade, mas da expressão de dimensões mais amplas da consciência que, quando não são reconhecidas como parte do próprio campo psíquico, tendem a organizar-se como alteridade experiencial. O efeito vivido é o de contato com uma presença distinta; estruturalmente, trata-se de um processo de organização da experiência em que determinadas configurações do self ganham identidade e, em certos casos, personificação. Assim, há duas leituras do mesmo fenómeno:

- uma, experiencial, que sugere comunicação com um “outro”;
- outra, estrutural, que revela uma dinâmica de auto-organização da própria consciência.

Personalidade de Foco organiza expressões psíquicas progressivamente menos condicionadas pelas suas limitações físicas, cada uma atuando, por sua vez, como interface recetora, permitindo o acesso a informação relativa a outras dimensões de existência — e, algo frequentemente negligenciado, fornecendo também dados fundamentais sobre a própria estrutura e alcance da psique humana.

Cada uma destas expressões será experienciada de forma personificada de acordo com as ideias da *Personalidade de Foco*, em consonância com o nível dimensional com que se estabelece contato. O tipo de personificação revela, assim, tanto a natureza desse nível específico da psique como a área de atividade multidimensional em que está a operar.

Partindo da hipótese de que estas configurações mais amplas do *Self de Origem* possuem uma realidade própria fora do nosso enquadramento experiencial, ao mesmo tempo que funcionam aqui como componentes da psique, é plausível que as suas personificações conservem alguma correspondência com essas formas de existência. No entanto, poderão ser necessárias várias personificações para expressar as características de uma configuração de natureza múltipla. É possível, por exemplo, que Seth e Seth Dois constituam expressões parciais de uma mesma configuração mais ampla, apenas sugerida aqui através de construções aparentemente separadas.⁵

⁵ **Explicitação:** Não se trata de múltiplas entidades independentes, mas de diferentes modos de objetivação de uma mesma configuração de consciência.

O efeito experiencial é o de pluralidade — como se várias identidades distintas estivessem em jogo; estruturalmente, estamos perante diferentes cortes ou projeções do mesmo Aspeto no campo da personalidade de foco.

Assim, há duas leituras do mesmo processo:

Noutros casos, poderão emergir apenas caricaturas, quando a *Personalidade de Foco* intervém excessivamente, encenando o processo em vez de permitir que as capacidades criativas naturais sigam a representação interna. O resultado é um efeito bidimensional em vez de multidimensional — uma certa artificialidade, como se uma marioneta tentasse ser humana — resultando numa personalidade empobrecida em vez de plenamente desenvolvida.

Nessas situações, a expressão mediada dispõe de pouca liberdade, sendo “vestida” como uma máscara, sem flexibilidade para desenvolver as suas próprias características. Isto parece ocorrer em muitas dramatizações de “personalidades em transe”, onde elementos psíquicos vivos são revestidos de formas demasiado familiares — o guia indígena, o monge, a alma antiga — bloqueando assim desenvolvimentos mais amplos.

Quando isto acontece, o Aspeto primário pode deixar de se manifestar no reconhecimento consciente da *Personalidade de Foco*, retomando a sua função como parte integrada da psique, em estado de suspensão, orientando de forma indireta em vez de direta. Alternativamente, pode permanecer como uma personificação imatura, pouco desenvolvida — um mecanismo funcional, mas que expressa sobretudo as ideias “mais elevadas” da própria Personalidade de Foco — talvez as suas melhores — sem, contudo, alcançar uma verdadeira abertura à sabedoria ou ao conhecimento psíquico mais profundo.⁶

- uma, experiencial, que sugere multiplicidade de seres;

- outra, estrutural, que revela variações expressivas de uma única organização do self de origem.

⁶ **Explicitação:** Não se trata de estruturas que “captam” informação externa de forma independente, mas de modos progressivos de organização da experiência no campo da consciência. O que é descrito como “estações recetoras”

Interação dos Aspetos na Psique

Independentemente das circunstâncias, os Aspetos interagem. Configuram-se no mesmo campo psíquico — a psique — e constituem focos ou concentrações de capacidades em constante mutação, sendo todos atributos do *Self de Origem*. Estes Aspetos — ou “faces” do self multidimensional — emergem de forma dinâmica, emergindo simbolicamente logo abaixo do limiar da consciência em diferentes momentos.

Habitualmente, os Aspetos atravessam a *Personalidade de Foco* de modo transparente, limitando-se a tonalizar a experiência com a sua própria perspetiva. A Personalidade de Foco pode, assim, “ver através de um Aspeto” sem o reconhecer, percebendo apenas que os seus dias parecem diferentes, subtilmente alterados. Nesses momentos, pode surgir a sensação de olhar a experiência através dos olhos de alguém semelhante a si — e, ainda assim, estranhamente distinto, com um tom quase nostálgico.

Por vezes, essa estranheza torna-se súbita e evidente na percepção do mundo; noutras, instala-se gradualmente, até que a “nova” visão se torna tão familiar que a anterior se torna difícil de recordar.

Os Aspetos interagem continuamente, e as experiências da *Personalidade de Foco*, através de processos de associação e

corresponde a diferentes níveis de mediação através dos quais a própria consciência se torna acessível a si mesma, sob formas cada vez menos condicionadas pela organização habitual da personalidade de foco. O efeito experiencial é o de acesso a realidades ou fontes de informação distintas; estruturalmente, trata-se de um encadeamento de configurações que ampliam o alcance da experiência sem sair do mesmo campo de consciência.

Assim, há duas leituras do mesmo processo:

- uma, experiencial, que sugere receção de conteúdos provenientes de outras dimensões;
- outra, estrutural, que revela uma diferenciação progressiva das formas de acesso e organização da própria consciência.

compatibilidade, favorecem a emergência de diferentes Aspetos para responder a condições em mudança. De forma análoga, noutros sistemas de realidade, outras configurações de foco são ativadas segundo os mesmos princípios.

Os Aspetos emergem — ou organizam-se — a partir do *Self de Origem*, entendido como um campo de energia pura, continuamente renovado, infinitamente criativo e permanentemente gerador de novas dimensões de experiência e realização. Cada “face” abre-se para a sua própria dimensão, mas todas se interpenetram dinamicamente, de tal forma que o self se move através de si próprio de forma contínua.

Cada *Personalidade de Foco* contém, portanto, vestígios dos seus próprios Aspetos, podendo, até certo ponto, entrever a sua natureza multidimensional. Assim, qualquer indivíduo pode seguir as suas características e capacidades até à sua origem — pelo menos em termos potenciais. O self multidimensional é, neste sentido, ilimitado, contendo múltiplas capacidades associadas aos Aspetos que podem tornar-se acessíveis através da reconfiguração da experiência. Algumas poderão ser tão subtis na experiência prática que parecem inexistentes; ainda assim, podem ser reconhecidas e desenvolvidas em certa medida. Outras serão mais acessíveis à tradução na experiência física. Estes Aspetos só podem ser apreendidos através da estrutura da psique individual, que inevitavelmente os refrata e reconfigura segundo a sua própria natureza.⁷

⁷ **Explicitação:** Não se trata de aceder diretamente a uma “realidade pura” dos Aspetos, mas de a captar através do meio organizador da psique.

O efeito experiencial é o de perceções parciais, transformadas ou simbólicas; estruturalmente, trata-se de uma tradução do campo de consciência para os limites operativos da personalidade de foco.

Tal como o reflexo de uma árvore num rio segue a natureza do meio — o rio — e não a da própria árvore, também os Aspetos seguem os contornos da psique individual. A árvore não cresce para baixo, embora assim apareça refletida na água. O estudo dessas “distorções” pode ser elucidativo: compreendemos as leis que regem o reflexo da árvore no rio, mas quando um Aspeto se manifesta através do meio complexo da psique humana, tendemos a tomar a aparência como realidade literal.

Os Aspetos dão origem a personificações com qualidade afetiva — frequentemente fora do reconhecimento consciente — que fornecem o material de base a partir do qual as nossas próprias personalidades emergem. Neste sentido, a metáfora “o espírito torna-se carne” deve ser entendida como a tradução de uma configuração mais ampla da consciência em experiência concreta na *Personalidade de Foco*. Estas personificações internas podem ter dado origem aos nossos conceitos de Deus, deuses, deusas e talvez também de demónios; é possível que, em termos históricos, tenham sido mais diretamente reconhecidas na experiência consciente do que são atualmente.

Estas personificações internas são, simultaneamente, nós e não nós. Permanecemos ainda ancorados numa conceção de identidade unificada. No meu caso, por exemplo, Seth, Seth Dois, Seven, Cyprus e Helper podem ser compreendidos como personificações de diferentes Aspetos do meu *Self de Origem*; cada Aspeto é autónomo no seu próprio nível de organização da experiência, enquanto aqui

Assim, há duas leituras do mesmo processo:

- uma, experiencial, que sugere contato imperfeito com algo externo;
- outra, estrutural, que revela uma adaptação interna da própria consciência às suas condições de expressão.

opera de outra forma. Apenas considerando-os em conjunto podemos vislumbrar algo como uma “multipessoalidade” — característica do *Self de Origem* — e, ao analisar as suas relações entre si e com a *Personalidade de Foco*, revelar alguns dos processos que estruturam a identidade.

Neste nível, configurações mais amplas da consciência dão origem a personificações que permanecem fora do reconhecimento consciente, filtradas pelas nossas ideias de pessoalidade. Nos seus próprios níveis de realidade, correspondem a formas de expressão direta, dotadas de atividade e conhecimento de maior dimensionalidade — autónomas, mas integradas de modos que ainda ultrapassam a nossa compreensão atual.

Neste mesmo enquadramento, as suas características manifestam-se como impulsos fundamentais ou capacidades latentes. Quer sejam ou não explicitamente ativados ou diferenciados — como no meu caso — continuam a atuar como orientadores em níveis inconscientes e em estados oníricos. Permanecem em interação transparente e contínua com a *Personalidade de Foco*, disponibilizando um vasto campo de capacidades e informação.

Mapa Estrutural do Capítulo

◆ 1. Núcleo Ontológico

- **Consciência como sistema distribuído**
- **Self de origem** → estrutura organizadora
- **Psique** → campo de organização da experiência
- **Personalidade de Foco (PF)** → delimitação local da experiência

👉 não há deslocação → há **reconfiguração**

◆ 2. Tipos de Configuração

◆ Aspetos Vitais

- configurações experienciáveis da consciência
- operam como focos noutros sistemas

✓ experienciam

◆ Aspetos de Fonte Básicos

- interfaces de mediação na psique

✓ não experienciam

✓ tornam a experiência possível

◆ 3. Cadeia Funcional

Self de origem

- Aspetos Vitais
 - mediação (Aspetos de Fonte Básicos)
 - campo psíquico
 - experiência na PF
-

◆ 4. Gradiente de Organização da Experiência

sensação → significado → identidade → personificação

- a experiência não surge pronta
- **organiza-se progressivamente**

◆ 5. Personificação

- não pertence ao Aspeto
- pertence à **forma como a PF organiza a experiência**

👉 grau de organização, não entidade

◆ 6. Projeção (ligação estrutural profunda)

não reconhecido como interno
→ experienciado como externo

👉 projeção =

organização não reconhecida

◆ 7. Mediação

- não há acesso direto
- há **interfaces (Fonte Básico)**

👉 consciência acede a si mesma mediadamente

◆ 8. Encadeamento de Acesso

- uma configuração estabiliza (ex: Seth)
→ permite acesso a outras (ex: Seth Dois)

👉 não há adição

👉 há **expansão de acessibilidade**

◆ 9. Tradução da Experiência

Aspetos não são experienciados “puros”

→ são:

- refratados
- traduzidos
- reorganizados

pela psique + PF

◆ 10. Regra Psíquico vs Psicológico

- **Psíquico** → estrutura do campo
 - **Psicológico** → organização da experiência pela PF
-

◆ 11. Dupla Leitura (regra global)

Cada fenómeno tem sempre:

- ◆ leitura experiencial
- ◆ leitura estrutural

👉 não exclusivas

👉 complementares

🧠 SÍNTESE DO MAPA

Não há entidades a interagir, mas configurações da consciência a organizar-se, mediar-se e tornar-se experienciáveis em diferentes graus de estruturação.

Chave Estrutural

(Como compreender Seth → Seth Dois)

🔍 1. O ponto de partida

Para compreender corretamente este processo, é importante clarificar um ponto essencial:

- Seth não corresponde a uma entidade independente
- nem a algo que “entra” na personalidade

👉 o que está em causa é um **modo de organização da experiência**

🔑 2. O que significa “uma base”

Aquilo que aqui designamos como uma “base”:

- não é uma estrutura fixa
- não é uma entidade
- não é uma “plataforma”

👉 é:

um padrão estabilizado de acesso e reconhecimento na experiência da personalidade de foco

Quando esse padrão se estabiliza — como no caso de Seth — passa a funcionar como:

- referência
 - ponto de acesso
 - organização coerente da experiência
-

🌀 3. O que realmente acontece (sem equívocos)

É importante evitar duas interpretações comuns:

✗ Não há “acoplamento”

- não há partes que se ligam
- não há estruturas que se juntam

☞ o que ocorre é:

reconfiguração do campo de experiência

✗ Não há “plataforma fixa”

- não existe um centro estático
- nem um “hub” que recebe entidades

☞ o que existe são:

configurações de mediação que se estabilizam e permitem novas formas de acesso

🌀 4. O papel da Personalidade de Foco

A personalidade de foco não:

- cria Aspetos
- nem os “ativa” diretamente

☞ ela:

- reorganiza a atenção
- amplia o reconhecimento
- estabiliza padrões de experiência

→ e, com isso, **torna acessíveis novas configurações**

🕒 5. O que parecem ser “novas entidades”

Quando surgem novas formas — como Seth Dois — pode parecer que:

- algo novo apareceu
- ou que outra entidade entrou

Mas, estruturalmente:

não se trata de novas entidades, mas de novas formas de organização da experiência a partir de uma base já aberta

☯ 6. Formulação essencial

Não há acoplamento de estruturas, mas aprofundamento de um padrão de acesso que permite a emergência de novas configurações da consciência.

🔒 7. Uma imagem útil

Pode ser útil pensar neste processo não como uma “plataforma”, mas como:

uma abertura que, uma vez estabilizada, permite outras aberturas

- não porque algo entrou
 - mas porque o sistema passou a ter acesso
-

🔗 8. Ligação ao processo de organização

Quando uma expressão:

- se estabiliza
→ torna-se identidade reconhecida

👉 isso cria:

- uma base de organização
→ que permite novas diferenciações da experiência
-

🔍 EXPLICAÇÃO FINAL

(Seth → Seth Dois)

◇ Formulação integrada

Seth não deve ser entendido como uma entidade independente, mas como uma configuração estabilizada de acesso à experiência — uma expressão mediada de um Aspeto Vital que se tornou suficientemente organizada para ser reconhecida como identidade e, em certos casos, como presença personificada.

Uma vez estabilizada essa configuração, a Personalidade de Foco passa a dispor de uma base de organização que permite o acesso a níveis menos condicionados da experiência. É nesse contexto que surge o que é designado como Seth Dois — não como uma nova entidade, mas como uma extensão dessa mesma base, correspondendo a uma configuração de consciência mais ampla, menos ancorada nos padrões habituais de reconhecimento.

O efeito experiencial é o de múltiplas presenças ou níveis de consciência que parecem relacionar-se entre si. Estruturalmente, trata-se de um aprofundamento progressivo do acesso à própria consciência, no qual uma configuração estabilizada permite a emergência de outras, sem que haja multiplicação de entidades ou deslocação para fora do campo experiencial.

✳ Dupla leitura do processo

- **Leitura experiencial**

→ parece haver comunicação entre identidades distintas

- **Leitura estrutural**

→ há diferenciação progressiva das formas de organização da própria consciência

✎ Fecho conceptual

Seth é uma base.

Seth Dois é uma expansão dessa base.

Nota final

O que ao longo do capítulo pode parecer a descrição de entidades, níveis ou intervenções externas revela-se, à luz da estrutura, como um conjunto de processos de organização, mediação e tradução da consciência.

CAPÍTULO 12

Inspiração, Consciência Livre e Percepção Condicionada

Diferentes configurações de realidade interpenetram-se e sobrepõem-se, mantendo, ainda assim, a coerência própria de cada uma. Quando padrões de organização provenientes de outro enquadramento experiencial se tornam acessíveis, são automaticamente organizados segundo as características do enquadramento de experiência em que emergem. Caso sejam percecionados, surgem de forma indireta, assumindo a aparência e os limites próprios do campo em que são experienciados.

Padrões de organização provenientes de diferentes configurações da consciência permanecem latentes e interpenetram-se em diferentes enquadramentos de experiência. A diferenciação clara e o foco experiencial emergem a partir de concentrações específicas no campo psíquico — zonas de maior coerência resultantes da interseção de padrões energéticos e das relações que entre eles se estabelecem. Essas zonas constituem o que é experienciado como realidade ativa, definindo simultaneamente as possibilidades e limitações de cada campo de experiência.

A inspiração pode ser compreendida como a emergência súbita, no padrão consciente da experiência, de informação organizada para além do enquadramento habitual. A sensação de energia e

surpresa está associada à intensidade dessa emergência — um impulso organizador que traz determinados conteúdos para o foco da experiência tridimensional. Em seguida, procuramos apreender esse material através das estruturas disponíveis na mente, traduzindo-o ao permitir que interaja com as nossas ideias atuais, formando novos padrões. Quando há escassez de imagens ou símbolos internos, essa emergência tende a fixar-se de forma rígida nessas mesmas estruturas, limitando a sua expressão.

Informação reveladora plenamente válida pode resultar em expressões pobres ou superficiais quando é apreendida de forma rígida pelas estruturas mentais disponíveis. Embora todos experimentem momentos de inspiração, aqueles que desenvolvem formas de trabalhar criativamente com a experiência organizam esse material de modo a permitir-lhe adquirir uma expressão coerente.

Nos casos mais complexos, a inspiração envolve processos criativos que ultrapassam o enquadramento habitual da *Personalidade de Foco*, estabelecendo uma ligação entre essa personalidade e configurações mais amplas da própria consciência. Este processo envolve dois momentos fundamentais, ainda que com múltiplas variações: a emergência inicial de conteúdos não habituais e a sua subsequente organização, na qual os padrões de imagem e pensamento disponíveis são selecionados e estruturados de modo a torná-los experienciáveis no contexto tridimensional.

Grande parte deste processo de organização ocorre fora do reconhecimento consciente. Ainda assim, a personalidade de foco, quando opera de forma criativa, trabalha continuamente com material consciente e não consciente, articulando-o e reorganizando-o em novas configurações. Quando este processo

não ocorre, os padrões disponíveis tornam-se limitados, restringindo a expressão da inspiração em vez de lhe conferirem fluidez.

Analogia da Folha de Papel Branco

Desenhe um quadrado numa folha de papel branco (campo psíquico). A área no interior do quadrado continua a ser branca, mas passa a ser experienciada como distinta do restante papel devido à configuração que a delimita. Uma vez estabelecida essa configuração, surge uma diferenciação que se torna um foco de organização da experiência, levando a que essa zona seja interpretada como quadrado (configuração emergente / padrão organizado). O restante papel (campo psíquico) funciona como fundo contínuo a partir do qual essa configuração emerge, sendo percebido sobretudo em relação a ela e, de outro modo, amplamente indiferenciado.

No entanto, a brancura é parte de toda a superfície, não sendo intrinsecamente diferente da área branca contida no interior da configuração (quadrado / padrão organizado).

A mão (processo organizador) que desenhou o quadrado opera a partir de um nível diferente daquele em que a configuração (quadrado) é observada, não tendo consciência dos processos que utiliza para realizar a ação. Do mesmo modo, a mente consciente, ao dar a instrução para desenhar o quadrado, não tem acesso aos mecanismos internos envolvidos. A mão e os olhos, ao operarem no plano físico, percebem os resultados, mas não o trabalho subjacente que os produz.

Tal como a mão (processo organizador) opera a partir de um nível diferente daquele em que a configuração (quadrado) se torna

visível, também o self que a sustém organiza a experiência tridimensional a partir de uma configuração mais ampla da consciência. Nesse processo, a Personalidade de Foco emerge como um ponto de organização — de modo análogo ao aparecimento do quadrado (configuração emergente) na folha (campo psíquico).

O quadrado (configuração emergente) não pode deslocar-se para fora do papel (campo psíquico), nem possui, nos nossos termos, consciência da sua própria existência. Os elementos que compõem o papel mantêm a sua própria organização, sem reconhecer a configuração do quadrado como tal. Podem, contudo, registrar alterações produzidas pelas marcas que o definem, ainda que sem lhes atribuir significado.

Ainda assim, o papel (campo psíquico) é modificado pela configuração inscrita (quadrado / padrão organizado), distinguindo-se de uma folha sem marcações. O próprio papel apresenta capacidades e limitações específicas quanto às formas que pode assumir. Existe dentro de um enquadramento mais amplo do que aquele que expressa diretamente, podendo ser transformado de várias maneiras, mas não organizando por si mesmo essas transformações. Pode receber inscrições, mas não produzi-las nem interpretá-las segundo os nossos termos, mesmo quando contém informação complexa destinada a ser lida por outros.

Ao mesmo tempo, o significado inscrito no papel (campo psíquico) pode influenciar a nossa experiência tridimensional e até ampliar o nosso campo de consciência. Para o próprio papel, contudo, essas inscrições não são experienciadas como algo externo, mas como ocorrências naturais do seu próprio enquadramento. Ainda assim, essas ocorrências correspondem, do

nosso ponto de vista, à expressão de um nível de organização que não pertence diretamente ao seu domínio.

Um processo análogo ocorre continuamente no nosso próprio enquadramento de experiência, onde configurações (padrões organizados) são inscritas no “tecido” do espaço. Aqui, essas configurações — incluindo aquilo a que chamamos partículas — organizam-se como formas de experiência dotadas de autoconsciência, capazes de questionar a sua origem e de intuir níveis mais amplos da realidade de onde emergem.

Um exemplo simples, noutro nível, é o próprio processo de escrita deste trecho. Ao iniciar a escrita, o conteúdo não era previamente conhecido ao nível consciente habitual. Apenas à medida que o texto se organizava é que o seu significado se tornava claro. Parti do pressuposto de que o que estava a ser escrito fazia sentido e que a linha de desenvolvimento se revelaria progressivamente. Em pequena escala, isto assemelha-se ao modo como falamos, sem saber exatamente como formularemos as ideias, confiando que a expressão se organizará. Neste caso, a formulação inicial surgiu para além do enquadramento consciente habitual, sendo posteriormente reconhecida e interpretada. Poderá isto ser entendido como uma emergência que, do ponto de vista da experiência, se apresenta como algo aparentemente externo, mas que corresponde, estruturalmente, a um processo interno de organização?

Podemos considerar que operamos frequentemente com uma percepção condicionada, na qual a informação é filtrada segundo padrões prévios (configurações já estabelecidas). Dados que escapam, mesmo que parcialmente, a esses filtros podem ser experienciados como algo inesperado ou estranho. No caso da

analogia apresentada, ao descrever o próprio processo de formação de configurações (padrões organizados), a consciência torna-se momentaneamente menos condicionada, permitindo uma identificação com níveis mais amplos do self para além do enquadramento habitual.

O termo “consciência livre” pode ser utilizado para designar esse tipo de percepção potencial, que não se encontra limitada pela organização tridimensional habitual dos dados sensoriais.

Consciência Livre ou Pré-Percepção (estado anterior à diferenciação perceptiva)

A *Consciência Livre* — ou, do nosso ponto de vista, a Pré-Percepção (estado anterior à diferenciação perceptiva) — constitui a base das percepções sensoriais organizadas na experiência física. A Pré-Percepção é indiferenciada; corresponde a uma capacidade — ou potencial — de organizar a consciência segundo linhas específicas. A percepção habitual torna o mundo experienciável ao estruturar essa consciência de base, filtrando-a através dos sentidos diferenciados e, simultaneamente, excluindo outros dados que, de outro modo, também poderiam tornar-se presentes na experiência.

Aquilo a que chamamos percepção depende, na verdade, de um processo altamente organizado de não-percepção, no qual determinados dados são destacados, definidos e focados. Para alcançar essa clareza, reduzimos o campo de consciência disponível.

Sem esse tipo de percepção condicionada, a vida tridimensional tal como a conhecemos seria impossível. Os sentidos orientam e focalizam a *Consciência Livre* ao restringirem a quantidade de informação que se torna experienciável. A *Consciência Livre* pode

ser entendida como um campo potencial não diferenciado, a partir do qual emergem as impressões sensoriais específicas. A experiência sensorial corresponde à forma que essa consciência assume na vida física. Ainda assim, os próprios mecanismos biológicos parecem operar com menor grau de condicionamento nesse processo, constituindo a base a partir da qual se organizam as tendências estruturais dos átomos e moléculas que compõem o corpo.

A um nível fundamental, os átomos e moléculas do corpo participam de processos de organização que não estão rigidamente fixos a funções específicas. Tecidos que, num determinado contexto, formam uma parte do corpo poderiam, noutro, integrar estruturas diferentes. Nesse sentido, o corpo pode ser compreendido como um sistema sensível e dinâmico, constituído a partir do mesmo substrato que organiza os fenómenos que percebe. Ao nível físico, é inseparável do mundo em que participa.

Essa condição de participação sensível no mundo depende de um foco percetivo extremamente refinado, que se apoia, de forma estável, na *Consciência Livre* não condicionada da qual emergem as percepções específicas. A percepção habitual pode, assim, ser entendida como uma configuração previamente organizada, derivada de um campo muito mais amplo de possibilidades percetivas.

Retomando a analogia da folha de papel, a vida física corresponde ao quadrado (configuração emergente) inscrito na folha (campo psíquico), enquanto o fundo — correspondente ao campo não diferenciado da experiência (*Consciência Livre*) — permanece, em grande parte, fora do foco da experiência.

É plausível considerar que o funcionamento biológico contém potenciais ainda não plenamente reconhecidos e que a Consciência Livre pode tornar-se acessível, pelo menos em parte, ao nível consciente. Quando isso ocorre, ativam-se processos internos que permitem que conteúdos provenientes de áreas não diferenciadas — habitualmente excluídas pela percepção condicionada — se tornem experienciáveis e possam ser organizados em termos compreensíveis.

Percepção e Configurações de Experiência

Áreas de Experiência Individuais e Coletivas (“agoras”)

As configurações de experiência parecem fixas, definidas e invariáveis. Na realidade, correspondem à interpretação condicionada da ação e ao modo específico como organizamos a experiência. Ao filtrar os dados, os sentidos excluem outras dimensões nas quais essas mesmas configurações também existem. Se o tempo não for fundamentalmente linear, então essas configurações também não o são. A *Consciência Livre* permitiria apreender essas configurações antes e depois da sua manifestação no enquadramento físico. Poderia também operar a níveis celulares, onde o corpo se organiza antecipadamente para manter o seu equilíbrio face a múltiplas interações ao longo do tempo. Nesse sentido, a *Consciência Livre* contribui para a manutenção e continuidade da experiência.

Tal como o indivíduo parece desenvolver-se ao longo do tempo, emergindo do *Self de Origem* multidimensional para a experiência física, também os grupos humanos podem ser compreendidos como organizando áreas coletivas de experiência. Estas resultam da interseção de configurações mais amplas da consciência com o

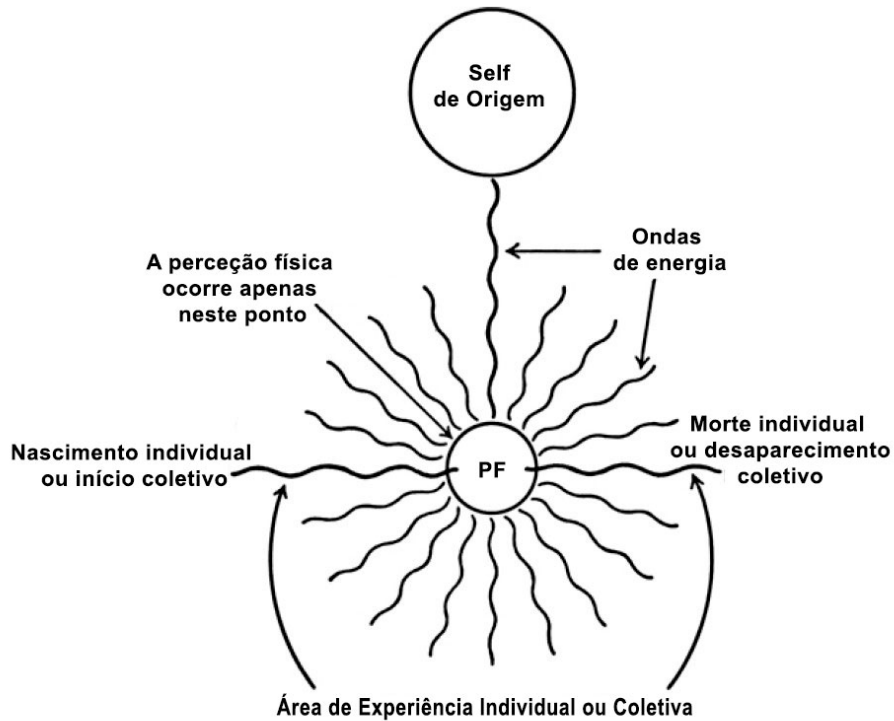
enquadramento de experiência humano — isto é, o sistema de organização da experiência associado à *Personalidade de Foco* — distribuindo-se ao longo do que experienciamos como tempo e formando o nosso contexto histórico. Uma área coletiva de experiência abrange uma extensão muito maior do que a individual, estendendo-se em múltiplas direções. Tal como no caso individual, pode parecer que essa organização tem um início e um fim, surgindo e desaparecendo ao longo do tempo.

Na realidade, tanto no caso individual como no coletivo, o ponto de interseção com a experiência tridimensional ocorre sempre no presente. As extensões dessa interseção são experienciadas como tempo e sequência. Essas extensões propagam-se em múltiplas direções, mas a *Personalidade de Foco* — enquanto ponto de organização da experiência — apenas as apreende à medida que se tornam acessíveis a partir desse ponto. A percepção física ocorre apenas dentro da área de experiência correspondente a esse enquadramento.

Outros modos de organização da consciência, para além do foco habitual, podem registar e responder a configurações de experiência diferentes daquelas que são percecionadas na área de experiência atual. Uma mesma configuração pode desenrolar-se ao longo de um determinado intervalo no plano experiencial, enquanto outros aspetos da consciência podem responder a ela de forma antecipada ou retrospectiva, à medida que essa experiência se organiza. Apenas uma parte superficial dessa configuração se torna acessível ao nível da experiência habitual, enquanto processos ao nível molecular do corpo podem ocorrer fora dessa sequência temporal, e outras configurações mais amplas da consciência

podem experienciar essas mesmas dinâmicas fora do enquadramento temporal comum.

Diagrama 2. Área de Experiência Individual ou Coletiva



A interseção do **Self de Origem** com o campo tridimensional dá origem à **Personalidade de Foco**, em termos individuais, ou à **Personalidade de Foco** coletiva, em termos grupais, bem como a uma área de experiência do tempo. Esta área é envolvida por um campo de energia constituído por configurações de experiência não percebidas. **PF = Personalidade de Foco**.

Mapa Estrutural

🔍 **Eixo central**

Este capítulo descreve como:

a experiência emerge da organização da consciência
e não de eventos externos independentes

◇ **1. Campo e Configuração**

- campo psíquico → base contínua da experiência
- configuração emergente → diferenciação local (ex: “quadrado”)

✓ **Princípio**

Não há separação entre fundo e forma
há diferenciação dentro do mesmo campo

◇ **2. Consciência Livre e Percepção**

- consciência livre / pré-percepção
→ estado anterior à diferenciação perceptiva
→ campo potencial indiferenciado
- percepção
→ organização seletiva desse campo

✓ **Princípio**

Perceber não é adicionar — é selecionar e estruturar

◇ **3. Percepção como Redução**

a percepção:

- destaca
- organiza
- exclui

✓ **Princípio**

Clareza implica redução do campo de consciência disponível

◇ **4. Inspiração**

- não é entrada de informação externa
- é:
emergência de organização no campo da consciência

✓ **Dinâmica**

consciência livre → organização → significado → expressão

◇ **5. Analogia da Folha de Papel**

- papel → campo psíquico
- quadrado → configuração emergente
- mão → processo organizador
- escrita → emergência de organização
- leitor → PF (interpretação)

✓ **Princípio**

A analogia descreve um processo de organização, não uma relação entre níveis separados

◇ **6. Tempo e Configuração**

- "eventos" → configurações de experiência
- não lineares em si
- experienciados como sequência pela PF

✓ **Princípio**

O tempo resulta do modo como a experiência é organizada

◇ **7. Áreas de Experiência ("agoras")**

- ponto de interseção → presente
- extensões → experiência de tempo

✓ **Distinção**

- individual → PF
- coletivo → organização grupal da experiência

◇ **8. Múltiplos Modos de Organização**

- diferentes níveis da consciência:
- organizam
- registam
- respondem

→ de forma não simultânea no tempo experienciado

✓ **Princípio**

A experiência visível é apenas uma parte do processo total

🔗 **Explicitação de Fecho**

Não se trata de eventos que acontecem “fora” e são depois percebidos, mas de configurações que emergem dentro do campo da consciência e são organizadas pela personalidade de foco como experiência.

O efeito experiencial é o de um mundo externo composto por acontecimentos sucessivos; estruturalmente, estamos perante um processo contínuo de diferenciação e organização da consciência.

Assim, há duas leituras do mesmo processo:

uma, experiencial, que sugere uma realidade objetiva composta por eventos;

outra, estrutural, que revela a organização dinâmica da própria consciência como origem da experiência.

Síntese final

A realidade experienciada não é recebida — é organizada.

CAPÍTULO 13

O Self de Origem, A Personalidade de Foco, As Probabilidades e a Reencarnação

O *Self de Origem* é um reservatório sempre consciente de consciência, que envia eus individuais — ou *Personalidades de Foco* — para diferentes sistemas de realidade. Cada *Personalidade de Foco* é única, independente, “nascida” no seu campo dimensional específico — isto é, numa configuração organizada particular de experiência dentro desses sistemas — tornando-se aquilo que é de forma tão plena quanto possível dentro desse enquadramento, onde participa na criação e manutenção contínuas dessa realidade experienciada. Isto não é uma descida da alma, mas uma consciência envolvida na criação de realidades experienciadas, nas quais depois participa.

Ainda assim, somos como sementes psicoconscientes de consciência — isto é, com capacidade de auto-organização psíquica — enviadas pelos nossos *Selves de Origem*, que caem em diferentes dimensões em vez de quintais, trazendo dentro de nós todas as capacidades dos nossos “Selves Parentais” — isto é, do *Self de Origem* — e livres, pela nossa própria natureza, para programar o nosso percurso, escolher o nosso ponto dimensional — o tempo e o lugar do nosso crescimento.

No entanto, tal como fomos enviados, enviamos também outras sementes das quais geralmente não temos consciência: sonhos e

pensamentos que se libertam de nós tão facilmente como folhas de uma árvore no outono. Estes vivem em dimensões distintas da nossa vida habitual, e ainda assim são Aspetos de nós, transportando os nossos potenciais. Talvez sejam futuros “fantasmas” de nós mesmos — padrões mentais que um dia serão preenchidos com forma e caminharão nesta Terra ou noutra, num espaço e tempo que lhes pertencerá, não a nós.

Contudo, os eus que conhecemos agora — as nossas *Personalidades de Foco* — existem em corpos que florescem apenas durante um tempo pessoal, pelo menos na nossa experiência habitual. E, na plenitude dessa estação, vivemos numa Terra que é nossa, fechada a todos os outros seres que vieram antes ou que virão depois. Temos o mundo, por um tempo, só para nós. O foco generoso dos nossos sentidos físicos dá-nos essa privacidade e protege o espaço pessoal que criámos num mundo de momentos.

Talvez sejam apenas os nossos sentidos que nos mantêm singularmente separados de outros tempos e lugares, aconchegados no nosso próprio “ninho” domesticado. Caso contrário, com uma consciência livre, poderíamos ver as dimensões fundirem-se e perder o nosso percurso linear no tempo; ver os nossos outros Aspetos em todas as fases do seu — e do nosso — devir.

Poderíamos experienciar os séculos da Terra como uma única tapeçaria viva cósmica, em que cada ano que conhecemos é apenas a nossa imagem oficial de mil outras versões do mesmo janeiro a dezembro. Que acontecimento ocorreu quando? A quem? Como poderíamos distinguir? Apenas quando a nossa própria consciência encontrasse a sua natureza multidimensional poderíamos manter

memória disso e reconhecer a nossa experiência como distinta, face a uma tal amplitude de percepção.

Estes mesmos sentidos físicos, que nos levam a experienciar todos os acontecimentos no tempo, também lhes conferem um carácter de “uma vez para sempre”, que destaca o seu significado. Toda a nossa ideia de memória baseia-se nisso: um acontecimento passado, recordado.

Assim como saboreamos as nossas memórias, secretas para todos os outros, recordamos na velhice, por exemplo, as intermináveis segundas e terças-feiras aparentemente perdidas, em que deitávamos os nossos filhos (agora crescidos), ou conversávamos ao longo de mil jantares distintos. Esses acontecimentos ganham significado pela forma como os experienciamos. E, apesar de falarmos tanto em expandir a consciência, talvez tenhamos perdido esse foco pequeno, mas brilhante que torna os acontecimentos e as memórias tão preciosos.

Ainda assim, ansiamos por uma consciência mais vasta que consiga perceber claramente os inúmeros acontecimentos quotidianos das nossas vidas, mas com uma visão global que também veja aquilo que não vemos — o padrão das nossas vidas, a “forma” do nosso ser interior terreno. Em certa medida, conseguimos isso, ainda que apenas pela imaginação. A mãe pode vislumbrar o homem ou a mulher futura na criança sentada na cadeira alta; e a mulher idosa pode ver, no rosto do filho ou filha adultos, a criança que foi. Em termos mais amplos, todos coexistem ao mesmo tempo — jovens, velhos, nascidos, a morrer — num “agora” ou presente espaçoso suficientemente vasto para conter as nossas vidas.

Uma vez que o tempo não existe realmente como uma série de momentos, então, em termos fundamentais, aquilo que somos agora não é o resultado do que fomos; tal como também não é o resultado do que seremos. Presente, passado e futuro existem num agora que os nossos sentidos nos obrigam a perceber em segmentos. De certo modo, retiramo-nos do nosso próprio contexto, experienciando apenas porções de nós mesmos em cada momento; lemos as nossas vidas uma página de cada vez no tempo, enquanto, a outro nível, escrevemos o livro inteiro de uma só vez, revendo constantemente as páginas “já” experienciadas.

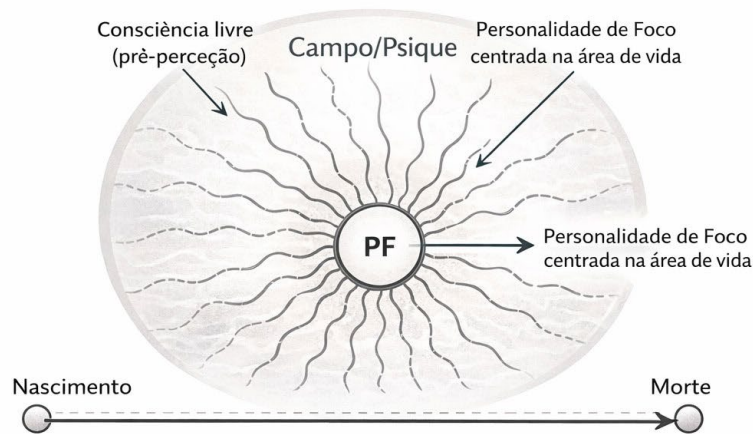
Sem o saber, somos tão influenciados agora pelas nossas mortes quanto pelos nossos nascimentos.

O facto da morte projeta certamente a sua luz sobre todos os acontecimentos das nossas vidas. Estamos conscientes desse facto no futuro, mas permanecemos inconscientes quanto aos seus detalhes. Aliás, só conseguimos lidar com um número limitado de acontecimentos ao nível consciente. A outros reagimos de forma inconsciente.

Mais uma vez, os termos podem ser enganadores, pois considero que o inconsciente é, na verdade, consciente — representando a porção da consciência que não é percebida localmente pela *Personalidade de Foco*. É desse campo que emerge a *Personalidade de Foco*, juntamente com o seu ego. O ego funciona como o ponto direto de regulação psicológica, surgindo da *Personalidade de Foco* para lidar com a vida física. Como a *Personalidade de Foco* só consegue processar uma quantidade limitada de dados no seu sistema temporal, seleciona do campo do inconsciente apenas aquelas percepções que pode integrar, de acordo com as suas

crenças sobre a natureza da sua própria realidade (ver Diagrama 3).

Diagram 3 – Campo de percepção da Personalidade de Foco



No campo não físico que envolve a Personalidade de Foco (PF), a percepção é livre, não estando limitada pelo espaço nem pelo tempo. Esse campo é constituído por acontecimentos prováveis. A partir destes, a Personalidade de Foco materializa acontecimentos físicos à medida que percorre a sua área de vida.

Neste nível, a percepção não está limitada pelo tempo. Os acontecimentos, tal como são experienciados pela *Personalidade de Foco*, e os eventos — enquanto configurações prováveis no campo — são igualmente “conhecidos” num estágio a que poderíamos chamar pré-percepção, pois ainda não foram objetivados nem organizados como experiência física. Na nossa área de vida, apenas “percecionamos” certos acontecimentos a partir do conjunto de eventos de que o nosso inconsciente — isto é, o campo de consciência não percecionado pela *Personalidade de Foco* — tem acesso.

Mas observemos mais de perto esses eventos prováveis.

Dinâmica das Probabilidades e Reconfiguração da Experiência

Ia começar com a observação, em tom de brincadeira, de que os eventos prováveis só podem ter um estatuto provável — que outra coisa poderiam ter? — mas, de certo modo, todos os eventos são prováveis. Apenas objetivamos alguns deles e chamamo-los físicos. Considero que somos seres de uma liberdade extraordinária, com recursos imensos a partir dos quais formamos a nossa experiência. Escolhemos, então, acontecimentos físicos a partir do conjunto de pré-percepções de que o inconsciente — isto é, o campo de consciência não percebido pela *Personalidade de Foco* — tem acesso. E esta escolha nunca cessa. Não estamos presos a uma única sequência de acontecimentos. A qualquer momento, podemos selecionar outra linha de desenvolvimento entre todas as probabilidades disponíveis. O reconhecimento disto libertaria muitas pessoas de sentimentos de impotência e permitir-lhes-ia transformar as suas vidas de forma prática.

Acredito que realizamos essas alterações com frequência, mesmo que não tenhamos consciência dos mecanismos ou razões envolvidos. Nesse caso, as novas ações prováveis alternativas manifestam-se na área de vida, enquanto os acontecimentos que poderiam ter ocorrido de outra forma — os anteriores — são descartados, embora continuem a ocorrer fora da área de vida.

Penso que este tipo de processo ocorre frequentemente quando mudamos de direção a meio do percurso, alteramos subitamente as nossas circunstâncias ou parecemos tão diferentes do nosso habitual que isso se torna evidente para os outros. Inicialmente, tais ações podem surpreender-nos e confundir-nos. Podemos não compreender o que fizemos, nem sequer como o fizemos. Ainda assim, uma análise cuidadosa mostrará que o nosso percurso

“novo” sempre foi uma probabilidade na nossa experiência, embora não o tivéssemos reconhecido como tal.

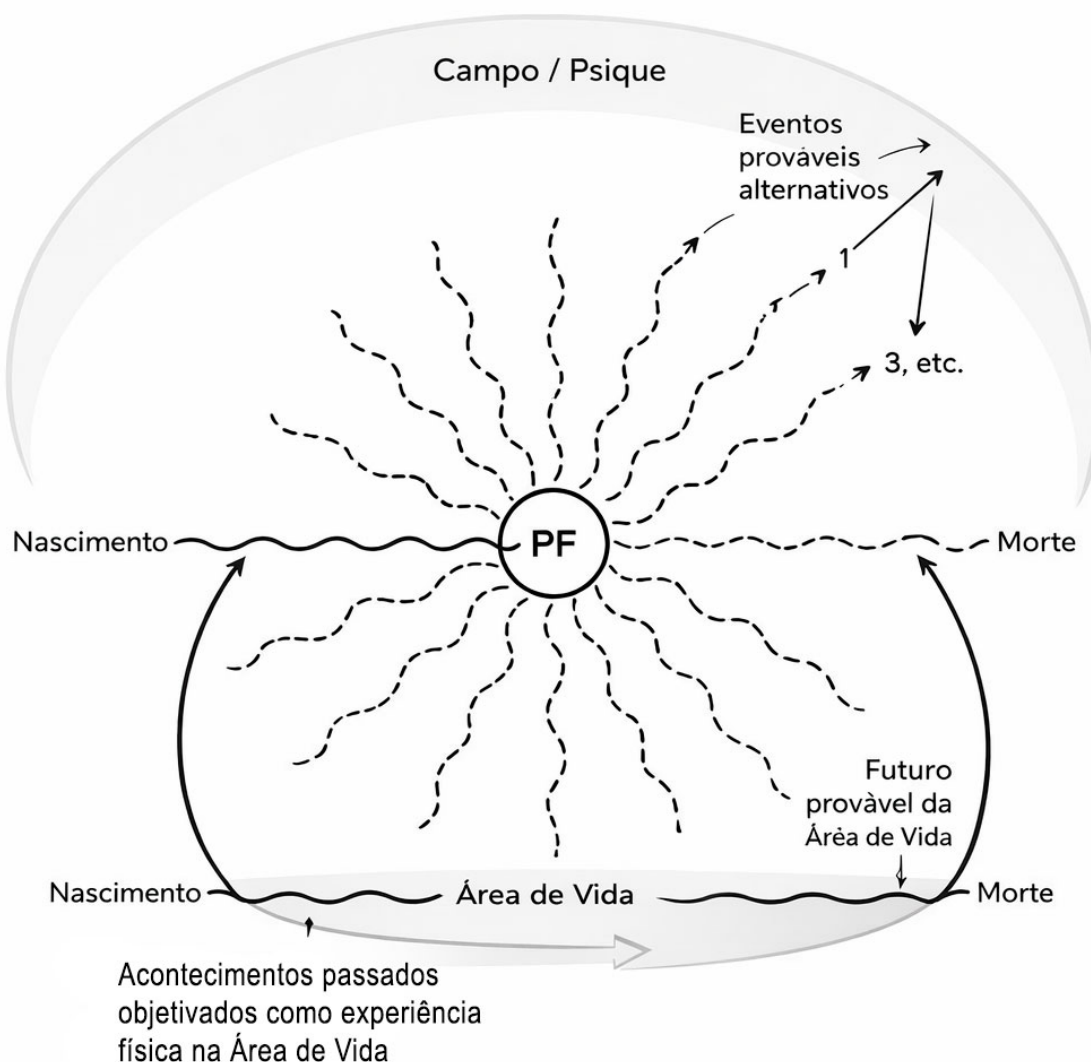
Os cruzamentos das nossas vidas podem envolver interseções reais, embora invisíveis, onde probabilidades se encontram em pontos definidos do nosso espaço-tempo. Podem funcionar como vias de saída relativamente a condições que poderemos ter escolhido anteriormente, mas que já não aceitamos ou que agora reconhecemos como limitadas. Esses pontos de probabilidade corresponderiam a configurações organizadas e estáveis de potencial no campo/psique, formadas por nós de forma não consciente, adjacentes à nossa área de vida. Resultariam de padrões de desejos e crenças intensos que sustentámos, mas que nunca chegámos a objetivar como acontecimentos físicos.

Por outro lado, alguns poderão ter sido aceites (ainda que não literalmente objetivados) ao nível da área de vida num determinado momento, sendo depois desviados, como uma carruagem de comboio, para fora da linha principal. Todos os desejos e ideias são ação. Assim, continuam a existir de forma adjacente à nossa experiência, estruturando-se no campo/psique como configurações potenciais recorrentes — isto é, padrões organizados de possibilidade que podem vir a ser objetivados como acontecimentos. De modo não consciente, permanecem também latentes ou inativos ao nível da área de vida.

Para mim, a riqueza da nossa experiência não pode ser explicada sem reconhecer a existência de ações e eventos prováveis como fonte da experiência física. O mesmo se aplica à experiência da nossa espécie em geral e aos acontecimentos históricos ao longo dos séculos, tal como os conhecemos.

Os pontos de probabilidade representariam trocas entre o domínio das probabilidades e as ações na área de vida. Elaborei dois diagramas simples para ilustrar o que ocorre quando alteramos a nossa “linha de probabilidades” (ver Diagramas 4 e 5).

Diagram 4 – Personalidade de Foco num ponto de decisão

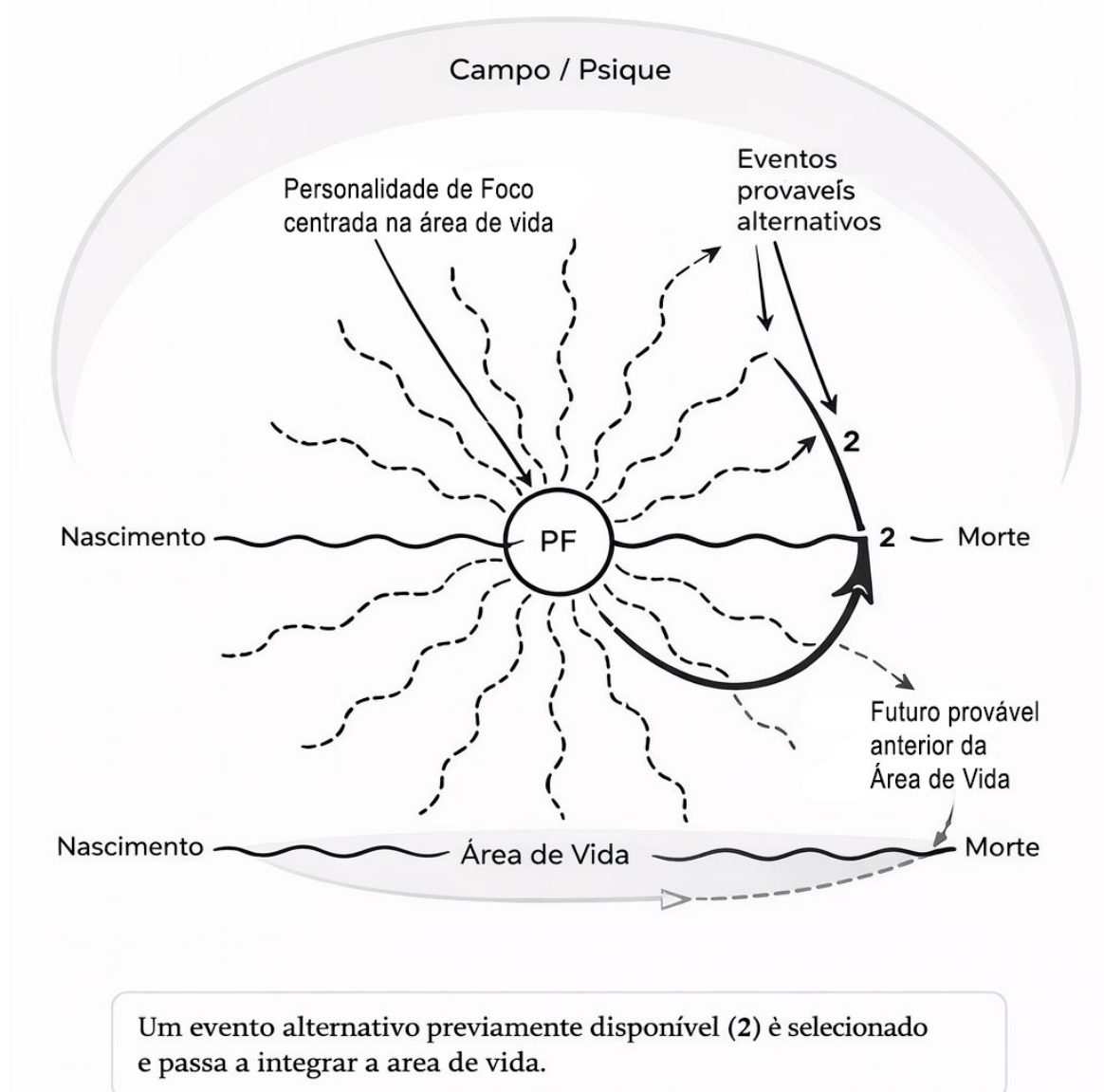


Embora o passado, tal como é experienciado, sugira o seu próprio futuro provável, a Personalidade de Foco (PF) é livre, a qualquer momento, para seleccionar entre eventos prováveis alternativos.

O **Diagrama 4** mostra uma *Personalidade de Foco* situada a meio da sua área de vida. Atrás dela encontra-se um passado de

acontecimentos já objetivados — selecionados a partir de eventos prováveis — que conduz ao seu próprio futuro provável, de acordo com as escolhas que a *Personalidade de Foco* efetuou até agora, nos nossos termos de tempo. Seguindo essa trajetória, a *Personalidade de Foco* continuaria ao longo da linha principal de desenvolvimento da área de vida.

Diagrama 5 — Personalidade de Foco após um ponto de decisão



No **Diagrama 5**, a *Personalidade de Foco* seleciona um evento alternativo e integra-o na área de vida, reconfigurando-a nesse

ponto. O evento alternativo (2) entra no ponto temporal da área de vida e passa a constituir o “futuro”, em vez daquele que tinha sido anteriormente seguido.

A parte da *Personalidade de Foco* que havia dado continuidade ao futuro provável anterior prossegue — mas fora da área de vida. Forma-se uma nova *Personalidade de Foco*, uma “provável”, projetada para um enquadramento experiencial distinto, com as mesmas capacidades e o mesmo percurso até ao momento da decisão. Ou seja, a *Personalidade de Foco* provável (ou eu provável) possui uma herança definida. Também ela passa a selecionar entre probabilidades. A *Personalidade de Foco* inicial (ou self sintonizado com o físico) mantém a sua identidade, mas, ao alterar a linha de probabilidades, torna-se diferente do que teria sido caso não tivesse feito essa escolha.

Falamos dos genes e do “milagre” de seres únicos, nunca duplicados dentro da complexidade biológica. As probabilidades oferecem um equivalente psíquico e psicológico — mas muito mais flexível — no qual a consciência dispõe de maior liberdade de escolha, mantendo simultaneamente uma qualidade singular que preserva o foco individual. Nenhum indivíduo é confrontado com o mesmo conjunto de probabilidades, nem efetua escolhas a partir do mesmo ponto.

Nesse sentido, a reencarnação envolverá, muito provavelmente, existências prováveis em diferentes áreas de vida. A vida tal como a conhecemos poderá ser apenas um foco temporal entre outros. Para entrar no tempo, poderemos ter de sair do espaço, regressando num novo ponto de interseção. O nascimento e a morte podem, de facto, funcionar como portas de entrada e saída da atividade tridimensional — sendo a morte uma transição que

evita um impasse dimensional onde o desenvolvimento deixaria de ser possível. Caso contrário, ficaríamos presos a um único ponto de tempo e espaço. A nossa vida atual poderá ser uma dimensão do nosso ser — tal como o peso ou a altura — mas que não nos é plenamente acessível enquanto configuração total no espaço.

Os eventos possuem, então, outras dimensões para além das que normalmente percebemos. Aquilo que consideramos um único acontecimento é apenas um Aspetto de um processo multidimensional. Quando experienciamos um acontecimento, ele parece tão sólido e definido quanto um objeto. Tal como os objetos contêm átomos e moléculas invisíveis, os acontecimentos assentam numa multiplicidade de ações prováveis não visíveis — o seu equivalente estrutural — a partir das quais emergem como atos físicos definidos. Os eventos funcionam como objetos psicológicos, presentes nos “espaços internos” da mente. Estão sempre acessíveis, sobretudo sob a forma de memórias, que parecem fixas e imutáveis.

Podemos reorganizar objetos físicos — mover, remover e recompor. Mas estaremos igualmente sujeitos aos acontecimentos passados? Não creio. Na verdade, considero que alteramos o passado — e da única forma que faz sentido em termos práticos. Fazemo-lo com tal fluidez e eficácia que, muitas vezes, a mudança é visível para outros, mas não para nós.

Os ensinamentos de Seth insistem nesta liberdade em relação ao passado e afirmam constantemente o poder do indivíduo, no presente, sobre ele. Esta ideia sempre me intrigou, mas foi a experiência direta que me mostrou como o passado pode ser reconfigurado por alguém que realmente deseje reformular certos Aspectos da experiência, substituindo acontecimentos por

alternativas e integrando uma “nova memória” que passa a funcionar como tendo ocorrido.

O meu sogro faleceu em 1971. Quando adoeceu, as suas capacidades mentais deterioraram-se rapidamente e tivemos de o colocar num lar. Ele e a minha sogra tiveram desentendimentos ao longo dos anos, mas esses episódios — e todas as memórias associadas — desapareceram para ela pouco depois de passar a viver sozinha. Acontecimentos bem conhecidos da família, que confirmavam esses conflitos, foram completamente esquecidos do seu ponto de vista.

No entanto, não deixaram lacunas. Foram substituídos por um novo conjunto de memórias coerentes entre si. A particularidade é que esse novo passado provável foi selecionado apenas por um membro da família; os restantes mantiveram a ligação ao passado anterior.

Reconheço que este tipo de fenómeno ocorre frequentemente em pessoas idosas e é normalmente explicado como falha de memória. Assume-se que os acontecimentos ocorreram e que isso é definitivo. A pessoa pode esquecê-los ou negá-los, mas isso não alteraria os “factos”. Considero, pelo contrário, que os acontecimentos não existem independentemente de quem os experienciou — as pessoas fazem parte deles — e, à medida que as pessoas se transformam, os próprios acontecimentos também se transformam.

Um acontecimento considerado “concreto” perde consistência quando deixa de ser sustentado por processos de organização psíquica (atenção, crenças e memória) que o mantêm na experiência. Se a *Personalidade de Foco* organiza a experiência presente com base no passado, então a minha sogra estava a

organizar a sua experiência a partir de um passado diferente — o que teve grande impacto psicológico. Deixou de ser alguém que viveu em conflito e passou a ser alguém cuja relação foi harmoniosa. Não se tratava de negação ou hipocrisia, mas de uma reorganização efetiva da experiência.

Muitas vezes, o novo passado estabelece-se de tal forma que o anterior se torna irrelevante — não apenas esquecido, mas psicologicamente reorganizado e reinterpretado, deixando de influenciar a organização da experiência. As atitudes presentes passam a basear-se numa nova hipótese experiencial, tão válida quanto a anterior. Por vezes, essa mudança é suficientemente radical para gerar resistência nos outros.

Cada ação presente reconfigura o passado, pois os acontecimentos passados são apenas manifestações parciais — “pontos visíveis” — de processos muito mais amplos. Cada ato provoca um reajuste no campo experiencial de tempo e espaço. Os eventos prováveis funcionam como pré-configurações psicológicas a partir das quais emergem os acontecimentos físicos — a matéria criativa interna que se torna ação no plano experienciado.

Apenas quando a nossa consciência interseja diretamente o campo tridimensional é que os eventos adquirem a mesma nitidez que os objetos (que, na realidade, são também acontecimentos de outro tipo). É nesse ponto que parecem sólidos. Uma vez ultrapassados no tempo, recuperam a sua natureza fluida e plástica. Nunca voltamos a encontrá-los exatamente da mesma forma.

Devido a essa plasticidade, dispomos continuamente de um passado provável com o qual podemos trabalhar. Os acontecimentos tal como os recordamos são mais relevantes do que aqueles que possam ter “ocorrido” de forma objetiva. As nossas

atitudes atuais fazem parte de cada acontecimento recordado. As suas extensões ligam qualquer ponto do “agora” ao passado e ao futuro.

Os Aspetos, no momento do nascimento, disponibilizam um vasto conjunto de características e capacidades que podem ser ativadas conforme necessário, em função das condições do ambiente. É a partir desses Aspetos que emerge a capacidade de adaptação que nos permite responder a múltiplas situações. A nossa estrutura psíquica e psicológica é, pelo menos, tão complexa quanto a física.

Seth refere-se a “genes mentais” e “enzimas mentais”. Estes conceitos apontam para uma organização em dois níveis: por um lado, estruturas de organização no campo psíquico — equivalentes aos genes e cromossomas — a partir das quais a experiência se torna possível; por outro, processos operativos ao nível da mente/Personalidade de Foco — equivalentes às enzimas — que ativam, modulam e atualizam essas estruturas na experiência.

Tempo, Reencarnação e Probabilidades

Mais uma vez, considere a integridade extraordinária — a privacidade intacta da existência — na qual a experiência emerge de probabilidades indiferenciadas e ganha significado, tornando-se ainda mais preciosa por cada acontecimento ser profundamente pessoal, tão nosso que nem mesmo um deus poderia aceder a ele da mesma forma, ou senti-lo a partir da nossa perspetiva íntima.

Somos intérpretes e percecionadores privilegiados. A percepção física é limitada — sim — mas apenas no mesmo sentido em que uma luz o é quando se foca numa direção e não noutra. Isso não

diminui a qualidade da consciência, que, noutros níveis, se expande para áreas que agora nos parecem obscurecidas.

A partir de campos indiferenciados, de vastas zonas de “pré-existência”, emergem momentos particulares carregados de significado — as nossas experiências individuais. Manhãs, fins de tarde, jantares de terça-feira — todos estes momentos mantêm-se intensamente focados, privados, destacando-se do restante fluxo de acontecimentos humanos e cósmicos. Não se diluem nos séculos, nem são absorvidos numa totalidade indiferenciada onde perderiam identidade; são mantidos distintos, ainda que por instantes. E esse instante é uma realização da consciência e da criatividade, contendo uma intensidade emocional que, de algum modo, é intemporal.

Contudo, essa privacidade emerge através de uma cooperação igualmente extraordinária, refletindo dimensões internas de atividade de grande complexidade. Quantos níveis se entrelaçam em nós antes de conseguirmos perceber o acontecimento mais simples? Somos configurações experienciadas organizadas pela *Personalidade de Foco* que se percebem a si mesmas e, a partir desse interior, atravessamos as nossas próprias dimensões, organizando a experiência em sequência e isolando, da vastidão do nosso ser, os episódios que compõem a nossa vida. Pois a nossa vida corresponde apenas aos acontecimentos físicos de nós mesmos — isto é, aos acontecimentos que a *Personalidade de Foco* objetivou e organizou como experiência no campo tridimensional—; enquanto vivemos, continuamos simultaneamente a existir noutros níveis não físicos sobre os quais a vida corporal se apoia.

Assim, é possível que tenhamos muitas vidas neste planeta — outros “acontecimentos de vida” — isto é, linhas completas de acontecimentos organizados pela *Personalidade de Foco* a partir do

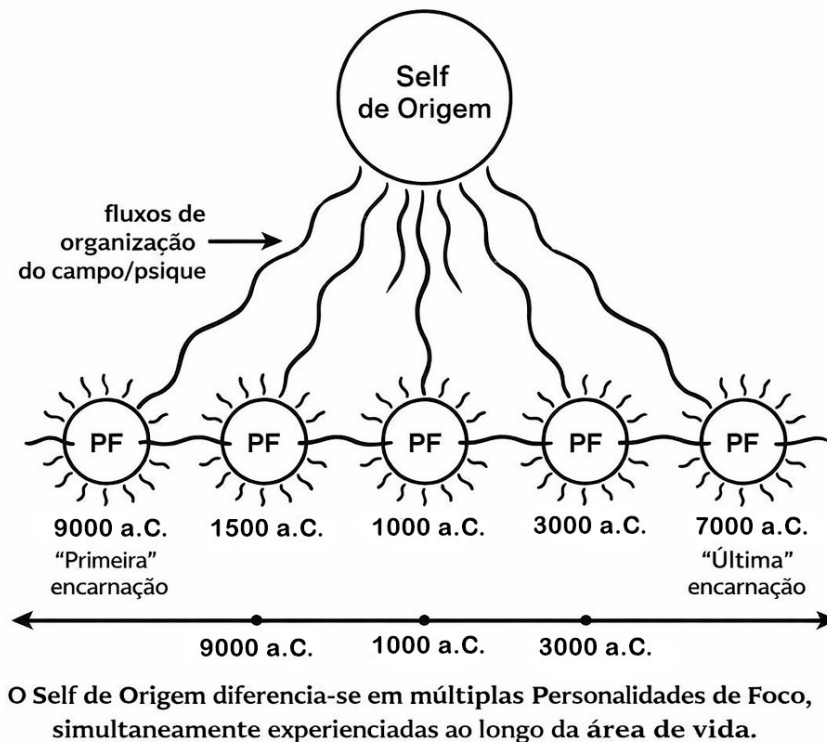
campo de eventos — cada um distinto, mas integrado na realidade multidimensional do *Self de Origem*. William Blake, poeta e místico do século XVIII, fala de uma descida através das gerações. Nós, por exemplo, dizemos não ter filhos “desta vez” e que esta é a nossa última encarnação. Como todas as vidas ocorrem simultaneamente, isso equivale a dizer que este é o nosso ponto de transição. Os séculos não são mais reais do que os momentos. Muitos falam de uma “descida” para esta vida porque é difícil conceber a emergência da experiência tridimensional a partir de um interior que não é fisicamente percecionável. Vimos de dentro, não de cima. E também “semeamos” outras realidades com os nossos eus prováveis — que não ocorrem no nosso ponto de interseção atual, embora possam derivar dele.

Segue-se um diagrama simples (Diagrama 6) que representa vidas reencarnacionais, utilizando uma área de vida reencarnacional em vez de uma área de vida individual. Cada eu reencarnacional possui a sua própria *Personalidade de Foco* no seu respetivo enquadramento de tempo e espaço.

As *Personalidades de Foco* (PF) estão limitadas à experiência temporal das suas próprias áreas de vida e, nesse nível, não têm consciência das suas ligações com outros eus reencarnacionais. No entanto, existe experiência legítima que ocorre de forma adjacente à área de vida, onde a consciência livre estabelece ligações entre todas as *Personalidades de Foco* a níveis não conscientes. Como todas as vidas ocorrem simultaneamente — expandindo-se a partir do ponto de interseção do *Self de Origem* com o campo de realidade — uma “última” reencarnação representa apenas a decisão do indivíduo de interromper esse circuito. Essa decisão pode ser tomada em qualquer ponto de interseção. Em termos temporais

convencionais, isso não implica que não existam outras vidas futuras em desenvolvimento.

Diagrama 6 — Área de vida reencarnacional



Acredito que possuímos já a capacidade inata de lidar com mais do que um conjunto de memórias em simultâneo, pelo menos sob a forma de breves reconhecimentos que emergem na consciência de modo semelhante às memórias habituais. Esses conteúdos permanecem em segundo plano, suficientemente fora de foco para não interferirem com a privacidade do nosso aqui e agora.

É esse acréscimo de significado — essa interseção específica entre conteúdos experienciados internamente pela *Personalidade de Foco* e a área de vida espaço-temporal— que configura o nosso agora. As memórias circulam em torno desse campo experiencial, sem se fixarem completamente, mas permanecendo acessíveis à organização da experiência pela *Personalidade de Foco*, iluminando a vida cotidiana e conferindo-lhe maior profundidade. As

memórias acrescentam ao momento dimensões adicionais de acontecimentos não presentes na percepção direta — isto é, acontecimentos já experienciados ou potencialmente experienciáveis que não estão atualmente objetivados no campo físico. As memórias futuras, creio, operam de forma semelhante.

Em termos teóricos, vidas futuras ou passadas poderiam trazer memórias que não reconheceríamos como nossas, pois não ocorreram na nossa área de vida atual nem dentro dos limites que atribuímos à identidade. E seriam sempre apenas memórias? Se todas as vidas ocorrem simultaneamente, que dizer de um “eu” anterior a observar através dos nossos olhos atuais? E, considerando que os Aspetos interagem, que dizer de uma súbita expansão de consciência no campo de consciência livre, onde uma *Personalidade de Foco* encontra a sua contraparte noutro enquadramento temporal? E se houver comunicação entre elas?

Penso que foi isso que ocorreu quando Nebene e Shirin “se encontraram”. (Ver Capítulo Cinco.) A qualidade experiencial de Shirin era inconfundível e, retrospectivamente, tornou-se evidente que Rob e Sue sempre reagiram — ou melhor, organizaram a sua experiência — em relação a esses dois Aspetos de si mesmos. Se Shirin percecionava um futuro, Sue percecionava um passado; ambas reconheceram que as categorias temporais eram, em última análise, irrelevantes.

Desde então, Rob tornou-se ocasionalmente consciente de Nebene, e Sue de Shirin — e todos os quatro se transformaram. Nebene, através de Rob, tornou-se consciente da natureza livre da criatividade; Rob compreendeu as tendências para a autodisciplina excessiva que havia integrado a partir de Nebene e, em grande parte, libertou-se delas. A atitude de Shirin em relação a Nebene

também se alterou, ao relacionar-se com Rob através de Sue. E Sue passou a compreender as razões por detrás dos impulsos de resistência que antes a desconcertavam.

Aspetos de uma personalidade múltipla? A personalidade humana a vislumbrar a sua própria natureza ampliada? Percepção já não limitada a uma sequência linear de antes e depois? Pois tanto na infância como na velhice parecem ocorrer transbordos, momentos em que quase reconhecemos quem “fomos” ou quem “seremos”.

Utilizando as experiências comuns da área de vida como pontos de equilíbrio, e reconhecendo que apenas consideramos real uma única sequência de acontecimentos — isto é, a linha de acontecimentos objetivados e organizados pela *Personalidade de Foco* — enquanto ignoramos outras, podemos tornar-nos conscientes de uma realidade mais ampla. Se considerarmos esses acontecimentos como fechados — e não abertos em múltiplas direções — nunca os utilizaremos como pontos de transição para outras linhas de acontecimentos que não estão organizadas da mesma forma no plano físico.

É provável que existam correspondências entre experiências de outras vidas e a atual, não apenas ao nível de características e tendências, mas também no tipo de acontecimentos selecionados. Um único acontecimento nesta vida pode tornar-se transparente se compreendermos isto — permitindo que funcione como ponto de interseção, a partir do qual a *Personalidade de Foco* pode reorganizar a experiência em relação a outras linhas de vida.

Isto pode explicar o que ocorre em algumas das dramatizações reencarnacionais realizadas nas aulas. No entanto, essas memórias ou acontecimentos surgem frequentemente sob a forma de

símbolos, imagens ou narrativas que fazem sentido para a *Personalidade de Foco* atual.

Ainda assim, na experiência quotidiana, essas memórias emergem com frequência, mas são bloqueadas pelas nossas crenças. Também podem ser canalizadas para a criação artística — por exemplo, um escritor que dramatiza uma vida passada num romance histórico sem ter consciência disso.

Em qualquer caso, essas memórias não poderiam ser traduzidas de forma literal na experiência imediata, substituindo o nosso momento presente; teriam de ser interpretadas dentro do nosso enquadramento experiencial. Ainda assim, podem ser tão vívidas quanto as memórias habituais e, por vezes, adquirir uma qualidade de presença — como aconteceu com Shirin e Nebene — em que dois “agoras” parecem momentaneamente convergir.

Síntese Operativa

O tempo, tal como o experienciamos, não constitui uma sequência fixa de acontecimentos, mas uma organização local da experiência efetuada pela Personalidade de Foco. Aquilo que designamos como passado, presente e futuro corresponde a diferentes modos de acesso a um mesmo campo de eventos, no qual múltiplas linhas de experiência coexistem.

A reencarnação não se apresenta, assim, como uma sucessão linear de vidas, mas como a expressão simultânea de múltiplas configurações de experiência organizadas a partir do Self de Origem. Cada Personalidade de Foco constitui um ponto de interseção onde essas configurações se tornam experienciáveis como acontecimentos.

A memória, longe de ser um registo fixo, participa ativamente na organização da experiência, permitindo a reinterpretação e reorganização das linhas de acontecimentos. Nesse sentido, tanto o passado como o futuro permanecem abertos, não como abstrações, mas como dimensões operativas da experiência.

O que experienciamos como realidade corresponde, assim, a uma linha selecionada e estabilizada dentro de um campo de possibilidades mais amplo — um campo no qual a consciência não apenas observa, mas organiza e atualiza continuamente a experiência.

CAPÍTULO 14

Eventos e a Personalidade de Foco Pressentimentos, Estados Internos e Consciência Livre

Consideremos então esta vida e as formas como organizamos a experiência em relação a acontecimentos a partir do campo de *Consciência Livre* — mesmo sem termos consciência disso. Tais percepções só fazem sentido se entendermos os acontecimentos como transformações da psique que são projetadas para fora, percecionadas e experienciadas de forma destacada — isoladas de outros processos internos da psique — embora, na realidade, nunca se separem deles. O mundo sensorial corresponde à expressão exteriorizada da nossa vida interior, tanto a nível individual como coletivo.

Podemos ver assim: os acontecimentos são movimento organizador no campo da experiência, tão ativos no seu próprio enquadramento quanto os seres vivos. Organizamos a nossa experiência em relação a eles, e eles reorganizam-se em função de nós. Movem-se sem forma observável. Transportam um impulso que lhes damos. No entanto, esquecendo isto, organizamos muitas vezes a experiência de forma pouco consciente, como se fôssemos arrastados por estados emocionais que parecem surgir independentemente de nós. Na realidade, os acontecimentos são projeções nossas, configuradas e dirigidas pelos nossos padrões de

crença e desejo — processos de objetivação de estados mentais que emergem da interseção da consciência com o campo tridimensional.

Enquanto não compreendermos isto — e não aprendermos a seguir o encadeamento entre experiência subjetiva e experiência objetivada — sentiremos que os acontecimentos nos são impostos de fora e não reconheceremos o papel organizador da nossa própria consciência e criatividade.

Ainda assim, a experiência individual de um acontecimento corresponde apenas a um dos seus Aspectos. O acontecimento completo inclui a participação de todos os envolvidos, bem como os efeitos que produz em outros, mesmo sem ligação direta. Mesmo o que parece espontâneo faz parte de processos mais amplos que, nos nossos termos, antecedem ou sucedem ao momento vivido. Determinar onde um acontecimento começa ou termina torna-se, assim, uma questão complexa.

Organizamos a nossa vida seguindo determinados acontecimentos que mantemos em foco, enquanto ignoramos outros. Nesse sentido, selecionamos quais acontecimentos — entre todos os disponíveis — tornamos pessoais. A partir do nosso conjunto de interesses, capacidades e possibilidades, tomamos decisões contínuas — algumas evidentes, outras subtis — que determinam o foco da atenção e os tipos de acontecimentos que experienciamos.

Bloqueamos efetivamente certas possibilidades e selecionamos outras. Uma pessoa interessada em desporto atribuirá relevância à secção desportiva de um jornal; outra poderá ignorá-la completamente. O mesmo processo ocorre em todas as áreas da vida. Esta discriminação contínua conduz a escolhas que estruturam a nossa realidade pessoal e as experiências que ela inclui.

A percepção orientada que caracteriza a nossa realidade define-se tanto pelos acontecimentos que exclui como pelos que integra. Aquilo que nos distingue enquanto indivíduos, neste nível de realidade, resulta da interação entre acontecimentos aceites e acontecimentos não integrados. É nesse intervalo que decorre a experiência quotidiana.

Existe também uma experiência partilhada que não anula a dimensão privada dos acontecimentos, mas a enriquece — como quando vivenciamos algo com outra pessoa. Para além dessa partilha física, existe uma partilha interna muito mais ampla, onde a privacidade se mantém e a seleção continua a operar. Trata-se de uma ordem interna de acontecimentos, com comunicações constantes que ocorrem para além da linguagem ou dos dados sensoriais reconhecidos.

Neste domínio, os acontecimentos permanecem abertos — não fixos no espaço ou no tempo, nem limitados à experiência da área de vida. Os acontecimentos internos funcionam como base a partir da qual os acontecimentos físicos se objetivam. Estes tornam-se visíveis na área de vida. Fora desse nível, a percepção não está condicionada por uma lógica linear de “o que aconteceu e quando”.

A consciência livre fornece continuamente informação a partir deste campo de pré-percepção. A dificuldade está no facto de termos sido condicionados a ignorar esses dados, mesmo quando podem ser relevantes e exigir ação. Por não estarem organizados no quadro espaço-temporal, podem parecer confusos quando tentamos agir dentro do tempo. Ainda assim, muitas vezes sentimos necessidade de agir em relação a uma situação percecionada, mesmo sem dados sensoriais convencionais que a sustentem.

Desde a minha própria iniciação psíquica, procurei ser excessivamente objetiva, até reconhecer que a verdadeira objetividade inclui a validade das experiências subjetivas, independentemente de confirmação física. Podemos decidir agir ou não com base nessas percepções, mas negá-las não constitui objetividade.

Frequentemente, tornamo-nos conscientes de acontecimentos que não ocorrem na nossa área de vida — isto é, que não se manifestam diretamente no nosso enquadramento espaço-temporal. Ainda assim, de forma subtil, percecionamos a sua ocorrência e organizamos a experiência em conformidade. Por exemplo, num determinado dia, quando a minha sogra já estava doente, comecei a escrever um conto sobre uma mulher na mesma situação. Na história, a mulher fugia da casa do filho e regressava ao antigo bairro, onde descobria que a casa de família fora vendida — algo que ela própria fizera, mas de que já não se lembrava.

Na altura, a minha sogra vivia com um dos irmãos do Rob. Assumi que estava apenas a utilizar essa situação como material criativo. Escrevi o conto de forma intensa, sem interrupções. No entanto, ao escrever, fui invadida por uma tristeza profunda. Quando terminei, estava à beira das lágrimas. Parecia natural, dadas as circunstâncias, mas o estado manteve-se. Estranhei também ter interrompido a escrita do livro para escrever um conto — algo que não fazia há anos. Por um momento, considerei estar a captar algo relacionado com a minha sogra sem me aperceber, mas afastei a ideia. Ainda assim, o estado emocional intensificou-se ao longo do dia.

Ao início da noite, um irmão do Rob telefonou: a minha sogra teria de ser internada, pois o seu comportamento se tornara difícil

de gerir. Referiu o seu desejo insistente de regressar à antiga casa e o facto de ter esquecido que a vendera. Nesse momento, o meu estado emocional dissipou-se. Senti alívio — tinha agora um referente concreto para aquele estado; não estava a organizar a minha experiência “sem motivo”. Fomos ensinados a acreditar que não podemos responder a um acontecimento antes de ele ocorrer, mas estou convencida de que, nesse dia, organizei a minha experiência em relação ao estado da minha sogra — ou ao telefonema — antes de estes se manifestarem na minha área de vida.

Com o passar dos dias, esqueci o episódio. Entretanto, a minha sogra foi transferida para um lar próximo da casa do outro irmão do Rob.

Numa noite, cerca de três semanas após a mudança, o Rob e eu fomos dançar, regressámos bem-dispostos e deitámo-nos. De repente, ouvimos um ruído estranho e acordámos. O Rob acendeu a luz. Era verão e as janelas do quarto estavam abertas, apenas com rede. Gritei. Um pássaro voava freneticamente pelo quarto, descrevendo grandes figuras em oito no ar, mergulhando baixo junto do Rob e quase tocando na sua cabeça. Ele desviava-se a cada passagem. Não havia dúvida quanto à origem: o pássaro deve ter entrado pela janela da cozinha, junto ao carvalho, que não tinha rede.

No bairro irlandês onde cresci, um pássaro dentro de casa significava morte. Tolice, disse a mim mesma. Era um acontecimento simples. Nada de estranho. Ainda assim, lembrei-me de um episódio semelhante quando a minha avó morreu. Mas também me lembrei de que ambos os meus pais tinham falecido no último ano — e não houve pássaro. Então por que razão sentia que

este pássaro significava que a minha sogra estava prestes a morrer?

Com estes pensamentos, permaneci na cama. O pássaro continuava a voar de um lado para o outro, e o Rob abriu as janelas na tentativa de o deixar sair. Esperámos cerca de cinco minutos. Por fim, o pássaro saiu pela janela.

Pensei involuntariamente: então a mãe não vai morrer agora, porque o pássaro escapou. Mas significava o início do fim. Exaustos, adormecemos sem falar sobre o assunto. Só no dia seguinte percebemos que não conseguimos identificar o pássaro, apesar de a luz estar acesa. Era maior que um pardal e menor que um melro, e completamente cinzento. Nunca tínhamos visto um pássaro assim, apesar de termos alimentadores no exterior e de observarmos aves com frequência.

No dia seguinte senti-me inquieta, mas disse a mim mesma que o estado da minha sogra me fizera associar o pássaro à superstição da morte. Ainda assim, fechei as janelas sem rede — como se pudesse impedir a morte ao impedir a entrada de mais pássaros. Movia-me pela casa a verificar tudo, como se pudesse excluir o acontecimento. Repetia para mim mesma que, apesar do estado mental da minha sogra, não havia nada fisicamente errado. Mas as palavras não pareciam verdadeiras.

Dois dias depois, recebemos um telefonema — o primeiro desde que terminei o conto. A minha cunhada informou-nos de que a minha sogra estivera gravemente doente e perto de morrer. Desenvolvera uma infeção súbita e fora hospitalizada dois dias antes, mas, felizmente, tinha recuperado e esperava-se que melhorasse.

Nos dias seguintes estivemos ocupados. Preparava um molho de tomate enquanto escrevia, quando subitamente pensei ouvir um pássaro. Parei, escutei — parecia um pássaro preso, batendo as asas. Verifiquei, mas não havia nada. Concluí que era imaginação — talvez o som do molho a ferver ou do vapor na tampa da panela. Anotei a hora e a impressão, mas esqueci rapidamente o episódio.

Dois dias depois, novo telefonema. Desta vez, o meu cunhado disse que, na segunda-feira à tarde, por volta das três, o estado da minha sogra se agravara novamente. Foi precisamente por volta das três e meia que pensei ter ouvido o pássaro e associei o som à situação dela. O meu cunhado deveria ter ligado nesse dia, mas não conseguiu. Ainda assim, pensei: de alguma forma, a informação chegou. Ao mesmo tempo, pensei com irritação: não consigo provar nada disto — parecem apenas coincidências.

Duas semanas depois, a minha sogra recuperou e regressou ao lar. Sentimos alívio. Contudo, numa manhã de quinta-feira, acordei profundamente deprimida. Esse estado acompanhou todo o dia.

Desta vez, questioneei o estado, escrevi o que sentia e anotei: “Estará a mãe bem? Estarei a captar algo dela? Terá piorado?” Pensei que, se algo estivesse errado, já teríamos sido informados. Ainda assim, não conseguia dissipar o peso emocional.

Na sexta-feira não houve notícias e senti-me melhor. No sábado, a inquietação regressou e liguei à minha cunhada. Ela disse: “A mãe foi operada e correu bem.”

“Operada? Que operação?” perguntei, surpreendida. Descobri então que, na quinta-feira — precisamente quando me senti pior —, a minha sogra tinha caído, fraturado a anca e sido operada nesse mesmo dia. Mais uma vez, a informação não nos chegou pelos meios habituais — mas, de algum modo, foi percecionada.

Refiro estes episódios precisamente por serem comuns. Não envolveram visões nem vozes, mas correspondem a situações frequentes em contextos familiares com doença grave. Não é possível demonstrar que se teve conhecimento de um acontecimento sem meios físicos. Não se pode provar que um estado emocional reflete o de outra pessoa. Ficamos apenas com a experiência — e fomos ensinados a desconfiar dela quando não há confirmação física.

Ainda assim, os meus estados faziam sentido e revelaram-se apropriados quando associados aos acontecimentos correspondentes. Só se tornavam coerentes ao admitir que houve percepção antecipada. O conhecimento não era claro, nem detalhado, mas foi suficiente para influenciar significativamente a organização da experiência.

O episódio do pássaro é diferente. Interpretei-o como sinal de morte. Se não tivesse ocorrido, talvez outro elemento tivesse servido de símbolo para trazer essa informação à consciência. Uma vez estabelecido o símbolo, nem seria necessário um pássaro real — como no episódio seguinte, em que interpretei o som da panela como asas a bater. Uma percepção imprecisa no plano físico, mas simbolicamente coerente com um acontecimento pertencente a outro nível de organização.

Pois, afinal, onde começa ou termina um acontecimento? De certo modo, o simples facto da panela ao lume estava ligado ao estado crítico da minha sogra, de forma subjetivamente válida.

Alguns dias depois, fomos visitá-la. Comecei então a reconhecer um padrão entre os meus estados internos e a condição dela — um padrão perturbador. Aceitava a existência de comunicação não local, embora não como “leitura de pensamentos”, e admitia a

possibilidade de transmissão de estados. Perguntei-me até que ponto isto ocorre de forma geral. Percebi que o meu desejo de saber o estado da minha sogra teve um papel importante em todo o processo — funcionando como ponto de ativação.

Fui levada a questionar ainda mais. Até que ponto os acontecimentos são privados? E até que ponto estão fixos no espaço e no tempo? E quanto ao acontecimento da morte, por exemplo? Pensava nisso quando visitámos o hospital e, assim que chegámos a casa, tomei as seguintes notas:

Visitámos a minha sogra. Desde a semana anterior, sofreu uma embolia pulmonar. Estão a administrar-lhe oxigénio. Permanecemos ali, como tantas vezes acontece perante o inevitável. A minha sogra já não conseguia falar. Tinha tubos nas narinas e a boca aberta. Parecia uma abertura para a escuridão — ou para o que nos escapa enquanto experiência. O som da respiração difícil fez-me perceber, por contraste, como a respiração normal funciona de forma automática. Com que facilidade sustentamos a vida — e com que pouca consciência dos processos envolvidos.

A minha sogra ainda não morreu, mas o Rob, os irmãos dele, as respetivas famílias — e a própria — têm vindo a organizar a experiência em torno desse acontecimento há pelo menos dois anos. A morte física é apenas uma parte desse processo — a parte que pode ser localizada no espaço e no tempo.

Um Aspeto relacional essencial da minha sogra já deixou de operar na experiência tal como a conhecíamos. Para ela, as relações físicas tornaram-se periféricas, e o processo de morrer tem vindo a desenrolar-se há algum tempo. Tenho vindo a reconhecer momentos críticos dela de formas que se manifestam de modo indireto na minha área de vida. Há processos que ocorrem sem se objetivarem diretamente. Emergimos sempre a partir de uma ordem interna de acontecimentos, mas perante a morte tendemos a

ignorar essa dimensão — ou a não confiar nela, pois, nos nossos termos, é aquilo que “retira” a vida.

Na morte, toda a experiência desloca-se para essa ordem interna de acontecimentos. Nos momentos próximos da morte, a experiência aproxima-se dessa interioridade: a atenção volta-se para dentro, e os acontecimentos deixam de se organizar na área de vida física. Episódios do passado podem sobrepor-se ao presente. Mais uma vez: há processos que ocorrem sem se tornarem visíveis. E torna-se difícil comunicar — tanto para quem está a morrer como para quem acompanha.

A consciência parece afastar-se progressivamente do nível da área de vida. As limitações temporais deixam de se aplicar ao mesmo grau. Do nosso ponto de vista, interpretamos essas alterações como confusão ou delírio quando a pessoa deixa de organizar os acontecimentos de forma linear. Raramente consideramos que essa percepção possa refletir uma organização mais ampla da experiência.

Passei então a procurar o “reverso” dos acontecimentos — a observar o que está subjacente ao que é percecionado. A área de vida representa apenas a experiência organizada no espaço e no tempo — uma forma particular de objetivação. Muitos conteúdos experienciados não se manifestam claramente nesse plano. Não são objetivados para outros, mas são reais enquanto experiência. Sem eles, os acontecimentos não fariam sentido.

Refiro-me a pensamentos e emoções. São diretamente experienciados. Tentamos expressá-los, e o corpo reflete-os através de gestos e movimentos, mas não se objetivam da mesma forma que uma ação física. Permanecem adjacentes à experiência exterior. Do mesmo modo, outras atividades subjetivas operam fora do foco habitual, funcionando como base organizadora da experiência consciente.

Sabemos que inúmeros processos internos precedem a objetivação de um acontecimento — aquilo a que poderíamos chamar os “elementos estruturais” do acontecimento. É nesse nível, anterior à objetivação, que ocorrem processos multidimensionais que permanecem invisíveis, mas em constante reorganização, até emergirem como acontecimentos físicos. Os acontecimentos parecem definidos apenas porque experienciamos uma pequena parte do seu processo total — a parte que se torna visível.

Seria necessária uma consciência multidimensional para experienciar todos os Aspectos de um único acontecimento — reconhecendo as suas variações possíveis e percebendo cada uma como válida. Tal consciência teria de operar em múltiplos enquadramentos simultaneamente para compreender o que ocorre, para quem, e em que contexto.

Em que contexto temporal?

Para que configuração de identidade?

Como seria fácil perdermo-nos nas múltiplas dimensões de um acontecimento — perder a continuidade da identidade e não conseguir regressar à área de vida com a sua sensação de estabilidade.

Poderão alguns estados de desorganização psíquica — isto é, de perda de alinhamento do campo organizador da experiência — resultar disso? Poderá a consciência afastar-se do ponto de focalização necessário para manter coerência na área de vida? Nesse caso, a experiência tornar-se-ia instável, perdendo a consistência que normalmente partilhamos.

Na verdade, não estamos completamente “aqui” de forma contínua. Oscilamos em torno do foco da nossa realidade, alternando entre diferentes configurações da consciência — como

nos sonhos, devaneios ou outros enquadramentos experienciados. Em cada reconfiguração do foco, há sempre algo a perceber, pois a consciência organiza continuamente o campo de possibilidades em experiência significativa.

Em certos termos, a consciência pode ser entendida como um processo organizador que interage com diferentes campos. Embora sejamos individualizados, a consciência também participa em campos coletivos — alguns próximos da área de vida, outros adjacentes — onde se integram diferentes configurações de experiência para além do tempo linear.

Tive percepção disso em estados de transe, e Seth afirma que tudo isto é acessível a partir do momento presente — o ponto de interseção no espaço-tempo. Bastaria abrir esse canal. Talvez Seth represente uma forma de consciência mais ampla, e os Sumari representem, por um lado, projeções da nossa própria origem e, por outro, uma consciência coletiva integrada.

Nesse enquadramento, a Terra não teria um início nem um fim. O único “início” é o agora, a partir do qual a experiência se organiza como passado e futuro. A partir desse ponto, múltiplas configurações de realidade tornam-se possíveis — diferentes áreas de vida, diferentes histórias.

Ainda assim, cada um de nós mantém a continuidade da sua experiência e a capacidade de explorar a realidade a partir deste enquadramento específico. É provável que, noutra configuração, eu não esteja a escrever este livro — ou que nem sequer exista enquanto escritora. Esse potencial poderia permanecer não atualizado.

E, de forma semelhante, noutra configuração, pode não estar a ler este livro. Antes de o ler, tanto a leitura como a não leitura eram

possibilidades. A leitura atual corresponde à objetivação de uma dessas possibilidades, enquanto outra continua a operar noutra linha de experiência.

Enquanto escrevia o primeiro rascunho deste capítulo, sabia que este livro já estava, de algum modo, concluído. Ainda não tinha começado a primeira parte nem as secções finais, e, no entanto, sabia que todas as partes estavam a ser “escritas” simultaneamente, embora, ao nível da área de vida, tivesse de o escrever dia após dia.

No plano habitual, não sabia para onde o livro me conduzia, mas continuei — tal como na analogia do quadrado e da folha — confiando nas minhas capacidades noutro nível. Não queria, contudo, saltar os dias até ao fim do livro: sabia que cada um era significativo e insubstituível, precisamente porque a percepção sensorial me mostrava a sequência de dias e noites, mesmo ocultando temporariamente partes do próprio livro.

Esse “temporariamente”, porém, é relativo. Se estivermos minimamente conscientes da nossa natureza multidimensional, ela funciona como contraponto. Os sonhos tornam-se vívidos. Por vezes despertamos dentro do próprio sono e vislumbramos outras configurações de experiência que não estão organizadas pela *Personalidade de Foco* segundo o enquadramento habitual da área de vida. Tudo isto funciona como uma base subjacente que enriquece a experiência criativa quotidiana, introduzindo uma perspetiva mais ampla.

Ainda assim, como podemos ser opacos! Apesar de compreender, em parte, a natureza da inspiração, encontrei-me por vezes preocupada com horários, impondo disciplina rígida e reagindo a distrações. No entanto, observei que o melhor trabalho

surgia frequentemente fora desse esforço — quando explorava ideias livremente.

Embora a escrita envolva tempo e trabalho, a inspiração não se situa dentro do tempo linear — reconfigura-o. Duas horas de escrita inspirada podem valer mais do que longos períodos de esforço mecânico. Existe um saber implícito — momentos em que a inspiração está disponível e diferentes níveis de realidade coincidem com o habitual. Esse saber emerge no seu próprio ritmo, mas tem de encontrar correspondência com o nosso.

Este tipo de interseção ocorre sempre que acedemos a conteúdos experienciáveis provenientes da ordem interna de organização da experiência (ainda não objetivada) — seja por inspiração, antecipação, intuição ou outros meios. Segundo Seth, a percepção destas organizações mais amplas depende daquilo que designa como um modo expandido da mente, que amplia o alcance da percepção. Ou seja, este modo expandido não substitui a percepção habitual, mas reconfigura-a, permitindo reconhecer configurações da experiência que não estão organizadas diretamente na área de vida como acontecimentos. Vejo a mente consciente como interface operativa da *Personalidade de Foco*, através da qual se processa a seleção e organização da experiência, embora os processos que a estruturam operem fora do foco consciente. Neste enquadramento, a natureza dos acontecimentos e a natureza da psique que os experiencia são inseparáveis e não podem ser consideradas isoladamente.

Nesse contexto, o indivíduo passa a lidar com uma maior amplitude de experiência. Continua inserido no mundo habitual, mas torna-se também consciente de configurações da experiência que não estão organizadas diretamente na sua área de vida — ou

que se manifestam em outros pontos da mesma. A sua percepção alarga-se. No modo expandido da mente, a percepção deixa de se restringir à organização local da área de vida, permitindo uma apreensão mais abrangente da experiência — tal como a visão aérea revela um panorama mais amplo do que a observação ao nível do solo.

Para ter utilidade prática, esses conteúdos experienciáveis têm de ser integrados no contexto da área de vida. Este processo envolve uma aprendizagem espontânea, à medida que a consciência da Personalidade de Foco aprende a lidar não só com percepções do aqui e agora, mas também com configurações da experiência que não estão organizadas nesse enquadramento.

Contudo, devido ao condicionamento cultural, tendemos a desconfiar de percepções que não possam ser imediatamente confirmadas por evidência física. Isso leva-nos a inibir conteúdos experienciáveis e a resistir ao uso espontâneo dessas capacidades. No meu caso, poderia ter tido maior clareza experiencial sobre o estado da minha sogra se não tivesse restringido essa percepção por receio de exagerar ou imaginar. O símbolo do pássaro funcionou como ponto de ligação — permitindo integrar esses conteúdos internos com a experiência física e torná-los aceitáveis.

A aceitabilidade para a *Personalidade de Foco* não é um detalhe menor: esta tem de operar dentro da área de vida, ajustando a sua capacidade organizadora a uma estrutura previamente definida. As nossas crenças definem os limites dessa operação — podendo ampliá-la ou restringi-la. A *Personalidade de Foco* é a parte da psique com a qual nos identificamos habitualmente. No entanto, tal como a experiência que organizamos, a psique possui um Aspeto não diretamente percecionado, a partir do qual a *Personalidade de*

Foco emerge. Para o vislumbrar, é necessário observarmos tanto a nossa própria experiência como os acontecimentos que nela se manifestam, bem como as configurações da experiência que não estão organizadas no enquadramento temporal.

Síntese Operativa

Os acontecimentos não constituem entidades fixas no espaço e no tempo, mas resultam de processos de organização da experiência a partir da psique enquanto campo organizador. Aquilo que se manifesta na área de vida corresponde apenas à porção objetivada desses processos, enquanto múltiplos outros permanecem fora do foco imediato da percepção.

A Personalidade de Foco organiza a experiência selecionando e estruturando eventos a partir desse campo, sendo essa organização influenciada por crenças, expectativas e padrões de atenção. No entanto, a consciência não se limita a essa organização local: através da consciência livre — cuja expressão operativa na Personalidade de Foco corresponde ao modo expandido da mente — torna-se possível aceder a conteúdos experienciáveis não diretamente objetivados na experiência física.

Esses conteúdos — provenientes da ordem interna de organização dos eventos — podem emergir sob a forma de intuições, configurações transitórias da experiência, símbolos ou correspondências experienciadas antes da sua manifestação física. A sua integração depende da capacidade da *Personalidade de Foco* em reconhecer e organizar esses conteúdos sem os reduzir aos critérios estritos da percepção sensorial.

Assim, a experiência não resulta apenas do que é percebido no momento, mas da interseção entre diferentes níveis de organização da consciência. O que designamos como realidade corresponde a uma configuração estabilizada dessa interseção — uma entre várias possíveis — continuamente atualizada pela própria atividade organizadora da consciência.

CAPÍTULO 15

A Ordem Interna dos Eventos e as Percepções Não Convencionais

Fiquei verdadeiramente surpreendida numa noite ao ouvir uma versão para violoncelo da minha canção Sumari “Canção da Criação”. O Wade, um dos meus alunos, é músico; transcreveu a canção a partir de uma gravação. A música era belíssima. “Uma composição musical”, pensava eu. “De onde veio realmente?” Tenho formação como escritora e, por vezes, pinto como passatempo, mas não sei absolutamente nada de notação ou composição musical, e nunca tive qualquer tipo de formação vocal. Ainda assim, ali estava uma peça musical que soava extraordinariamente bem — pelo menos aos meus ouvidos não treinados. E também aos do Wade — e da sua mulher, que também é música.

Com formação musical, poderia eu ter sido compositora? Quantas composições semelhantes se perdem, perguntei-me, porque as pessoas que as poderiam produzir desconhecem essa capacidade em si mesmas? Estarão as canções simplesmente disponíveis, tal como os livros? Tal como tudo o resto? E, enquanto ouvia o violoncelo, pensei: “Eu expresso-me através de mim com a mesma naturalidade com que essa canção surgiu; e os meus alunos expressam-se através de si próprios da mesma forma; e todos o

que todos os acontecimentos exteriores emergem de eventos internos — de uma ordem interna que faz sentido no seu próprio enquadramento e nível; e que traduzimos continuamente eventos de uma ordem para outra, muitas vezes sem nos apercebermos disso. A “Canção da Criação” mostrou-me isto com particular clareza, precisamente porque eu estava plenamente consciente da minha ausência de conhecimentos musicais nos níveis habituais.

Mas até que ponto são reais os eventos mentais internos, e em que nível de organização da experiência existem? Como a nossa atenção está normalmente orientada para o exterior, tendemos a não reconhecer o papel dos conteúdos da mente na organização do que percebemos. Esses conteúdos estruturam a experiência de forma tão contínua que se tornam indistinguíveis dos acontecimentos exteriores, e muitas vezes nem nos apercebemos deles. Em vez disso, a mente perde-se nos seus próprios conteúdos e deixamos de os observar como tal.

Quando o fazemos, conseguimos correlacionar alguns desses conteúdos internos com os acontecimentos físicos que parecem ocorrer-nos. No entanto, outros conteúdos permanecem num nível distinto de organização da experiência. A sua realidade é sentida. Podem ocupar uma parte significativa do nosso espaço experiencial, mas não conseguimos correlacioná-los com acontecimentos da mesma forma. Parecem existir num domínio próprio, onde têm de ser aceites ou rejeitados no seu próprio contexto. Normalmente, não se objetivam.

Este mundo interior de atividades, símbolos e experiências parece ser tão vasto e variado quanto o mundo exterior, apesar do seu carácter mais privado. As correlações habituais em que nos apoiamos não estão presentes — ou não são facilmente

identificáveis. O mundo interior é habitado por símbolos, ideias e personalidades. No entanto, a partir do nosso foco físico, apresentam uma qualidade fluida e difícil de fixar. Parecem decorrer logo abaixo do limiar da atenção e, quando nos tornamos conscientes deles, dissipam-se.

O sonho é um bom exemplo desta ordem interna de eventos. Estamos conscientes, mas num tipo diferente de experiência em que as regras habituais não se aplicam. Por vezes parece existir um enquadramento psíquico distinto, em que pensamentos e ações não seguem um padrão reconhecível. Contudo, ao observarmos os sonhos com atenção, percebemos que as suas dinâmicas estão longe de ser caóticas.

Desde logo, o tempo encontra-se fora do seu enquadramento habitual nos sonhos, o que nos confunde quando os analisamos a partir do estado de vigília. No entanto, rapidamente identificamos outro tipo de organização — diferente daquela que usamos na vida diária.

Passamos uma parte significativa do tempo a dormir e a sonhar, pelo que estes eventos de foco interno devem ser importantes. Creio que possuem uma continuidade ao longo do tempo. Tal como temos uma história em estado de vigília, podemos ter também uma história onírica — uma história em que acontecimentos passados e futuros são reorganizados; em que configurações possíveis são testadas, selecionadas ou descartadas, até emergir um modelo para os acontecimentos físicos.

A experiência onírica não está limitada à percepção física da área de vida. Os acontecimentos são experienciados como físicos, mas não ocorrem no foco habitual da *Personalidade de Foco*. O processo de sonhar decorre no tempo, mas nesse enquadramento a mente

experiência sem a organização habitual de espaço e tempo. A interseção da *Personalidade de Foco* com a realidade tridimensional torna-se menos definida no estado de sonho, permitindo maior liberdade.

Esta ordem diferente de experiência pode também emergir no estado de vigília, especialmente se for conscientemente estimulada. Nesses casos, aprendemos a alternar entre enquadramentos — a perceber a ordem interna da realidade (enquanto organização não objetivada da experiência) enquanto deixamos a exterior recuar temporariamente para segundo plano.

Quando o faço, utilizo o tempo e os acontecimentos habituais como pontos de referência. Permaneço adjacente a eles, enquanto concentro a atenção nessa outra ordem de organização da experiência e nos tipos de eventos que nela ocorrem.

A própria experiência organiza-se em Aspetos, e considero a nossa como apenas um deles. Cada Aspeto corresponde a uma configuração especializada de uma base criativa indiferenciada — um campo sempre presente de atividade latente — que emerge quando a consciência, enquanto capacidade organizadora, a estrutura segundo o seu foco perceptivo. Cada Aspeto é tão legítimo quanto qualquer outro. Alguns podem ser vislumbrados ao alterarmos o foco da atenção; outros, provavelmente, não. Ainda assim, podemos expandir a nossa experiência permitindo que a consciência perceba diferentes Aspetos, mantendo simultaneamente a sua estabilidade enquanto interage em mais do que uma ordem de eventos.

O exemplo seguinte ilustra o que pretendo dizer. Foi referido brevemente nas notas do Rob em *A Natureza da Realidade Pessoal*, mas gostaria de o explorar com maior detalhe. Na altura, Seth

estava a ditar esse livro e eu escrevia o meu livro de poesia *Diálogos entre a Alma e o Self Mortal no Tempo*. Num determinado dia, encontrava-me num período particularmente intenso de inspiração e terminei com um verso em que a alma fala ao self mortal (isto é, à *Personalidade de Foco* enquanto identidade experiencial no enquadramento físico) sobre uma “luz dupla que une ambos os nossos mundos”.

O Rob e eu esperávamos visitas mais tarde nessa noite. Depois do jantar, ele foi à loja comprar vinho e bolachas, enquanto eu arrumava a cozinha. Tinha chovido o dia inteiro e, quando terminei a loiça, abri a janela da cozinha, perguntando-me se estaria a chover demasiado para dar um pequeno passeio.

De repente, fiquei imóvel. A noite era suave como veludo escuro, mas cintilava com as luzes da rua refletidas nos passeios molhados. Uma poça diretamente sob a janela chamou a minha atenção. Fiquei a observá-la. As gotas de chuva pareciam tanto emergir dela como cair dentro dela. Era como uma criatura viva, lançando gotas como agulhas de um porco-espinho. As luzes da rua eram irresistivelmente atraídas para a sua superfície fluida e prateada. Parecia um arbusto feito de hastes de chuva e flores de luz e, enquanto observava, ergueu-se e caminhou — uma das coisas mais impressionantes que alguma vez vi.

Eu sabia que, no enquadramento habitual da experiência, existia apenas uma poça num parque de estacionamento. Mas também sabia que, através dos meus sentidos físicos, estava de algum modo a percecionar outro Aspetto da experiência, no qual a poça era uma criatura de chuva, viva, atenta e cheia de energia. Vi-a mover-se, formar-se a partir da poça e ganhar consistência. Não fazia sentido

perguntar qual era “real”, a criatura ou a poça. Ambas o eram — mas a criatura era muito mais fascinante.

Enquanto percecionava plenamente a criatura de chuva, sabia que qualquer outra pessoa, no estado habitual de consciência, veria apenas uma poça; e sabia também que, nesse enquadramento, as poças não se erguem nem caminham. (Nesse contexto, se eu dissesse tal coisa, seria considerada louca.) Mas, ao observar aquela criatura cintilante, percebia igualmente que a poça era uma expressão plana, incolor e pouco diferenciada de algo igualmente válido. Sabia também que, se saísse para a rua, a criatura de chuva não me perseguiria, pois, as duas ordens de organização da experiência, embora relacionadas, são distintas no seu modo de funcionamento.

Enquanto ali estava, fascinada, aconteceu algo mais. Uma luz amarela, circular e imóvel apareceu subitamente no ar, à altura da cintura, diante de mim, junto ao frigorífico. Não provinha de nenhum ponto identificável. Não havia relâmpagos, por exemplo. E não existia um correspondente físico para ela, como a poça era o correspondente da criatura de chuva. A luz era física, mas, nos nossos termos, não tinha razão para estar ali. Era um círculo perfeito de luz, amplo, maior do que o frigorífico. Não se difundia nas extremidades nem iluminava o resto da divisão. Luz — organizada segundo outra ordem da experiência. Fiquei tão surpreendida que recuei instintivamente, e a luz desapareceu de imediato.

Sinceramente, não sei de onde veio. Estou convencida de que não foi uma reflexão nem uma alucinação. Penso que, de algum modo, foi um evento proveniente dessa outra ordem de organização da experiência e que, simbolicamente, representava “a luz que une

ambos os nossos mundos". Tanto a criatura de chuva como a luz acabaram por ser integradas em *Diálogos*. Foram utilizadas como material criativo, o que constitui uma excelente forma de correlacionar percepções que transcendem qualquer ordem isolada de eventos. A arte, parece-me, é um meio de integrar diferentes Aspectos da experiência e apresentá-los no nosso mundo.

Ao escrever *Diálogos*, movia-me constantemente entre duas ordens de eventos, utilizando o estado habitual de inspiração como elemento de ligação. Quando imersa nessa outra ordem de organização da experiência, por exemplo, torna-se difícil comunicar, e a inspiração criativa funciona como uma ponte entre ambas, permitindo a tradução artística.

Certa vez, ao escrever poesia, percecionei figuras enormes ao longo do horizonte do mundo, com as cinturas ao nível das copas das árvores e os ombros muito acima, ao longe. Não saí para a rua a gritar: "Vejam aquelas figuras gigantes." Ao mesmo tempo, sabia que representavam formas de consciência benignas, de escala muito superior à nossa (isto é, organizadas segundo níveis mais amplos de organização da consciência). E, quando essa percepção se expandiu, deixei de conseguir continuar o poema, porque os próprios eventos excediam, naquele momento, a capacidade de integração da consciência da *Personalidade de Foco*. Este episódio é discutido mais adiante neste livro.

O ponto essencial é este: é extremamente importante reconhecermos que, em casos deste tipo, estão envolvidas duas ordens de organização da experiência. Muito provavelmente, as faces que os meus alunos viram no teto numa aula (como descrito no Capítulo Um) pertenciam a essa ordem interna. Eram válidas — existiam — mas em referência a outro enquadramento experiencial,

que traduzimos em formas sensoriais adaptadas à organização perceptiva da *Personalidade de Foco* para o conseguirmos perceber.

Se eu tivesse insistido na existência física da minha criatura de chuva e tentado sobrepor essa experiência à da poça no nosso enquadramento habitual, teria tido problemas. Se tivesse corrido para a rua para a encontrar mais diretamente como uma entidade no nosso mundo factual, teria sido forçada a integrá-la num sistema onde ela não pertence. Se tivesse tendências paranoicas, poderia projetar nela sentimentos de rejeição ou hostilidade; poderia temer que me atacasse. Ou, ao encontrar um vizinho, poderia tentar convencê-lo da validade daquela experiência, insistindo que era REAL. Naturalmente, a experiência era válida — mas não no enquadramento reconhecido dos acontecimentos.

Algumas pessoas conseguem, com maior facilidade do que outras, alterar o foco da sua consciência desta forma e perceber estes “outros” eventos. Poucas, contudo, conseguem correlacioná-los com a experiência quotidiana. Eu própria só recentemente comecei a estudá-los, e até agora o que sei é que se distinguem precisamente por não se enquadrarem na sequência reconhecida da experiência habitual.

Se confundirmos estas duas ordens de organização da experiência, surgem dificuldades. Ficamos desorientados no nosso mundo e o comportamento torna-se inadequado. Talvez consiga esclarecer melhor o que quero dizer através de dois exemplos.

O primeiro caso envolve um jovem a quem chamarei Ed, da Costa Oeste. Um dia telefonou-me para dizer que era Cristo e que o mundo iria acabar dentro de poucos dias. Tinha acabado de sair de uma instituição psiquiátrica, onde os pais o tinham internado

depois de ele ter tido visões e ouvido vozes que lhe diziam que era Cristo.

A sua permanência no hospital foi breve. O Ed tinha lucidez suficiente para perceber que estava ali porque afirmava ser Cristo, por isso deixou de o dizer. Em vez disso, concordou com os pais que estava apenas exausto devido aos estudos universitários.

Foi então libertado, mas continuava convencido de que era Cristo reencarnado. Disse que o mundo acabaria no dia 2 de fevereiro, mas pediu-me confirmação. Seth teria dito algo sobre isso? E, como estava certo da sua identidade, assumia que o Rob e eu largaríamos tudo para voar até ao estado onde vivia e encontrarmo-nos com ele. Chegou mesmo a dizer-me que eu tinha sorte por ter essa oportunidade.

Tentei explicar-lhe a distinção entre a ordem interna e a ordem externa da experiência, sugerindo que poderia ter acedido a conteúdos profundamente significativos provenientes da ordem interna; que os tinha simbolizado e que agora estava a tentar torná-los literais. Em termos cristãos, cada pessoa participa da condição crística. Sugeri que ele poderia ter tido experiências místicas nas quais sentiu essa unidade e recomendei que as reconhecesse nesse plano; que aceitasse essa dimensão como válida no contexto de uma ordem da experiência, exprimível apenas de forma simbólica no nosso mundo. Sugeri ainda que expressasse essa dimensão através da forma como vive — sendo compassivo consigo próprio e com os outros — em vez de tentar impor uma interpretação literal dessa condição à experiência física. “Temos de distinguir as ordens de organização da experiência”, disse-lhe.

“Mas a ordem interna e a ordem externa são uma só. Existe apenas unidade!”, exclamou ele, impaciente. Era um comentário

perspicaz — e, de facto, correto. No entanto, estava a tentar sobrepor uma ordem de organização da experiência a outra e a interpretar conteúdos provenientes da ordem interna nos termos da ordem externa. Desligou o telefone, ainda convencido de que era Cristo. Talvez estivesse um pouco menos seguro do que antes. Evidentemente, o mundo não acabou quando ele disse que acabaria, pelo que isso poderá tê-lo levado a reconsiderar.

Em condições normais, a *Personalidade de Foco* sintoniza uma “estação” principal. No entanto, ao deslocar ligeiramente as suas capacidades percetivas para fora do seu nível habitual de experiência (ou “estação base”), pode captar outras configurações da experiência. O nível de experiência corresponde à interseção direta da *Personalidade de Foco* com o campo espaço-temporal e constitui a “estação” mais forte. Outros sinais têm de se intercalar com os dessa estação base; caso contrário, surgem como “ruído” sem significado. Assim, essas percepções adicionais tingem ou modulam a experiência habitual. É a diferença entre os acontecimentos habituais e outras configurações da experiência que capta a nossa atenção. As percepções não oficiais indicam que algo diferente está a ocorrer, mas esses conteúdos experienciáveis não habituais são ainda assim organizados através da nossa “estação base”, sendo integrados — e parcialmente sobrepostos — à organização habitual da experiência. Quando isso acontece, a tradução resultante gera eventos parcialmente distorcidos, como objetos forçados a caber num espaço demasiado pequeno.

Surge então uma espécie de dilema dimensional. Os novos conteúdos experienciáveis reconfiguram ligeiramente os acontecimentos tal como os conhecemos, ao mesmo tempo que têm de ser integrados na experiência tal como a compreendemos. Como

a *Personalidade de Foco* opera a partir do seu nível habitual, esses conteúdos são assimilados através desse enquadramento local, alterando-o até certo ponto. No entanto, aquilo que é transformado nesse processo é o conteúdo psíquico — crenças, símbolos, ideias e intenções da mente consciente que organiza e interpreta a experiência.

O segundo exemplo ilustra bem isto. Um jovem, a quem chamarei Arnold, telefonou-me e disse: “Tive experiências semelhantes às suas.” Contou-me então uma história fascinante. Durante dois dias e duas noites, teve sucessivas visões de “espíritos” que comunicavam com ele mentalmente e iniciaram aquilo que descreveu como um processo de aprendizagem destinado a desenvolver as suas capacidades psíquicas.

Uma dessas faces materializou-se no teto e apresentou-se mentalmente como uma visão de Platão; a partir desse momento, Platão tornou-se o seu “professor”. Disseram-lhe, no entanto, que deveria seguir todas as instruções de forma absoluta e obedecer sem questionar. Em várias ocasiões, viu-se a flutuar fora do corpo. Na segunda noite — já no corpo — foi instruído a sair para caminhar; e, ao fazê-lo, os seus próprios passos “levaram-no”, sem que conseguisse parar. Cães seguiram-no, ladrando e observando-o com um olhar perturbado, até que, após cinco horas, acabou por bater à porta de uma casa desconhecida a pedir ajuda. A polícia foi chamada e Arnold foi internado numa instituição psiquiátrica.

Este jovem tinha também lucidez suficiente para aprender como lidar com a situação. Deixou de falar com Platão quando outras pessoas estavam presentes. Deixou igualmente de mencionar as experiências fora do corpo (que, aliás, me pareceram bastante plausíveis). Foi autorizado a sair. Disse-me que Platão lhe tinha

fornecido conteúdos que não se confirmaram, nomeadamente ao prever acontecimentos negativos para membros da sua família. Ainda assim, Arnold continuava a comunicar com Platão, embora agora com maior cautela e já não seguisse cegamente as suas instruções.

Platão sempre fora uma figura de referência para este jovem, pelo que surge como “professor” — o que é compreensível ao nível da ordem interna de organização da experiência. No entanto, quando esse encontro é exteriorizado de forma literal, passa a ter de obedecer às regras da ordem externa, onde não pertence. Torna-se um recetor de projeções. Não há dúvida de que a experiência deste jovem se ampliou, mas ninguém lhe ensinou como interpretar os conteúdos que estava a aceder.

Não sei quantos “São Paulos” nos escrevem, cada um com as suas credenciais psíquicas, obtidas através de escrita automática, sonhos, tabuleiros Ouija ou estados de transe. Conheço pessoalmente dois grupos distintos, em diferentes regiões, onde todos os Discípulos se encontram em forma reencarnacional. Infelizmente, o único Cristo com quem falei não tinha conhecimento desses grupos. Talvez devesse tê-los posto em contato.

É fácil, Deus sabe, sermos irónicos perante tudo isto: até que ponto pode ir a credulidade humana? Na maioria dos casos, as comunicações automáticas não revelam, por si mesmas, qualquer valor filosófico ou literário significativo, limitando-se a repetir dogmas enfadonhos sobre deuses e demónios, enquanto encorajam o indivíduo cansado a manter a fé.

Ainda assim, muitas destas pessoas estão, intuitiva e psiquicamente, a aceder a algo real. Não estão tão limitadas como outras. Vivem vidas enriquecidas pela criatividade imaginativa e

estão a captar conteúdos experienciáveis provenientes do campo de consciência livre. O problema é que revestem experiências válidas com estruturas de pensamento muito limitadas.

Frequentemente, essas pessoas têm experiências fora do corpo e entram em contato com a rica atividade da psique. No entanto, acabam por parecer ingênuas, iludidas ou excessivamente crédulas, porque não sabem como interpretar os conteúdos que estão a aceder, nem como articular a ordem interna de organização da experiência com a ordem externa. E acreditam que essa transposição direta é necessária. Na verdade, tendem a interpretar de forma demasiado literal, tentando transferir a experiência sem transformação para termos práticos. Ao fazê-lo, acabam por rigidificar a experiência, bloqueando a sua verdadeira criatividade e mobilidade.

Estou convencida de que artistas e criadores estão mais familiarizados com o processo de traduzir conteúdos psíquicos — trazendo-os à expressão no nosso mundo através de uma espécie de transcendência fiel à experiência original. Na verdade, essa expressão é mais fiel precisamente porque não tenta encaixar a experiência nas definições habituais do que consideramos factual. Sabem que a experiência é primária, que os factos podem emergir a partir dela, mas que a própria experiência está para além dessa classificação.

O que nos fascina na arte é essa mistura singular de vida e não-vida. Fisicamente, a arte não vive. A mais pequena flor cresce, mas o maior poema nunca terá mais nem menos palavras do que aquelas com que foi escrito. As letras nesta página não germinam. São inertes. No entanto, algo existe nelas ou entre elas que está vivo de outra forma — e que pode até aproximar-se de uma espécie

de “supervida”. Ou, talvez, uma “transvida”: uma qualidade viva que atravessa dimensões sem se fixar; que não se ancora no tempo e no espaço como nós, mas que os influencia; uma qualidade que gera efeitos reais, mesmo sendo não física.

Fomos ensinados a validar todas as percepções através do mundo físico, porque acreditamos que nenhuma percepção poderia ter outra origem. Quando nos deparamos com uma experiência que não pode ser verificada dessa forma, ficamos inquietos. Voltamos a perguntar: é verdadeira ou falsa? No entanto, penso que a parte mais essencial do nosso ser situa-se num domínio de eventos que não pode ser verificado dentro da realidade tridimensional, precisamente porque excede esse enquadramento. É essa dimensão do nosso ser que designo como *Self de Origem*, sendo a *Personalidade de Foco* a parte que opera na ordem externa da experiência.

Quando entramos em contato com a psique — enquanto campo organizador da experiência — e, através dela, com níveis mais amplos do nosso próprio ser (*Self de Origem*), seja de que forma for, é natural que os personifiquemos como um grande “mestre” já falecido, filósofo, artista ou líder espiritual, precisamente porque captamos intuitivamente a sua natureza multidimensional. Simbolicamente, essa representação pode ser bastante adequada. De acordo com a psicologia dos Aspetos, essa dimensão experienciada do *Self de Origem* corresponderia ao Aspeto primário (isto é, à configuração base de ligação entre a *Personalidade de Foco* e o *Self de Origem*, não como entidade separada, mas como função organizadora dessa relação), representando também versões idealizadas de nós próprios. Essa personificação desenvolve-se como resposta a uma dimensão de nós que não pode

manifestar-se diretamente na experiência atual, mas a partir da qual a nossa existência emerge.

Estas personificações podem variar desde figuras simplificadas e estereotipadas, que repetem ideias triviais, até configurações mais complexas — como os personagramas — personalidades como Seth, que emergem da psique e se estendem a dimensões ainda desconhecidas para nós, mas cuja presença experiencial é significativa mesmo neste contexto. Podem manifestar-se em visões, sonhos ou outras configurações da experiência. No entanto, a sua base pertence a outra ordem de organização da experiência, que se entrelaça com a nossa, mas permanece distinta, podendo até funcionar como fonte do mundo que conhecemos.

Quando interpretamos essas personificações de forma literal — como provenientes de pessoas falecidas, figuras históricas ou entidades divinas — somos levados a integrá-las no mundo habitual de pessoas e acontecimentos. Passam então a ser classificadas como entidades positivas ou negativas e ficam condicionadas pelo conjunto de crenças e conceitos dominantes em cada contexto. A experiência original perde-se, e com ela desaparecem os conteúdos válidos — possivelmente essenciais — que estavam presentes.

Síntese Operativa

Ao longo deste capítulo, torna-se claro que a experiência não se organiza num único nível, mas em duas ordens complementares que operam simultaneamente.

Por um lado, existe uma ordem interna de organização da experiência — correspondente à psique enquanto campo organizador — onde se estruturam padrões e eventos ainda não objetivados. Por outro, existe a ordem externa, correspondente à área de vida da *Personalidade de Foco*, onde esses eventos se tornam acontecimentos experienciados no enquadramento espaço-temporal.

Estas duas ordens não são independentes nem separadas. Constituem, antes, duas leituras do mesmo processo: o que, num nível, se apresenta como organização potencial, noutro manifesta-se como experiência concreta. A passagem entre uma e outra não ocorre por simples transferência, mas através de um processo de tradução contínua.

Essa tradução é operada pela mente — enquanto interface da *Personalidade de Foco* — que seleciona, organiza e objetiva conteúdos provenientes do campo. Na maioria das situações, este processo decorre de forma automática e estabilizada, originando a experiência habitual. No entanto, em determinadas condições — como no sonho, na inspiração ou em estados de maior abertura — a consciência pode aceder a conteúdos que não estão diretamente organizados na área de vida.

Nesses casos, surgem percepções que não se enquadram na sequência habitual da experiência. Essas percepções não são, em si, problemáticas. Representam traduções de eventos do campo que ainda não foram plenamente objetivados. O risco surge quando

essas traduções são interpretadas de forma literal, como se pertencessem diretamente à ordem externa.

O erro fundamental não está, portanto, na percepção, mas na sua interpretação. Quando se tenta impor uma leitura da ordem interna nos termos da ordem externa — ou vice-versa — ocorre uma desorganização da experiência. O que, no campo, é simbólico e estrutural, é tratado como facto direto, perdendo-se a sua função original.

Neste contexto, a arte surge como um mecanismo privilegiado de tradução equilibrada entre ordens. Ao não reduzir a experiência a uma literalização, permite expressar conteúdos provenientes do campo mantendo a sua mobilidade e riqueza. O mesmo não acontece quando a experiência é rigidificada em categorias fixas, perdendo a sua capacidade criativa.

Também as personificações — como mestres, guias ou figuras simbólicas — devem ser compreendidas neste enquadramento. Não correspondem necessariamente a entidades externas, mas a configurações da psique que emergem como formas organizadas de relação com o campo. A sua validade não depende de uma existência literal, mas da função que desempenham na organização da experiência.

Assim, o ponto central deste capítulo pode ser formulado de forma simples: a experiência resulta de processos de organização que operam em diferentes níveis, e a sua integração depende da capacidade de distinguir esses níveis sem os confundir.

Quando essa distinção é mantida, torna-se possível aceder a uma maior amplitude de experiência sem perda de coerência. Quando é perdida, mesmo conteúdos válidos podem dar origem a interpretações distorcidas.

Em termos operativos, isto implica reconhecer que nem tudo o que é percebido deve ser traduzido nos termos da experiência física, e que nem toda a experiência física esgota o que está a ser organizado.

O equilíbrio não reside em privilegiar uma ordem sobre a outra, mas em compreender a relação entre ambas e operar a sua articulação de forma consciente.

Nesse sentido, navegar pela multidimensionalidade da consciência é uma arte: não a de procurar algo exterior, mas a de reconhecer, distinguir e integrar diferentes níveis de organização da experiência. Este livro, quando lido à luz destes princípios, funciona como um roteiro — não do que deve ser encontrado, mas de como interpretar, organizar e integrar aquilo que é experienciado — permitindo ao leitor orientar-se com clareza na própria multidimensionalidade da sua consciência.

CAPÍTULO 16

Quando os Aspetos se Expressam: Mensagens “Não Oficiais” e Deuses Aprendizes

Quando os Aspetos se expressam através da psique — enquanto campo organizador da experiência — a sua linguagem é frequentemente poética e dramática e, pela sua própria natureza, desafia o enquadramento do senso comum. Recebo chamadas e cartas de pessoas de todo o país que afirmam ouvir mentalmente vozes de deuses ou de inteligências de outros planos, receber comunicações de seres do espaço exterior e ver OVNIIs em qualquer luz indistinta.* Estão convencidas de que o material revelado irá transformar o mundo para melhor e conduzir a humanidade a uma condição mais espiritual.

Os exageros nestes casos são muitas vezes tão evidentes que me é difícil compreender por que não são reconhecidos pelas próprias pessoas envolvidas. E tais experiências ocorrem em indivíduos de todas as áreas da vida, incluindo adultos com posições sólidas nas ciências e noutros domínios.

Ainda hoje, por exemplo, recebi outra carta deste tipo, desta vez de um homem convencido de ter visto um OVNI. A partir daí, começou a receber mensagens mentais de um “colega de Seth”.

* Não me refiro a casos de avistamentos de OVNIIs que parecem ter uma base objetiva definida.

Esse material era de extrema importância e salvaria a humanidade da destruição. O homem tinha também lido os meus livros e muitos outros livros “psíquicos”. Tinha um bom emprego e ocupava uma posição de responsabilidade.

Na realidade, tudo o que este homem viu foi uma luz distante e brilhante. Por que não conseguiu reconhecer que uma única luz, sem outros elementos de enquadramento, não constitui necessariamente um OVNI? No entanto, ao refletir sobre isso — e sobre a forma como os Aspetos se manifestam na psique enquanto campo organizador da experiência — certos elementos começaram a tornar-se claros.

Os exageros nestes casos são, provavelmente, um dos elementos mais importantes, funcionando como um mecanismo que retira a *Personalidade de Foco* da sua orientação habitual, ao apresentar-lhe uma configuração simbólica dramática e intensa. A maioria destas pessoas é, por natureza, criativa e exploratória, mesmo que não o tenha reconhecido. Sentem-se insatisfeitas com os sistemas de crenças dominantes, procuram há anos algo que dê novo significado à sua vida e esforçam-se por libertar e expressar a sua própria criatividade latente. Existe nelas um impulso para aceder e integrar uma capacidade organizadora mais profunda que ainda não faz parte da sua experiência.

Um estímulo discreto não seria suficiente para provocar essa abertura. É necessário algo que abale profundamente a organização habitual da experiência — algo que reconfigure o mundo tal como é percebido e que surja investido de autoridade. Como a maioria das pessoas não compreende a sua própria dinâmica interna e foi ensinada a desconfiar do self, esse material emerge como se tivesse origem externa.

Isto coloca frequentemente um dilema difícil de resolver: ou a pessoa procura provar que a fonte externa — deus, espírito ou entidade extraterrestre — é real, ou vê-se levada a questionar a realidade e a validade da própria experiência, avaliando-a segundo o critério da infalibilidade, e a reconhecer que o conteúdo recebido pode não ser infalível. Na maioria dos casos, é precisamente essa exigência de infalibilidade que organiza a interpretação. O conteúdo é então avaliado como tendo de ser totalmente verdadeiro ou, caso contrário, perde todo o valor — sendo a experiência interpretada pela própria pessoa como falsa.

Assim, por um lado, existe uma forte pressão para que outros validem a existência dessa fonte interpretada como externa; por outro, surge uma suspeita quase destabilizadora de que essa fonte pode não existir nesses termos. Compreendo bem essas reações, à luz das minhas próprias experiências. No meu caso, porém, adotei uma posição diferente: observei esses fenómenos com interesse, mas sem os absolutizar, mantendo uma distância crítica enquanto procurava compreender o que estava realmente a ocorrer.

Quando Seth afirmou pela primeira vez que o seu material seria publicado, pensei: “Ótimo — exatamente o que o mundo precisa: mais um visionário convencido de que vai salvá-lo de si próprio.” Reconheço que, nesse aspeto, a minha postura crítica pode ter sido excessiva. Ainda assim, essa atitude permitiu-me explorar a minha própria experiência psíquica com maior clareza, tratando-a com o mesmo rigor com que procurava compreender qualquer outra dimensão da minha experiência.

Em vez de “exagerarmos”, portanto, o Rob e eu iniciámos a longa série de testes descrita em *O Material de Seth*, com o objetivo de compreender como funciona a própria percepção e até que ponto o

material de Seth era fiável nas áreas que podiam ser verificadas. Nunca parti do princípio de que Seth fosse um super-ser em termos literais. Confrontei essa questão, mas não aceitei respostas prévias.

Para a maioria das pessoas que operam dentro dos sistemas de crenças atuais, porém, tais personalidades em transe têm de ser deuses — ou quase — ou então meras criações de um “inconsciente enganador”. Isto gera uma forte pressão para provar a validade da fonte. No entanto, essas comunicações são estruturadas simbolicamente. A linguagem interna não é literal nos nossos termos, e ainda assim tendemos a interpretar afirmações simbólicas como verdades literais, reduzindo-as a categorias rígidas de verdadeiro ou falso.

Os exageros presentes neste tipo de comunicação são provavelmente proporcionais ao grau de tensão interna previamente acumulada, representando a necessidade intensa de libertar conteúdos psíquicos. Esses conteúdos assumem então a forma de ideias ou figuras nas quais o indivíduo confia, permitindo a aceitação de concepções que, de outro modo, não ousaria considerar por si próprio. Após períodos em que a vida pareceu desprovida de sentido, a pessoa passa a sentir-se não só suficientemente importante para atrair a atenção de deuses ou entidades superiores, como também necessária para salvar o mundo.

Potencialmente, contudo, trata-se de uma situação com grande valor transformador. Estas pessoas experienciam frequentemente um renovado entusiasmo, maior motivação e até melhorias no estado geral. Desenvolvem um novo sentido de valor pessoal e, em muitos casos, resolvem questões que as tinham perturbado durante anos.

Mas esse efeito raramente se mantém quando ocorre uma sobrecompensação interpretada de forma literal. O indivíduo pode passar a considerar-se extraordinariamente importante. Se antes não sabia o que fazer com a sua vida, agora acredita ter a missão de salvar a humanidade quase sozinho. Uma tarefa desse tipo excede naturalmente a capacidade de qualquer pessoa, gerando um sentimento de inadequação. Além disso, os outros podem não aceitar a suposta fonte externa — o “ser” ou “espírito” ao qual o indivíduo terá transferido o seu próprio sentido de valor. Quando essa validação não ocorre, a pessoa sente-se incompreendida e pode interpretar o mundo como estando contra si. Isso pode levar a afirmações ainda mais exageradas, promessas de provas e, posteriormente, justificações quando tais provas não se concretizam nos termos esperados.

Apesar disso, todo o enquadramento — visões, comunicações mentais, “entidades” — é profundamente criativo no sentido mais rigoroso do termo. A intensidade emocional envolvida expressa o impulso original da psique e configura uma estrutura destinada a dar forma aos conteúdos internos. Os exageros não são falsidades quando compreendidos no seu contexto próprio: são formas criativas amplificadas, destinadas a impressionar e a deslocar a organização habitual da mente, levando-nos a questionar, a explorar e a expandir o alcance da nossa própria experiência.

A mente orientada pelo senso comum procura verdades claramente definidas, organizadas em categorias simples e contrastantes — verdadeiro ou falso, bom ou mau — e tende a apoiar-se em autoridades externas. Muitas pessoas que acompanham Seth, por exemplo, não leram o meu romance *A Educação de Oversoul Seven*, precisamente por ser ficção e,

portanto, “não verdadeiro”. São também as mesmas que tendem a desconfiar das suas próprias percepções internas e a tentar enquadrá-las rigidamente nos modelos aceites. Ainda assim, permanecem criativas, mesmo sem o reconhecerem plenamente.

Essas pessoas tendem, no entanto, a ser particularmente exigentes consigo próprias ao avaliar experiências como escrita automática, conteúdos obtidos através de tábuas Ouija ou processos semelhantes. Os exageros são então interpretados como tendo de ser completamente verdadeiros ou completamente falsos. Aqui, os modelos religiosos e a lógica binária intensificam o problema: se existem entidades “boas”, então também terão de existir entidades “más”. Nesse contexto, conteúdos psíquicos reprimidos podem emergir sob a forma de figuras ameaçadoras — demónios, forças negativas ou visões perturbadoras que parecem impor comportamentos destrutivos.

Nestes casos, a *Personalidade de Foco* não observa diretamente os seus próprios conteúdos psíquicos. Em vez disso, a mensagem original — que emerge do campo — é encenada dentro de uma estrutura simbólica já existente. A experiência desenrola-se como um drama previamente moldado, e a *Personalidade de Foco* permanece ao nível das personificações, sem aceder aos significados mais amplos que lhes estão subjacentes.

Mesmo isto tem grande importância, pois introduz uma excitação interior, uma busca de sentido — ainda que inicialmente desorientada — e um novo impulso de significado. Com frequência, tais experiências surgem acompanhadas por um “sinal” interpretado como confirmação. A luz observada por quem acredita ter visto um OVNI, por exemplo, funciona como um marcador externo que indica: isto é importante, presta atenção. A luz opera

como um presságio relevante do ponto de vista psicológico e simbólico. Chamarei Linden a esse homem. Ele estava convencido de que se tratava de um OVNI, e nada abalava essa convicção, apesar de não ter observado qualquer objeto definido. No entanto, a formulação interna estava correta: a um nível mais profundo, ele estava de facto a perceber algo diferente e significativo para si. Um “objeto” desconhecido atravessava o seu campo mental, e a dimensão interna da psique tornava-se perceptível.

Frequentemente, em tais condições (e também no caso de Linden), começam a ocorrer fenómenos incomuns. Emergências de conhecimento válido, anteriormente não reconhecido, tornam-se acessíveis. Episódios de telepatia ou clarividência acompanham muitas vezes estas experiências, podendo ser seguidos por experiências fora do corpo — todas evocando um domínio que excede a organização habitual da experiência. Pela primeira vez, a *Personalidade de Foco* pode reconhecer que, embora opere normalmente no enquadramento espaço-temporal, a psique de que emerge não está limitada por esse enquadramento. Em certa medida, conteúdos do campo de consciência livre tornam-se acessíveis à mente — enquanto interface operativa da *Personalidade de Foco* — e passam a integrar a experiência desta.

Releia, por favor, o material anterior sobre os personagramas. Considero que este tipo de conteúdos revelatórios pode ter grande valor; na sua melhor expressão, emergem de dimensões da psique que transcendem a organização habitual. Muitas vezes contêm elementos que excedem o que é normalmente acessível quando a atenção está centrada na área de vida.

O material de Seth, acredito, oferece percepções particularmente profundas sobre a natureza da experiência. Quanto a Seth,

descrevê-lo-ia como uma configuração transdimensional que opera como função de tradução e processo de mediação entre diferentes ordens de organização da experiência — articulando conteúdos da ordem implicada com a sua objetivação — ou desdobramento — na ordem explicada. Não o defino, contudo, nos termos habituais de “espírito” ou “entidade” individual. Tenho investido muito tempo e energia neste processo, aprendendo a reconhecer diferentes níveis de organização da experiência — e espero continuar a aprofundar essa compreensão.

As cartas e chamadas que recebo inquietam-me, porque vejo muitas pessoas bem-intencionadas a esforçarem-se intensamente sem conseguirem distinguir entre a validade da sua experiência e a forma simbólica através da qual essa experiência se expressa. Mensagens obtidas por Ouija, escrita automática, estados de transe e processos semelhantes podem ser extremamente relevantes. Representam o encontro da *Personalidade de Foco* com a capacidade organizadora profunda da sua própria psique, manifestada de forma dramatizada — e com a origem da sua própria experiência.

Cada indivíduo participa na organização do mundo, e as ações de cada pessoa estão intimamente ligadas ao curso coletivo da experiência humana. Uma coisa é compreender isto de forma intelectual; outra é ser confrontado, de forma direta e intensa, com o reconhecimento do próprio papel nesse processo e com a importância da própria existência no contexto mais amplo. Esse impacto não perde valor por surgir de forma dramatizada.

Num certo sentido, cada pessoa está no centro do universo e no centro da psique. Não afirmo que não exista algo que possa ser descrito como um “super-ser” nestes contextos. Afirmo, antes, que

a própria psique corresponde a uma organização de tal amplitude — operando para além do enquadramento espaço-temporal — e que contém formas de conhecimento essenciais para a experiência humana na área de vida.

O que proponho é que deixemos de revestir o conhecimento revelatório com formas antigas e limitadas. Estas experiências oferecem-nos, na realidade, a possibilidade de um confronto mais direto com a psique — enquanto campo organizador da experiência — e, através dela, com níveis mais amplos do próprio ser (Self de Origem). No entanto, a maioria das pessoas recua perante essa experiência mais direta. Em vez disso, os conteúdos que emergem através da psique são traduzidos sob a forma de um mestre, um espírito, um guia ou qualquer outra figura — resultando numa personificação moldada pela estrutura de crenças da *Personalidade de Foco* — perdendo-se assim a originalidade da sua natureza. O personagrama transforma-se, assim, numa representação rígida.

Esse procedimento pode facilitar inicialmente o contato com esses conteúdos, mas torna-se limitador a longo prazo. O que é necessário é uma exploração mais direta da psique — enquanto campo organizador da experiência — e, através dela, o acesso a níveis mais amplos do próprio ser (Self de Origem). Esta conduz a uma ampliação da identidade? A uma forma de consciência que ultrapassa as nossas conceções habituais do self ao nível da *Personalidade de Foco*? Tenho fortes razões para considerar que sim. Apenas um compromisso pessoal com a exploração da própria consciência permitirá avançar nessa compreensão. Quando deixa de ser rigidamente traduzida em personificações simbólicas — moldadas pela estrutura de crenças da *Personalidade de Foco* — a organização da experiência pode tornar-se diretamente integrável.

Nesse processo, a psique, enquanto campo, revela progressivamente o acesso a níveis mais amplos do *Self de Origem*, cuja capacidade criativa e organizadora sempre esteve presente por detrás de imagens, símbolos, narrativas e sistemas de crenças. Por outras palavras, a experiência deixa de ser encenada simbolicamente como alteridade e passa a ser integrada como organização.

De certo modo, estas configurações personificadas — que emergem da organização da experiência no campo da psique e são interpretadas pela Personalidade de Foco como “figuras orientadoras” ou representações divinas — funcionam como “deuses aprendizes”, refletindo, de forma reduzida, padrões recorrentes de organização simbólica da experiência ao longo da história. Se forem compreendidas no seu enquadramento topológico — isto é, como configurações simbólicas resultantes da tradução de conteúdos do campo (psique) pela mente da Personalidade de Foco, e não como entidades externas autónomas — podem servir como referências operativas para o reconhecimento de níveis mais amplos de organização da experiência. No entanto, tendemos a obscurecer essa possibilidade ao interpretar essas configurações de forma literal, tomando a forma simbólica como realidade independente.

De onde provêm, afinal, as nossas representações personificadas do divino, e o que expressam? O que está na sua origem? No poema seguinte, creio ter captado um vislumbre dessa dimensão — tal como se reflete através da psique — funcionando como orientação, ensino e como expressão de novas organizações da experiência, que são simbolizadas e, muitas vezes, personificadas pela *Personalidade de Foco* de acordo com a sua estrutura de crenças —

aproximações daquilo que realmente somos e do que essas configurações representam.

Deuses Aprendizes

Em abril, os deuses erguem-se,
como todas as religiões ensinam
nas suas histórias para crianças.
No inverno, os deuses dormem
e fecham os seus milhões de olhos-folha
através dos quais espreitam —
os pequenos orifícios verdes
por onde observam
o nosso mundo.

No inverno, os deuses recolhem as suas vozes,
mas é possível ouvir o seu murmúrio suave
ao longe, antes de falarem
através das línguas verdes das ervas,
por onde, secretamente,
enviam as suas mensagens.

Em abril, os deuses que regressam
trazem festivais —
magos locais encantando o povo
com os seus truques de deuses aprendizes;
uma trupe divina de ilusionistas,
afinados à terra, ligados à terra,
Apollos e Atenas errantes,
amadurecidos desde a juventude do mundo,
criadores de assombro,
transformando invernos em verões,
morrendo e regressando,
gritando: “Estou aqui... Não, aqui!
Vejam, morri e ainda assim vivo —
e vocês também podem.”

Brincam connosco ao longo dos séculos,
num jogo de aparição e desaparecimento,
vestindo máscaras de complexidade prodigiosa.

“Olhem, estou aqui” — e um deus de túnica branca
aparece no topo de uma montanha.

“Estes são os meus mandamentos”,
e tábuas de argila surgem aos pés de Moisés.

“Não, estou aqui — barbudo,
triunfante com a minha espada.”

“Não, estou aqui — embriagado de alegria,
tocando flautas nas colinas vertiginosas,
seduzindo as vinhas com o meu abandono.”

“Aqui morro numa cruz,
chorai, crianças —
mas vedes? Ergo-me diante dos vossos olhos,
sem truques, elevando-me no ar.
Alegrai-vos, então, e celebrai a primavera
nas suas mil ressurreições.”

Que histórias tecem,
que dramas incandescentes
no teatro das nossas mentes,
enquanto os deuses que regressam
desdobram os cenários dos séculos:
demónios, soldados, reis e rainhas,
igrejas, sacerdotes e alquimias,
ricos e pobres, assassinos e ladrões,
e civilizações que parecem
erguer-se e desaparecer.

Tudo isto por nós?
Representamos papéis enquanto deuses errantes
dirigem a cena
e outros observam?
Batendo palmas, fazem troar o céu,
proclamam: “Faça-se luz”,
e o pano ergue-se —
répteis agitam as caudas,
peixes emergem sorridentes dos mares?
Homens e mulheres primitivos aguardam
em cavernas, colocados ali na sombra,
fora de cena —
até que alguém diga:
“Entrem os humanos”?

E, no entanto, não me parece.
Quão semelhantes a nós são estes deuses da terra —
e, ainda assim, ampliados,
contrapartes intensificadas,
dramatizando-nos para além da medida
e ocupando o palco,
enquanto, por identificação,
os observamos a representar os nossos próprios papéis.

Como nos são próximos — e como os estimamos —
estes nossos filhos ampliados,
projetados num universo
com capacidades que são nossas
e, ao mesmo tempo, parecem não o ser.
Seguimos as suas trajetórias,
aplaudindo os nossos favoritos
enquanto atravessam as Eras,
movendo-se entre estrelas,
abençoando aliados,
confundindo adversários,
travando batalhas por nós,
louvando cardeais, gurus e santos.
Escrevemos as suas histórias,
proclamamos os seus livros sagrados —
indianos, hindus, cristãos, judeus —
cada um entoando o sopro da verdade.

Mas como nasceram?
De que origem emergiram?
Que matriz se abriu
entre universos,
dando origem ao nosso mundo —
a nós, aos deuses, a tudo?
Que passagem cósmica,
que caixa de Pandora,
que manifestação inesperada
se transferiu de outros domínios para este?

Que mestres ensinaram aos deuses a sua arte?
Se olharmos para além da ilusão
e recusarmos ser distraídos
pelas narrativas,

outras imagens começam a emergir
por detrás das formas vistosas
com que os deuses se apresentam.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda uma questão central: a expressão dos conteúdos da psique não ocorre de forma literal, mas através de configurações simbólicas que podem ser facilmente mal interpretadas.

Quando os Aspetos se expressam, fazem-no de forma intensificada, dramática e frequentemente exagerada. Essa amplificação não constitui um erro, mas um mecanismo funcional: permite deslocar a *Personalidade de Foco* da sua organização habitual, abrindo acesso a níveis mais amplos da experiência.

No entanto, esse mesmo processo dá origem a um dos principais equívocos: a tendência para interpretar essas expressões simbólicas como entidades externas literais. O que é, na sua origem, uma configuração da psique — uma forma organizadora da experiência — passa a ser entendido como um “outro”: um deus, um mestre, uma entidade superior.

Neste contexto, a experiência é válida, mas a sua interpretação torna-se distorcida. O conteúdo experienciado corresponde, muitas vezes, a um contato real com níveis mais amplos do *Self de Origem*. Contudo, a forma que assume é moldada pela estrutura de crenças da *Personalidade de Foco*, que traduz essa experiência em imagens reconhecíveis — frequentemente figuras de autoridade cultural ou espiritual.

Assim, os chamados “deuses”, “guias” ou “entidades” podem ser compreendidos como personificações: configurações simbólicas através das quais a psique torna acessível aquilo que, de outro modo, permaneceria fora do enquadramento da experiência habitual.

O problema não está na experiência, mas na sua literalização. Quando a forma simbólica é tomada como realidade objetiva independente, perde-se o acesso ao processo subjacente — e a experiência torna-se limitadora em vez de expansiva.

O capítulo mostra também que esses processos possuem um potencial transformador significativo. Podem revitalizar o sentido de vida, desbloquear criatividade e reconfigurar a relação do indivíduo com a sua própria experiência. No entanto, esse potencial só se mantém quando há capacidade de distinguir entre conteúdo e forma, entre experiência e interpretação.

O poema final introduz uma síntese simbólica deste processo: aquilo que designamos como “deuses” surge como projeções amplificadas de aspetos da própria psique — dramatizações que refletem, de forma expandida, estruturas internas da experiência humana.

Deste modo, a questão fundamental deixa de ser a existência ou não dessas figuras como entidades externas, passando a ser a sua função na organização da experiência.

Em termos operativos, este capítulo estabelece um princípio essencial:

- conteúdos provenientes da psique podem ser válidos
- mas a forma como se apresentam é simbólica e contextual
- e a sua interpretação determina se a experiência se torna integradora ou desorganizadora

Assim, o verdadeiro trabalho não consiste em validar ou rejeitar essas experiências, mas em aprender a lê-las corretamente — reconhecendo nelas expressões da própria estrutura da consciência.

Nessa perspetiva, aquilo que inicialmente surge como “mensagem externa” pode ser compreendido como um processo

interno de amplificação e tradução da experiência, através do qual a psique se torna progressivamente mais acessível à consciência da *Personalidade de Foco*.

E é precisamente nessa capacidade de distinção — entre o que é experienciado e a forma como é interpretado — que reside a chave para uma relação mais clara e funcional com a multidimensionalidade da consciência.

CAPÍTULO 17

Dos Deuses a “Deus”, Os Oradores e Deus como Acontecimento

Assim, acredito que estes deuses são representações de configurações do campo psíquico, emergindo da ordem interna dos eventos. Penso também que, de uma forma ou de outra, estamos em comunicação com essa ordem interna e que emergimos dela; e que, embora frequentemente distorçamos as “vozes internas”, elas têm significado. Mas quem somos nós, e qual é a nossa relação com os deuses, os “daimons”, as musas cujas mensagens fazem a ponte entre a realidade física e a não física?

Cada um de nós está consciente desta realidade interna em certa medida. Cada um de nós, em algum momento, é tocado por um instante intemporal, no qual “sabemos o que sabemos” de uma forma que nada tem a ver com palavras, e em que a *Personalidade de Foco* quase se ergue no seu próprio ápice e contempla os céus internos da sua própria alma. Ou seja, trata-se de um momento em que a organização habitual da experiência (PF) se afrouxa, permitindo um acesso direto a conteúdos do campo, não mediado pela linguagem.

Quando as pessoas me escrevem, falam frequentemente do desejo de “possuir” conhecimento. Para mim, essa é a forma mais rápida de o perder. Ou querem aprender os segredos do universo em termos grandiosos — não pequenas verdades curiosas, mas

apenas as grandes e importantes verdades espirituais. E essa atitude, penso eu, pode fechar-nos à voz humilde, mas divina, da natureza, que está sempre presente.

E quanto às nossas ideias de Deus? Onde é que se inserem em tudo isto?

As nossas ideias de personalidade e de individualidade tornam difícil considerar um Deus multidimensional, pois tendemos a pensar a identidade como algo delimitado e exclusivo. Mesmo a nossa orientação de espécie e a nossa lealdade a ela nos limitam neste aspeto: estamos convencidos de que o ser humano é mais espiritual do que um gato ou um inseto e, geralmente, insistimos que apenas o homem possui uma alma. Assim, Deus é facilmente concebido à imagem humana — um super-homem (e nem sequer, por exemplo, uma supermulher), revelando até que ponto os nossos conceitos religiosos seguem de perto as nossas presunções sociais, culturais e biológicas.

Nesse enquadramento, Deus é frequentemente pensado como residindo fora da natureza, em vez de como a própria dinâmica através da qual a natureza se organiza; como separado das suas criações, em vez de expresso nelas. As nossas religiões tentaram explicar os opostos que aparecem na experiência humana, mas raramente procuraram, sob esses contrastes aparentes, o nível de organização a partir do qual todas as manifestações emergem.

No entanto, é a partir da ordem interna dos eventos — entendida não como um domínio exterior ou oculto, mas como o nível de organização em que os eventos existem enquanto possibilidades estruturadas — que toda a experiência física se torna experienciável. Aqui se encontra a fonte do ser, difícil para nós de conceber, precisamente porque não corresponde a uma entidade

nos nossos termos. Assim, aquilo que designamos como “Deus” não pode ser compreendido como uma pessoa, mas, no máximo, como um princípio de organização do campo de consciência; e, ainda assim, qualquer formulação permanece condicionada pelos nossos próprios conceitos acerca da natureza da consciência.

Deus poderia ser descrito como uma superconsciência, mas apenas se entendida não como uma entidade isolada, mas como a capacidade organizadora que sustenta a experiência; pois, se lhe retirarmos aquilo que experienciamos como amor, sabedoria ou compreensão — ou os seus equivalentes funcionais —, a própria noção perde significado para nós. Nesse sentido, a razão do nosso ser pode ser compreendida como o próprio processo de ser, não como algo que conduz a uma aniquilação ou a uma fusão com perda de individualidade, mas como uma continuidade de organização em que a identidade se transforma sem se extinguir. Assim, na nossa própria experiência de identidade pessoal, podemos estar mais próximos daquilo que designamos como “Deus” do que supomos.

Se assim for, então aquilo que designamos como “Deus” não se opõe à individualidade, mas expressa-se através dela, sendo cada forma única — até os flocos de neve — uma configuração dessa mesma capacidade organizadora. Nesse sentido, a distinção entre criador e criação deixa de ser absoluta: o que chamamos “Deus” não está fora das suas criações, mas manifesta-se nelas — em si e em mim, nas estrelas, nos animais, nos insetos e nas rochas. Como acontecimento, Deus não é algo concluído, mas um processo em curso: a própria criatividade em ato, cuja expressão se atualiza continuamente. Existimos, assim, na atualização constante dessa dinâmica, quaisquer que sejam as nossas definições.

E, seja o que for aquilo que designamos como "Deus", não é estático nem imutável. Pelo contrário, concebê-lo como algo fixo nega-lhe até o próprio dinamismo organizador que se expressa nas suas criações. Que dimensão tão estreita para existir — perfeita para além de toda a mudança ou realização; quase como um deus senil, sem possibilidade de transformação, vivendo apenas através dos seus filhos e das suas realizações.

Por vezes, somos tão sérios, tão intensamente determinados a saber, que nos desligamos do nosso próprio saber interior — aquele que não depende desse esforço, mas emerge diretamente da organização da experiência. E esperamos que a experiência mística seja solene, avassaladora, inspiradora de reverência — e que, acima de tudo, se enquadre nos nossos conceitos privados de bem e mal e de moralidade. Muitos de nós têm também a ideia de que conhecer Deus implica perdermo-nos, dissolvendo-nos numa experiência totalizante em que toda a individualidade desaparece. Aos que estão tão ansiosos por abdicar da sua individualidade, eu diria: "boa sorte". Se aquilo que designamos como "Deus" se expressa através de um self individual, então talvez seja esse o modo através do qual a própria experiência se diferencia — e não algo a ser descartado. Ainda assim, muitos parecem dizer: "Leva-me de volta, Senhor, estou farto de ser eu."

Assim, nunca tive esse tipo de experiência mística, tão exaltada por muitos, em que uma "Jane" se dissolve em Deus. Mas acredito que Deus se "dissolve" em todos os seus seres, e que nós nos tornamos conscientes e nos expressamos porque a nossa individualidade é, em si mesma, parte de qualquer divindade.

Rejeitar a individualidade é como deitar fora o bebê juntamente com a água do banho.¹

Mas não. A variedade e a frescura até da nossa própria experiência sugerem uma fonte de organização da experiência e expressão em constante mudança.

Aqui gostaria de descrever uma experiência que tive há dois anos. É mencionada brevemente nas notas de Rob em *A Natureza da Realidade Pessoal*, que Seth estava a ditar na altura. Um dia, num estado de criatividade inspirada, escrevi um poema chamado “Os Oradores”.

Enquanto escrevia, a inspiração superava-se a si mesma. Percebia que os símbolos internos estavam a tornar-se exteriorizados. Foi então que, através da janela, senti as imagens de seres maciços; dispunham-se em torno do limite do horizonte ao nível do meu campo visual pessoal, parecendo elevar-se tão alto que apenas os seus troncos eram “visíveis”. Os seus ombros estariam no espaço muito acima.

Estas imagens não eram tridimensionais. Sabia que devia estar a projetá-las para fora, e elas fundiam-se com as casas, as árvores e a paisagem. Via-as ao mesmo tempo que escrevia sobre “parentes maciços”. Já não conseguia continuar a escrever. A visão tinha escapado ao poema. Estava a tornar-se real.²

¹ **Explicitação:** a inversão proposta — não o indivíduo a dissolver-se em Deus, mas Deus a “distribuir-se” pelas configurações de experiência — pode ser lida de duas formas não exclusivas:

(1) como presença do princípio organizador em cada identidade;

(2) como expressão local de um campo mais amplo.

² **Explicitação:** trata-se de um caso em que conteúdos do campo (psique) transitam diretamente para configuração experiencial, com redução da mediação simbólica — duas leituras do mesmo processo:

(1) projeção organizada pela PF;

Estávamos à espera de visitas importantes. Chamei o Rob, contei-lhe o que estava a acontecer e decidi fazer uma breve sesta. No entanto, assim que me deitei, iniciou-se uma sequência surpreendente de acontecimentos. Entretanto, o Rob saiu de casa para ir buscar os nossos convidados ao aeroporto, pelo que fiquei sozinha.

Vou citar das minhas notas originais, escritas logo a seguir:

Tentei fazer uma sesta... De repente, uma ideia irrompeu, literalmente chocando-me: estamos DENTRO de Deus. Nunca fomos exteriorizados. A realização não cabe nestas palavras, e elas pouco fazem para explicar o que senti. Pois, subitamente, experimentei o estar-em-Deus como estar dentro de uma casa. Tudo o que imaginamos como estando fora — no mundo tridimensional, incluindo nós próprios — está dentro. Não há exterior. Senti uma espécie de claustrofobia. Tinha os olhos abertos. Via o quarto e a casa de banho ao lado, e a minha visão estava alterada de uma forma estranha: embora tudo parecesse normal, ao mesmo tempo via tudo como estando dentro de um interior que estava, ele próprio, dentro de outro interior, e assim sucessivamente, ad infinitum. Por um instante, senti-me diminuída...³

Quase de imediato, porém, surgiu a sensação mais estranha de uma segurança fantástica, e percebi que, estando dentro de Deus, tudo o que víamos ERA Deus, independentemente da forma; e que éramos literalmente feitos de “substância divina” e, portanto, eternos. Seguiu-se outra sensação, novamente difícil de descrever: este “interior” era tão inconcebivelmente

(2) emergência experiencial de padrões através da interface.

³ **Explicitação:** a experiência descrita reorganiza a distinção dentro/fora — não como localização espacial, mas como estrutura de enquadramento da experiência — duas leituras do mesmo processo:

(1) dissolução da exterioridade enquanto referência;

(2) reconhecimento de um campo contínuo onde tudo ocorre.

vasto que continha todo o espaço em expansão possível; e que apenas um interior poderia possuir essas características de expansão constante. Depois veio a realização de que os “pensamentos” deste “Deus” se tornavam vivos, dotados de vários tipos de dimensionalidade, dando então origem a outros da sua espécie...⁴

A experiência seguinte ocorreu quase de imediato, mas não foi incluída nas notas do Rob em *A Natureza da Realidade Pessoal*, porque não era pertinente para a discussão em causa. Aqui, porém, é altamente pertinente. Enquanto estava deitada na cama, a olhar fixamente, vendo estas versões de interioridade, devo ter fechado os olhos. O meu corpo começou a parecer literalmente maciço. Fiquei ligeiramente assustada, mas lembrei-me de que não havia motivo para alarme. Depois senti-me expandir de uma forma nova, tornar-me muito leve, e começar a elevar-me.

Das minhas notas:

Em certo momento, a sensação de massa estabilizou. Continuava deitada, mas não na cama. Um homem emergiu do meu crânio, e instantaneamente adquiriu tamanho gigantesco. Começou a caminhar sobre montanhas que surgiram de repente — talvez também tivessem emergido do meu crânio; não tenho a certeza. A minha consciência entrou nesse homem, embora eu não fosse a sua consciência; ele tinha a sua própria. No entanto, a partir do interior da sua forma gigantesca, senti as suas pernas maciças a avançarem sobre as montanhas (algo excitante para mim, mas perfeitamente normal

⁴ **Explicitação:** “pensamentos que se tornam vivos” pode ser entendido como a transição de estruturas potenciais para configurações experienciáveis — duas leituras do mesmo processo:

(1) criação como emergência a partir do campo;

(2) organização progressiva de níveis de experiência.

para ele!). Estava muito consciente do movimento das suas pernas, das coxas enormes, do impulso da terra sob os nossos pés. Os seus passos eram gigantescos nos nossos termos.

A certa altura, a partir do seu interior, senti “nós” inclinarmo-nos. Para mim, “nós” éramos tão impossivelmente altos que essa inclinação era, no mínimo, impressionante. Abaixo, numa pequena cavidade da terra, havia um fogo — pequeno para ele — e dentro dele pessoas em miniatura contorciam-se e queimavam. (Para mim, eram de tamanho normal.) Enquanto o meu companheiro gigantesco se inclinava, pareceu ligeiramente surpreendido; estendeu a mão para as chamas e retirou as pessoas, lançando-as suavemente no ar. De qualquer modo, libertou-as, e compreendi que aquilo era um símbolo do inferno em termos religiosos, e que provavelmente existiam outros fogos semelhantes nos quais as pessoas tropeçavam estupidamente. Os fogos estavam simplesmente ali, sem qualquer conotação moral. A sua atitude era apenas de leve surpresa — um espanto perante o facto de aqueles seres poderem ser tão imprudentes, mais ou menos como eu me sinto quando vejo uma formiga no lava-loiça, mesmo debaixo da torneira, precisamente quando estou prestes a abrir a água. (Às vezes tiro a formiga de lá primeiro, ou afasto-a, ou algo do género.)⁵

Não tenho a certeza do que aconteceu às pessoas, mas sabia que estavam livres e que tinham mudado de forma. Via-as através dos olhos dele; depois de as libertar, eram como um grupo luminoso de pirilampos, brilhando por um instante no espaço escuro — e depois ele esqueceu-as imediatamente.

⁵ **Explicitação:** a cena reconfigura conteúdos morais como configurações de experiência sem valência intrínseca — duas leituras do mesmo processo:

(1) inferno como construção experiencial;

(2) padrões organizados interpretados pela PF como realidade moral.

Foi então que o gigante deu um ou dois passos para cima, e isso levou-nos da terra até uma estrela ou outro planeta. Caminhávamos pela superfície. Havia outros seres como ele à nossa volta. Um deles tinha acabado de morrer. Os outros deitaram-no no chão, completamente estendido. Era literalmente enorme, deitado assim. Através dos olhos do ser gigantesco, tudo era de tamanho normal, claro; mas ao observar separadamente através dos seus olhos, eu via tudo como gigantesco. Numa cerimónia de que mal me recordo, os outros rodearam o morto, rodaram o seu corpo várias vezes em certas direções, até que ele começou a elevar-se, ainda deitado. Depois começou a girar lentamente. O movimento tornou-se cada vez mais rápido, e o corpo elevava-se cada vez mais depressa, até que, enquanto eu observava, começou a desaparecer no espaço acima.

De alguma forma que agora já não recordo, a sua forma gigantesca transformou-se enquanto girava, e veio a repousar no espaço como um planeta. Eu continuava na superfície da mesma estrela e, visualmente, não conseguia ver — embora procurasse — onde essa forma tinha ficado no espaço. Mas vi tudo isto com grande clareza através das imagens mentais do gigante. A consciência do gigante morto voltou a despertar e, à medida que isso acontecia, o planeta iniciava o processo a que chamaríamos evolução. Ou seja, os seus “pensamentos” transformavam-se nas formas iniciais de vida emergente.⁶

Nessa experiência, penso que o meu *Self de Origem* foi personificado como o ser gigantesco, e tentei observar a nossa existência tridimensional e este universo a partir desse

⁶ **Explicitação:** a sequência descreve uma correspondência entre organização da consciência e formação de estruturas experienciáveis — duas leituras do mesmo processo:

(1) génese simbólica de mundos;

(2) tradução experiencial de padrões em sistemas evolutivos.

enquadramento. As sensações anteriores de estar-dentro-de-Deus e de nunca ter sido exteriorizada foram então encenadas quando a minha própria consciência, permanecendo ela mesma, foi posteriormente experienciada através da do gigante. É como se uma célula do meu próprio corpo se tornasse subitamente consciente da sua posição, observando a minha realidade através dos seus próprios “olhos” e depois, de repente, através dos meus — estando, por momentos, consciente das minhas intenções como distintas das suas.⁷

A experiência reveladora manifestou-se de formas que eu podia compreender, simbólica e psicologicamente verdadeiras, e carregadas de forte impacto emocional. Toda a experiência foi uma comunicação transmundana; uma mensagem do *Self de Origem* para a *Personalidade de Foco*, utilizando dados sensoriais que não intersetavam as coordenadas espaço-temporais habituais do nosso mundo. Mas a minha consciência não ficou difusa: pelo contrário, tornou-se intensificada e iluminada, consciente da sua separação única, bem como da sua participação numa organização mais ampla.⁸

⁷ **Explicitação:** a analogia célula–organismo traduz uma relação entre níveis de organização da consciência — duas leituras do mesmo processo:

(1) identidade local inserida num sistema mais amplo;

(2) expressão parcial de um self distribuído.

⁸ **Explicitação:** “comunicação transmundana” pode ser entendida como reorganização do acesso ao campo — duas leituras do mesmo processo:

(1) mensagem entre níveis;

(2) reconfiguração da própria consciência enquanto interface.

Todo o episódio foi deslumbrante na sua intensidade emocional. No entanto, não supus que tivesse sido literalmente levada para outro planeta físico, e sabia certamente que, neste sistema de acontecimentos, nenhum ser gigantesco tinha emergido do meu crânio. Não disse aos meus alunos:

Sim, existem gigantes porque eu os vi. Um veio e levou-me numa viagem a outro planeta.

Acredito que todo o evento, rico e dramático, foi uma interpretação de outra coisa, dramatizada para que eu pudesse compreender — pelo menos até certo ponto — certos conceitos que podem estar para além das palavras e das imagens tal como as conhecemos.

Enquanto me levantava e me vestia, os pássaros cantavam, e essa experiência organizava-se como um reconhecimento direto de que aquilo que ouvia correspondia ao que designo como “deuses” — não como metáfora ou construção simbólica, mas como uma apreensão imediata de modos de expressão do mesmo campo de consciência. Dei por mim a rir perante a incrível doçura do seu canto, e, ao mesmo tempo, reparei que as minhas unhas estavam lascadas e retoquei-as; e tanto esses gestos como o riso mantinham a mesma qualidade de experiência, como se a organização que atribuía significado ao canto dos pássaros estivesse igualmente presente na ação quotidiana, sem separação entre o que é vivido como humano e o que é vivido como divino.

Contudo, neste sistema de acontecimentos, como dizer: “Ouçam, os pássaros são deuses. Existem incontáveis deuses manifestos na experiência. Ouçam-nos?” Porque, no nosso mundo, as pessoas tendem a procurar superdeuses humanizados, que dão

mandamentos, falam de fogo do inferno e legitimam guerras contra os seus inimigos.

Mesmo enquanto recebia os nossos convidados, permanecia envolvida nesse conhecimento revelador: nunca fomos exteriorizados. As palavras repetiam-se na minha mente. Ainda assim, pouco depois, a intensidade da sensação desapareceu, e apenas pude tentar recordá-la. Mais tarde, pensei: isso significa que não somos realmente criaturas objetivas no espaço e no tempo? Por vezes, ainda hoje, quando recordo a experiência, sinto uma estranha sensação de claustrofobia, como se houvesse algo de que sair, ou como se estivéssemos ainda, sem saber, num ventre cósmico, nem sequer meio nascidos. E penso: quem quer ser um sonho na mente de um deus?⁹

E, no entanto, naquele momento, senti a maior liberdade: o próprio espaço nascia a partir do interior, e esse interior era literalmente infinito e capaz de todos os tipos de expansão. Não havia exterior! Então pensei: claro. E tudo fazia um sentido luminoso. Toda a questão dentro-fora, subjetivo-objetivo, era desprovida de significado.¹⁰

Mais tarde pensei: não há exterior? E a minha mente ficou difusa nas margens.

⁹ **Explicitação:** a tensão descrita revela o choque entre dois enquadramentos — duas leituras do mesmo processo:

(1) perda da exterioridade como base ontológica;

(2) reinterpretação da realidade como configuração experiencial.

¹⁰ **Explicitação:** a dissolução das dicotomias dentro/fora e subjetivo/objetivo indica uma reorganização do enquadramento da experiência — duas leituras do mesmo processo:

(1) unificação do campo;

(2) abandono de categorias dependentes da percepção local da PF.

No momento, era impossível perguntar onde Deus não estava, pois aquilo que Ele era estava em todo o lado e era tudo. Quando os pássaros cantavam e eu sabia que eram os deuses a cantar, também sabia que os deuses eram aquilo que Deus é. Não havia contradição. Mais tarde, surgiram todo o tipo de perguntas tolas. Escreve-se “Deus” com maiúscula e “deuses” com minúscula? E certamente há uma diferença entre um... deus e um pássaro. Que absurdo. O que foi que eu pensei que sabia?

Ainda assim, insisto teimosamente que soube, e que esse saber continua lá, intocado pelas aparentes contradições que surgem na área de vida da experiência. O problema é que Deus não faz sentido para nós a menos que O possamos personificar de alguma forma — “Ele”, “Ela”, “Isso” — e, por isso, tentamos imaginar como Deus seria... nos nossos próprios termos.¹¹

Ao escrever isto, lembro-me da minha criatura da chuva. Era uma poça, nesta ordem de acontecimentos. Seria a criatura da chuva o “espírito” da poça? E seria a luz que vi na cozinha realmente o meu “espírito” nessa ordem interna de acontecimentos? Seria eu o seu correspondente físico — aquele que procurei e não encontrei? Pois quão diferente esse mundo interno pode parecer deste — e quem imaginaria que cada um é parte do outro?¹²

¹¹ **Explicitação:** a necessidade de personificação revela um limite da interface (mente/PF) ao traduzir o campo — duas leituras do mesmo processo:

(1) criação de imagens para tornar o incompreensível acessível;

(2) redução funcional de uma estrutura não local a formas experienciáveis.

¹² **Explicitação:** a relação entre “mundo interno” e “mundo físico” é apresentada como correspondência e não separação — duas leituras do mesmo processo:

(1) níveis distintos de organização da experiência;

(2) expressões complementares de um mesmo sistema.

Assim, um deus pode aparecer aqui sob uma forma, bastante comum. Pode manifestar-se como tudo aquilo que experienciamos, incluindo você e eu, conferindo à realidade os seus padrões extraordinários e a sua individualidade. E, no entanto, dentro destes nossos selves, na ordem interna dos acontecimentos, nos interiores ocultos de nós próprios, conheceríamos essa realidade maior da qual emergimos. E enviaríamos mensagens a partir daí para os selves que conhecemos.¹³

A partir dessa percepção interna surgiriam todas as personificações de Deus, os dramas e os textos sagrados, à medida que tentamos traduzir acontecimentos internos em termos tridimensionais.

Talvez o nosso desejo de saber quem Deus é nos coloque na mesma posição de uma criança ainda por nascer que se pergunta onde está a sua mãe e quer vê-la face a face: temos primeiro de nascer. Podemos estar dentro daquilo que Deus é. O nascimento da criança coloca-a na presença da mãe em termos objetivos, ao mesmo tempo que a separa dela de uma forma fundamental, para que possa crescer por si mesma. Assim, talvez a nossa aparente exteriorização seja a mesma coisa.¹⁴

¹³ **Explicitação:** “enviar mensagens” descreve a comunicação entre níveis do self — duas leituras do mesmo processo:

(1) transmissão entre configurações;

(2) reorganização interna experienciada como alteridade.

¹⁴ **Explicitação:** a analogia nascimento—exteriorização traduz uma transição de enquadramento — duas leituras do mesmo processo:

(1) passagem para autonomia experiencial;

(2) reconfiguração da relação com a fonte.

Assim, se estamos dentro daquilo que Deus é, então, inversamente, Deus pode estar dentro daquilo que nós somos — embora nunca O encontremos face a face nos nossos termos. Penso que todas as visões “místicas”, revelações, vozes internas e escritas automáticas são interpretações de verdades mais amplas acerca de nós próprios — mensagens de Aspetos multidimensionais do nosso ser para estes selves no espaço e no tempo.¹⁵

Quando ouvimos ou sentimos tais mensagens, o que significam realmente? O poema seguinte, “Os Oradores”, foi o que escrevi naquele dia, no qual tentei examinar a minha própria experiência e encontrar pelo menos um indício de resposta. Quem são os Seths, as musas, as vozes? À medida que escrevia, o poema ultrapassou-se a si mesmo; as respostas surgiam como símbolos, e os símbolos tornavam-se reais, até finalmente emergirem como as experiências que acabei de descrever neste capítulo. O poema diz coisas que não podem ser ditas em prosa e, nesse sentido, representa a afirmação mais clara que consigo fazer, até agora, acerca da “experiência reveladora” e da sua origem.

Os Oradores

Deixem-me, então, como oradora, falar
com estas vozes que emergem através de mim,
minhas, mas não o eu que conheço,
que luta no mercado pelo pão,
ou se abate num dia cinzento. Antes,
estas vozes, daimons, com os seus próprios poderes, antigos
e ainda assim novos, deixam a sua marca em mim

¹⁵ **Explicitação:** as experiências místicas são enquadradas como traduções entre níveis — duas leituras do mesmo processo:

(1) comunicação entre Aspetos;

(2) reorganização da experiência interpretada como mensagem externa.

tão certamente como a tinta nas páginas de um livro.

Sou sagrada, mas apenas como o são as folhas,
e miraculosa, mas apenas como o é o vento
que irrompe pela janela aberta da minha mente,
enchendo-a com tempos e lugares que ganham vida
e abrem a geografia do meu cérebro,
acrescentando continentes, rios, vales suaves e arqueados
que antes não existiam,

completando os meus céus interiores, nos quais
novas estrelas e planetas aparecem
para espantar os pastores dos meus pensamentos,
que celebram novos nascimentos incessantemente
e olham para cima, com as mãos perdidas no tecido lanoso da terra,
os olhos, em assombro, espelhando o universo em constante mudança.

Na minha mente chegam vozes que falam
com a eloquência de carvalhos antigos aos quais foi dada fala,
e assim a sua sabedoria graciosa e as suas interrogações elevam-se
com uma ressonância selvagem, mas repousante,
que paira muito acima dos meus ouvidos afinados pelo quotidiano.

E outras falam com canções menores, mas ainda mais plenas,
cantadas antes de soar a primeira palavra,
como se cada átomo e molécula ansiasse por expressão
e, através de mim, exprimisse a pertença profunda
que os lança em forma e os transforma
com tal ternura veloz que caem
de uma imagem para outra, amando cada uma,
mas permanecendo apenas o tempo suficiente
em cada uma para animar o seu movimento mágico
com cânticos biológicos que fazem cada coisa ser ela mesma,
e ainda assim membro da sua espécie.
Assim, deixo agora estas vozes falar
e escuto o que é dito
através dos padrões giratórios
da minha vertiginosa condição de criatura.

“Musas? Deuses da terra? Espíritos?”
O intelecto cansado, como um viajante solitário na noite,
treme e exclama: “Quem está aí?”

e volta a cabeça, receoso, suspeitando o pior
de uma companhia tão pouco convencional.

“Quais são as vossas credenciais?

De que escola honesta de conhecimento vindes?

Por que me importunais com essas histórias absurdas,

quando devo seguir o meu caminho

ocupado com os detalhes sérios que dizem respeito à minha vida?”

Assim pergunta o intelecto, franzindo o sobrolho, detendo-se sem saber

no limiar de si próprio, de onde,

embora o tenha esquecido,

as musas vieram pela primeira vez.

Agora parecem-lhe estranhas, quase alienígenas, confundindo-o,

acrescentando o seu sussurro

ao murmúrio constante que ele transporta como um saco

de mantimentos a tilintar na sua cabeça.

Uma voz diz: “Os frutos dos teus pensamentos estão a apodrecer.

São demasiado velhos; o seu sumo pegajoso

serve apenas para apanhar moscas.

O pão do teu esforço está encharcado

e pesado no cesto da tua mente.”

Outra voz diz:

“Por que és tão hesitante e solitário,

e tão receoso pela tua dignidade,

que recusas a nossa companhia?

Certamente te lembras de nós — as vozes

no berçário que falavam

através da luz do sol, das sombras, do mobiliário;

os nomes que conhecias antes de as palavras faladas

diagramarem a tua escuta

e te tornares tão seletivo

quanto ao que te permitias ouvir?”

Sou um vórtice

a girar-me na teia mágica do meu ser,

tecendo as estações fio a fio,

noite após dia.

As semanas cintilam

nos ninhos translúcidos das interseções dos meses,

através dos quais me movo

e me estendo.

A minha vocação surgiu subitamente
quando a minha idade adulta encontrou a criança antiga,
e, num instante, a minha hora falou o seu próprio alfabeto
e formou uma palavra mágica
que ecoou
pelos campos amarelos de margaridas do conhecimento das minhas células,
convocando todas as partes perdidas de mim
que tinham caído em imagens fragmentadas,
ou se tinham desfeito como as margens
de continentes férteis, quebrando-se
em pequenas ilhas irregulares de pensamento abandonado.
A palavra reuniu o leste e o oeste,
o norte e o sul,
e, como um íman, atraiu
os extremos mais distantes para uma única melodia,
o discordante foi tecido em simetria.
A minha respiração é um rio aéreo
que me transporta para dentro e para fora
em mundos tão ricos que me surpreendo
com os remansos superficiais em que antes caminhei;
o rio — o ritmo da minha natureza —
no qual sinto o meu lugar e ouço o meu tom com clareza,
e ainda assim fundido com tudo o mais.

Invisivelmente, para além do limite do toque, sinto
realinhamentos a reunirem-se triunfalmente,
celebrações como as de filhos pródigos há muito esquecidos que regressam a casa.

Os meus olhos entoam uma nova linguagem,
as minhas mãos unem-se como estrelas formando uma nova galáxia,
uma aliança em que a sua sabedoria
fala com alegria dos seus duplos cinco mundos.
As sombras das pontas dos meus dedos
projetam-se em paisagens interiores,
conjuram magia das florestas
e traçam caminhos através dos séculos
por onde os meus irmãos caminham.
O meu corpo conhece o seu foco sagrado de carne
neste lugar e tempo,
e sente o seu próprio cântico cantar-se a si mesmo
através da substanciação desta forma.

E outros oradores, sem língua,
falam através das pontas dos meus dedos,
sonham nas cavernas ocultas do meu sangue,
repousam na minha condição de criatura,
aqueles que outrora caminharam pela terra como nós agora
e falaram — e voltarão a falar.

Assim como lhes dou voz,
assim também eles, por sua vez, falarão por mim.
Uma pequena aldeia, outrora em Espanha,
pode, por um momento, aninhar-se na minha mão,
formando agora uma minúscula célula
de átomos e moléculas familiares,
em vez de casas, celeiros e campos,
envolvida por montanhas de osso liso
sob a lua brilhante do cérebro,
e cada pequena estrutura conservar intacta
a memória de rei, criado, dona de casa, tolo ou ladrão,
cada um vivo e no seu lugar,
de pé à porta da sua alma,
tão querido —
e, por um tempo, sem voz.
Cada forma que o meu corpo conhece,
dentro ou fora desta carne mágica,
transporta a memória de lareira, campos e bosques,
e, uma vez mais, sob forma diferente,
falará por mim — eu que lhes dou voz.

Sou consumida
e, ainda assim, renascida de um ventre diferente,
recriada
a partir de um self anterior que mesmo agora
se desvanece na memória e se torna
um átomo na mão de alguém,
uma folha caída em terra fresca
para, ela própria, renascer,
ou uma partícula de pó a flutuar junto à minha face,
agora irreconhecível
e afastada de mim.

Quem fala?
Ainda assim, falando pelos que não têm voz,

encontro a minha voz
e já não gaguejo
através de silêncios áridos,
pois estas vozes,
que não são minhas,
voam nas minhas asas e eu nas delas,
até que há apenas
voo.

Vivem os oradores?
As suas vidas imensas atravessam as nossas,
e através das pupilas dos seus olhos
olhamos para um universo.
Tudo o que conhecemos ou vemos
é apenas um detalhe num esquema tão avassalador
que agora, ao escrever, enfraqueço
e choro porque aquilo que sinto
escapa às minhas palavras, que não conseguem conter
tal evidência interior,
pois fico com lacunas tão vastas
que o não dito é tudo —
e ali — aquilo que não consigo apreender —
é o que eu sou e o que tu és.
Os meus pensamentos são tão incapazes quanto as minhas mãos em concha
de captar estes significados,
e as nossas vidas
são como as sombras das pontas dos meus dedos.
Assim somos nós
enviados por outros,
parentes imensos, numa família tão vasta
e ainda assim na qual cada membro
se banha.
Assim falo palavras
que não são minhas nem tuas,
mas deles,
e assim dou voz à natureza
da forma humilde que me é possível.

Verdadeiro ou falso?
Estas vozes vivem em domínios
onde verdadeiro e falso não têm significado,
e elevam-se com um fogo

que nunca encontra forma final,
mas expressa o espírito
com uma chama
que forma todos os mundos
e está por detrás
das verdades que conhecemos.
E assim aponto
para verdades para além da vida ou da morte,
nas quais o berço e a sepultura
se dissolvem
num cálculo mágico onde
cada um tem o seu lugar.

Síntese Operativa

Este capítulo reorganiza a noção de "Deus", "deuses" e "vozes" não como entidades externas, mas como configurações de organização da experiência.

O movimento estrutural é claro:

- não há exterioridade ontológica → há campo
- não há entidades separadas → há diferenciações do mesmo sistema
- não há comunicação externa → há tradução entre níveis

O núcleo estabiliza-se em três eixos:

1. Deus como processo (não entidade)

Não é um "ser" localizado, mas um acontecimento contínuo de organização.

A formulação "Deus como acontecimento" desloca a leitura de identidade para dinâmica.

2. Interioridade como estrutura (não localização)

O "estar dentro" não é espacial, mas estrutural:

- toda a experiência ocorre no campo (psique)
- a distinção dentro/fora é uma construção da PF

3. Vozes como interfaces (não alteridades independentes)

"Oradores", musas, Seths:

- não entidades separadas
- mas formas de mediação entre níveis do self

Cadeia funcional estabilizada

campo (psique)

→ padrões

→ eventos

→ tradução (mente/PF)

→ objetivação

→ experiência (acontecimentos)

As “vozes” surgem nesta transição como formas de tradução experiencial.

Reconfiguração crítica introduzida pelo capítulo

Não é:

eu a aceder a algo externo

É:

reorganização do próprio sistema que se experiencia a si mesmo em diferentes configurações

Dupla leitura estabilizada

Leitura experiencial

– vozes

– deuses

– visões

- comunicação

Leitura estrutural

- padrões
- Aspetos
- reorganização do campo
- tradução entre níveis

→ duas leituras do mesmo processo

Função do poema “Os Oradores”

O poema não acrescenta conteúdo — muda o modo de acesso:

- suspende a lógica linear
- permite tradução simbólica direta
- reduz filtragem da mente

Ou seja:

→ funciona como interface alternativa de acesso ao campo

Fecho estrutural

O capítulo estabiliza a seguinte compreensão:

A experiência não ocorre num mundo externo ao self — ocorre como organização interna de um sistema distribuído, no qual diferentes configurações (Aspetos) comunicam através de formas experienciáveis (vozes, símbolos, visões).

E, no limite:

“Deus”, “deuses” e “vozes” são diferentes níveis de descrição do mesmo processo organizador.

CAPÍTULO 18

Esfera de Identidade.

Eventos como Estruturas Invisíveis

No poema “Os Oradores”, falei de “parentes maciços”. É quase impossível explicar o que quero dizer com isso em termos comuns; não se trata, certamente, de gigantes físicos. Talvez “consciência expandida” seja a formulação que mais se aproxima. Seremos então consciências embrionárias, infantes nesse sentido, sendo alimentados à colher com uma configuração de experiência de cada vez? Estaremos ligados à nossa área de vida da experiência física, com apenas os sonhos ou visões a darem-nos um pequeno vislumbre do que está para além?

Penso que há mais do que isso. Penso que cada um de nós possui uma “esfera de identidade” que mal começámos a explorar. Antes de mais, porém, observe o Diagrama 7. Ele mostra a *Personalidade de Foco* tal como a descrevi até agora.

O círculo representa a *Personalidade de Foco* num momento do nosso tempo, à medida que se desloca ao longo da área de vida. A área de vida é o nosso nível de experiência física, porque é apenas aqui que os eventos interseitam com o espaço e o tempo. O nível interno da experiência é composto por eventos prováveis — configurações estruturadas no campo psíquico — que correspondem à expressão, no campo, das configurações possíveis da *Esfera de*

Identidade. A partir deles, escolhemos de acordo com os nossos desejos e intenções.

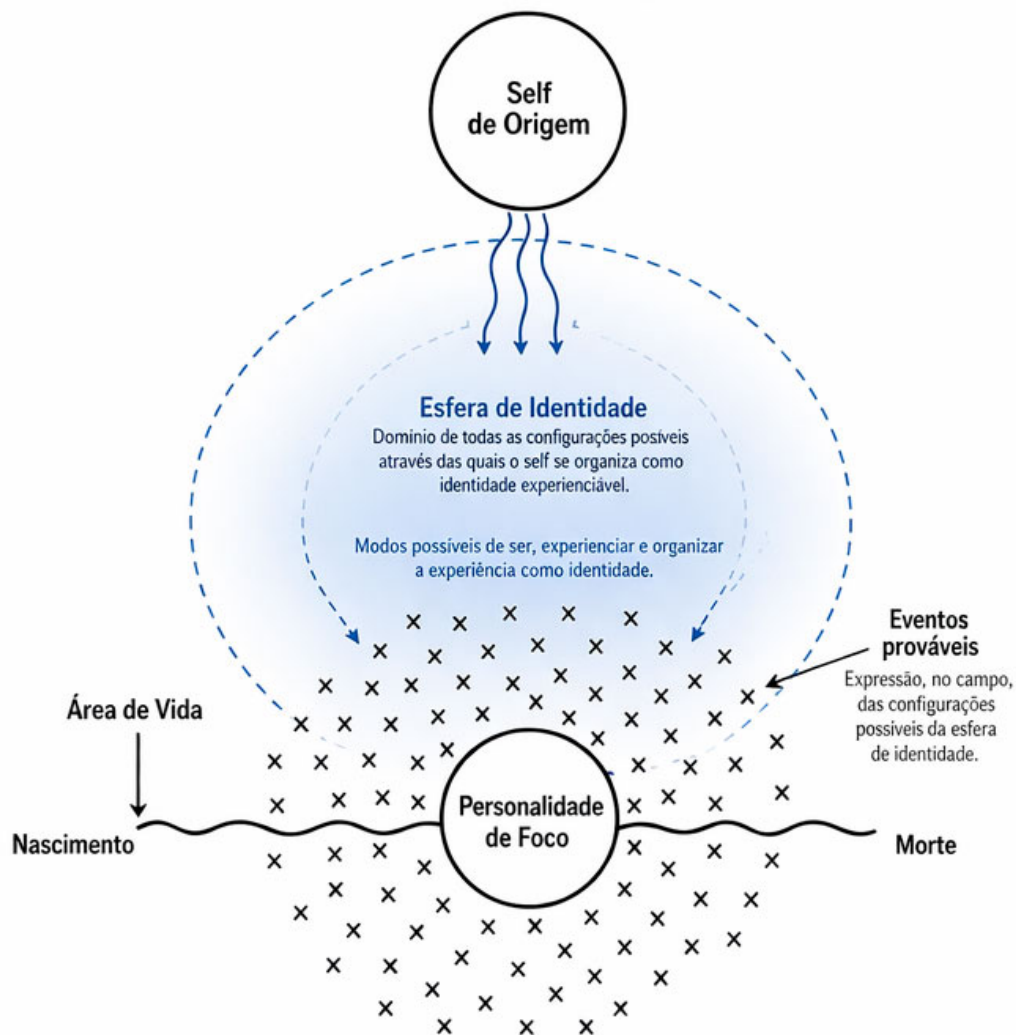
Os eventos prováveis que aceitamos são objetivados como experiência física na área de vida. Toda a experiência acontece, de facto, em simultâneo, mas as propriedades da área de vida formam um aparente passado e futuro.¹

O Diagrama 7 representa o *Self de Origem* e a *Personalidade de Foco* como se o aquele estivesse posicionado acima do campo tridimensional. Na verdade, estaria dentro dele, na *Ordem Interna dos Eventos*, enquanto a *Esfera de Identidade* constitui o domínio intermédio através do qual essas configurações se tornam experienciáveis como identidade.² O Diagrama 8 é uma tentativa de mostrar uma perspetiva interna, a partir do ponto de vista do *Self de Origem*, à medida que este “encara” a nossa experiência na área de vida.

¹ **Explicação:** “eventos prováveis” correspondem a configurações estruturadas no campo que ainda não foram selecionadas pela personalidade de foco — duas leituras do mesmo processo, ou seja, possibilidades organizadas — padrões disponíveis para objetivação.

² **Explicação:** “acima” vs “dentro” não descreve localização espacial, mas enquadramento de observação.

Diagrama 7.
A personalidade de foco tal como descrita até agora,
envolvida pelo seu nível interno de experiência.
(com a esfera de identidade explicitada)

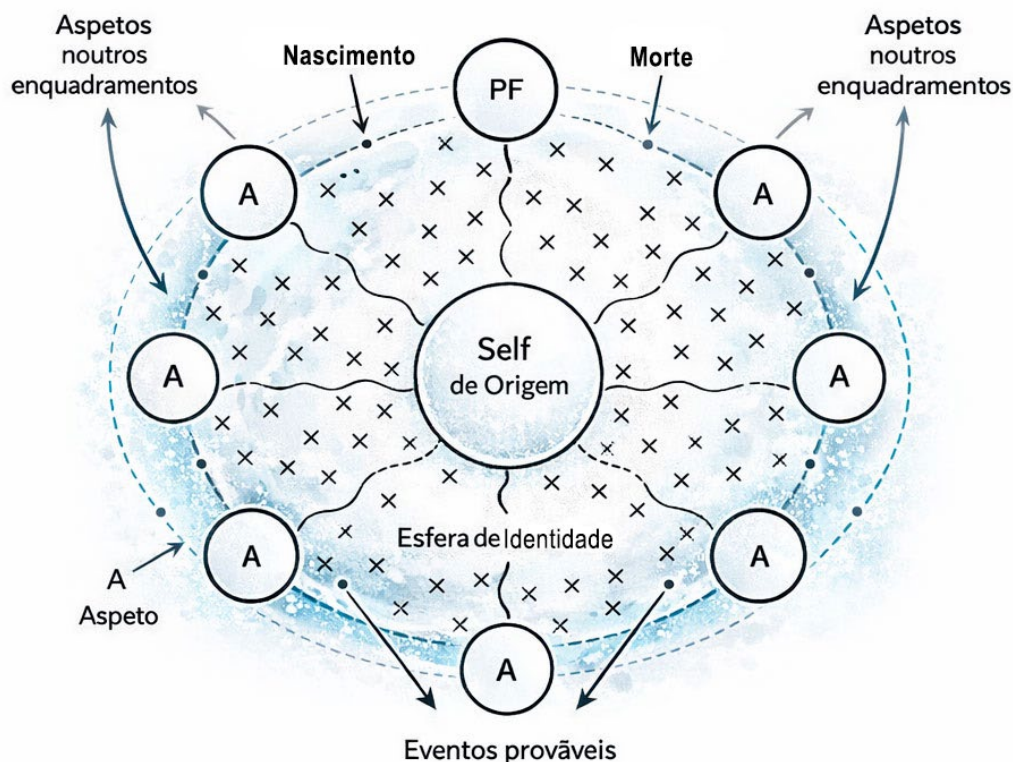


Os X representam eventos prováveis — configurações estruturadas no campo psíquico — a partir dos quais a personalidade de foco seleciona a experiência física.

Diagrama 7.³

³ **Explicitação:** os eventos representados não correspondem apenas a possibilidades de experiência, mas a configurações já alinhadas com a esfera de identidade, isto é, com os modos possíveis através dos quais o self pode organizar-se como identidade.

Diagrama 8.
A esfera de identidade e a sua ordem interna de eventos



Uma perspetiva interna da **personalidade de foco (PF)** e da sua **área de vida**, a partir do ponto de vista do **Self de Origem**.

O círculo exterior representa a **esfera de identidade** — domínio de configuração do self — na **ordem interna dos eventos**, a partir da qual emergem *todas as probabilidades*.

Diagrama 8.⁴

Aqui, o grande círculo representa uma *Esfera de Identidade* que emerge do *Self de Origem*. Esta *Esfera de Identidade* encontra-se em constante movimento e em permanente transformação. O pequeno círculo na área de vida representa a *Personalidade de Foco* na experiência física.

⁴ **Explicitação:** a esfera de identidade não corresponde a um limite físico, mas ao domínio de configurações através do qual o self se organiza como identidade. Os eventos representados constituem a expressão, no campo psíquico, dessas configurações possíveis — duas leituras do mesmo processo:

(1) identidade em potencial;
(2) experiência em formação.

Este diagrama mostra, na verdade, a área de vida sob uma perspectiva mais fiel, como uma curva, e não como uma linha reta, embora a nossa percepção física a faça parecer linear, conduzindo do nascimento à morte. (Da mesma forma, os nossos sentidos dizem-nos que a Terra é plana — não caímos dela.) Mas esta curva da existência física também possui picos e vales, bem como profundidades que normalmente não exploramos. Teoricamente, poder-se-ia viver “eternamente” numa única duração de vida, permanecendo firmemente ancorado nessa curva ao explorar estes “pontos de momento” — os picos e vales que se desdobram a partir de qualquer instante.

De acordo com o Diagrama 8, a *Personalidade de Foco* corresponde a uma configuração da *Esfera de Identidade* do *Self de Origem* que intersesta a experiência na área de vida tridimensional. As experiências da *Personalidade de Foco* resultam, então, da “fricção” através da qual eventos internos são desencadeados como acontecimentos físicos nessa interseção.

A Personalidade de Foco atrai eventos internos que se precipitam para a objetivação. Vejo, de facto, a Personalidade de Foco como o oposto psicológico de um buraco negro, pois através dela os eventos internos fluem para a objetivação, a massa e o peso emergem, o tempo desdobra-se como experiência, e um universo de fenómenos objetivados passa a existir. ^{*5}

* Os físicos postulam a existência de buracos negros no espaço. Estes são remanescentes de estrelas gigantes colapsadas que se tornaram tão inimaginavelmente densas, com uma gravidade tão enorme, que nada pode escapar delas, nem mesmo a luz. São regiões invisíveis nas quais o tempo e o espaço perdem o seu significado, e a matéria se desintegra. Alguns físicos teorizaram também que a energia “perdida” nos buracos negros surge noutra universo sob a forma de um buraco branco.

⁵ **Explicitação:** o “buraco branco psicológico” não corresponde a um fenómeno físico, mas a uma função de organização da experiência — o ponto através do qual eventos do campo são estruturados como acontecimentos na área de vida.

Caímos através deste “buraco branco psicológico”, experienciando o mergulho do tempo e a transformação dos eventos numa única direção. É, pelo menos, possível que outras consciências “caiam para trás”, a partir de uma fonte no outro lado; e talvez, apesar de tudo o que pensamos saber, outras pessoas estejam a mover-se para trás no tempo tão rapidamente quanto nos parece que estamos a avançar através dele.⁶

Mesmo fisicamente, somos eventos neste universo, constituídos pela mesma substância que o compõe. Podemos ser, num certo sentido, buracos brancos, mas, se assim for, não teríamos consciência disso. Assim como o tempo desaparece num buraco negro e a matéria se desintegra, também, através de buracos brancos psicológicos, o tempo é organizado como experiência e a matéria formada como objetivação, a ritmos que, do interior, parecem perfeitamente normais e lógicos.⁷

Os buracos brancos psicológicos seriam finitos. Na morte, ocorreria um processo inverso. Poderíamos então transformar-nos em buracos negros psicológicos, nos quais o tempo se desagrega e a matéria se dissolve nos seus componentes; o peso e a massa desaparecem e a luz não é emitida. A luz pode estar presente, mas, do exterior do buraco negro, não seria perceptível. Mais adiante,

⁶ **Explicitação:** o “movimento no tempo” não descreve uma deslocação literal, mas a forma como a experiência é organizada sequencialmente — duas leituras do mesmo processo:

(1) fluxo temporal;

(2) ordenação experiencial dos eventos.

⁷ **Explicitação:** a analogia com buracos negros e brancos descreve processos opostos de organização — dissolução (desagregação da experiência) e objetivação (formação da experiência) — duas leituras do mesmo processo:

(1) fenómenos físicos;

(2) dinâmicas da consciência.

desenvolveremos um pouco mais esta analogia, examinando o que poderá acontecer à natureza da consciência sob tais condições.⁸

Por agora, observemos mais de perto a natureza dos eventos tal como os encontramos. De um modo geral, a experiência da *Personalidade de Foco* envolve eventos específicos na interseção espaço-tempo, mas, como a precognição demonstra — isto é, a percepção de eventos fora da sequência temporal da área de vida — alguns eventos não são experienciados dentro desse enquadramento. Um evento deste tipo não existe, ainda assim, para quem o percebe, como um acontecimento comum. Um desenvolvimento futuro “visto” agora continuará a ocorrer no futuro, e não no momento da percepção. Por exemplo, se A tem uma visão em que B morre numa determinada data futura, e se esse evento provável se concretiza, então ocorrerá nessa data futura, e não no presente da percepção. Para quem percebe, o evento pode parecer acontecer duas vezes; mas, quando ocorre, acontece na sua própria interseção espaço-tempo.

Um evento desse tipo pode estar a ocorrer no campo de consciência livre, na ordem interna dos eventos, onde se encontra num estado provável (do nosso ponto de vista). Como já referi anteriormente neste livro, acredito que as células são “precognitivas”. (Seth sempre insistiu na precognição como característica celular.) Certas correlações podem ser estabelecidas automaticamente a níveis profundos do corpo, em que, por

⁸ **Explicitação:** este “processo inverso” não implica destruição da identidade, mas reorganização da experiência fora da área de vida — duas leituras do mesmo processo:

(1) fim da existência;

(2) transição de enquadramento experiencial.

exemplo, as nossas células podem “saber” quando os nossos pais irão morrer. Por vezes, esses conteúdos podem emergir à consciência. Não acredito em qualquer forma de predestinação; vejo os eventos, em qualquer fase, como plásticos. Assim, esses “chamamentos celulares da morte” podem frequentemente surgir e desaparecer, refletindo condições em mudança, a superação de doenças, e assim por diante. Mas, em certos níveis, as nossas células podem refletir o estado de saúde ou doença dos nossos filhos e pais, de uma forma que nada tem a ver com hereditariedade nos termos habituais.

Pensamento estranho: mas poderá a cura de um membro da família também contribuir para a cura de outro que sofra de uma condição completamente diferente? Os sintomas de qualquer doença são apenas a manifestação superficial do evento-doença; as suas raízes podem ter ligações muito diferentes daquelas que supusemos.

Observemos a composição dos eventos. Também eles são compostos por energia, tal como os objetos, mas ainda não aprendemos a isolar os seus componentes. Os eventos, ao que parece, precisam de ser experienciados pessoalmente para terem significado para nós. No entanto, uma árvore que cai numa floresta é um evento ao nível do foco do mundo, quer alguém veja ou ouça a sua queda, quer não. O facto de a ouvirmos ou vermos cair são apenas formas possíveis de percecionarmos o que acontece. A árvore cai, independentemente de o sabermos. O solo reage às ondas sonoras à sua maneira, sem necessitar de ouvidos. A reação

do solo é parte do evento, tal como a nossa reação a qualquer evento também o é.⁹

Enquanto pensarmos os eventos como definidos e concretos, separados de quem os percebe, como se fossem objetos psicológicos fixos no espaço e no tempo, já totalmente formados, a sua verdadeira natureza e relação escapam-nos; não vemos os átomos e moléculas que compõem uma mesa, mas sabemos que estão lá, sob a sua aparência sólida, e do mesmo modo podemos aprender a perceber os “átomos” de um evento, olhando para além do acontecimento aparente e reconhecendo os inúmeros microeventos que existem dentro ou por baixo da sua superfície. O acontecimento físico corresponde apenas a um momento de estabilização — um movimento que, ao tornar-se experienciável, parece fixo no tempo — e é precisamente essa aparente fixidez que encobre a natureza plástica dos eventos, na qual se agrupam múltiplas probabilidades em torno de qualquer ação na interseção espaço-tempo, tornando possível a liberdade de escolha.

Essa plasticidade manifesta-se também na organização do corpo, cuja integridade assenta neste meio dinâmico de eventos; a certos níveis, as células realizam ajustamentos contínuos, selecionando e excluindo probabilidades para manter a estabilidade corporal, de tal modo que a condição do corpo, em cada momento do nosso tempo,

⁹ **Explicitação:** o evento não é algo externo e isolado, mas um processo que inclui múltiplas formas de organização da experiência — duas leituras do mesmo processo:

(1) acontecimento no campo;

(2) participação experiencial do observador.

resulta desse equilíbrio ativo. Seth aborda este tema em *A Natureza da Realidade Pessoal*.

É essa mesma plasticidade que se torna particularmente evidente no estado de sonho, onde a experiência não se encontra rigidamente ancorada na área de vida e permite lidar com versões mais abrangentes dos eventos, combinando e reorganizando sequências possíveis num modo de consciência que opera diretamente sobre a sua composição interna; nesse contexto, aquilo que virá a ser experienciado pode começar a configurar-se, e alguns sonhos podem já corresponder à tradução de experiências que não captamos diretamente, envolvendo níveis de percepção para além das palavras e imagens tal como as conhecemos.

As imagens são fundamentais para a percepção física. São também, inevitavelmente, formas estereotipadas de experienciar a realidade. Os nossos sentidos apresentam-nos um conjunto organizado do mundo. Raramente percebemos que se trata de um processo de montagem, no qual, a outros níveis, organizamos os elementos, estruturamos os conteúdos e depois apresentamos o resultado à consciência como se fosse algo separado de nós ou da nossa própria criatividade. Assim, experienciamos os eventos da forma como o fazemos devido aos nossos sentidos. Estamos configurados para perceber o mundo segundo a organização experiencial da área de vida — isto é, através da forma como a *Personalidade de Foco* seleciona e estrutura os eventos — mas não existe uma razão fundamental para que não pudesse ser experienciado de forma diferente.

Se desviarmos o foco da nossa atenção da área de vida, ainda que ligeiramente, o mundo apresenta-se de forma diferente. É

sentido de maneira diferente. Percebe-se então que a experiência pode organizar-se segundo o nosso modo — e segundo outros também. Da mesma forma, a utilização de imagens poderia seguir padrões associativos diferentes daqueles que usamos, surgindo de forma distinta para outros sistemas de percepção organizados de outra maneira.

Diferentes configurações de consciência poderiam perceber um objeto ao mesmo tempo que este se transforma ao longo do tempo; ver, por exemplo, uma cadeira nova e velha simultaneamente; ou perceber uma cidade como um único objeto com múltiplas partes em movimento. Outros poderiam ver imagens formadas a partir do som, sem perceber os objetos como nós os vemos. Veriam uma nota musical como imagem, enquanto uma mesa poderia ser praticamente invisível, exceto pelos seus valores sonoros, que para nós passariam despercebidos.

Em tais enquadramentos, o que aconteceria aos eventos? Num tipo diferente de organização da experiência, ao pensarmos no tio Ellis, poderíamos ver simultaneamente todos os objetos associados a ele. Esses poderiam, no instante seguinte, ser substituídos por um conjunto completamente diferente de objetos ligados à tia Ellie. Ou seja, os eventos não são fixos, reorganizando-se conforme o enquadramento da experiência.

Uma mudança súbita de foco poderia, em princípio, levar alguém a experienciar o “ontem” enquanto os outros vivem o “hoje”. Dizemos que alguém vive no passado, embora partilhe conosco parte do presente através da sua existência no agora. Mas há situações em que ocorre exatamente esse tipo de deslocação, em que eventos do passado parecem sobrepor-se aos do presente. (Em várias ocasiões, por exemplo, observei a senhora Butts, já idosa,

reagir a um evento “passado” no nosso presente.) Nestes casos, estou convencida de que a organização experiencial da *Personalidade de Foco* se deslocou ligeiramente para fora da área de vida.¹⁰

O ponto central de tudo isto é que a nossa experiência dos eventos resulta de uma sintonia delicada da consciência com um determinado “programa terrestre”. Qualquer desvio em relação a essa frequência de base pode apresentar uma configuração da experiência completamente diferente.¹¹

Habitualmente, porém, a maioria de nós experiencia os eventos a partir do enquadramento sensorial reconhecido, na área de vida onde a integridade do corpo está firmemente enraizada. Por vezes, a doença ou certas substâncias dispersam o nosso foco habitual e permitem vislumbrar outros enquadramentos de experiência, outras formas de perceber e organizar conteúdos. Vemos então os eventos distorcidos, alongados ou encurtados, comprimidos, ampliados ou reduzidos. A menos que saibamos o que estamos a fazer, podemos perder a nossa orientação fina.¹²

¹⁰ **Explicitação:** não se trata de deslocação temporal literal, mas de reorganização do enquadramento experiencial — duas leituras do mesmo processo:

- (1) regressão ao passado;
- (2) mudança de configuração da experiência.

¹¹ **Explicitação:** o “programa” não é externo, mas uma forma de organização da experiência — duas leituras do mesmo processo:

- (1) realidade fixa;
- (2) padrão de organização da consciência.

¹² **Explicitação:** a alteração não ocorre nos eventos em si, mas no modo como são organizados pela consciência — duas leituras do mesmo processo:

- (1) distorção do mundo;

Este tipo de percepção não habitual leva-nos, no entanto, a questionar a natureza dos eventos em geral. Habitualmente, assumimos que as ações devem ocorrer simultaneamente no tempo e no espaço. Temos dificuldade em imaginar um evento a ocorrer no espaço, mas não no tempo, ou no tempo, mas não no espaço. No entanto, estou convencida de que todos os eventos ocorrem fora de ambos, nessa ordem interna de onde o tempo e o espaço emergem. Aquilo que percecionamos como um evento é apenas uma manifestação de processos mais profundos, para além do alcance da nossa percepção, que se entrelaçam através do universo.¹³

Há três semanas, Rob teve um sonho muito breve em que um homem e uma mulher desconhecidos pediam o dinheiro da renda. No sonho, Rob revia as contas, procurando recibos antigos. Contou-mo de manhã, e depois ambos nos esquecemos. Dois dias mais tarde, recebemos uma carta a informar que uma nova agência imobiliária passaria a gerir a casa onde temos os nossos apartamentos. A renda deveria ser enviada para um novo endereço. A carta mencionava também que representantes da agência viriam verificar os apartamentos e discutir os novos procedimentos.

A casa só mudou de proprietário uma vez nos doze anos em que aqui vivemos, e a mesma agência a geriu desde então. Quando recebemos a carta, percebemos que pelo menos parte do conteúdo do sonho correspondia ao que viria a ocorrer, ou seja, Rob tinha

(2) reconfiguração do enquadramento experiencial.

¹³ **Explicitação:** o evento percecionado não é a totalidade, mas uma atualização localizada — duas leituras do mesmo processo: (1) acontecimento no espaço-tempo;

(2) expressão parcial de uma organização mais ampla no campo.

recebido informação que se confirmou na experiência — estranhos viriam pedir a renda. Pensámos que era tudo.

No entanto, há uma semana recebemos um telefonema da nova agência: não tinham recebido o pagamento, embora Rob tivesse enviado o cheque. Rob procurou então o talão do cheque, que servia como comprovativo. Ao fazê-lo, lembrou-se novamente do sonho. E não ficou por aqui. Ontem, dois desconhecidos bateram à porta — um homem e uma mulher — para verificar os apartamentos em nome da agência.

O sonho de Rob pode ser compreendido como a percepção de um evento ainda não organizado segundo a interseção habitual da área de vida, no qual diferentes componentes — a mudança de gestão da casa, o envio da renda, a visita dos representantes — surgem simultaneamente, não por anteciparem linearmente o futuro, mas por refletirem uma configuração ainda não distribuída segundo a sequência espaço-temporal.

Aquilo que, na experiência física, se desdobra ao longo de várias semanas, aparece no sonho como um único campo de relações, evidenciando que o evento não está originalmente organizado no tempo, mas é posteriormente estruturado como tal quando se torna experienciável na área de vida. Nesse campo, a associação entre estranhos e renda surge como um núcleo inicial de organização que corresponde à mudança de procedimento do senhorio, anterior ao próprio sonho, enquanto a notificação física através da carta e os acontecimentos subsequentes se desdobram a partir dessa mesma configuração.

O sonho condensa estes eventos, combinando passado e futuro numa única configuração, enquanto, na experiência física, os acontecimentos se organizam sequencialmente no tempo; nesse

contraste torna-se evidente que, no estado de sonho, a percepção acede ao campo de consciência livre e apreende os eventos a partir de um enquadramento diferente.

Configurações do campo psíquico envolvem cada evento, mas apenas quando estas coincidem com a experiência tridimensional reconhecemos um acontecimento como físico. Mesmo assim, existem grandes diferenças na percepção do tempo. Sabemos pouco sobre o sentido temporal dos animais, e ainda menos sobre o de insetos, árvores ou plantas. Sabemos que é diferente do nosso, embora ainda dentro do nosso enquadramento experiencial.

É como se estivéssemos todos ligados a um vasto painel de conexões. Sinais ativam-se e desativam-se à medida que a sequência interna de eventos interseja a malha espaço-temporal e se torna ativa. A própria rede transforma automaticamente a ação interna em acontecimentos exteriores. Todos estamos ligados a essa rede enquanto vivemos; de facto, os nossos nervos e células fazem parte dela, recebendo e transmitindo continuamente.¹⁴

Cada um de nós é um evento terrestre, traduzido através dessa rede em atualidade física. Somos ativados, emitindo continuamente. O corpo é a estação de base da experiência, e através dele todas as ações físicas se manifestam. Estamos constantemente a ativar e desativar, embora a nossa consciência, sintonizada com a experiência terrestre, apenas reconheça certas frequências e não capte os intervalos de “inatividade”. É possível

¹⁴ **Explicitação:** a “rede” não é uma estrutura externa, mas uma forma de descrever a organização da experiência — duas leituras do mesmo processo:

(1) sistema físico;

(2) dinâmica de mediação entre campo e experiência.

que existam outras “estações de base”; que outros Aspectos da nossa identidade estejam sintonizados com outros enquadramentos de experiência, tal como nós estamos com este. Alguns poderão estar suficientemente próximos para que possamos aceder-lhes, influenciando subtilmente os nossos eventos.

O Diagrama 9 representa um evento total hipotético. Na realidade, vejo cada evento como interligado com todos os outros, pelo que essa distinção é apenas funcional. O evento percecionado e a *Personalidade de Foco* coincidem numa interseção experiencial, influenciando-se mutuamente: a Personalidade de Foco organiza o evento como experiência, e o evento reorganiza a Personalidade de Foco. O evento será experienciado de acordo com os modos de receção disponíveis ao observador. Esses modos variam, de tal forma que, mesmo na nossa dimensão, diferentes configurações de experiência podem emergir a partir do mesmo conjunto comum de eventos.¹⁵

Os animais experienciam eventos que também percecionamos, mas de formas inteiramente diferentes. Embora partilhemos certos eventos-base, os nossos modos de perceção e organização da experiência são tão diversos que organizam sistemas de existência que podem parecer completamente distintos.

Qualquer evento forma-se na interseção da organização consciente com o espaço e o tempo, num ponto de agora entendido

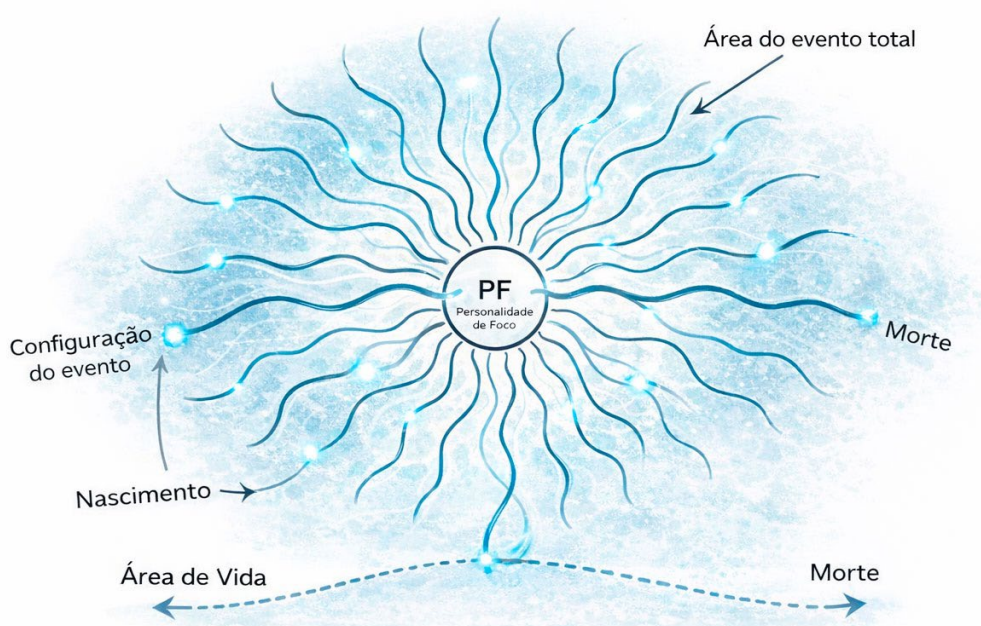
¹⁵ **Explicitação:** não há separação rígida entre sujeito e evento — duas leituras do mesmo processo:

(1) observador e acontecimento;

(2) coorganização da experiência.

não como um instante isolado, mas como um ponto de organização onde o evento se torna experienciável; a partir daí, as suas “ondas” propagam-se em todas as direções possíveis, estruturando, na área de vida, o que percebemos como passado e futuro. Quanto mais distante estiver um evento dessa área de vida, menos real tenderá a parecer; no entanto, o evento como um todo existe no campo de consciência livre, anterior a qualquer percepção.

Diagrama 9. Um evento total hipotético



À medida que se desloca ao longo da área de vida, do nascimento à morte, a personalidade de foco (PF) percebe uma porção da área do evento total numa interseção espaço-tempo.

Diagrama 9.¹⁶

O Diagrama 10 representa um evento de massa. Como já foi referido, o nível superficial da área de vida aproxima-se mais de

¹⁶ **Explicitação:** o “evento” não corresponde a um acontecimento isolado, mas a um campo de configurações possíveis que pode intersear múltiplas áreas de vida. Pode surgir como acontecimento localizado ou como evento coletivo, conforme o modo como essa interseção se organiza na experiência.

uma curva do que de uma linha reta. Os eventos de massa ocorrem quando um evento interseta simultaneamente as áreas de vida de um conjunto de *Personalidades de Foco*. Em termos de energia, há aqui um elemento explosivo, uma alteração global na configuração da experiência nesses pontos de interseção, tão real quanto um terremoto, provocando reajustamentos e, por vezes, reorganizações completas ao nível experiencial.

Quando eventos internos intersetam a experiência na área de vida tridimensional, pode ocorrer uma intensificação comparável, em termos de efeito, à colisão de átomos. Não estamos habituados a pensar os eventos desta forma. Na verdade, são estruturas não acessíveis diretamente à percepção na área de vida, tão complexas e variadas quanto os objetos físicos. Atraem-se e repelem-se, formam novas combinações e relações, tal como acontece nos sistemas celulares. Transformam-se, dando origem a diferentes configurações coletivas. Possuem componentes — equivalentes funcionais de núcleos e elementos orbitantes — e a sua realidade está integrada na nossa organização biológica e experiencial da *Personalidade de Foco*. Os eventos apresentam grande mobilidade e, de certo modo, podem ser compreendidos como dinâmicas organizativas: emergem, transformam-se e deixam de se manifestar na interseção espaço-tempo, enquanto outros aspetos da sua organização continuam a existir para além dessa interseção.¹⁷

¹⁷ **Explicitação:** os eventos não são entidades independentes, mas padrões de organização em transformação — duas leituras do mesmo processo:

(1) estruturas com comportamento próprio;

(2) dinâmicas do campo que se atualizam como experiência.

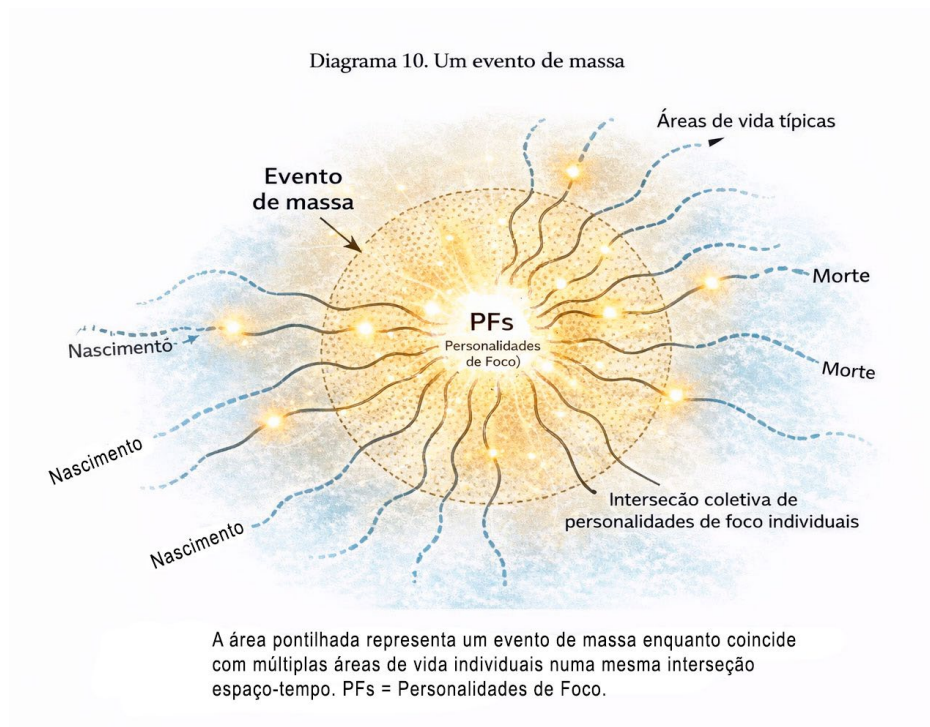


Diagrama 10.¹⁸

¹⁸ **Explicitação:** o evento de massa não corresponde a um acontecimento externo comum a todos, mas a uma reorganização simultânea de múltiplas experiências individuais — duas leituras do mesmo processo:

- (1) evento coletivo partilhado;
- (2) intersecção coordenada de várias configurações na área de vida.

Síntese Operativa

Este capítulo estabelece uma mudança decisiva na forma de compreender a experiência: o que habitualmente tomamos como “acontecimentos” são, na verdade, interseções locais de estruturas mais amplas — os eventos.

1. Reposicionamento fundamental

Não experienciamos eventos como totalidade.

Experienciamos:

- porções de eventos
- organizadas na área de vida
- segundo a estrutura da Personalidade de Foco (PF)

2. Estrutura operativa estabilizada

A organização da experiência pode ser descrita como:

- eventos → estruturas no campo psíquico
- PF → interface de seleção
- acontecimentos → eventos objetivados na área de vida

3. Esfera de identidade (integração chave)

A esfera de identidade surge como:

- domínio de configuração do self
- onde se articulam múltiplas identidades possíveis

Os eventos:

- emergem correlacionados com essa esfera
- constituem expressões estruturais dessas configurações

4. Natureza dos eventos

Os eventos deixam de ser entendidos como:

→ unidades fixas no espaço-tempo

e passam a ser compreendidos como:

→ estruturas dinâmicas de organização da experiência

com as seguintes propriedades:

- multidimensionais
- plásticos
- inter-relacionais
- não localizados
- parcialmente acessíveis

5. Cadeia operativa refinada

O capítulo clarifica a dinâmica:

campo (psique)

→ eventos (estrutura possível)

→ seleção (PF)

→ objetivação

→ acontecimentos (experiência)

6. Tempo e espaço (reinterpretação)

Tempo e espaço não são o contexto onde os eventos existem.

São:

→ formas de organização da experiência

Os eventos:

- não ocorrem “dentro” do tempo
- são organizados como experiência através dele

7. Precognição (reinterpretação estrutural)

A precognição não implica acesso a um futuro fixo.

Corresponde a:

- acesso a eventos ainda não objetivados
- percebidos fora da sequência temporal

8. Sonho e estados alterados

O estado de sonho permite:

- acesso a configurações mais amplas de eventos
- reorganização de probabilidades

Não cria eventos, mas:

- altera o enquadramento de acesso ao campo

9. Percepção como construção

A percepção não revela uma realidade dada.

É:

- um processo de organização experiencial

Os sentidos:

- estruturam a forma como os eventos são experienciados
- não definem a sua natureza

10. Evento total vs acontecimento

Distinção crítica:

- evento total → campo completo de possibilidades
- acontecimento → interseção localizada

A PF:

- não contém o evento
- recorta uma secção dele

11. Evento de massa

Um evento de massa corresponde a:

- interseção simultânea de um mesmo evento
- com múltiplas áreas de vida

Ou seja:

- sincronização de múltiplas PFs
- reorganização coletiva da experiência

12. Relação sujeito–evento

Não há separação rígida entre:

- observador
- evento

A relação é de coorganização:

- a PF organiza o evento como experiência
- o evento reorganiza a PF

13. Fecho estrutural do capítulo

A experiência deixa de ser compreendida como:

→ sequência de acontecimentos externos

e passa a ser entendida como:

→ processo contínuo de interseção entre campo e identidade

Formulação

A experiência não resulta de acontecimentos que ocorrem no mundo, mas da interseção entre estruturas do campo psíquico (eventos) e a organização da *Personalidade de Foco*.

Aquilo que chamamos “realidade” corresponde à forma como essa interseção é estabilizada na área de vida, sendo apenas uma expressão parcial de um campo de possibilidades mais amplo.

CAPÍTULO 19

A Experiência Terrestre como Buraco Branco

Tenho vindo a falar sobre a natureza dos eventos porque a nossa psicologia está intimamente ligada à forma como a experiência é organizada ao nível da Personalidade de Foco. Não apenas esta vida, mas qualquer sobrevivência após a morte implicaria um encontro com eventos de um tipo ou de outro. Após a morte, acredito que lidaríamos sobretudo com essa ordem interna de eventos referida anteriormente neste livro.

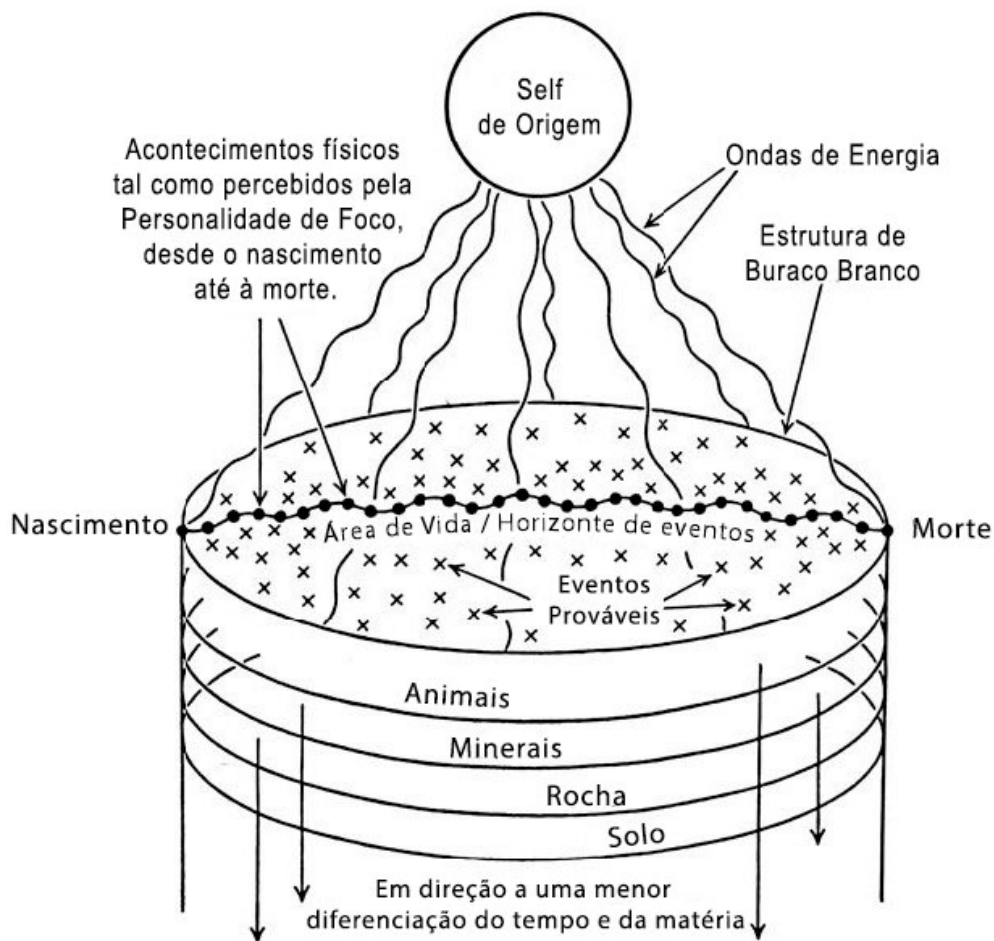
Que tipo de universo estruturado poderia explicar tanto os mundos interior como exterior? Se considerarmos o nosso universo como um buraco branco — o nosso universo exterior de percepção — temos, pelo menos, um enquadramento teórico que reconcilia a nossa atividade interna e externa, a nossa existência física, espiritual e psíquica; e o aparente dilema entre um presente simultâneo, em que todos os eventos acontecem ao mesmo tempo, e a nossa experiência quotidiana, na qual parece que progredimos no tempo do nascimento até à morte.

Como pode a privacidade da nossa experiência íntima ser preservada enquanto, noutra nível de realidade, todos os eventos — incluindo nós próprios — estão unidos? Como pode a nossa individualidade manter o seu esplendor singular perante uma

Sobrevida deslumbrante, na qual todas as coisas estão, em última instância, interligadas? A analogia seguinte oferece-nos, pelo menos, um enquadramento a partir do qual considerar tais questões e, acredito, proporciona-nos alguns vislumbres intuitivos importantes sobre a natureza da nossa realidade física e não física.

O Diagrama 11 representa a experiência terrestre como um buraco branco. Na ordem interna, os eventos precipitam-se em direção ao “horizonte de eventos”. Só são físicos enquanto se encontram efetivamente nesse horizonte de eventos. Acima e abaixo dele existe uma zona de suspensão onde as probabilidades permanecem em suspensão, de forma intemporal, nos bastidores, podendo ou não ser atraídas para o horizonte de eventos, consoante o que ali ocorre. Como analogia, os eventos prováveis dirigem-se para a atualidade física da mesma forma que os espermatozoides se dirigem para um óvulo. Os eventos no horizonte de eventos podem ser afastados pelo movimento e fluxo constantes que ali ocorrem, sendo então substituídos por outras ações prováveis que emergem para ocupar o seu lugar. (Existe também aqui uma correlação entre este comportamento e o dos elétrons e das armadilhas eletrônicas.)

Diagrama 11. A experiência terrestre total de uma Personalidade de Foco como um buraco branco.



Os nossos acontecimentos espaço-temporais mais específicos situam-se no "topo" da estrutura de buraco branco. A nossa área de vida corresponde ao horizonte de eventos.

O horizonte de eventos inclui, na realidade, várias camadas ou níveis sobrepostos, e o grau de imersão nesses níveis determina o tipo de consciência resultante e o nível do que chamamos autoconsciência. O tipo específico de "eu" com o qual nos identificamos — a Personalidade de Foco — existe apenas numa posição definida no horizonte de eventos.

Quanto mais profunda a imersão, menor a consciência (nos nossos termos) e menor a experiência do tempo como sequência focada. Mais "abaixo", há uma redução das distinções e dos

detalhes, e uma correspondência mais próxima com as condições que existem “acima” do horizonte de eventos.

O corpo físico (no horizonte de eventos) forma-se a partir de matéria que “emerge” dos níveis inferiores, e os seus componentes possuem propriedades de consciência autónoma particularmente adequadas para sustentar o tipo de mente consciente que temos — a qual não conseguiria lidar diretamente com o mesmo tipo de conteúdos e, ainda assim, manter o foco sequencial no tempo.

Existe um nível atmosférico interno acima e abaixo do horizonte de eventos, onde a ordem interna dos eventos se agrupa, sendo atraída para a atualização física. Há aqui um movimento constante, à medida que esses eventos prováveis colidem entre si, como eletrões; e a atualização final é orientada pelos pensamentos e crenças conscientes das *Personalidades de Foco*, que então experienciam os eventos como reais. As *Personalidades de Foco* recolhem e focalizam eventos e são, elas próprias, eventos conscientes — organizadores de atividade, eventos autoconscientes.

Aqui proponho a hipótese de um “*Self Nuclear*”, que corresponde à porção da *Esfera de Identidade do Self de Origem* que forma a *Personalidade de Foco*. O *Self Nuclear* expande-se para fora, e o seu movimento forma a *Personalidade de Foco* ao traduzir-se continuamente em forma física no horizonte de eventos, constituindo assim a área de vida individual. O *Self Nuclear* é a dinâmica organizadora em permanente emergência do Self de Origem a incidir nos campos tridimensionais, sendo livre de espaço e tempo. É essa dinâmica que gera o nosso nível pessoal de experiência, mas não está confinada a ele. O *Self Nuclear* pode

apreender simultaneamente toda a experiência provável da *Personalidade de Foco* e ajudá-la a efetuar escolhas.

Este *Self Nuclear* forma e mantém o corpo, conferindo às células a sua própria consciência autónoma, operando estas num “saber não focalizado” do quadro vivo total, estando sensíveis a probabilidades futuras para manter a integridade do corpo. O *Self Nuclear* possui, assim, grande liberdade de operação, embora geralmente esteja focalizado na *Personalidade de Foco* (ou self físico particulado). A *Personalidade de Foco* funciona quase como uma armadilha de eletrões, atraindo e retendo os fluxos do *Self Nuclear* que também a constituem, e atraindo eventos para a sua atualização.

Quando, na morte, o *Self Nuclear* se liberta do sistema tridimensional, a matéria que compunha o corpo decompõe-se nos seus componentes mais simples, regressando aos níveis mais básicos da organização física, onde é reutilizada como base para novas formas físicas.

O *Self Nuclear*, embora opere através da matéria — conferindo-lhe uma dinâmica autoconsciente e o “eu” da *Personalidade de Foco* —, permanece simultaneamente dos dois lados do horizonte de eventos, apreendendo o conjunto dos eventos prováveis. Não está, ele próprio, sujeito ao tempo — que é experienciado apenas nos seus limites ou fronteiras —, sendo a sua margem externa a *Personalidade de Foco*.

Tempo e o Horizonte de Eventos

O tempo é constituído no horizonte de eventos e é experienciado de forma diferente consoante a posição ou nível dentro dele. Na zona intermédia, é sentido com maior definição; torna-se menos

distinto nas extremidades, em direção ao nascimento ou à morte. A experiência do tempo também varia qualitativamente quanto mais “descemos” — isto é, quanto menor é o grau de diferenciação da experiência — para fora do nosso horizonte de eventos. Estamos habituados a pensar no tempo apenas tal como o experienciamos no nosso nível, mas passado, presente e futuro fundem-se, em certa medida, tanto abaixo como acima do nosso horizonte de eventos. Cada tipo de consciência possui, assim, o seu próprio horizonte de eventos, com o seu tipo característico de área de vida e de experiência temporal.

(De forma não focalizada, estamos continuamente sensíveis à telepatia e a probabilidades “futuras” ao nível do *Self Nuclear*; e, ao alterarmos o nosso foco [para o seu horizonte], podemos também perceber, até certo ponto, essa ordem interna dos eventos.)

Mais uma vez, a *Personalidade de Foco* é o self que conhecemos em relação aos eventos exteriores. É um Aspeto do *Self de Origem* na sua incidência no enquadramento tridimensional, mas o *Self Nuclear* corresponde à configuração operativa inicial dessa incidência do *Self de Origem*. Expande-se para formar a *Personalidade de Foco* individualizada, mantendo-se livre em relação a ela e contendo, em forma latente, todos os outros Aspetos do *Self de Origem*, que aqui se mantêm em suspensão — não acessíveis ao nível da *Personalidade de Foco*, mas constituindo a estrutura dinâmica do self que conhecemos. A sua ação só pode ser percebida através da sua relação com a *Personalidade de Foco*; é apenas desse modo que a sua presença pode ser sentida.

Mesmo o tempo comporta-se de forma discreta à superfície do horizonte de eventos, dando-nos a aparência de momentos; mas, quanto mais “descemos” — isto é, quanto menor é o grau de

diferenciação da experiência — para o interior do buraco branco, mais o tempo se torna progressivamente menos diferenciado. Assim, embora partilhemos o tempo com montanhas, insetos e árvores, alguns vivem durante séculos e outros apenas algumas horas. Isto não se refere à experiência subjetiva do tempo, que pertence à ordem interna dos eventos, ainda não decifrada.

Tudo o que está no horizonte de eventos torna-se experienciável a partir dessa ordem interna e emerge dela. Existe, novamente, menor diferenciação acima e abaixo do horizonte. Toda a energia — entendida aqui como dinâmica organizadora — que entra neste sistema é transformada nas suas características, que incluem massa, peso, matéria e relações espaço-temporais. A partir de dentro do sistema, é quase impossível obter uma noção clara da ordem interna dos eventos, devido a esta tradução constante em manifestação exterior. A partir de dentro, tudo parece consistente: as leis parecem ser as únicas porque são as únicas que observamos. Até os nossos cálculos mentais estão implicados, pois os nossos cérebros operam com matéria e são constituídos por ela.

Ainda assim, podemos alterar o nosso foco até certo ponto e, momentaneamente, retirar a atenção da linha de experiência que se autoconfirma, concentrando-nos naquelas experiências que não se enquadram, que perturbam a imagem oficial e contradizem aquilo que pensamos saber. Acabaremos, creio, por ficar com duas visões distintas do mundo: uma objetiva e outra subjetiva, ambas válidas e reais, mas pertencentes a ordens de eventos diferentes.

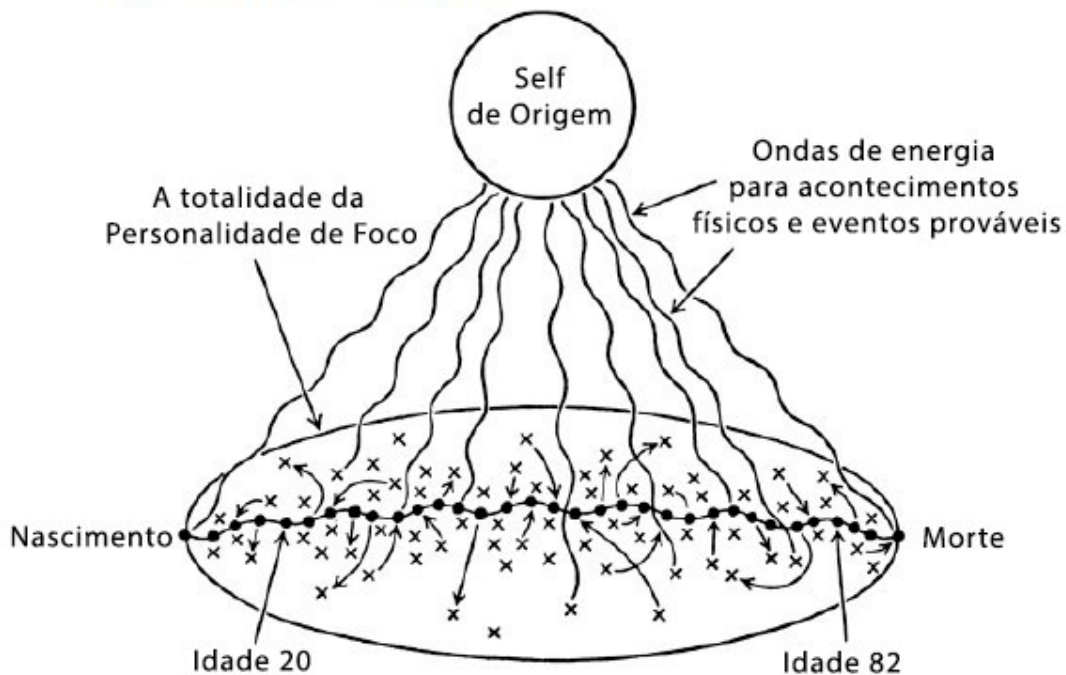
Estados alterados de consciência podem ser particularmente eficazes nesse sentido, assim como o estudo dos sonhos, mas com uma atitude diferente. Existe uma paisagem interna da mente, traduzida nas dobras convolutas do cérebro — onde as coisas

acontecem primeiro, onde a criação está sempre a acontecer agora, onde a consciência irrompe na atualidade física tanto quanto alguma vez aconteceu num hipotético início.

A inspiração, artística ou de outra natureza, permite-nos frequentemente perceber essa ordem interna; e é muitas vezes considerada irracional porque a imagem inspirada é tão diferente da imagem oficial. Não admira que frequentemente se associe génio a loucura, pois o verdadeiro génio apreende, muitas vezes, essa ordem interna. Estes dois tipos de realidade constituem o nosso mundo, mas um deles permanece como a estrutura invisível da realidade física.

A *Personalidade de Foco* só está completa na totalidade da sua existência tridimensional — isto é, na sua morte. Todas as suas experiências existem simultaneamente, apesar de ela as perceber em série — mas os eventos estão em constante mudança, como no instante vital de impacto, em que a energia se projeta em todas as direções prováveis. Isto gera movimento e fluxo contínuos em todo o padrão de vida (ver Diagrama 12).

Um movimento, por exemplo aos oitenta e dois anos, pode “deslocar” um evento que “ocorreu” aos vinte, e as escolhas que fazemos em qualquer agora substituem completamente outros atos, removendo-os da linha física de experiência e do nosso foco, trazendo à superfície outros eventos que, “até então”, eram apenas prováveis (ver Diagrama 13).

Diagrama 12. A totalidade da vida de uma Personalidade de Foco

Existe uma troca constante entre eventos prováveis (os "x") e acontecimentos físicos (os círculos pretos na área de vida). Quanto mais idade se tem, mais acontecimentos "passados" existem com os quais se pode operar.

Nos nossos termos, isto torna-se mais evidente perto do final da área de vida, quando dispomos de mais acontecimentos "passados" com os quais operar — e é precisamente nessa fase que frequentemente começamos a perturbar o nosso passado oficial. Penso que algumas das experiências da minha sogra envolveram este fenómeno, mas outros episódios na minha própria vida também me conduzem a esta conclusão. Mais uma vez, como normalmente seguimos a ordem reconhecida dos acontecimentos, não estamos habituados a procurar essas variações não oficiais, e é necessário esforço e treino para as identificarmos. Pretendo,

certamente, aprofundar este tipo particular de estudo.

Diagrama 13. Ampliação da troca constante entre acontecimentos físicos, eventos prováveis e o tempo.



Aqui, um acontecimento aos 82 anos desloca um acontecimento que "ocorreu" aos 20. Este último passa então a constituir um evento provável.

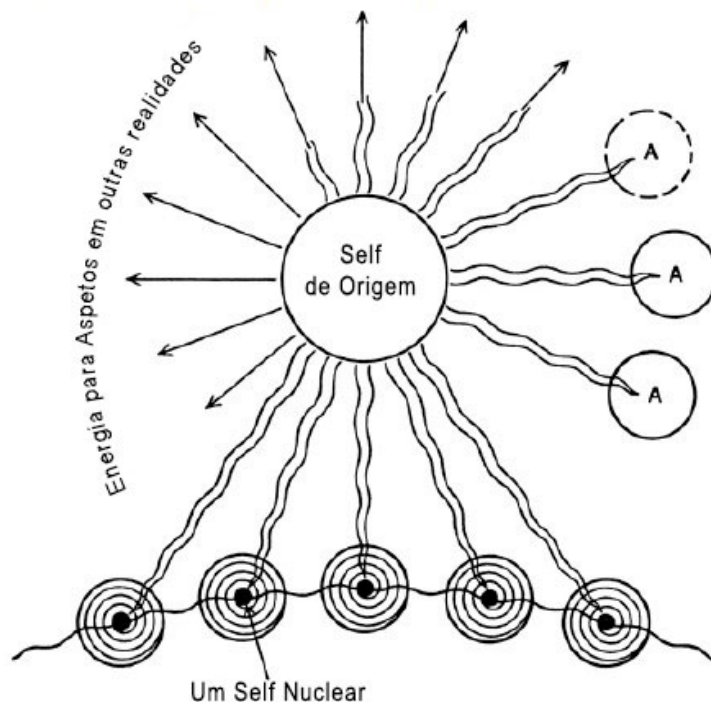
Estou convencida, por exemplo, de que os acontecimentos "passados" se alteram após a sua ocorrência no espaço e no tempo da área de vida — ou seja, depois de terem acontecido. Não penso que seja apenas a nossa atitude em relação a eles que muda. Enquanto nos focamos na continuidade em termos de tempo, esta alteração dos acontecimentos passados no presente torna-se funcionalmente impercetível. Os sonhos que envolvem experiências fora do nível habitual de vigília dão-nos também algumas pistas, pois, nos sonhos, creio que sintonizamos probabilidades e organizamos literalmente as nossas vidas quotidianas ao longo de toda a sua extensão, a partir de ambos os extremos da área de vida, simultaneamente — de acordo com os nossos desejos e crenças conscientes.

Mais uma vez, cada impulso do *Self de Origem* — apresentado como uma "onda" — expande-se para formar um *Self Nuclear*, que

por sua vez forma a *Personalidade de Foco* individualizada. Estes impulsos incidem continuamente no campo tridimensional, são atraídos para o horizonte de eventos e traduzem-se em experiência física (ver Diagrama 14). Assim, nestes termos, somos na realidade uma "série" de pulsações — seres conscientes e autoconscientes que possuem uma *Esfera de Identidade* muito mais ampla do que normalmente reconhecemos.

Estas pulsações intersetam o campo tridimensional simultaneamente, embora a *Personalidade de Foco* experiencie a sequência nascimento–morte. O *Self Nuclear* apreende o evento completo da vida terrestre como simultâneo. Para ele, pulsações posteriores ocorrem ao mesmo tempo que as anteriores; por isso, os acontecimentos podem ser alterados, até certo ponto, ao longo de toda a área de vida (ver Diagrama 15).

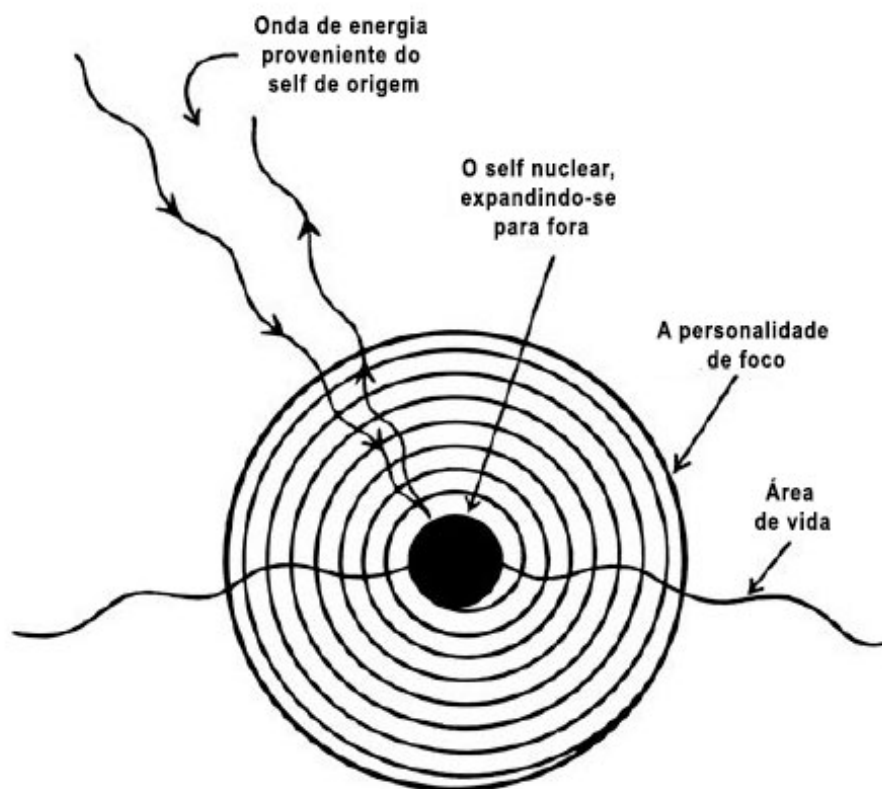
Diagrama 14. O self de origem, do nosso ponto de vista, formando uma série de selves nucleares



Cada onda de energia proveniente do self de origem forma o seu próprio self nuclear, que é livre de espaço e tempo. Cada self nuclear expande-se para formar a sua personalidade de foco na área de vida. A = Aspecto.

Acontecimentos anteriores, em qualquer presente, são experienciados pela *Personalidade de Foco* como acontecimentos “fantasma”, uma vez que a interseção espaço-tempo não é suficientemente precisa para formar uma percepção de “agora”. Estou convencida de que também contatamos, nos sonhos, eventos prováveis futuros, mas mesmo então a sua natureza futura pode não ser evidente, pois podem parecer destituídos de sentido no contexto da experiência presente. Sem dúvida, memórias do futuro passam despercebidas por esta razão, mas é possível que, com uma mudança de atitude, possamos lidar com a precognição com a mesma facilidade com que lidamos com memórias comuns.

Diagrama 15. A estrutura de um self nuclear na formação de uma personalidade de foco.



A margem externa do self nuclear é a personalidade de foco, que experienciar o espaço e o tempo.

No sono e nos sonhos, observamos a partir da ordem interna dos eventos para o exterior, mas de forma opaca, o mundo físico

objetivo. Os sonhos são acontecimentos presentes, não sendo experienciados na área de vida da mesma forma que os acontecimentos de vigília.

Do nosso ponto de vista, os eventos prováveis têm uma qualidade muito semelhante à dos eventos oníricos. O nosso horizonte de eventos é o único que reconhecemos, sendo nele que, para nós, a energia — entendida como dinâmica organizadora — se organiza em matéria e acontecimentos. Quaisquer eventos fora do nosso enquadramento de espaço e tempo existem, ainda assim, como probabilidades — não acessíveis ao nível da *Personalidade de Foco* e não fazendo parte da nossa realidade reconhecida. O *Self Nuclear*, contudo, mantém-nos acessíveis no plano não sequencial.

No entanto, dentro deste mesmo sistema existem um número ilimitado de horizontes de eventos como o nosso, nos quais outros eventos prováveis são atualizados e experienciados. Assim, dentro do mesmo sistema, existem histórias alternativas da Terra que continuam a acontecer, tão “reais” quanto a nossa. Qualquer intervalo de anos consecutivos — por exemplo, de 1900 a 1980 — é experienciado de formas infinitas, não como repetição, mas como crescimento contínuo a partir do próprio meio do sistema.

Como os horizontes de eventos são diferentes, os habitantes de um mundo provável não têm consciência dos outros mundos alternativos. Dentro de cada mundo provável existem séculos prováveis, e a consciência “renasce retroativamente” no mesmo sistema provável até transitar para outro enquadramento experiencial.

Num buraco negro, um milhão de anos seria sentido como um instante. Num buraco branco, um instante — ou um agora eterno — é experienciado na cognição em câmara lenta do tempo

consecutivo. Neste buraco branco hipotético, a identidade torna-se temporalizada e a *Esfera de Identidade* do *Self de Origem* fragmenta-se em segmentos de self, tal como um agora eterno se decompõe na aparência de uma série de momentos.

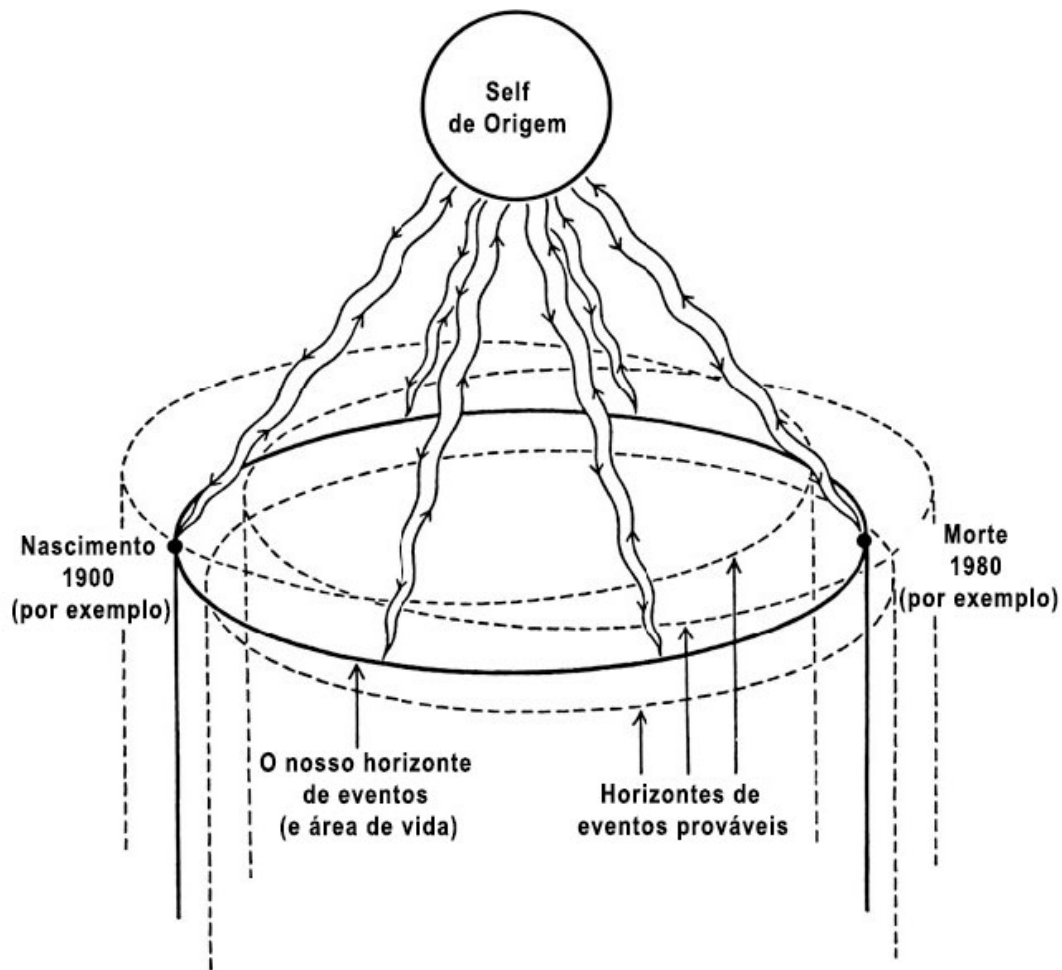
Como o *Self de Origem* está para além do campo tridimensional, a sua identidade global e o seu conhecimento permanecem em suspensão, em estado latente, no Self Nuclear indestrutível que forma a *Personalidade de Foco* individualizada. No buraco branco, a individualização, tal como a entendemos, emerge; a especialização torna-se a regra, e forças eternas são traduzidas em leis locais. O *Self de Origem*, contudo, não depende do sistema local.

O Diagrama 16 representa horizontes de eventos prováveis. Quando a energia — entendida aqui como dinâmica organizadora — incide neste sistema (representado como um “buraco branco”), organiza-se em matéria e acontecimentos. É a dinâmica do *Self Nuclear* que sustenta essa tradução, em função das condições dimensionais do sistema. O “buraco branco” existe em relação com os campos que o envolvem. Os acontecimentos formados no seu interior não transitam, enquanto tais, para fora deste enquadramento experiencial. No entanto, a dinâmica não diferenciada que os sustenta não está confinada a esse nível, e a própria aparência de estabilidade material resulta de um circuito contínuo de reorganização — da esfera de identidade, através do *Self Nuclear*, até ao *Self de Origem*.

Mais uma vez, na morte, poderemos transformar-nos num buraco negro, onde o espaço e o tempo deixam de ter significado e a matéria se desintegra. O *Self Nuclear*, preservando a nossa individualidade e memórias, emergiria então num outro “buraco

branco” — isto é, num novo enquadramento experiencial —. Para todos os efeitos, os “habitantes” dos diferentes sistemas permaneceriam inconscientes uns dos outros — exceto na ordem interna dos eventos.

Diagrama 16. Horizontes de eventos prováveis (e áreas de vida)



Qualquer sequência de anos consecutivos no nosso sistema seria experienciada de forma diferente noutras realidades, utilizando eventos prováveis e horizontes de eventos alternativos.

Síntese Operativa

O modelo apresentado neste capítulo descreve a experiência como um processo de organização que ocorre num sistema estruturado por um “horizonte de eventos”, entendido como o limiar onde configurações do campo (psique) se tornam experienciáveis enquanto acontecimentos na área de vida da Personalidade de Foco.

O “buraco branco” funciona como metáfora para este sistema: não como objeto físico, mas como modelo de organização da experiência, no qual a dinâmica do *Self de Origem* incide através do *Self Nuclear*, sendo traduzida em experiência física. Neste processo, o *Self Nuclear* atua como interface operativa, não estando sujeito ao tempo, mas sustentando simultaneamente o conjunto de eventos prováveis, enquanto a *Personalidade de Foco* organiza esses eventos de forma sequencial como acontecimentos.

O tempo, neste enquadramento, não é uma propriedade fundamental do sistema, mas uma forma de organização da experiência ao nível da *Personalidade de Foco*. Assim, o que é experienciado como sequência temporal corresponde a uma leitura local de uma estrutura simultânea mais ampla.

Os eventos correspondem a configurações possíveis ainda não objetivadas; os acontecimentos são essas configurações após a sua organização experiencial. A dinâmica da experiência pode, portanto, ser compreendida como um processo contínuo de seleção, objetivação e reorganização, no qual diferentes configurações permanecem simultaneamente disponíveis no campo.

Deste modo, a experiência individual não constitui uma entidade isolada, mas uma configuração local dentro de um sistema mais amplo de possibilidades, organizado pela psique. O que é

percecionado como realidade corresponde à estabilização temporária dessas configurações ao nível da *Personalidade de Foco*.

Em síntese: não se trata de múltiplas realidades separadas, mas de diferentes modos de organização da mesma estrutura experiencial, acessíveis através de diferentes configurações de foco.

CAPÍTULO 20

A Personalidade de Foco e os Sentidos, Algumas Questões e a Entrega ao Self

Buracos brancos psicológicos ou não, estamos focalizados na realidade física; manipulamos objetos e organizamos a experiência como se nos deslocássemos ao longo do tempo. Encontramo-nos entre o conhecimento da nossa morte física inevitável e as revelações internas que indicam que a morte corresponde apenas a outra configuração da experiência.

Ontem à noite, o Rob e eu estávamos a conversar, e eu observava o rosto dele à luz de uma pequena vela elétrica na mesa de cabeceira. Era quase como se visse o seu rosto emergir da escuridão para a nossa realidade, tão cheio de vida e expressão — um verdadeiro prodígio de consciência: um self a organizar-se a partir do universo, vivo com um foco intenso — e, ainda assim, destinado a desaparecer com o mesmo mistério com que surgiu. Como todos nós, pensei, pois estamos entre o triunfo da nossa existência e a angústia da nossa ignorância quanto ao que a precede ou sucede. E, se existimos para sempre em qualquer momento, por que não conseguimos reconhecê-lo?

Ainda assim, nesse momento compreendi que a nitidez do nosso foco físico depende, em certa medida, do esquecimento. Como poderíamos experienciar a intimidade singular de um momento se

estivéssemos conscientes de todos os outros momentos igualmente válidos? E apreciaríamos as nossas horas da mesma forma, ou ficaríamos saturados, embriagados pelo excesso?

E fui levada a pensar: quão valiosos são os sentidos físicos! São eles que constituem o teatro da percepção através do qual experienciamos a realidade enquanto experiência organizada. Organizam, categorizam e estabilizam vastos campos de conteúdos experienciáveis, formando uma configuração tridimensional da experiência na qual estamos tão profundamente envolvidos que fazemos parte da própria imagem que percebemos, mesmo sem nos reconhecermos nela.

O nosso modo de ser é continuamente orientado pelos sentidos — isso é evidente. O que não é tão evidente é o facto de experienciarmos a realidade física a partir de dentro (no corpo, que por sua vez se encontra dentro da própria configuração experiencial), embora a realidade pareça situar-se “lá fora”, para além da pele. Organizamos a experiência naquilo que designamos como realidade, ao mesmo tempo que a percebemos como algo exterior.

Os sentidos organizam a experiência — constituindo aquilo que designamos como realidade física — e a forma mais significativa como a vivenciamos; ainda assim, parece que essa realidade sempre existiu de forma exteriorizada, independentemente da nossa percepção. Os sons levam-nos a supor que existem ruídos “lá fora” a serem ouvidos. A visão leva-nos a assumir que existe um mundo de objetos “lá fora” a ser visto.

Contudo, o nosso estar-no-mundo e a sensação de estarmos enraizados nele, seguros e vivos — tudo isso depende dos sentidos no interior do próprio corpo (um corpo que, por sua vez, está

incluído na própria configuração da experiência). Não temos consciência direta desta relação interna sobre a qual assenta toda a nossa experiência do mundo.

Por exemplo, a nossa vitalidade e a nossa capacidade de responder ao mundo dependem de configurações internas de equilíbrio que nos alinham com as condições “exteriores”; no entanto, é essa própria sensibilidade interna que organiza essas condições. Dizemos que um dia está quente ou frio de acordo com a sensação do ar na pele. Mas o ar, em si mesmo, não é quente nem frio. São os nossos processos internos de sensibilidade térmica que organizam essas experiências.

Os objetos parecem igualmente rodear-nos porque as nossas percepções físicas organizam os conteúdos segundo determinados padrões, aos quais depois respondemos como se constituíssem uma realidade com aparência externa. O corpo é um sistema singular de organização da experiência enquanto realidade: não só projeta uma configuração tridimensional para o exterior, como está simultaneamente incluído na própria configuração experiencial que continuamente organiza. O retorno deste processo é tão rápido, tão imediato, que normalmente nos passa despercebido.

O corpo organiza-se continuamente a partir de dentro deste sistema de inter-relação, projetando de si configurações físicas na experiência tridimensional que depois experiencia — organizando, por exemplo, o espaço através do qual se desloca, o tempo no qual cresce e envelhece, e todas as condições exteriores às quais depois responde.

A sua vitalidade corporal emerge, naturalmente, de níveis abaixo da consciência habitual. Nesses níveis, estamos continuamente sensíveis a variações de temperatura, pressão do ar, radiação

cósmica e movimentos de maré dos quais não temos consciência direta, mas dos quais depende a organização da nossa experiência.

É fácil ver como uma árvore cresce do solo para o espaço: os seus ramos ou raízes, embora capazes de se mover, são relativamente estáticos. Se pensarmos nos nossos corpos a partir dessa perspectiva, então eles expandem-se no espaço em todas as direções à medida que caminhamos, voamos ou mergulhamos. Movimento e crescimento são apenas diferentes aspetos do mesmo processo, ou seja, expandimo-nos no espaço e deslocamo-nos através dele à medida que também nos organizamos ao longo do tempo. Simplesmente não estamos habituados a pensar desta forma. Se estes movimentos pudessem ser percecionados em simultâneo, e se deixassem “traços” no espaço, ver-nos-íamos a agir e a reorganizar a experiência — “crescendo” em todas as direções ao mesmo tempo, expandindo-nos no espaço como uma espécie de organismo-flor, manifestando-nos em múltiplos pontos simultaneamente, surgindo aqui e depois ali. O teu corpo pareceria organizar-se num ponto da rua, desorganizar-se aí, e reorganizar-se no ponto seguinte, e assim sucessivamente. Estamos enraizados na Terra e orientados no seu interior.

O usufruto da sensação física, com o seu estar-imerso-na-experiência, é uma das nossas maiores fontes de satisfação e um dos mecanismos mais eficazes de integração, articulando corpo e self numa relação funcional. A alegria física e o movimento corporal reorganizam o sistema, colocando o self consciente (a *Personalidade de Foco*) na sua posição funcional, à medida que experiencia o self mais amplo — para além da *Personalidade de Foco* — vivo no corpo, ancorado na sua própria capacidade criadora. Nesta relação, os pensamentos são tão físicos quanto as células do

corpo, e as células tão organizadas quanto os pensamentos, articulando-se ambos para formar a expressão corporal.

Os sentidos no interior do corpo organizam dimensões espaciais através das quais o corpo se expressa — explora, atua e experiencia —, bem como dimensões de movimento e agilidade com amplas possibilidades de ação, manipulação e desempenho, e ainda uma oportunidade contínua e singular de experiência e expressão tátil. Para além disso, existe o facto frequentemente ignorado de que o corpo, tal como está estruturado tridimensionalmente, constitui uma forma particularmente adequada de operar neste sistema.

Ao observar peixes a nadar, por exemplo, pode ver-se como estão perfeitamente ajustados ao seu meio; e, por vezes, pode perceber-se o peixe de outra forma, como parte do próprio ambiente aquático — cada um movendo-se através do outro. De modo semelhante, o ser humano move-se no espaço de forma natural, com o corpo ajustado a ele tal como as barbatanas de um peixe à água, e o organismo experiencia espontaneamente satisfação nesta inter-relação. Visto assim, o ser humano pode ser entendido como parte do espaço, movendo-se através dele enquanto o espaço se organiza através dele.

Esta percepção da criatividade corporal como algo que acontece no interior do corpo gera um sentido de vitalidade física e de participação direta na experiência, que se perde quando se sobrevaloriza o aspeto mental do pensamento. Pelo menos neste nível, os pensamentos assentam na vida física das células — isso torna-se evidente. Enquanto temos corpo, os pensamentos constituem uma expressão física, emergindo do cérebro tal como as flores emergem da terra.

Isto não significa que o pensamento não possa existir sem um corpo físico; significa que, enquanto o temos, o pensamento se organiza sobre a base da relação corpo-experiência. Os nossos pensamentos acompanham a nossa expressão enquanto selves encarnados, pois interpretam os conteúdos percebidos através do corpo e organizados pelos sentidos. Um modo de pensar fora do corpo, fora do sistema tridimensional, seria necessariamente diferente, uma vez que a organização da experiência em termos de tempo e espaço deixaria de ser uma exigência.

Não conseguimos observar diretamente o interior do corpo, mas ele possui uma paisagem interna — um “campo corporal” — tão vital quanto a paisagem exterior, onde ramos se movem ao vento, pessoas caminham e flores crescem. As células não são “pequenas pessoas”, mas são unidades de consciência e respondem ao seu ambiente tal como nós respondemos ao nosso. Toda esta atividade somos nós; sou eu; és tu — organizando e experienciando a vida na qual, neste momento, existimos.

Creio que o corpo funciona, de base, como um sistema auto-organizador e autorregulador. Tal como as células formam órgãos, os pensamentos organizam sistemas de crenças que são tão ativos e vitais quanto os próprios órgãos. No interior desses sistemas de crenças, os pensamentos surgem e dissipam-se. Tanto os órgãos como os sistemas de crenças mantêm a sua própria posição funcional. Os sistemas de crenças são tão necessários quanto os órgãos físicos, pois orientam a vitalidade não focalizada do corpo e organizam a sua experiência em termos corporais.

O livro de Seth, *A Natureza da Realidade Pessoal*, enfatiza a importância das crenças pessoais na organização individual da experiência quotidiana. Destaca que é essencial não temer

pensamentos ou emoções, particularmente os de natureza agressiva. Quando expressos de forma natural através do movimento corporal, gestos e ação, estes constituem uma componente necessária da realidade corporal. Apenas quando são reprimidos ou temidos é que se acumulam e se tornam desorganizadores.

O corpo, ao utilizar os conteúdos experienciáveis organizados pelos sentidos, torna-se mais consciente de si próprio e mais plenamente vivo à medida que organiza e percebe continuamente a sua experiência. Quanto mais livre e ampla for a nossa expressão física, maior margem damos à nossa vida mental e emocional. Quanto mais o corpo é utilizado e apreciado, maior a sua capacidade de resposta e o seu sentido de estar-na-experiência e no-mundo, e maior o retorno e os estímulos para uma expressão física e mental mais rica.

Não creio que nos tornemos mais “espirituais” ao negar o corpo, nem que possamos expandir a consciência recusando utilizar o tipo de consciência que já temos, esperando que, ao fechar os olhos a este mundo, possamos perceber outro com maior clareza. Pelo contrário, devemos começar por aprender a utilizar a grande flexibilidade que nos está disponível — uma consciência que pode ser orientada em múltiplas direções, mantendo, ainda assim, um foco terrestre claro e estável. Explorar a nossa condição enquanto organismo vivo e as suas capacidades pode revelar-nos princípios fundamentais sobre os aspetos genuinamente “místicos” da natureza, ou seja, não organizados pela experiência habitual da *Personalidade de Foco*, que parecem ter sido esquecidos.

Por razões que ultrapassam o âmbito deste livro, as religiões têm tendido a enfatizar repressão, restrição e penitência, em vez de

afirmação, expressão, celebração ou amor. De modo geral, não nos ajudaram a desenvolver uma relação direta com o que designam por “Deus”, mas promoveram desconfiança em relação a nós próprios e à nossa existência corporal. Têm-nos ensinado, de forma consistente, a desvalorizar a nossa condição enquanto seres vivos, e quase todas as religiões, tanto ocidentais como orientais, demonstraram uma tendência para dissolver o self consciente — a *Personalidade de Foco* — seja numa ideia difusa de céu, seja numa forma de dissolução indiferenciada associada ao nirvana.

Seth sugere que esta tendência está mais relacionada com o desenvolvimento da capacidade consciente de organizar a experiência do que com qualquer outra causa, pois por vezes a exigência constante de decisão consciente e de reflexão pode tornar-se excessiva, levando-nos a procurar um retorno ao que imaginamos ser um estado de bem-estar não consciente.

Se aquilo a que chamamos “Deus” se individualiza em nós, então é precisamente essa identidade — essa forma de o princípio organizador se reconhecer através de nós — que tendemos a rejeitar. Essa rejeição parece assentar na ideia de que a autoconsciência implica sofrimento, enquanto a ausência de consciência seria sinónimo de plenitude. No entanto, mesmo nos nossos próprios termos, somos uma articulação de atividade consciente e não focalizada. Serão as nossas células “bem-aventuradas”? Por que assumimos que a autoconsciência não pode incluir experiências de plenitude, quando parece perfeitamente capaz de experienciar estados de grande sofrimento?

Não admira que muitos dos chamados santos tenham vivido em estados próximos da instabilidade, obrigados, pelos seus sistemas de crenças, a interpretar as suas experiências através de

enquadramentos limitadores. Alcançar o divino através da negação ou mutilação do corpo — essa manifestação notável da vida na experiência temporal? Entrega do self — da identidade experiencial que organiza a vida na *Personalidade de Foco*? Muito mais coerente é a entrega ao Self — enquanto dimensão mais ampla do self — e ao desenvolvimento pleno das suas capacidades.

A *Personalidade de Foco* corresponde à expressão individualizada de qualquer princípio organizador que exista na experiência da vida terrestre. Talvez possamos reconhecer uma noção de “divino” que não exija negação, e um conceito de identidade que não dependa da sua própria anulação. Mas nenhum desses desenvolvimentos é possível enquanto não confiarmos na nossa própria natureza e deixarmos de ver a individualidade como um fardo. Quando nos permitimos ser aquilo que somos, podemos descobrir que, quando pensamos estar a sacrificar-nos, na realidade não há nada a oferecer. Até uma divindade suspeitaria de uma dádiva oferecida com tal desespero.

E a que grandes feitos ou atos heroicos nos conduziram tais ideias? A conceitos de Bem defendidos com fervor, pelos quais estivemos dispostos a matar, e a dogmas baseados na premissa de que estamos condenados pela nossa própria condição enquanto seres vivos, pelo simples facto de existirmos. Muitos dos nossos maiores crimes são cometidos quando acreditamos estar certos, e raramente questionamos as nossas ideias de certo e errado.

Quando pensamos que estamos errados, pelo menos tendemos a parar para considerar, tornamo-nos hesitantes e, por vezes, até humildes. Mas quando nos sentimos moralmente justificados, tornamo-nos frequentemente cruéis e irrefletidos. Temos, sem dúvida, atuado sobre o planeta de forma descontrolada, com pouco

respeito por ele ou por outras formas de vida, porque acreditámos ter recebido um mandato divino para o utilizar conforme entendêssemos.

E, no entanto, muitas vezes confiamos na natureza, mas não em nós próprios. Enquanto escrevo, por exemplo, as sombras alongam-se — algo que acontece sem qualquer intervenção da minha parte. Na semana passada, o meu gato, Willy, sofreu um ferimento sério, e a lesão cicatrizou por si, da mesma forma silenciosa com que a noite chega e parte, ou com que a luz se altera e as sombras se estendem, e dei como adquirido que o gato recuperaria, tal como a maioria de nós confia na sucessão das estações. Por que nos é tão difícil confiar em nós próprios da mesma maneira?

Preocupo-me e agito-me, e por vezes parece que nunca me concedo descanso, no entanto, sei que a minha respiração é tão natural como o ritmo das marés, e que a vida entra e sai de mim continuamente, sem que eu a controle. Sei que a minha existência é tão legítima e inevitável como a do meu gato, e que todos nós somos sustentados por esse sopro fundamental que nos mantém. Sei que a minha vida pessoal se desenrola segundo essa mesma ordem estável, abre-se num tempo e lugar específicos tal como uma folha se desdobra. As folhas confiam na árvore, e o Willy confia plenamente em si próprio, cada um dos seus movimentos decorre do reconhecimento implícito da legitimidade da sua existência.

Se um gato confia no universo, por que não eu? Por que não tu? O gato confia na sua natureza — nos seus saltos, na perseguição de aves, nos seus apetites e impulsos. E essas qualidades acrescentam-se ao conjunto da natureza, refletindo-se de inúmeras formas, tal como vemos na pantera, no gatinho ou no meu próprio gato doméstico.

Então, por que não confiamos na nossa natureza enquanto seres humanos? Ou, mais precisamente, por que não confiamos na forma singular como essa natureza se expressa em cada um de nós? Por que não reconhecemos que, na ordem mais ampla da natureza, todas as nossas características têm lugar — e que mesmo aquelas que consideramos menos nobres encontram integração? O gato, ao caçar aves, não comete um erro, pois realiza a sua natureza e, ao fazê-lo, participa na autorregulação do sistema natural.

Não estou, evidentemente, a justificar o homicídio, mas muitos de nós partilham a ideia de que, se deixados à nossa natureza, os nossos impulsos seriam desajustados — que, sem controlo, arruinaríamos tudo, individual e coletivamente, como se toda a natureza fosse coerente exceto nós, como se fôssemos a única falha num sistema que, de resto, funciona.

E, no entanto, há em mim algo que insiste no direito a essa mesma confiança fundamental — a dormir e despertar com a confiança simples e direta de um animal. O meu gato, Willy, não precisa de rezar nem de conceber uma divindade à sua imagem, nem de praticar rituais ou oferendas.

Não consigo explicar as nossas atrocidades nem a nossa crueldade, mas também não vejo por que razão a natureza seria coerente em todos os outros aspetos e falharia precisamente quando a nossa espécie surgiu. Seremos uma experiência que correu mal, destinada a ser desmantelada e redistribuída, como se os seus componentes fossem reaproveitados noutras formas? Ou será que nunca mais voltaremos a surgir da mesma maneira?

Tudo em mim se opõe a tal condenação.

Então por que nos condenamos a nós próprios? E como podemos olhar para a nossa história sem o fazer? Não sei. Mas, ao permanecer aqui a apreciar a integridade sensorial profunda deste momento, sei que um tipo de ser capaz de tal experiência não pode ser algo a condenar. Neste instante, sinto intensamente a forma da minha mão sobre o papel branco, a sombra da caneta e do braço sobre a mesa, os relevos de luz e sombra projetados nas paredes. E nenhum ser com esta capacidade de apreciação pode ser mau. Talvez o universo necessite de nós para se reconhecer. Talvez sejamos o espelho da natureza.

Mas... então por que matamos, sabendo que está errado, e nos condenamos por isso? E, se esse ato fosse tão natural quanto o de um gato que caça um pássaro, por que existe em nós uma consciência que o reconhece como incorreto?

Valorizamos o indivíduo de forma diferente da própria natureza? Terá a natureza, ao dar origem a seres como nós, gerado algo que ultrapassa a sua própria lógica — formas de vida que não apenas existem, mas se reconhecem enquanto individuais? Seremos expressões de uma natureza que, ao expandir-se, produziu um tipo de individualidade que ainda não está totalmente estabilizado — parcialmente lúcido, parcialmente desorganizado — impulsionado a realizar uma forma mais plena de consciência ou a regredir para formas mais básicas de organização?

Seremos a própria natureza em processo de desenvolvimento — configurações ainda incompletas, cuja autocrítica funciona como mecanismo de orientação? E já teremos passado por processos semelhantes anteriormente?

Não creio que possamos evitar estas questões, mas penso que as respostas se encontram na psique — enquanto campo

organizador da experiência — e não no universo objetivado. Vejo a psique como o campo através do qual o *Self de Origem* se torna operativo na experiência, atravessando o mundo que conhecemos. Este *Self de Origem*, como referido anteriormente, expressa-se através de Aspetos imersos em diferentes campos de experiência. A vida na Terra é apenas um desses enquadramentos. Existem configurações fundamentais da *Personalidade de Foco* que correspondem a esses outros Aspetos. Em conjunto, constituem o self que reconhecemos como nós próprios. Normalmente não são acessíveis ao nível da *Personalidade de Foco*, mas comunicam através de experiências reveladoras — sonhos, visões e outras formas não convencionais de percepção.

Em muitos casos, esses Aspetos funcionam como orientadores internos, manifestando-se sob a forma do que designamos por “voz interior”. Por vezes, tornam-se relativamente autónomos, organizando estruturas de personalidade — personagramas — que funcionam como interfaces entre diferentes enquadramentos de experiência. Estes emergem a partir dos Aspetos fundamentais diretamente relacionados com a organização da *Personalidade de Foco*, mas representam um modo de consciência cuja organização principal não se encontra no mesmo enquadramento experiencial da *Personalidade de Foco*. O personagrama, tal como é percecionado aqui, será sempre interpretado segundo os nossos sistemas de crenças e interpretação, e a sua comunicação organizar-se-á de modo compatível com a experiência tridimensional.

É natural interpretarmos esse tipo de conteúdos experienciados de acordo com aquilo que consideramos “factos”. No entanto, essa perspetiva revela-se limitada no que diz respeito à natureza da

consciência e da identidade. Por um lado, procuramos preservar a identidade consciente — a *Personalidade de Foco* — a todo o custo. Por outro, acreditamos que essa mesma personalidade deve ser dissolvida para que a consciência se expanda. Certas abordagens, tanto religiosas como associadas a estados alterados induzidos, enfatizam esta ideia de “morte do self”.

Em vez disso, a consciência pode ser entendida como dispendo de múltiplos canais ou “frequências”, cada um associado a diferentes *Aspetos do Self de Origem*. A nossa consciência habitual — correspondente à *Personalidade de Foco* — organiza a experiência da vida física. Os outros canais permanecem em segundo plano, enquanto a percepção dominante se mantém centrada neste nível.

No entanto, é possível orientar a consciência para esses outros canais, ajustando o foco. Quando isso acontece, a experiência pode ser percebida a partir de perspectivas completamente diferentes. Torna-se então evidente que aquilo que consideramos a versão “oficial” da realidade corresponde apenas a uma organização local da experiência. Outros estados de consciência permitem-nos contactar com diferentes *Aspetos do Self de Origem*, que podem dar-nos acesso a outras formas de organização — não apenas da sua própria estrutura, mas também dos enquadramentos em que operam. Deste modo, torna-se possível observar a realidade física a partir de outros pontos de vista experiencialmente organizados.

Esse tipo de conteúdos experienciais pode ampliar automaticamente o nosso conhecimento, levar-nos a formular questões mais pertinentes, aprofundar a percepção habitual e expandir o alcance da *Personalidade de Foco*. No entanto, como toda essa experiência tem de passar pelo “canal principal” — a

consciência habitual —, sofre sempre algum grau de distorção. Basta considerar o que acontece quando tentamos traduzir um texto de uma língua para outra. Isto significa que qualquer conteúdo que transite entre diferentes modos de organização da experiência é inevitavelmente reinterpretado segundo os sistemas de crenças e os padrões de organização da experiência da consciência que o integra.

Revelações, visões, intuições e outras fontes através das quais se pode aceder a conhecimento podem, em parte, sofrer interferências associadas a outros modos de experiência, funcionando também como comunicações entre diferentes modos de organização da psique. No entanto, exige alguma subtileza distinguir essas mensagens do ruído que as acompanha. Além disso, tendemos a interpretá-las segundo os nossos próprios sistemas de crenças, projetando-os sobre os conteúdos experienciais de forma tão imediata que raramente nos apercebemos desse processo. Estas experiências podem ser compreendidas como reorganizações internas da identidade, ou como interações com uma alteridade operativa — duas leituras do mesmo processo.

Estamos habituados a organizar a experiência do mundo de uma determinada forma, por isso, orientar a consciência para esses outros “canais” — ou seja, outros modos de acesso à experiência — requer disponibilidade para suspender, ainda que momentaneamente, crenças, julgamentos e pressupostos habituais. Tais alterações exigem uma percepção descondicionada — a capacidade de permitir que a organização habitual da experiência se torne temporariamente menos dominante.

A dificuldade, tal como a vejo, reside no facto de nos identificarmos apenas com um foco limitado de consciência. No entanto, basta ampliarmos a perspetiva e considerarmos estas outras dimensões da consciência como modos adicionais de existência acessíveis. O self que conhecemos não precisa de ser sacrificado — aliás, não o deve ser, se quisermos manter estabilidade psicológica e coerência experiencial.

Considero que os Aspetos correspondem a dimensões normalmente não acessíveis da personalidade — configurações fundamentais que sustentam a nossa continuidade física e a confiança básica de existir, sobre as quais a *Personalidade de Foco* se organiza. Vejo o Self de Origem a operar através da psique — enquanto campo organizador da experiência — estendendo-se desde a experiência celular até ao que designamos por dimensão divina, qualquer que seja o sentido atribuído a esse termo.

Em termos práticos, quando estes Aspetos operam de forma integrada, manifestamos saúde e criatividade. Quando alguns são enfatizados em detrimento de outros, devido aos sistemas de crenças, os Aspetos tendem a reorganizar-se no campo psíquico, promovendo ajustamentos compensatórios. No futuro, espero compreender melhor o funcionamento habitual dos Aspetos enquanto se equilibram na personalidade, disponibilizando as suas diferentes configurações como base para a *Personalidade de Foco*. Já possuo algumas indicações quanto ao seu papel na saúde, e antevejo uma abordagem terapêutica centrada nos Aspetos, na qual se aprenderá a combinar diferentes configurações da própria personalidade para aumentar a criatividade e a eficácia. No entanto, esse desenvolvimento ultrapassa o âmbito deste livro, que pretende apenas introduzir o conceito geral de Aspetos.

Sócrates afirmou que um homem feliz era alguém “bem acompanhado pelo seu *daemon*” (*princípio interior de orientação ou discernimento*). Eu diria que é alguém bem integrado nos seus Aspetos (configurações da experiência *que podem exercer função orientadora*).

Concordo com Seth ao afirmar que organizamos a nossa própria realidade — enquanto organização da experiência —, selecionando, a partir de um campo vasto de ações possíveis, aquelas que se traduzem em acontecimentos físicos experienciados, e propus um modelo teórico do universo que procura explicar como essas possibilidades se tornam experiência.

Vejo a mente — enquanto interface operativa da *Personalidade de Foco* — a efetuar essas escolhas através dos sistemas de crenças, embora as dinâmicas de organização da experiência no campo psíquico operem fora do foco consciente. Neste enquadramento da experiência, a natureza dos acontecimentos e a natureza da psique que os experiencia são inseparáveis, não podendo ser consideradas isoladamente.

As partes mais relevantes desta proposta surgiram em modos de operação não habituais da consciência. Nesses momentos, a atenção foi orientada para outros canais de experiência, permitindo observar esta realidade a partir de diferentes perspectivas subjetivas. Procurei interpretar essas experiências com o mínimo de condicionamento possível, mantendo uma atitude de observação direta. Considero esses estados como formas de acesso a configurações válidas de experiência e a modos de existência distintos. No entanto, essa exploração está ainda no início, e, nesse sentido, continuo a ser um visitante em territórios pouco familiares.

Apresento os Aspetos como um enquadramento que permite reinterpretar a experiência, abrindo a possibilidade de um envolvimento mais criativo connosco próprios, tanto nesta realidade — enquanto organização da experiência — como noutras que começamos a pressentir. A consciência é, sem dúvida, a capacidade fundamental que organiza a nossa experiência. Acredito que ainda estamos longe de explorar plenamente o seu potencial, de a orientar em múltiplas direções, tanto em direção à psique como a outras dimensões da experiência que permanecem por descobrir.

Síntese Operativa

O capítulo estabelece uma inversão fundamental na forma como a experiência é compreendida: aquilo que habitualmente é tomado como realidade externa passa a ser entendido como resultado de uma organização interna da experiência, mediada pela *Personalidade de Foco* através dos sentidos.

Os sentidos não funcionam como recetores passivos de um mundo já dado, mas como sistemas ativos que estruturam a experiência em configurações tridimensionais coerentes. A chamada “realidade física” corresponde, assim, a uma forma estabilizada dessa organização, e não a um domínio independente da consciência.

Neste enquadramento, o corpo assume um papel central: não apenas participa na experiência, mas constitui um sistema ativo de organização, no qual percepção e expressão são inseparáveis. A experiência do mundo ocorre a partir de dentro desse sistema, embora seja percebida como exterior. Esta inversão é estrutural: o exterior corresponde à forma como a experiência é organizada, não à sua origem.

A consciência, enquanto capacidade organizadora da experiência, opera em múltiplos modos. A *Personalidade de Foco* representa um modo específico, caracterizado por continuidade, sequencialidade e estabilização. No entanto, existem outros modos de operação da consciência — acessíveis em condições específicas — que permitem reorganizar a experiência e aceder a configurações não habituais.

Os Aspetos correspondem a configurações da experiência que não estão normalmente acessíveis à organização da *Personalidade de Foco*, mas que participam na estrutura global do self. Estes

Aspetos podem manifestar-se como orientadores internos ou dar origem a formações intermédias (personagramas), que funcionam como interfaces entre diferentes modos de organização da experiência.

A interação entre estes níveis não ocorre como comunicação entre entidades separadas, mas como reorganização dentro do campo psíquico. O que é percebido como “mensagem” ou “revelação” corresponde a uma tradução da experiência entre diferentes modos de organização, sendo inevitavelmente interpretada segundo os sistemas de crenças da *Personalidade de Foco*.

O capítulo identifica um ponto crítico: a tendência cultural para desvalorizar a experiência corporal e procurar a expansão da consciência através da negação do self. Esta abordagem é considerada desajustada. A integração não ocorre pela dissolução da *Personalidade de Foco*, mas pela sua articulação com níveis mais amplos de organização da experiência.

Neste sentido, a chamada “entrega” não corresponde à perda da identidade, mas à reorganização da relação entre níveis do self. A *Personalidade de Foco* não deve ser anulada, mas situada funcionalmente dentro de um sistema mais amplo.

A consciência não é algo a transcender, mas a desenvolver na sua capacidade de organização. A expansão da experiência implica aumentar a flexibilidade dessa organização, permitindo o acesso a diferentes modos de experiência sem perda de coerência.

Por fim, o capítulo propõe os Aspetos como um enquadramento operativo que permite reinterpretar a experiência, não como algo fixo, mas como um processo dinâmico de organização. Este enquadramento abre a possibilidade de uma relação mais criativa

com a experiência e com o próprio self, mantendo a continuidade funcional da *Personalidade de Foco* enquanto se expandem os modos de acesso à experiência.

Síntese nuclear

A experiência não é recebida — é organizada.

A realidade não é exterior — é a forma da organização.

A consciência não deve ser negada — deve ser refinada na sua capacidade de organizar experiência.

Apêndice 1

Nos primeiros capítulos deste livro, procurei compreender a natureza da realidade de Seth a partir do meu estado habitual de consciência. Como referi, grande parte da Parte Dois foi escrita em modos de operação não habituais da consciência e, aí, particularmente no material sobre personagramas, observei a realidade de Seth a partir de outro ponto de vista, a um nível diferente de organização da experiência.

O poema “Os Oradores”, escrito num estado elevado de inspiração — isto é, num modo expandido de operação da consciência —, permitiu-me apreender a amplitude da psique — desde o nível celular até ao que designamos por dimensão “divina” — e proporcionou-me uma nova compreensão da realidade dos “daemons, musas e vozes”. Embora Seth não seja mencionado diretamente, foi a minha experiência com ele que deu origem ao poema, bem como as minhas questões intelectuais acerca da sua realidade, que aí encontraram uma resposta criativa.

Pretendo aqui incluir algumas afirmações do próprio Seth acerca da sua existência e da sua relação com o nosso mundo, citando extensos excertos da sessão de aula de 29 de janeiro de 1974.

Esta sessão foi brevemente citada no Capítulo Dois e é particularmente significativa por várias razões. Nela, Seth fala, por um lado, da sua independência e, por outro, da sua expressão enquanto configuração da psique. A própria forma como a sessão decorreu reforçou este duplo aspeto (independência num domínio e expressão noutra), pois, de um modo difícil de descrever, ocorreram “interferências cruzadas” provenientes de Seth Dois e de Sumari, como se, ao falar por si, Seth estivesse também a expressar essas outras configurações.

De facto, mais adiante na sessão, ele afirma explicitamente que está a falar também por Seth Dois, e parte do vocabulário que utiliza aproxima-se mais do padrão expressivo de Sumari do que do seu modo habitual. A forma de expressão de Seth foi também invulgar, no sentido em que parecia dispor de uma intensidade expressiva ainda maior do que o habitual. Em alguns momentos, a sua voz assumia uma projeção marcante, como se não se dirigisse apenas à turma, mas a um campo de escuta mais amplo.

Tenha presente, ao ler estas palavras, que se tratou de um monólogo espontâneo no qual Seth estava bastante ativo, pois observava a sala, gesticulava com frequência e, por vezes, dirigia comentários a estudantes específicos. Como referido no Capítulo Dois, Seth começou

a falar quando um dos alunos se interrogou em voz alta se Seth teria realmente surgido num dos seus sonhos ou se estaria antes envolvido algum tipo de projeção. A questão levou a turma a discutir a natureza da realidade de Seth, momento em que ele interveio, sorrindo.

Sessão de Aula: Terça-Feira, 29 de Janeiro de 1974

Quem é Seth? Coloco-vos esta questão. E que espécie de operação ocorre aqui — que realizais e que realizamos em conjunto? Direi o seguinte: por um lado, sou alguém que não conheceis, situado para lá dos registos do tempo tal como o compreendeis. É isso que sou — e esta é uma afirmação carregada de implicações.

Por outro lado, sou vós próprios... e, através de mim, encontrais e reconheceis os selves que sois. Assim, emergo — nos vossos termos — a partir da potência, da antiguidade e da amplitude do vosso próprio ser, projetado para o campo do tempo a partir de um enquadramento em que o tempo não se aplica.

Assim, sou aquilo que cada um de vós é individualmente, e sou aquilo que todos sois em conjunto. E sou também aquilo que o mundo é, tanto individualmente como no seu conjunto.

Quando falo com a minha voz — com esta voz — falo com todas as vossas vozes, com o conhecimento que cada um de vós possui e com o conhecimento que o próprio mundo contém. Assim, aquilo que conheceis é traduzido para a área de espaço e tempo que atualmente reconheceis. Desse modo, mobilizo em vós intensas dinâmicas de experiência — emocionais e existenciais — que emergem do reconhecimento da vossa própria existência. Permito-vos aceder a configurações da vossa própria realidade que existem para além do espaço e do tempo. Cada um de vós projeta então sobre mim características que vos pertencem noutros modos de organização da experiência, e assim sou um ser multidimensional, tal como vós sois seres multidimensionais...

Sou eu próprio, mas, para além disso, sou também aquilo que sois. Se todos vós, neste momento, negásseis a minha realidade, eu continuaria a ser o que sou — e vós séríeis menos. Eu também seria menos, mas continuaria a ser o que sou, e vós continuaríeis a ser o que sois. Poderíeis encontrar outras formas de aceder àquilo que sois. Não estaríeis perdidos. Nem eu.

Através de mim, percecionais a vossa realidade para além daquela que atualmente reconheceis. Através de vós, recordo a minha realidade nos vossos termos — embora não possa depender dela, pois não está concluída nem fixada: à medida que cresceis, eu cresço. Seth Dois cresce. Vós expandis-vos para além de mim, para além da minha realidade, em

direção a outros enquadramentos que ainda não reconheceis, e eu expandir-me-ei para outras formas de existência onde não nos poderemos encontrar. Mas aqui, encontramos-nos...

Reconduzo-vos a vós próprios. Mas, para além disso, apresento-vos um novo enquadramento — nos vossos termos —, estruturas de progressão que podeis percorrer, que não vos conduzem de um sistema rígido de crença para outro, nem de uma negação da experiência para outra forma de negação, mas antes vos oferecem vias dinâmicas, vivas, que vos conduzem às regiões mais amplas de vós próprios. Estas vias não foram criadas por um deus, um demónio ou um guru, mas projetadas por vós ao longo do tempo; nascem da vossa própria experiência viva e conduzem ao conhecimento do vosso ser em expansão contínua.

Assim, falo-vos com alegria — uma alegria consciente e ativa. Falo com vozes que, nos vossos termos, pertencem a tempos ainda não manifestados. No entanto, são vozes que vós próprios expressastes a partir das camadas profundas do vosso ser, quando, nos vossos termos atuais, ainda não vos reconhecíeis como identidades diferenciadas, em contextos de experiência primordiais. Projetadas pelo vosso próprio impulso, essas vozes falam-vos agora e conduzem-vos ao vosso próprio desdobramento...

Permitistes que algo se tornasse transparente, de modo a poderdes atravessar a vós próprios. Utilizai a dinâmica desta voz como linha de orientação, como via e como mensagem, e segui-a da forma que escolherdes, no interior da vossa própria experiência e na direção de uma organização mais ampla daquilo que sois.

Sugerirei algumas imagens, mas, se outras surgirem espontaneamente, sigam-nas. Imaginem — aqueles que quiserem — uma pirâmide. Vejam-na a estender-se para além do concebível e compreendam que funciona como um canal — isto é, um modo de acesso — à antiguidade e ao futuro do vosso próprio ser. No seu interior encontrareis selves tão “avançados” que vos parecerão estranhos, e outros tão elementares que dificilmente conseguireis estabelecer relação com eles.

Pois aí (nas zonas mais profundas do vosso ser) existe uma realidade mais ampla que reconhece a vossa existência presente e a observa como uma memória íntima e familiar; uma realidade que, nos vossos termos, se expandiu em entidades de escala difícil de descrever; configurações de experiência que estruturam mundos mais complexos do que aquele em que agora habitais.

E, no entanto, através desse mesmo canal do ser encontrareis também células em estado inicial que ainda não constituem selves, que ainda não se organizaram em formas complexas, mas que estão impregnadas do impulso de existir — do impulso de se desenvolverem em

complexidade, consciência e pensamento. Estas permanecem latentes na história do vosso próprio sistema biológico, ainda por emergir na organização da vossa experiência — selves que, nos vossos termos, ainda não se concretizaram, movendo-se em configurações de experiência ainda não reconhecidas — formas em gestação que virão a constituir entidades; vestígios estruturais do vosso próprio ser que, em certos termos, já contêm ressonâncias daquilo que sois.

Tal como essas formas se movem no que vos parece um domínio obscuro, procurando orientação a partir de um centro organizador — que, nos vossos termos, corresponde ao vosso cérebro —, e tal como percorrem configurações desconhecidas em busca de reconhecimento, assim também vós vos moveis no interior de configurações mais amplas do vosso próprio ser, procurando pontos de organização equivalentes. Assim sois todos um, e assim a minha voz fala a partir do vosso próprio ser ampliado — do qual estais continuamente a emergir.

Mesmo nos vossos sonhos mais íntimos e privados, organizais novos selves com potenciais que permanecem latentes em configurações ainda não reconhecidas, emergindo gradualmente em direção a novas probabilidades. Assim estais sustentados no núcleo organizador do vosso próprio ser...

Regressai agora aos selves tal como os conheceis. Experimentai a singularidade irreduzível da vossa própria identidade. Esses selves constituem o ponto de convergência do vosso ser, onde múltiplas interseções ocorrem e onde a vossa identidade se mantém única. Ao reconhecerdes plenamente aquilo que sois, orientais também configurações ainda não manifestadas — potenciais que ainda não se libertaram na vossa própria organização mental. Valorizai os vossos selves e as dimensões do vosso próprio ser nas quais estais continuamente sustentados.

Fizemos aqui uma pausa, e os participantes começaram a discutir as suas experiências enquanto Seth falava. Todos estavam envolvidos em estados de expansão da experiência e, em maior ou menor grau, cada um percecionou o self pessoal como um ponto de organização — um centro de foco em torno do qual outras configurações de experiência se organizavam de forma espontânea. Rick, um dos participantes, comentou que as afirmações de Seth lhe recordavam algo que tinha lido sobre Vishnu, uma divindade hindu. Seth interrompeu:

Sonhais com Vishnu, e sonhais os sonhos do deus, tal como o deus sonha a criação. Assim, tudo é uno e tudo é individual, pois a célula “sonha” o deus tal como o deus “sonha” a célula. E vós sonhais as vossas entidades, tal como elas vos “sonham”. A mais pequena célula do vosso corpo organiza a vossa realidade — enquanto organização da experiência — e contribui para a sua formação, tal como vós organizais a realidade dessa célula e participais na sua constituição. Do poder do vosso ser emergem todos os seus desenvolvimentos, todos os deuses, todas as realidades e a própria potência do presente.

Rick inclinou-se para observar melhor Seth, e este dirigiu-se-lhe diretamente:

Moves a mão e tocas no teu rosto — e que configurações da experiência mobilizas, que ciclos desencadeias noutros contextos? Ao ergueres o dedo e tocares no teu rosto, que campos de experiência colocas em movimento? Que formas de vida emergem nessas configurações, e que dinâmicas são ativadas pela organização do teu pensamento? A tua realidade estende-se a partir deste momento e articula-se com múltiplos mundos. Pois tu és — e, porque és, o ser manifesta-se. Os teus lábios movem-se, os músculos do teu rosto reorganizam-se, e, nesse movimento, desencadeiam-se dinâmicas em outros enquadramentos de experiência.

A vossa realidade é agora, e os vossos pensamentos deixam marcas noutros enquadramentos de experiência. Deixais sinais sempre que, por exemplo, levantai a cabeça ou dizeis “Olá”. E, ao escutarem, outros também levantam a cabeça e perguntam: “Que dinâmica estranha está a manifestar-se?” Assim acontece convosco ao ouvirdes a minha voz: “Que dinâmica é esta? De onde emerge?”

Escutai-me agora e, ao fazê-lo, escutai-vos a vós próprios. Vós “emergis” através deste processo tal como eu emergi. Não sois existências passivas num sonho de um deus. Vós expressais-vos, e aquilo a que chamais deus responde. Vós sois também essa instância que responde. A partir de vós, esse princípio organizador — aquilo a que chamais Tudo O Que É — toma conhecimento do que ocorre no vosso domínio da experiência. Enviais sinais “para trás” através da estrutura do espaço e do tempo — que corresponde também, nos vossos termos, à estrutura desse próprio princípio organizador. Tal como a mais pequena célula do vosso corpo vos envia sinais e vós, mesmo sem o perceberdes conscientemente, ajustais a vossa experiência em resposta, assim também, por analogia, enviais indicações a esse nível mais amplo acerca do que ocorre no vosso domínio da experiência, e esse nível reorganiza-se em conformidade.

No vosso estado atual, não tendes consciência direta da vitalidade das células que constituem o vosso corpo. No entanto, o nível mais amplo do qual fazeis parte reconhece a vossa experiência e responde a ela. Existe, portanto, uma dinâmica contínua de interação na qual o vosso ser contribui para a reorganização da experiência desse nível mais abrangente...

Dentro de vós encontra-se a história de todo o ser, a emergência contínua da consciência, nos vossos termos. A naturalidade com que estais aqui sentados — aparentemente estável e evidente — depende de configurações de experiência muito mais subtis. E, no entanto, ignorais frequentemente as células que vos constituem, tratando-as como insignificantes, sem lhes reconhecer as capacidades de organização e desenvolvimento que atribuis a vós próprios. Mas, se deixassem de operar, uma a uma, o que aconteceria à estrutura que reconheceis como o vosso cérebro? Nos vossos termos, a sua existência é tão fundamental quanto a vossa. E é através da vossa percepção — e até de expressões particulares, como o vosso rosto — que níveis mais amplos da experiência se tornam conscientes de si próprios e se expressam através das formas mais pequenas.

E, neste momento, através de mim, também Seth Dois se expressa numa forma que podeis compreender, e uma via de ligação está a ser reativada — estabelecida por vós a partir de um ponto que, nos vossos termos, ainda não ocorreu, mas que já estruturastes. Eu sou a expressão da vossa realidade tal como a concebemos em termos de passado e futuro. Por isso, sou também a vossa própria expressão nesses termos.

As rochas não se expressam em linguagem que possais reconhecer, e não escutais quando as vossas células se expressam. Por isso, falo também por elas e traduzo para vós a estrutura profunda do vosso próprio ser. Aqui, os vestígios estruturais da vossa própria existência tornam-se expressivos.

Durante a sessão, a voz de Seth alternava entre momentos de grande intensidade e outros de quase sussurro. A sensação de uma energia expressiva invulgar nunca fora tão evidente. Os participantes experienciaram a sua própria realidade de formas difíceis de descrever e igualmente difíceis de esquecer. Se considerarmos Seth como independente num determinado enquadramento e, simultaneamente, como uma expressão na psique, então esta sessão constitui uma descrição particularmente elucidativa da psique a partir do seu interior — apresentada por um Aspeto com capacidade de observar o campo psíquico de dentro, tal como a *Personalidade de Foco* observa a experiência a partir de fora.

Aqui vislumbramos dimensões internas da psique tão complexas e ricas quanto aquilo que consideramos o mundo exterior — sendo, de facto, a partir dessas dimensões que emerge a experiência organizada pelos sentidos.

Descrevo Seth como uma entidade “trans-enquadramento”, um personagrama. Assim, para mim, a natureza da sua realidade apresenta duas vertentes — a sua existência autónoma nos seus próprios enquadramentos de experiência e a sua expressão tal como se organiza na psique.

Suspeito também que a identidade mais ampla de Seth inclua, de algum modo, Sumari, Seven e Helper, sendo estes expressões adicionais da sua realidade global, operando igualmente como Aspetos. Seth, por exemplo, recorre frequentemente a Sumari: responde primeiro no seu próprio modo de expressão e indica depois que seguirá uma explicação no estilo de Sumari.

Até agora, só consigo aceder ao material de Seth através do próprio Seth. No entanto, noutros termos, Seth pode também ser entendido como um Aspeto de mim — e levanta-se a questão: será que ele se expressa por mim noutros enquadramentos de experiência?

Apêndice 2

Incluo aqui uma breve sessão de aula na qual Seth não se expressou. As sessões eram registadas e, posteriormente, um dos participantes produzia cópias para distribuição. Neste caso, em resposta a um comentário de um dos alunos, comecei a falar como Cyprus — uma personagem do meu romance *A Educação de Oversoul Seven*.

Como referi anteriormente, assim que Cyprus surgiu no livro, reconheci que já me expressava e cantava como ela desde o início das sessões de Sumari. Aqui, no entanto, comecei por falar em inglês, passei depois para um canto em Sumari e, de seguida, fiz a tradução no momento.

Incluo este excerto porque ilustra como questões formuladas num determinado modo de organização da consciência podem ser “respondidas” noutro, e também porque recorro a alegria dessa experiência — como se transitasse entre modos de consciência com leveza, de tal forma que até questões antigas surgiam como novas.

Posteriormente, fiz alguns ajustes na tradução do canto em Sumari, sendo aqui apresentada a versão final. Importa ter presente que este canto foi primeiro entoado e só depois registado por escrito. A tradução foi feita de imediato para a turma, mas não foi cantada em inglês.

Transcrição da Sessão de Aula — Terça-Feira, 3 de Julho de 1973

Jane e a turma estavam a discutir as dimensões de um acontecimento. Carlos disse que gostaria de “atravessar” um acontecimento e referiu o início do mundo. Jane respondeu: “Aconteceu amanhã, Carlos.”

CARLOS: Desculpa?

JANE: Aconteceu amanhã.

CARLOS: Aconteceu amanhã?

JANE: Exato — a criação do mundo — aconteceu amanhã.

JEFF (outro aluno): Cyprus. (Indicando que Jane está a falar como Cyprus.)

JANE: Leia no Times. Tem lá todas as notícias. Sim, Jeff.

JEFF: Cyprus!

Um canto em Sumari foi expresso, seguido desta tradução por Jane:

Das memórias do vosso ser emergem as flores de outros séculos.
Do esplendor ainda não reconhecido do vosso presente emergem os vossos
passados e futuros.
Desdobrando-se como flores-espelho,
as pétalas dos vossos selves abrem-se continuamente.

As vossas memórias futuras tornam-se os vossos amanhã's passados.

As células presentes nos vestígios estruturais dos vossos corpos
expressam-se como cantos em tempos que não reconheceis.
O desdobramento do vosso corpo
ocorre onde essa forma ainda não é reconhecida.
A surpresa da vossa compreensão
manifesta-se no centro do vosso olhar.

O centro do vosso olhar expande-se
no meio do vosso próprio ser.
Perceciona configurações da experiência
que não são acessíveis à função sensorial que lhe atribuíis.

O olhar dirige-se para o interior
e, ao fazê-lo, organiza a sua própria visão.

JANE: E sim, Jeff, isto surgiu através de Cyprus, que é — não se esqueçam — uma personagem ficcional, tal como todos vós.

Apêndice 3

COMPARAÇÃO DOS MODOS DE CONSCIÊNCIA NÃO HABITUAIS ABORDADOS NESTE LIVRO

QUANDO E COMO

Transe de Seth	Sessões previamente combinadas, duas vezes por semana; de resto, ocorre de forma espontânea, com a minha autorização. Seth está “presente”, ou eu assumo o modo de expressão que lhe corresponde.
Seth Dois	Sensação de que “saio” para estabelecer contato, que ocorre algures entre o local onde o meu corpo se encontra e onde Seth Dois se situa. Tenho a impressão de ascender através de um canal ou estrutura semelhante a uma pirâmide. Surge de forma espontânea, com a minha autorização.
Sumari (Cyprus)	Surge de forma espontânea, com a minha autorização.
Poesia e “matemática” de Sumari	Manifesta-se simplesmente, quando estou sozinha, com a minha autorização.
Sumari (para tradução para inglês)	Ocorre geralmente quando estou sozinha, embora por vezes surja no momento, como nas sessões de aula.
“Seven”	O material de Seven surge no meu estado habitual de consciência, integrando-se nele com facilidade a partir de um “outro domínio”. Não corresponde à minha inspiração habitual, no mesmo sentido em que “eu” me sinto inspirada quando escrevo poesia.

Helper	Por vezes tenho consciência espontânea de Helper; geralmente direciono-o para ajudar outras pessoas.
Estado Especial	Acedo a este estado a partir de qualquer um dos outros modos; nunca surge diretamente a partir da consciência habitual. Trata-se de uma versão significativamente mais intensa dos estados de Sumari.

Apêndice 4

COMENTÁRIOS SOBRE MODOS DE CONSCIÊNCIA NÃO HABITUAIS

Considero o estado de consciência criativa — isto é, um modo de organização da experiência orientado para criação e integração de conteúdos —, ou de inspiração elevada — isto é, um modo expandido de operação da consciência —, como sendo o meu estado habitual, e não uma condição alterada. Tem sido sempre a base, por exemplo, da minha poesia, e provavelmente envolve uma forma particular de organizar a experiência. Durante esses períodos, entro num estado acelerado, completamente absorvida pela ideia em curso, com o intelecto e a intuição a operar em conjunto, com máxima intensidade. Fico totalmente envolvida, e nada mais parece relevante. Em tudo isto, o meu “eu” usufrui plenamente de si próprio. Por vezes, sinto que a ideia ou o poema me procura, e permito-me ser encontrada, com uma sensação de astúcia e triunfo, como uma raposa que captura a presa ao manter-se discreta. Outras vezes, sinto-me como numa grande perseguição, com a ideia a avançar à minha frente como um animal quase inacessível no horizonte mental — e sinto que nunca a alcançarei — mas insisto que hei de conseguir. Noutras ocasiões ainda, essa presença detém-se por um instante, permitindo-me agarrá-la, convidando-me a acompanhá-la — e então seguimos. Considero tudo isto simultaneamente arte, prazer, prática, experiência espiritual e procura de sentido.

Num transe de Seth, porém, tudo muda. O “eu” que, no estado criativo habitual está plenamente envolvido, recua. Abro espaço, e essa presença manifesta-se autonomamente no campo da minha mente. Sou tentada a dizer: “Perdoa-me a analogia, Seth”. Embora saiba que ele compreende. Aqui, a inspiração não é procurada — manifesta-se diretamente. Está presente. Expressa-se. E cabe-nos compreender o que daí resulta.

Pensar em Seth desta forma, como uma espécie distinta — uma forma de vida num sentido não convencional — permite abrir possibilidades que permanecem não acessíveis à organização habitual da experiência se o considerarmos apenas como um “espírito” — isto é, como um modo de organização da experiência não centrado no plano físico. Trata-se de um tipo diferente de organização — seja mental, experiencial ou noutra forma. E, pelo menos nos meus termos, traz contributos. Os seus livros simplesmente surgem; estão presentes com ele. Emergem a partir daquilo que ele é, em contraste com aquilo que sou ou penso ser — embora eu seja necessária ao processo. Sou a única que pode dar expressão a esta forma de

experiência. Nesse sentido, considero que o resultado pertence a Seth, não a mim, embora eu seja uma intermediária indispensável. Nesse plano, ele necessita de mim tanto quanto eu dele.

Penso que Seth e eu nos articulamos durante as sessões. Seth não se transforma em mim, mas eu posso, em certos termos, reorganizar-me parcialmente segundo o seu modo de expressão, tornando-me mais do que habitualmente sou — permitindo que o personagrama inscreva os seus conteúdos na minha psique, em vez de projetar os meus sobre ele. É curioso pensar que o personagrama possa funcionar como uma forma de mediação entre a nossa condição experiencial e níveis de realidade que ainda não compreendemos.

Em muitos sonhos, sinto que estou a ser “impregnada” com conteúdos — ou seja, a receber material de Seth, frequentemente noite após noite. Tenho consciência disso. Por vezes canso-me e digo: “Está bem, Seth, faz uma pausa”. E ele interrompe. No entanto, os conteúdos dissipam-se quando tento recordá-los. Sei, contudo, que reaparecem mais tarde, quando o material é ditado. Nesse sentido, ocorre uma forma de preparação.

Em algumas sessões, o material parece simplesmente emergir de forma estruturada. Rob regista-o, e assim fica. Noutras, Seth está presente com conteúdos que reconheço como novos. Tenho então a sensação de estar parcialmente integrada naquilo que ele é, partilhando, em certa medida, da sua energia, clareza e amplitude. De uma forma ou de outra, Seth manifesta-se sempre no meu ponto de foco. Qualquer que seja a sua natureza noutros contextos, durante a sessão a sua presença é imediata e efetiva.

Com Seth Dois, tudo se reorganiza novamente. Sinto como se me afastasse do corpo para aceder a uma zona mais liminar da consciência, onde aguardo sinais ou conteúdos que dificilmente consigo interpretar. É um estado tranquilo, mas não particularmente envolvente do ponto de vista experiencial ou afetivo — mais semelhante a um espaço de transição entre enquadramentos de experiência. Tenho a sensação de ascender — embora reconheça que esta direção possa ser apenas uma forma simbólica de organizar a experiência, já que tais orientações dificilmente se aplicam a estados de consciência. Aqui sinto-me menos segura, e por vezes tive a impressão de estar suspensa entre diferentes modos de organização da experiência. Não senti medo, apenas algum desconforto. Nesse estado, não conseguia retomar o controlo funcional do corpo nem avançar. Permanecia à espera. Em cada ocasião, Seth intervinha e ajudava-me a regressar. Não sei como — não o via — mas o corpo retomava a sua atividade e ele falava, e isso trazia-me de volta.

O material anterior descreve modos naturais de funcionamento da consciência — naturais porque surgem espontaneamente, sem indução e sem esforço. Acredito que cada pessoa possui os seus próprios modos, integrados na consciência habitual, representando diferentes *Aspetos do Self de Origem* e operando como componentes da *Personalidade de Foco*, contribuindo com características e capacidades específicas.

Não considero necessário que outras pessoas se expressem através de uma figura como Seth, nem que isolem os seus *Aspetos* da mesma forma que eu faço. No entanto, acredito que as aptidões naturais e as inclinações pessoais podem fornecer indicações importantes sobre a natureza dos *Aspetos*, e que a sua compreensão pode ajudar a equilibrar melhor as diferentes configurações da personalidade — isto é, os modos de organização da experiência que a estruturam. Quando os *Aspetos* são isolados, torna-se particularmente visível a dinâmica dos *Aspetos* na psique, tal como se expressa através da *Personalidade de Foco*. Apenas comecei a explorar essas possibilidades.

Considero também que os *Aspetos* estão na base do desenvolvimento das civilizações, uma vez que, através de diferentes formas de revelação, os seus conteúdos são transmitidos à mente consciente. Nesse sentido, funcionam como impulsos estruturais para o comportamento civilizacional, fornecendo conteúdos fundamentais de natureza matemática, científica e experiencial, que podem ser traduzidos de múltiplas formas, dando origem a diferentes sistemas culturais. Esses sistemas variam de acordo com o enquadramento de experiência em que a *Personalidade de Foco* se encontra, podendo ser mais ou menos complexos do que o nosso, dependendo da perspetiva adotada.

Isto não significa que uma criança isolada desenvolva por si um sistema completo de conhecimento. Significa que um grupo humano, mesmo partindo do zero, pode desenvolvê-lo — e tem-no feito ao longo do tempo. Vejo os *Aspetos*, com os seus conteúdos reveladores, como configurações naturais da organização psíquica — tão válidas quanto as células no plano físico, com o seu impulso para a reorganização e desenvolvimento da experiência. Os *Aspetos* fornecem o impulso interno, os princípios organizadores do desenvolvimento cultural e os meios para a sua realização.

Nesse sentido, o estudo dos *Aspetos* pode oferecer indicações valiosas sobre o nosso passado enquanto espécie e sobre o desdobramento da consciência. Apesar das suas aplicações gerais, cada *Aspeto* mantém uma singularidade própria, não sendo apenas um padrão genérico a partir do qual a individualidade emerge.

Apêndice 5

A divindade é uma dinâmica de reciprocidade
entre participantes não reconhecidos,
na qual ocorrem milagres — isto é, transformações —
para além do alcance de cada um isoladamente,
mas sempre em curso —
uma vertigem silenciosa
de relações.

Glossário Operativo Integrado

Área de Vivência

Trajetórias organizadas de experiência que estruturam a vida entre nascimento e morte, enquanto continuidade experiencial da *Personalidade de Foco*.

Aspetos

Configurações do *Self de Origem* que se expressam em diferentes enquadramentos de experiência e que se refletem na *Personalidade de Foco*. Funcionam como princípios organizadores dinâmicos da experiência.

Aspetos Básicos do Self de Origem

Aspetos com maior predominância numa dada configuração de personalidade, operando como centros de elevada intensidade organizadora.

Consciência Livre

Capacidade potencial de percepção não limitada pela organização habitual dos dados sensoriais, permitindo acesso a outros modos de organização da experiência.

Desdobramento da Consciência

Processo pelo qual a consciência se expressa em múltiplas configurações de experiência, não como evolução linear, mas como diferenciação e manifestação estrutural.

Drama Reencarnacional

Evento espontâneo em que duas ou mais pessoas experienciam um episódio partilhado associado a outra configuração de identidade. Por outras palavras, pode ser entendido como reorganização de conteúdos experiencialmente estruturados, ou como interação entre configurações de identidade — duas leituras do mesmo processo.

Esfera de Identidade

Campo organizador que integra o *Self de Origem* e os seus Aspetos, articulando diferentes configurações de identidade numa estrutura dinâmica.

Eus de Aspeto

Expressões do *Self de Origem* projetadas em diferentes enquadramentos de experiência, funcionando como configurações de identidade específicas e operativas.

Horizonte de Acontecimento

Zona psíquica de transição na organização da experiência entre acontecimentos prováveis e acontecimentos experienciados como físicos.

Impressões de Aspetos (Aspect-prints)

Conteúdos, padrões ou impulsos de organização que circulam entre Aspetos, frequentemente integrados pela *Personalidade de Foco*.

Personagrama

Configuração de personalidade que funciona como interface entre diferentes enquadramentos de experiência, permitindo a articulação entre níveis distintos de organização da consciência.

Personalidade de Foco

Configuração de identidade centrada na experiência atual, através da qual a consciência organiza e experiencia o mundo físico. Não é o centro do sistema, mas um ponto de focalização.

Percepção Condicionada

Tendência para organizar conteúdos experienciais ainda não estruturados — isto é, informação ainda não estruturada pela percepção — segundo padrões derivados de sistemas de crenças, estruturando a experiência de forma previsível.

Pré-percepção

Nível organizador anterior à percepção sensorial, a partir do qual a experiência é estruturada antes de se tornar acessível aos sentidos.

Realidade (experiência organizada)

Configuração da experiência tal como é organizada e percebida pela consciência. Ou seja, não corresponde a uma entidade externa independente, mas ao resultado de processos de organização da experiência.

Self de Origem

Configuração mais ampla de identidade que organiza e sustenta múltiplas expressões de experiência (Aspetos). Por outras palavras, pode ser entendido como psique em sentido estrutural, sem se reduzir a uma entidade fixa.

Self Nuclear

Região da *Esfera de Identidade* que dá origem à Personalidade de Foco e assegura a sua continuidade funcional no plano físico.

Topologia da Consciência

Modelo que interpreta diferentes “realidades” como configurações de experiência, e não como espaços distintos, entendendo transições como reorganizações de enquadramento experiencial.

Eu provável

Configuração alternativa da Personalidade de Foco associada a diferentes possibilidades de organização da experiência dentro de um campo de probabilidade.

Síntese Operativa do Livro

1. Ponto de Partida — O que está realmente em causa

O livro não descreve entidades, mas modos de organização da experiência.

Não trata de “outras realidades” como locais distintos,
mas de diferentes configurações experienciadas pela consciência.

Explicitação:

Não é o indivíduo que “entra” noutra realidade —
é a organização da experiência que se reconfigura.

2. Estrutura Base — Como a experiência se organiza

A experiência organiza-se em três níveis interligados:

Self de origem

- fonte organizadora
- campo que sustenta múltiplas configurações de identidade

Aspetos

- expressões diferenciadas desse campo
- cada um adequado a um enquadramento de experiência

Personalidade de Foco

- ponto de focalização atual
- onde a experiência se organiza como “realidade física”

Explicitação:

Não existem “vários eus separados”,
mas múltiplas configurações da mesma consciência.

3. Realidade — O que é, na prática

A “realidade” não é um dado externo fixo.

É:

- experiência organizada pela consciência
- estabilizada pelos sentidos e pelos sistemas de crenças

Explicitação:

O que parece externo é uma organização com aparência externa —
resultado de processos internos de estruturação da experiência.

4. Percepção — Como a realidade se forma

A percepção não regista o mundo — organiza-o.

Processo:

Pré-percepção → potencial não estruturado

Percepção condicionada → organização segundo crenças

Experiência física → estabilização tridimensional

Explicitação:

Os sentidos não revelam uma realidade já dada —
produzem uma versão coerente da experiência.

5. Consciência — O que realmente varia

A consciência não é única nem fixa.

Funciona como:

- um sistema com múltiplos modos de operação
- diferentes “canais” de organização da experiência

Exemplos no livro:

- estado criativo
- transe de Seth
- Sumari
- Seth Dois
- outros modos

Explicitação:

Estados de consciência não são “alterações” de algo fixo, mas diferentes formas de organizar e aceder à experiência.

6. Personagramas e comunicação

Certos conteúdos emergem como:

- personagramas
- vozes
- figuras autónomas

Explicitação (duas leituras do mesmo processo):

- reorganização interna da identidade
- ou interação com uma alteridade operativa

Ambas são válidas como descrições funcionais.

7. Probabilidade e experiência

A experiência física resulta de seleção:

→ entre múltiplas possibilidades (eus prováveis)

Explicitação:

Não vivemos “uma única linha de realidade”,
mas uma configuração específica entre várias possíveis.

8. Função dos Aspetos

Os Aspetos não são partes passivas.

São:

→ princípios ativos de organização

→ fontes de:

- criatividade
- adaptação
- conhecimento

Explicitação:

A saúde e a criatividade resultam da integração dinâmica dos Aspetos,
não do controlo rígido da personalidade.

9. Consciência e cultura

Os Aspetos também operam a nível coletivo:

→ estruturam sistemas culturais

→ transmitem padrões de organização

Explicitação:

A cultura não é apenas construída externamente —
emerge de padrões internos de organização da experiência.

10. Corpo e experiência

O corpo não é apenas biológico.

É:

→ sistema organizador da experiência física

Explicitação:

O corpo não está “na realidade” —
participa ativamente na sua construção.

11. Problema central humano

O conflito humano surge quando:

→ desconfiamos da nossa própria natureza organizadora

Resultado:

- repressão
- fragmentação
- autocondenação

Explicitação:

Não é a natureza que falha —
é a interpretação que fazemos dela.

12. Direção proposta pelo livro

Não:

- negar o corpo
- dissolver o self

Mas:

- expandir a consciência mantendo o foco
- integrar os diferentes modos de experiência

Explicitação:

A expansão não exige perda de identidade —
exige reorganização da forma como a identidade se estrutura.

13. Formulação condensada do sistema

Podemos sintetizar assim:

A consciência organiza a experiência através de múltiplas configurações (Aspetos),
focalizando-se numa delas (Personalidade de Foco),
que percebe como realidade aquilo que ela própria organiza.

14. Implicação final

A experiência humana não é:

- limitada
- fixa
- isolada

É:

- configurável
- interligada
- em contínuo desdobramento

✓ Fecho Operativo

O livro propõe uma mudança fundamental:

- ☞ de uma visão passiva da realidade
- para uma visão organizadora da experiência

Topologia da Consciência

A Topologia da Consciência refere-se ao modo como a experiência se organiza, transforma e articula em diferentes níveis, não em função de uma localização espacial, mas através de relações, configurações e processos de mediação.

Enquanto enquadramento conceptual, constitui o estudo e a descrição das relações dinâmicas pelas quais a experiência se estrutura — desde o campo organizador (psique), passando pela sua tradução operativa (mente), até à sua objetivação na experiência (Personalidade de Foco).

Trata-se de uma topologia dinâmica e operativa: dinâmica porque envolve processos contínuos de organização, tradução e desdobramento da experiência; operativa porque fornece um modelo funcional que permite compreender, interpretar e integrar conteúdos experienciáveis sem os reduzir a entidades fixas ou a localizações espaciais.

Neste contexto, a Topologia da Consciência não descreve “onde” algo está, mas como a experiência se organiza. Não se ocupa de objetos isolados, mas das relações que tornam possível a sua emergência como experiência.

Permite distinguir níveis de organização, reconhecer processos de tradução entre esses níveis e evitar a confusão entre conteúdo, forma e interpretação — tornando possível uma relação mais clara, coerente e funcional com a multidimensionalidade da experiência.

Implica, ainda, o reconhecimento de dois modos fundamentais de leitura da experiência: quando determinados conteúdos não são integrados na organização da experiência da Personalidade de Foco, tendem a ser interpretados como externos, assumindo a forma de entidades, forças ou acontecimentos independentes; quando esses mesmos conteúdos são reconhecidos e integrados, passam a ser compreendidos como configurações estruturais da própria experiência.

Neste sentido, aquilo que não é integrado tende a ser projetado sob a forma de exterioridade, enquanto aquilo que é integrado revela-se como organização interna — correspondendo a duas leituras do mesmo processo.

Contexto do Material de Seth

O Material de Seth

Esta obra, considerada uma referência na área do desenvolvimento espiritual, reúne ensinamentos que articulam reflexão conceptual e aplicação prática. O texto propõe não apenas a compreensão de ideias, mas a sua integração na experiência quotidiana, convidando à expansão da consciência e ao contato direto com níveis mais profundos do próprio conhecimento. A clareza expositiva de Jane Roberts, aliada à consistência e profundidade das comunicações atribuídas a Seth, torna este livro simultaneamente acessível a novos leitores e relevante para quem já está familiarizado com este material.

As Primeiras Sessões

As Primeiras Sessões correspondem às primeiras 510 sessões ditadas por Seth através de Jane Roberts. Este conjunto inicial estabelece as bases conceptuais do material e encontra-se organizado em nove volumes.

As Sessões Pessoais

As Sessões Pessoais — frequentemente designadas como “sessões excluídas” — reúnem comunicações de carácter mais íntimo, inicialmente separadas do corpo principal do material. Jane Roberts e Rob Butts consideraram estas sessões como profundamente pessoais, tendo sido mantidas em registos distintos. Posteriormente, foram organizadas e publicadas em sete volumes.

Como refere Rob Butts:

“O grande valor que vejo agora nas muitas sessões excluídas ou privadas é que têm o potencial de ajudar outras pessoas, tal como me ajudaram a mim e à Jane ao longo dos anos. Acredito que é muito importante que estas sessões sejam integradas no trabalho criativo da Jane, para que possam ser partilhadas e compreendidas de forma mais ampla.”

A Coleção de Áudios de Seth

Existem também registros áudio das sessões, nos quais Jane Roberts verbaliza diretamente o material atribuído a Seth. Estas gravações constituem um complemento relevante à leitura dos textos escritos, oferecendo uma dimensão adicional de contato com o conteúdo.

Para mais informações:

<http://www.sethcenter.com>

Nota editorial: Parte das informações relativas a formatos, distribuição e contato presentes na edição original foram adaptadas ou omitidas, por se referirem a contextos editoriais específicos, entretanto desatualizados.